

Zinão

Ridendo . . .

Sinapismos

Valença do Minho

1888

The Project Gutenberg eBook of Sinapismos

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Sinapismos

Author: Francisco Pires Zinão

Release date: April 25, 2020 [eBook #61936]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Chris Curnow, Júlio Reis and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by The Internet Archive/Canadian Libraries)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK SINAPISMOS

Sinapismos

Zinão

Ridendo...

Sinapismos

Valença do Minho
1889

DUAS PALAVRAS

(A SERIO)

Essas paginas são para rir.

Originou-as a curiosidade que despertaram alguns artigos humoristicos, publicados sob o titulo de *Ridendo*.

Ha n'ellas referencias pessoaes, como não póde deixar de ser, para que os periodos não tenham a aridez dos discursos do sr. conselheiro Adriano Machado; mas são referencias á vida social e á parte que n'ella tomam as individualidades, que chamo ao tablado da ironia.

Respeito sempre a vida particular e isso que ha de mais nobre e sagrado na sociedade—a familia.

O leitor verificará que, na composição dos artigos, segui um processo de critica differente do usado, até hoje, nas polemicas litterarias e politicas da nossa terra.

Suscitada uma questão, exgottam os adversarios os argumentos mais ou menos concludentes, que as suas intelligencias lhes fornecem; depois, invariavelmente, vem a critica estulta e pueril da redacção dos periodos, sua composição grammatical, orthographia, etc., e conclue-se com as allusões á vida particular, em termos de collareja e argumentação de viella. Temos visto muito d'isso por cá...

N'essas paginas ha artigos inoffensivos e ha periodos, em que a ironia é violenta—desde já o declaro—porque foram inspirados no affecto, que a esta terra consagro e no vehemente desejo que nutro, de que ella se liberte da ignobil inercia, que a domina e de influencias ridiculas, que a amesquinham.

Descarna-se n'elles, com o escalpello do sarcasmo, a parte d'este organismo que a podridão ataca, applicando-se, como cauterio, o ridiculo e a gargalhada, como desinfectante; mas não influe n'essa

operação a sensualidade brutal do estripador londrino, ou a ferocidade selvagem da sanguinolenta tragedia de Pantin. Ha a insensibilidade e a firmeza de pulso, que a Sciencia recommenda ao operador quando, para salvar órgãos essenciaes á vida, lhe impõe a immediata extirpação e cauterio violento d'outros, que o mal apodrece.

Essas linhas foram, pois, pautadas pela dignidade e nunca n'ellas predominou a influencia de resentimentos mesquinhos, ou a intenção de referencias offensivas, que seriam torpes, como anonymas.

Eis o meu programma e se alguma vez se desfivelar a mascara do Zinão, oxalá que uma erronea interpretação do que se vae ler, não faça afrouxar a acção nervosa, que hoje me estende a mão de muitos amigos, que figuram n'essas paginas.

*

Passo a afinar a rabeca.

Valença—Novembro, 1889.

Zinão.

Aos pobres de Valença

Entrevados, paralyticos, cegos, escrofulosos, tísicos, hydropicos,

—Velhos, mulheres e creanças,

que sois o producto dos residuos—*caput mortuum*—da Humanidade e por ahi vos arrastaes, penosamente, aos sabbados, disputando, á dentada, o magro *chabo* que ás descarnadas mãos, em publico e notorio arrôto de rothschildica generosidade, vos arremessam os poderosos Cresus da nossa terra;

—miseros, que tivestes a desventura de ver a luz do dia coada pelas frestas da mansarda, quando esses mesmos atomos e moleculas a que deveis a vida, atrazando-se, ou adeantando-se no seu labutar constante, podiam gerar-vos entre arminhos e flôres, entre aromas e caricias;

—precitos, que dormitaes, tiritando e gemendo com fome, enroscados, como cães, na ampla escadaria da Assembleia, em noites de baile e de festa e vos vêdes apartados, como reprobos, isolados como hydrophobos, do ruidoso e alegre tumultuar da vida, em que ha risos, mulheres formosas, affectos e diamantes;

—párias, que a doença algemou ao catre da dôr, e a quem a luz formosissima da alvorada vae encontrar no estertor da agonia, nas convulsões do soffrimento, nas infernaes torturas da miseria—essa mesma luz que desperta e illumina a caravana alegre, quando, exhuberante de vida, de mocidade e de prazer segue, ruidosa, ao Faro, para respirar o oxygenio das montanhas e admirar as sorridentes paisagens da Natureza, d'essa desalmada Mãe, que para vós só teve quadros sombrios, horrores, vendavaes de infortunio, abysmos de soffrimento;

—famintos, que espreitaes com olhos soffregos os doirados salões de Pantagruel e de Gargantua, e vos sentis deslumbrados com o faiscar dos crystaes, alcoolisados com os aromas das iguarias,

estonteados com o espumar do *Champagne*, até que o laçao vos atire o osso que o mastim disputa, ou vos expulse a chicote, para que a miseria dos farrapos nojentos, o fetido dos membros descarnados, a pallidez cadaverica da face, não vão perturbar a alegria dos convivas, recordando-lhes que ha por este mundo gente que nasce, vive e morre, sem conhecer o que é *Champagne frappé*, *Punch à la romaine*, ou *Riz de veau à la Tartare*;

—imprudentes, que vos atreveis a bater á porta do Hospital depois das oito da noite, como se a Caridade não tivesse mais que fazer, do que estar á vossa espera, e por ahi appareceis, depois, mortos nas muralhas, com o ventre para o ar, olhos esbugalhados, membros hirtos, esverdeados, cheirando mal;

—reprobos, que nem entrada tendes nos templos, onde imaginaes que, por lá estar Christo, se egualam as condições, ignorando que o Christo da missa do meio-dia não é vosso, mas o dos argentarios que, para illudirem a consciencia e satisfazerem as exigencias da vaidade e as apparencias da hypocrisia, lhe dão capas de velludo e corôas de oiro; lhe fazem companhia nas longas noites do inverno, distrahindo-o com essas immoraes bambochatas das Novenas e da Semana Santa, com a somnolenta melopêa da padralhada, com as intrigas e confidencias amorosas, com o cochichar mordaz do beaterio, que entre *Torres eburnea* e *Mater castissima*, discute a confecção de um vestido da Torrona, ou do Blanco—e lhe fazem venias, e batem no peito, e andam por ahi, de porta em porta, ostentando cynicamente crenças, que não possuem, crenças, que não comprehendem, a pedir em nome de Christo, que é o symbolo do amor e da humildade, os *cinco tostões* da subscrição, quando á mesma hora, infelizes, olhaes, soluçando, para a escudella vazia e as creanças vos mordem os peitos, porque já não tendes leite, nem o calor da vida...

Velhos, mulheres e creanças,
escutae:

Ahi tendes esse livro.

Lêde-o, ou dae-o a ler. E se entre os ricos e os felizes da vida esses periodos não se crystallizarem no oiro da esmola—encontrareis ahi lenitivo para os vossos infortunios, porque ficareis sabendo, que nas regiões, onde só imaginaes venturas, oiro e risos tambem ha, como entre vós, pustulas—da vaidade, aleijões—do ridiculo, febres—da ambição, contracções—da hypocrisia, doenças e disformidades mais dolorosas e repugnantes do que as vossas, porque não inspiram compaixão nem dôr, mas, apenas, tédio, ironia e a gargalhada.

I

O Microbio^[1]

Tivemos á porta o Microbio.

Eu já o esperava.

A gente, para falar a verdade, porta-se mal cá por baixo e o Padre Eterno deve, com justa razão, encrespar as sobrancelhas com uma boa dóse de mau humor, quando o globo terraqueo, no seu incessante rebolar por essas immensidades, lhe apresentar á vista a formidolosa praça e os seus arrabaldes.

Aquelle nefando e escandalosissimo caso, que tanto alarmou a fé das chrandades e a religiosidade das beatas da nossa terra—a prisão da Santa, arremessada aos baldões para os ferros de El-Rei e para a jurisdicção autocratica do Borralho, de sucia com os desobedientes e reaccionarios philarmonicos de Ganfey—deve tel-o incommodado seriamente.

Mas ha mais. É recente outro caso mais escandaloso ainda, que aqui, á puridade, vou referir.

Na vizinha villa de Monsão perpetrou-se, ha pouco, um gravissimo attentado contra a Moral, contra o respeito ás coisas sagradas e seriedade das nossas crenças religiosas.

Ao que parece, o conspicuo Senado não prestou a devida attenção á guarda da Santa Coca e esta, já enfastiada com as interminaveis polemicas e diatribes dos srs. padre Simão, Caetano José Dias e outros respeitaveis jornalistas, escapou-se á sorreifa, internando-se nas terras da Galliza até Redondella, onde foi visitar a Coca da localidade.

Ora, segundo se conclue, esta era de sexo differente e, de incestuosa copula, resultou uma Coquinha, que os nossos bons vizinhos tiveram a imprudencia de apresentar em publico na ultima

procissão de Corpus-Christi, com grande gaudio dos atheus e suprema indignação do ferrador da localidade, contractado para S. Jorge, que, em altos brados, reclamava maior salario, visto que ajustára a lucta contra uma só Coca e não contra duas!

E permitti que vos diga, respeitavel Senado monsanense, á fé de Deu-la-deu, que foi incorrecto o vosso proceder! Contra Cocas com familia deve-se, indubitavelmente (as pandectas o determinam, artigo 1:007), pagar mais caro o S. Jorge.

Ora, com todos estes desacatos, repito, o Padre Eterno deve trazer-nos de ponta e claro é que, mais tarde ou mais cedo, cá teriamos o castigo:—ou qualquer das pragas do Egypto, ou nova Exposição de Rosas, ou novo consulado do João Cabral, ou mais dois falladores, como os srs. Abilio e Leopoldo.

Do Mal, o menos. Veio o Microbio.

As planicies do Ganges já deram o que tinham a dar. O Egypto, a India, a China, a America Central são insupportaveis n'esta epocha, com as suas elevadissimas temperaturas. O Microbio é d'uma organização especial, que dispõe de todos os recursos para facil e rapida locomoção; anda sobre as aguas, como Ulysses, de chinelos de liga, e no ar, como nós, no sobrado das nossas casas. Requereu, pois, licença para uma viagem ao estrangeiro e o Padre Eterno, extendendo o index, indicou-lhe o caminho.

Microbio preparou-se convenientemente com repetidas abluções hydroterapicas, como o sr. Albino; abotoou o seu guarda-pó; sobraçou o guarda-chuva; despediu-se da familia e, de mala de viagem e guia Baedeker na mão, atirou-se cá para o Occidente e parou em Vigo.

Pelas condições economicas da viagem, que não teve caracter official, nem reclamos, nem discursos de congratulação dos Presidentes das Camaras e das Juntas de Parochia, este Microbio deve ser differente, do que visitou a Hespanha em 85. Deve ser um Microbio burguez, pacato, com inscripções, rheumatismo e dinheiros a juro; talvez Juiz de Paz, ou quarenta-maior contribuinte do seu concelho; deve usar suspensorios, botas de cano; tomar rapé e

dormir com barretinho de algodão; deve ser um Microbio sensato, austero e de bons costumes; de principios e convicções firmes, assim como o sr. Agostinho; bom chefe de familia, temente a Deus, inimigo de *Malzabetes* e de romarias, onde qualquer Pau-real amolga impunemente a massa cerebral, ou a mioleira da humanidade.

Em Vigo apresentou-se, pois, modestamente com um pequeno sequito de gastrites, gastro-enterites e algo de typhos; mas apesar do incognito rigoroso e da modestia d'esta apresentação, souberam da sua chegada, em Lisboa, os conspicios Membros da Junta de Saude.

Aquelles respeitabilissimos Esculapios, Argos vigilantes, a quem estão confiadas as nossas existencias, aborrecidos já da longa inacção em que vivem desde 1851, limitados a rubricar diariamente o fornecimento dos cemiterios da capital, de que se encarregam com inexcedivel pontualidade, arregalaram, de jubilosos, os olhinhos, vendo em perspectiva um Microbio legitimo, genuino, naturalisado americano pelo sr. dr. Arezes. Tocaram a rebate no paiz.

Os pharmacópolas açodaram-se em abundantes preparativos de tonicos, diaforeticos e antisepticos.

Koch, Pasteur, Brouardel, Proust, Fauvel, Ferran, Raspail foram consultados em laboriosas vigalias.

As tropas, emocionadas pelo santo amor da Patria, prepararam-se para o holocausto no Cordão sanitario,—que tão boas libras produziu em 1885.

Os amanuenses, prevendo uma valente *razzia* entre os chefes cacheticos e tropegos, saboreavam as delicias d'uma rapida promoção.

Maridos, com vida atribulada, suspiravam voltados para o septentrião... Tudo se preparava, enfim, para receber o Microbio.

Entretanto, palitava elle a sua ociosidade, em Vigo, com alguns artilheiros, que ainda se não sabe, ao certo, se foram victimados

pela febre, se pela gangrena originada no *excesso de limpeza*, em que viviam...

Informado dos preparativos, que no nosso paiz se faziam para o receber, Microbio Bacilla malhumorou-se.

Antipathizou com a calva luzidia do sr. dr. Meira, encarregado oficialmente de o saudar em nome do governo lusitano.

Alterou repentinamente o itinerario e... foi-se.

Lá desappareceram com elle as fagueiras esperanças dos amanuenses, dos maridos infelizes e as cóleras dos senhores de Valença, que em 85 foram, violenta e despoticamente, espoliados dos seus direitos de propriedade por um governo futre e poucaroupa, que teve o descaro de pagar, como aluguel de nove mezes, uns miseros centos de mil reis, que representam o dobro do valor das propriedades.

Lá desappareceram as rações de 1.^a classe e aquellas encantadas folhas de kilometros, que deram aos tropegos membros locomotores de amigos meus, obesos e adiposos, a agilidade e ligeireza do mais leve e reputado andarilho...

D'esta vez, ainda, déste xaque-mate ao Padre Eterno, oh grande doutor Lourenço!

*

Augustus Sampaius, senhor da Balagotia; Intendente geral dos serviços phyloxericos, digo,^[2] antimicrobicos da fronteira; Commissario geral dos inoffensivos Cerberos da policia concelhia e, como tal, terror dos Troppmans e Jacks adventicios; Chefe da Repartição do expediente do sr. Administrador (que Deus Guarde); Director da Repartição Municipal de Hygiene e Secção annexa das toleradas, artes *julianas* e *valladicas*; Inspector do serviço das bombas e de segurança publica; Fiscal dos pesos e medidas; Secretario perpetuo das Juntas de Parochia; Orçamentologo official das Confrarias e Irmandades sertanejas; Irmão do SS. Sacramento; Mesario e Ex-definidor da Santa Casa da Misericordia; Mordomo da

Senhora do Faro, da Senhora Santa Luzia milagrosa e outras Senhoras d'aquem e além mar, terras da Urgeira e Taião; Mestre de cerimonia nas contradanças lithurgicas das nossas festas de Egreja: Estatistico distincto dos fogos, productos, criminalidade, bipedes e quadrupedes do Concelho; Numismatico abalisado; Agricultor emerito; Actor consummado; phantasista original e querido das damas, em debuxos de lettras para lenços de namoro—homem que representas, na vida social da nossa terra, a mais completa e complexa, a mais genial expressão da actividade humana—Augustus Sampaius, senhor da Balagotia—eu te saudo!

Ao fallar no Micobrio, que tanto apavorou os conspiciuos Esculapios da Junta de saude, e que tão ridentes esperanças fez agora despontar, no horisonte ennuclado de muitas finanças oscillantes, eu não posso esquecer o teu nome, porque foi a ti, ao teu provado zelo, assaz reconhecida sollicitude, desempenada actividade que a Patria, eu e a minha prole devemos a desejada immuidade do terrivel Bacilla, na campanha de 85.

Commouve-se-me profundamente a alma; inundam-se-me os olhos de lagrimas; sensibilizo-me, como se te ouvisse no palco com as lamentações de pae tyranno e infeliz; fuge-me dos labios o riso, como se te aturasse o *espirito* n'essas libertinas extravagancias a que te dás no Carnaval, encadernado de *princez*, ou á *antiga*, com os europeis e a farrapada do teu guarda-roupa—(boceta pandorica de frioleiras e de traça)—percorrendo as casas sérias, com grande gaudio das matronas do teu tempo e abundante colheita de mystificações, intrigas, pançadas de riso, chavenas de chá e tostas com manteiga—quando me recordo, oh Balagotio illustre, dos teus serviços no cordão sanitario!

Noites tempestuosas que passaste; asperezas do inverno; longas caminhadas; chuva, vento, frio, fome e sêde; graves perturbações nas funcções digestivas; fraqueza nas contracções peristalticas, occasionando incommodas e demoradas accumulações no coecum; nas longas noites de vigia, ao avizinhar-se vulto sombrio e suspeito, afrouxamentos instantaneos do *sphingter* com defecações abundantes, enfraquecedoras; fartas exhalações de acido carbonico e hydrogenios carbonado e sulfurado—e tudo isto pelo amor da

humanidade, provocado pelo mais desinteressado altruismo, inspirado na mais acrisolada philanthropia e, depois ainda, aggravado com os arrancos da tua dyspepsia chronica e com a ingratição da Patria de quem, contrariado, espezinhado na pureza dos teus sentimentos humanitarios, tiveste de receber, a *fortiori*, umas mesquinhas dezenas de libras!

Tu, Balagotio amigo, engrossaste o longo martyrologio, da Patria. Salvaste-a e continuas ahi esquecido, ignorado, com a tua dyspepsia e o teu barretinho de seda preto, condemnado a um eterno roçar de canhões do casibeque na mesa da Administração, sem uma commenda, sem veneras hespanholas, que se vendem ao alqueire, sem um viscondado sequer!

Mas eu, conterraneo illustre, não serei tambem ingrato. Já que esse *Zé Barros pequenino* foi insensivel aos vehementes protestos do teu amor, e te não fez Commissario das Policias, com pingue gratificação de categoria; já que o teu Chefe no Cordão se não compadece dos olhinhos de ternura e piedade, com que tu, cem vezes por dia, lhe fitas a janella, eu te protegerei, cidadão benemerito e prestantissimo.

Tu soffres. Essa dyspepsia cruel, quando se não fala em Microbio, mina-te a existencia, curva-te o tronco, descora-te a face, dissemina no teu organismo os germens de uma anemia lenta e perigosa.

Brown Sequard nada te póde fazer.

A Deus nada posso pedir a teu favor, porque tu tambem foste connivente, com esse feroz Attila do Registro predial, na prisão da Santa.

Nada temos a esperar do Céu, mas recorreremos ao Olympto, que outr'ora fazia tão bons milagres, como o Senhor S. Campio, que sua uma vez por anno, ou a Senhora da Cabeça, que, para mostrar competencia na cura de fracturas da dita, reúne traiçoeiramente na sua festa, quantos caceteiros comem boroa e feijão, por estas boas vinte leguas em redondo.

Pois bem! Que Jupiter ouça os meus rogos. Já que as delicadissimas funcções do teu organismo te consentem apenas o

leite, como alimento, que Elle te mande lo, para que tu, nas suas
cem tetas, possas de noite e de dia chupar a vida, novas forças,
novos elementos e os teus tecidos tomem, a breve trecho, a salutar
obesidade do sr. João Ignacio, do saudoso doutor Pacheco, ou do
nosso prestantissimo deputado, o sr. Visconde da Torre!

Setembro 1889.

II

Passe-Calles

Oh Justininho!

dá cá o braço...

Ora aqui tem V. Ex.^a um rapaz, que se o Marianno não atira para o Pico, era muito capaz de se guindar ao pico da popularidade, cá na terra.

Ainda não conheci quem mais sympathias tivesse entre Clero, Nobreza e Povo; mas também, ainda não conheci rapaz mais sensato, conciliador e serviçal.

Para chamar á paz um casal amuado; para prégar Moral ás creadas de servir; para uma visita de pesames, a rigor, com o *resigne-se V. Ex.^a com a vontade do Altissimo* engatilhado; para dirigir um baile nos *tricanés*; para entreter senhoras nas reuniões da Semana Santa, em S. Estevão, ou nas do Carnaval, na Assembleia; para acompanhar familias á missa das onze; para representar a Associação artistica; para umas funcções serias de secretario (tinha o monopolio); para a descripção d'um baile no *Mensageiro das salas*; para dirigir a eleição das comadres, a coisa mais redondamente patusca e interessante, que gentes da Coroadá teem produzido—não ha, não houve, nem nunca haverá quem o eguale.

Quando passava na rua de S. João, todo tesinho e perliquitetes, apesar da magreza e do nariz, diziam d'elle

as meninas—é muito engraçado,

as mães—é muito sympathico.

os papás—é muito bom moço.

os velhotes—é... é... é... o Justininho.

*

Estava nos bailes como em sua casa. Só tinha um defeito para homem de sala: dançava pouco e mal.

E eu digo porque.

N'um baile da Assembleia reuniram-se, em quadrilha de *Lanceiros* (a mesma que David dançou ao pé da Arca) os srs. dr. Lopes, dr. Ladislau, Padre Cunha e Justininho.

Justininho gostava de florear nas marcas. Ordenou um *chevaliers au milieu*, e os quatro Cavalheiros, entusiasmados com as damas, com a musica, com as luzes e com as flôres, avançaram com *ropia*.

Eu não sei bem, como aquillo foi. O que sei, é que se chocaram, que se enarigangaram, e de tal fórma foram abalados os respectivos e respeitaveis vomeres e cornetos, que o sangue espirrou, e os quatro Cavalheiros foram retirados, em braços, da sala.

As senhoras desmaiaram. O baile acabou.

Foi o diabo.

D'ali em deante, tanto o sr. dr. Lopes, como o sr. Padre Cunha e o Justininho (V. Ex.^a deve ter notado isso) dão-se pouco a danças. Quem continuou foi o Ladislau, porque esse, no tremendo choque foi o mais feliz. Como é pequeno e de baixa estatura, o seu nariz não abalroou com os outros; roçou no umbigo do sr. Padre Cunha e enfraqueceu o choque.

É verdade: aqui está mais uma vantagem que a gente tem, em dar falta ao estalão.

E ainda o sr. dr. Pestana se entristece e zanga, quando o alfaiate lhe pede noventa centímetros para umas calças, e lhe assevéra, que não necessita de um metro e dez, como os outros senhores!

*

Sou amigo do Justininho, mas já lhe roguei uma valente praga; e talvez fosse por isso, que elle *tocou rabeca* com o Pereira.

Eu conto o caso, porque não é de segredo:

Lavrava por ahi essa epidemia, peor do que cem microbios, das charadas.

Nas Assembleas, nos Clubs, nas lojas, nas mercearias, nas boticas e nas nossas casas, não se tratava d'outra coisa.

O Almanach de Lembranças, essa escarradeira de quanto semsaborão existe n'estes reinos, ilhas adjacentes, terras do sabiá e da Tijuca, espalhára, por toda a parte, os germens da maldicta mania.

Havia enigmas; charadas antigas, novas, novissimas, com premio, sem dito, em prosa e em verso; de—nas costas—1, sem indicação syllabica; emfim, de toda a raça e feitio.

Descobrira-se, que para espalhar o flato e para aquecer os pés, no inverno, não havia melhor remedio do que: charadas, quino e *trinta e um* de bocca.

Justininho deve uma boa parte da sua popularidade, entre as damas, á facilidade com que *matava* charadas. Em se lhe dizendo:

O que é, que é
Que toca de dia
No alto da torre
de Santa Maria?

respondia logo, immediatamente:

—É um sino.

Ora, uma noite,—isto foi, talvez, ha doze annos—estava eu á mesa do trabalho com a familia.

Minha mulher fazia meia. Minha sogra lá estava com as charadas.

O rapaz mais novo—o Toneca—estudava a licção de francez. O outro—o Zéca—andava com a Avó á cata de decifrações.

Eu estava a turrar com somno, mastigando entre bocejos, uns periodos muito alambicados, em fórmula de lambedor, com que

Justininho descrevia um baile, no folhetim do *Noticioso*.

Soavam todos aquellos estafados bordões de—gentilissimas damas—corações feridos—sorrisos angelicos—amores—gruta dos ditos—arrufos—horas fugitivas—recordações saudosas—rainha do baile—reticencias—etc.—etc.—etc.—.

V. Ex.^a deve conhecer tudo isto, porque de mil bailes, que tem havido em Valença, appareceram mil descripções eguaes.

São como os necrologios do sr. Verissimo de Moraes. Estão sempre promptos. A questão está em se dar o nome do perezido. Às vezes, ha o seu engano, mas escapa.

Por exemplo:

Ha annos, morreu n'esta villa um velhote com 90 janeiros.

Estomago fraqueiro e arruinado, atacára á noite uma pratada de arroz com lampreia e... arrefeceram-lhe os pés.

Tambem, foi uma infelicidade, porque, se o sr. dr. Pacheco (diga-se a verdade) chega mais cedo uma hora, o homem, em vez de morrer ás 10, arrefeceria ás 9.

No dia seguinte, dizia o *Noticioso*:

«Mais um anjo, alando-se para as ethereas regiões, fugiu hontem da terra, roubado cruelmente, pela terrivel Parca, aos affectos dos seus carinhosos paes.

Polycarpo Bezerra, aquella encantadora e gentil creança, que era o enlevo... etc.»

Ora, Policarpo Bezerra, era exactamente a *creança* de 90 janeiros, que a lampreia victimára! Os barbaros dos typographos, se haviam de aproveitar a chapa dos adultos, serviram-se da que havia para as creanças.

Isto succede.

Mas, como estava dizendo, eu turrava com somno, á espera do chá.

De repente, levanta-se o Zéca e diz:

Oh Papá! Que é, que é
Que, pela calada,
Gosta de dar
O Marquez de Vallada?

—*Cou*,^[3] diz o Toneca, que acabava de tirar no Dicionario a palavra pescoço. (Só o soube depois).

Levantei-me indignado, enfurecido com aquelle enorme desacato á Moral e á Decencia, praticado nas minhas barbas!

A decifração da charada foi immediata e violenta para os rapazes: duas valentes bofetadas!

Indignação geral da familia. Minha sogra levanta-se irada e chama-me tyranno!

Retorqui-lhe que aquillo era escandaloso, antimoral e era uma falta de respeito á gente graduada, porque o sr. Marquez era um Marquez, estava no seu direito de dar o que quizesse, e ninguem tinha que lá metter o nariz.

Augmentou o barulho, porque os rapazes, defendidos pela mãe e pela avó, cada vez berravam mais.

Levantou-se minha mulher, chamou-os, e lá foi tudo a chorar.

No dia seguinte, minha sogra, fiel ás tradições, quiz requerer o divorcio. Andei amuado oito dias. Data, até, d'essa occasião, o meu reconhecimento á Isabelinha, creada de sala...

Só quando fiz as pazes com minha mulher, é que conheci a origem da resposta do Zéca e a coincidencia do *significado*.

O Toneca, como é mais agarotado, lêra o *Pimpão* e appetecêra-lhe tambem, sem saber o que dizia, *metter* a sua farpinha no senhor Marquez.

Mas, tudo isto não teria succedido, se não fosse o diabo do folhetim e se o Justininho não tivesse a mania de chroniqueiro de

saías.

Veja V. Ex.^a, como se perturba a paz d'um lar e o socego d'uma família honesta!

*

Mas, effectivamente, o Justininho, para charadas, era d'uma perspicacia sibyllina. Como elle, só a Sociedade charadista dos Terriveis de Villa Real.

A gente reunia-se á noite na Assembleia. O Club, n'esse tempo, estava ainda no embryão das sociedades pacatas, porque o sr. dr. Pacheco, se bem que já andasse, como o povo diz, com a barriga á bocca, ainda o não tinha dado á luz.

Ou se faziam charadas, ou se jogava o quino. Duas distracções innocentes e engraçadissimas! Que saudosas noites! Que piadas! Que pilherias e facecias!

Que espirito fino, alegre, saltitante, amenisava aquellas horas!

Quem mexia sempre nas bolas era o Melim. Uma mania como outra qualquer.

Cartão, dez réis; *corda*, sessenta réis.

Marcava-se a feijão carrapato.

Quem recebia as pagas, dava os trocos e quebrados, era o sr. Agostinho.

Cada *quinada* era recheada de surpresas, ancias, esperanças e decepções!

—Trinta e tres, dizia o Melim.

—Annos de Christo, exclamava sr. João Ignacio, erguendo-se, todo contentinho, para gosar o effeito da pilheria.

Andavamos aos tombos com riso, e quem poderia resistir?

—Vinte e dois!

—Patinhos a nadar—berrava o sr. Baptista.

Ai que demonios aquelles! A gente até chorava!

—Trinta e sete!

—João Pimentel Castanheira—lembrava o sr. Elias.

Não se podia continuar; estava decidido! Pois se até a ceia nos queria trepar á bocca!

—Venha a precisa, ó vizinho e chegue-se cá, que quero bulir nas bolas, dizia o sr. dr. Pacheco.

—Oh diabo! Isso não, que podem ver as irmãs da Caridade, aconselhava eu, sempre prudente e cauteloso.

—Sessenta e seis!

—Quinei!—berrava o sr. escrivão Brito.

—Ora sebo!—murmurava tristemente o sr. dr. Evaristo. E eu que já tinha cinco quadras! Bem se vê, que os padres não nasceram para trabalhos com bolas.

Estavamos todos tristes, como a noite.

—Alto! Foi rebate falso. Siga!—dizia o sr. Brito todo rejubilante pela facecia, e casquinando frouxos d'aquelle seu riso, tão patusco e tão original: ki-i, ki-i, ki-i...

Afinal, quem quinava sempre era o Leopoldo. Este diabo, lá com os capellães arranja-se sempre bem...

*

Reunia-se, pois, gente fina e perspicaz.

—o Veiga, que viu no Jardim das Plantas uma *ziboia*, com sessenta metros de comprimento;

—o Izidoro que, como V. Ex.^a sabe, descobriu as aguas de S. Pedro, é amigo do amigo Lopo e tem a Grão-cruz da Sociedade de Geographia e da ordem do Sol, do Japão;

—o Serrão, que viu um comboyo, que levava dez regimentos de infantaria, dez de cavallaria, oito de artilheria, um de engenharia; tudo em armas, officiaes a cavallo, etc., etc. (Isto foi no tempo d'uma guerra qualquer).

—o Machado, que, assistindo a um baile da Assembleia até ás duas horas da madrugada, apparecia, ás cinco, na praia d'Ancora; lá ao longe, entre as brumas do mar, dentro d'uma bateira, e já em regresso da ilha da Madeira.

—o Maximino, que sem perceber uma palavra da lingua de Milton, encontrou uma *ingleza*, com quem se entendeu muito bem.

—o Leopoldo, que viu e apalpou os pendulos e o ponteiro do relógio, que ficou entupido, nas alturas do coccyx, ao larapio da rua do Ouvidor.

—o Abilio, que conheceu o pae da mãe, do tio, do pae do dito larapio—Rua da Quitanda, 23, sobreloja.

Emfim, tudo gente fina e perspicaz.

É verdade: tambem lá estava sua Excellencia, o Senhor Governador e sua Excellencia, o Senhor Vice.

Na Academia real das Sciencias não havia melhores cabeças; nem na Camara dos deputados, se exceptuarmos os srs. Oliveira Mattos e Visconde da Torre.

*

Para arranjar charadas, quem tinha mais gosto e geito era o sr. Polycarpo Monteiro. Pelos modos, carteava-se com o mano de Lisboa, a tal respeito.

Elle pensava um pouco e dizia:

Que é, que é
Que faz: pum! pum!
Quando lhe arrima
O Vinte e um?

Justininho escrevia, logo, qualquer coisa n'um papelinho; collocava-o debaixo do seu chapéosinho e... sorria.

Nós andavamos ás aranhas.

Tira d'aqui, põe acolá...

Nada!

O Senhor Governador, forte em Mathematicas, punha logo o caso em equação:

$$2 \text{ pum} + 21 = x$$

tirava os logarithmos, deduzia todas as formulas da triangulação:

Nada!

O sr. Zagallo, que não estava para contas, lembrava-se dos nomes de todas as terras de Hespanha, por onde transitou no tempo das guerras...

Nada!

Ninguém falava. Ouvia-se o zunir d'um mosquitinho.

De repente bradam duas vozes:

Adivinhei!

—É o chapéo alto do meu subordinado Durães—dizia o sr. Borges.

—Não é, não senhor. É um chapéo, mas o do sr. Monteiro, dizia o Senhor Vice-Governador, que já, n'aquelle tempo, era o homem mais fino cá da terra.

É! Não é! Levantou-se uma questão dos demonios.

—Fala o Justininho!—bradamos nós, como quem recorre a um Juiz.

Justininho abriu o papelinho e mostrou, sorrindo:

Zabumba!

Rompeu nova celeuma. Ninguém queria ceder. A final, depois de muito berrar, descobriu-se que todos tinham razão.

Havia alli um caso, como o da Santissima Trindade: tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro. Eram tambem tres coisas, todas distinctas, todas eguaes e uma só verdadeira: o zabumba—do Justininho.

*

N'outra noite, o sr. Polycarpo, entrou na Assembleia, muito contente, e esfregando as mãos, debaixo do seu chale-manta.

Trazia uma charada muito difficil, que lhe levára seis horas a compôr.

O sr. C. Barros offereceu logo, como premio, um exemplar do seu drama: *Marilia*, ou a *Moira dos bosques*.

Reuniu-se o povo todo, e ouviu:

Quem é, quem é,
Que faz a desobriga
E, sendo capellão
Tambem é rapariga?

Esta, é que nos deu agua pela barba. Fazer de homem e de mulher, é que nunca podemos comprehender.

O maroto do Leopoldo, esse, parece que a percebeu. Sorriu-se, porque tinha entrado n'aquella occasião e, pelos modos, vinha de se confessar...

Trazia no chale-manta palheiras da muralha...

Foi o Abilio, que o traz de ponta, quem descobriu isso.

Ninguém matou a charada, mas desconfio que alli andou tambem influencia do premio... Parece-me que afugentou um pouco as ideias.

Isto é mera supposição.

*

Depois d'essa, appareceu outra do sr. Zagallo, mas *matou-se* logo. Foi:

O que é que é
Que dá *sól* e *dó*
E se o Cruz lhe bufa
Faz: Pó, Pó!

V. Ex.^a certamente, já adivinhou.

É um *figle*. Não teve graça.

Pois o sr. General podia apresentar coisa melhor. Bastava que nos dissesse:

Ora digam cá,
Sem hesitar
Se hoje na camara
Occupo logar?

Claro é que ninguém responderia, a não ser que se verificasse o conteúdo do mais recente, do que tivesse ainda a tinta fresquinha, dos officios com que sua Ex.^a, oito vezes por mez, participa ao Senado que,

por motivos justificados—sahe
que,
por justificados motivos—entra
e vice-versa
e versa-vice.

*

Este sr. Zagallo, na Camara, lembra-me o Conego Vaz.

Eu fui sempre muito agarotado e por isso me não admirei, do que queria fazer o Tonéca ao Marquez de Vallada. Se por ahi houver alguma mamã, com filha casadoira, disponivel—francamente—que não tenha saudades da minha pessoa, porque lhe não serviria, ainda que fosse *numero um*.

Quando não podia dar a minha *gazeta* á aula do Conego, escapava-me sempre que podia, cá para fóra, para a muralha, onde os Guerreiros e os Garções jogavam o pião e o *escabicha*.

Juntos, eramos insupportaveis. O Ignacio Soares e o Zé, quando passavam por nós, tiravam com todo o respeito o seu chapéosinho e tratavam-nos por Excellencia, mas ainda assim, levavam o seu puxão de orelhas porque, quando estavam encarrapitados na varanda de ferro, e se lhes dizia cá de baixo:

Presos como os macacos!

cuspiam, e atiravam com botas velhas.

O Zé, hoje é homem de genio e palpita-me que, na Politica, ainda chega a ser importante; mas n'aquelle tempo andava com o *hora*, *horae*, e isto de latim é coisa, que debilita muito a gente.

*

Como estava dizendo, quando me juntava aos Guerreiros e aos Garções, andava tudo, por ahi, n'uma dobadoira.

Pelo Maio, já tínhamos organizado uma inspecção rigorosa á producção do concelho.

Era-mos, assim, uma especie de agronomos.

Se nos perguntassem:

Quem é, que n'este anno vem a ter:

melhores peras?—o Chico Veiga.

melhores melancias?—o Boticario.

melhores melões?—o Ascencio.

melhores uvas?—O senhor José Rodrigues.

A este senhor José Rodrigues sempre tivemos muito respeito. Quando, por acaso, nos encontrava perto do Prazo, ou da Boavista, (a gente, já se vê, andava a *passar innocentemente*) falava logo em tiros, mortes, carabinas, punhaes, ratoeiras, facadas, cães de Castro Laboreiro... o diabo!

Por isso, não era como os outros:

o Chico Veiga,
o Boticario,
ou o Ascencio;

era: o Senhor José Rodrigues.

A final, foi sempre um santo, e pagava o seu tributo em bellas uvas e bons melões, como os outros.

Eu falei no boticario...

Era assim nos outros tempos, mas hoje é camarista e chama-se—o sr. Fontoura.

Este senhor é que nos pregou um susto! Eu conto, se não me torno massador para V. Ex.^a

*

As propriedades, como disse, estavam debaixo da nossa vigilancia permanente.

Logo que a uva principiava a pintar, a pera a mudar de côr, a melancia a ganhar casca—dava-mos assaltos medonhos!

Uma vez, combinamos o ataque ás melancias do sr. Fontoura. Ainda estavam verdes, mas duas, ou tres, principiavam a carregar na côr.

O calor abrazava. Era necessario ser um Santo, para resistir á tentação.

Á hora combinada, entramos na propriedade, cautelosamente, sorrateiramente, como quem anda aos grillos.

Tinhamos, já, duas melancias cortadas e tratava-mos de metter a unha, em certa parte das outras (de que eu não digo o nome, porque póde ser lido por senhoras) para verificar se estava molle ou rija, quando ouvimos gritos de *agarra! agarra!* e logo, após, o estampido d'um tiro!

Eu não posso explicar o que succedeu. Parece que nos agarraram pela golla da jaqueta e nos levaram, pelo ar, até á Esplanada!

Alli paramos, porque já não havia ar no mundo para os nossos pulmões. Consideramos no caso...

Apalpamo-nos cuidadosamente, demoradamente. Estendemos primeiramente uma perna; depois outra; depois um braço.

Cuspinos. Passamos a mão pela cabeça.

Não havia sangue.

Serenamos. Voltou-nos a voz.

Só então verifiquei que, no auge da afflicção, *sem querer*, tinha trazido as melancias!

Não estava tudo perdido. O que é o instincto da conservação!

Ainda nos incommodava a ideia, de que o sr. Fontoura fosse fazer queixa ás familias—o que significaria uma valente taponá.

Felizmente não succedeu isso, porque elle, no auge do seu furor, (do qual V. Ex.^a pode fazer idea, quando o ouve ameaçar céos e terra, clamando, á porta da pharmacia, contra os seus devedores) não nos conheceu.

Parece que Deus não o dispoz para a nobre carreira das armas, porque, ao apontar a espingarda, fez como os pretos e os soldados brasileiros—voltou a cabeça.

Quando novamente olhou, diz elle, que só viu fumo. Não era só fumo; eram nuvens de pó, que nós levantavamos.

Eu contei agora este caso, porque somos todos de maioridade, paes de filhos, eleitores, elegiveis, e já não temos receio de taponar em casa. Mas, até hoje, tem estado debaixo d'um certo segredo.

Como d'aquelle endiabrado rancho sahiram tão bons paes de familia, é que eu não sei.

São effeitos da idade.

A gente muda muito.

Eu conheço pessoas, que na juventude faziam o que podiam. Chegaram, mesmo, a dar nome; e que agora, sendo uns santos, em certas occasiões embicam com qualquer coisa, e nem sequer consentem, que no theatro se aqueçam os pés.

Isto vae tambem muito dos genios... e dos corações.

São como Deus os quer.

Valha-me Nosso Senhor Jesus Christo...

*

Mas, veja V. Ex.^a como eu perdi o fio ao discurso! Tudo isto veio a lume, para dizer que o sr. Zagallo, na Camara, me lembrava a aula do Conego Vaz.

Eu queria-me safar, como disse, e, volta e meia, dizia ao Conego, levantando o dedo:

—Senhor Mestre, dá licença de ir lá fóra?

O Conego, ou dizia: vá,—ou:

—Está lá gente.

Mas aquillo tanto vez se repetia, que o Conego principiou a desconfiar que era doença, como teve o sr. Sampaio nas noites do cordão sanitario, doença que tanto dinheiro deu a ganhar á lavadeira...

Uma vez disse-me elle: Oh, senhor! Eu não sei para que cá vem. Nunca tenho a certeza se o senhor está fóra, ou dentro. Ao menos, quando sahir, deixe aqui ficar um papelinho.

E foi d'este papelinho que me lembrei, com os officios do sr. Zagallo.

*

Voltemos ao Justininho.

Justininho escrevia nas gazetas. Inventou o *Mensageiro das salas*, aquella interessante secção, que eu nunca deixo de ler, em todos os jornaes, porque é muito mais barato remedio, do que o Sedlitz Chanteaud.

Foi tambem elle, quem arranjou as seguintes classificações para as differentes posições sociaes:

Juizes	integerrimos.
Delegados	meritissimos e dignissimos.
Medicos	habeis. ^[4]
Negociantes	probos e honrados.
Bispos e Padres	virtuosos prelados.
Proprietarios	abastados.
Cavalheiros	de fino trato.
Officiaes do exercito	illustrados e briosos.
Galopins eleitoraes	valentes candilhos.
Meninas	galantes.
Noivas	gentis e encantadoras.
Senhoras solteiras	gentilissimas damas.
ditas casadas	virtuosas esposas.
ditas viuvass	inconsolaveis.
Quarentonas	interessantes senhoras.
Jarrões	respeitaveis damas.

Creanças que nascem	robustos meninos.
ditas que vivem	interessantes filhinhos.
ditas que morrem	innocentes anjinhos.
ditas que, nem nascem, nem morrem, nem vivem	mallogrados. ^[5]

Estudantes	intelligentes e esperançosos.
Meninas... de fallar	infelizes peccadoras.

Como V. Ex.^a vê, aqui ha para tudo.

É pedir por bocca.

Esta classificação teve voga. Foi adoptada em Monsão, em Caminha pelo sr. Ricardinho, em Cerveira pelo sr. Romeu, em Vianna pelo sr. Eugenio Martins, em Paris pelo sr. Xavier de Carvalho, etc.

Nas ilhas Sandwich é que eu não sei, mas vou sabel-o.

Ora, nós podiamos fazer um contracto com as redacções: abatiam uns tantos por cento nas assignaturas e mandavam depois, sem adjectivos, os Cavalheiros, os Padres, as Meninas... de fallar, etc., que a gente cá se punha... a dispôr os *virtuosos e finos tratos*.

Esta evidentissima e valiosa manifestação do progresso intellectual do nosso jornalismo deve-se, como disse, ao Justininho.

*

Justininho era correspondente de varios jornaes.

Tinha um estylo especial, caracteristico, archaico, indigesto, tirante a classico.

Por exemplo: se fosse necessario dizer n'um jornal, que a esposa do meu amigo Fabricio dera á luz um rapaz, e que já estava

prompta para outro, eu empregaria, pouco mais ou menos, essas palavras.

Justininho diria:

Como prenoticiamos, a virtuosa consorte do nosso dilecto amigo Fabricio, probo e honrado negociante d'esta formidolosa Praça, deu á luz na preterita terça feira, um robusto e interessante menino, que presentemente é o enlevo dos seus tão extremosos, quão apreciaveis progenitores, e o encanto de todos os que hoje gozam a doçura ineffavel, d'aquelle pequenino ser.

A parturiente encontra-se já, graças ao Altissimo, liberta de perigo, devendo, tambem, a sua rapida convalescença ao desvelo e intelligentes cuidados do distincto e perito facultativo, o sr. dr. Pacheco.^[6]

A suas ex.^{as} endereçamos, em nome da redacção, os nossos emboras; e seja permittido ao auctor d'estas mal esboçadas linhas, incluir as suas cordiaes felicitações, que já algures exprimiu, como o mais obscuro, o mais somenos admirador das excelsas virtudes, que exuberantemente adornam suas Ex.^{as}^[7]

*

Ora aqui tem V. Ex.^a o que é uma imaginação fértil, e a triste figura que faz um pobre Fabiano, como eu, quando escreve nas gazetas.

O sr. Verissimo de Moraes, em tal caso, escreveria, ou não escreveria o mesmo.

Se fosse convidado para a festa do baptizado, usava exactamente d'aquelles termos, e accrescentava:

Todos os convidados d'aquella esplendurosa e inolvidavel festa se retiraram altamente penhorados, com a maneira fina e delicada, e inexcedivel amabilidade—que só a verdadeira fidalguia de sentimentos e nobreza de character podem conceder—com que o

Ex.^{mo} Sr. Fabricio e sua Ex.^{ma} Esposa acolheram as pessoas, que tiveram a honra de entrar em sua casa.

Que perduravel ventura, e immensas felicidades, bafejem o berço do penhor de tantos affectos...

Se não fosse convidado, o parto e o baptizado seriam assim annunciados:

A esposa do sr. Fabricio deu á luz um rapaz, que hontem, ás seis e meia da tarde, foi baptizado na egreja parochial de S. Estevão.

E eu faria o mesmo, se tivesse jornal. A gente trata bem, quem bem a trata. Isto já era assim no tempo de Noé e ainda não havia gazetas.

N'esta classe de gazeteiros, quem rasoavelmente se distingue, é o Aurelio.

Tem um estylo á Victor Hugo e á Guerra Junqueiro.

Isso explica-se muito facilmente.

Está provado que a Materia anda n'este mundo, em constante giro; e que as moleculas, que actualmente estão no corpo A, podem muito bem estar, ámanhã, no corpo B.

E sendo assim, não admira que na massa cerebral aureliana, se anichem algumas cellulasitas vagabundas e patuscas dos grandes poetas.

Recordo-me, ainda, d'aquella grande questão, que elle sustentou, no *Primeiro de Janeiro*, contra o Exercito, por causa do Real d'Agua.

Ahi vae um trecho e diga-me V. Ex.^a, se lhe não parece que está lendo a *Morte de D. João*, ou a *Legenda dos Seculos*:

A lei é só uma com a espada da Justiça!
Palpitam corações nobres, sob as dobras da jaqueta,
Como palpitam e se orgulham debaixo da fardeta.
Quer se cinja uma espada, quer o cabo da rabiça,
Ha leis a obedecer. E com vontade, ou com magua,
Das batatas e do bacalhau que gastaes da Cooperativa,
Haveis de pagar, inteira, completa e positiva
A decima que todos pagam: os direitos do Real d'Agua!^[8]

Aurelio tem, tambem, incontestavel merecimento no theatro; mas nas doiradas esferas em que, entre nós, a Arte alli se expande e libra, nunca a minha nervosidade e a dynamica do meu espirito foram, tão extraordinariamente abaladas, como n'essa saudosa noite, em que aos meus olhos e sentidos, se patenteou a intuição artistica mais nitida, a percepção psychologica mais frisante, que tenho logrado admirar nos palcos dos grandes centros civilizados.

Alludo á magistral execução e genial relevo que, na *Morgadinha de Val d'Amores*, deram aos seus papeis, os meus amigos Machado e Romano.

V. Ex.^a deve recordar-se...

Representava-se o *auto* entre moiros e christãos. Figuravam reis, prophetas, anjos, *princezes*, pagens, *donzellas*, pastores e pastorinhas.

Das bandas do Oriente surgem: Manassés—o propheta, e Adonis—o *princez*.

As meias da sopeira, solidamente atadas, com tres voltas de fio de vela e nó cego, acima da articulação do femur com a tibia, desenhavam-lhes as linhas bamboleantes do pernil, escassamente roliço para despertar sensações eroticas; o pé, pequenino e adamado, encafuava se, gentilmente, n'um cambado sapato de entrada *abaixo*, com fivela doirada; o calção retesado limitava-lhes a curvatura das nadeegas; dos hombros pendia-lhes graciosa quizeninha de velludo defuncteiro; na cabeça, um carapucinho patusco, com o seu tope arrebitado.

Nas faces mimosas e assetinadas, espetára a mão endiabrada do Rocha ferozes matações de caprina pellugem, e enfarruscára as sobancelhas avelludadas, com repetidas fricções de rolha queimada, embebida no azeite do purgueira.

Marchavam com fronte altaneira, nariz repontante, seguidos pela sua côrte de paradas-velhas, ao compasso do hymno picaresco, que o meu amigo Argar, com a sua finissima intuição artistica, tão caracteristicamente soube conceber, adaptar e colorir.

Ao apparecimento de tão illustres personagens—um propheta e um *princez*—abalaram-se os alicerces do edificio, com a violenta expansibilidade dos applausos. Ao longo da medulla espinal, desde o bolbo rachidiano até á cauda equina, corriam-nos vibrações de enthusiasmo; as senhoras choravam; os homens arremessavam os chapéos; os paradas-velhas e esplanadas do *loiceiro*, impregnando o ambiente, no sonoro explodir do seu arrebatamento, de exhalações duvidosas e aromas assaz compromettedores, irrompiam em galhofeiras invectivas de affectuoso e *intimo* conhecimento, com os pagens e as *donzellas* da real côrte:

—Vira para lá a rabáda, oh Transmontana!

—Tens o rancho á espera, oh 35 da 4.^a

—Pica o pé, oh Estrella!

.....

E na intima audição do meu espirito, entre os fulgores e as scintillações d'aquelle gloriosissimo triumpho, subjectivou-me, subito, o Senso:

Oh filho! Quanto póde a... Arte!

.....

Mas... onde diabo está o Justininho?

*

Justininho era o fiel depositario, o mais denodado paladino das gloriosas tradições, que apresentam Valença, como a terra da provincia, em que ha mais convivencia, e em que as senhoras se apresentam, melhor, n'um baile. É uma superioridade, esta, como qualquer outra. Cornelia, Joanna d'Arc, Filippa de Vilhena, Deu-la-deu e outras matronas distinguiram-se a seu modo. São feitosos.

Foi elle, tambem, o inventor d'aquella celebre phrase, ainda hoje acceite e adoptada, quando necessitamos occultar a nossa inercia, as nossas fraquezas, ou a nossa ingenuidade provinciana. *Valença é madrasta para os seus e mãe para os estranhos.*

Nunca pude comprehender o que Justininho, e outros sectarios da sua eschola philosophica, querem dizer na sua—n'uma terra, que não acceitou o legado do Conde de Ferreira, em que a Politica é o que sabemos, e em que os jovens engraçados, que hoje possui, se riem franca e desassombradamente, quando, nos bailes da Assembleia, uma senhora tem a infelicidade de cahir, ou quando, nos bailes de Tuy, onde são obsequiosamente acolhidos, mettem os cotovellos á cara dos infelizes pares, que de perto os seguem.^[9]

São também opiniões... e feitos.

Ainda hei-de interrogar, sobre este ponto, os srs. Abreu e Oliveira, que são os homens que, por aqui, vejo mais nos casos de fallar de tudo e de todos, com auctoridade e competencia. Esses senhores devem saber muitas coisas e todas a fundo. Basta observar aquella constante concentração de espirito, e completa indifferença, com que encaram este mundo.

São cerebros, que, indubitavelmente, trabalham na resolução de grandes problemas sociaes.

Lembram-me tanto Mr. Prudhomme...

*

Justininho tinha muitos diplomas de Socio Honorario e de dito benemerito; tinha pennas d'ouro e de prata, etc. Era um perfeito rapaz de sala; recitava poesias; tinha album para ellas; conhecia uma infinidade de marcas no jogo do Senhor Abbade; e, para os rapazes, tinha uma grande habilidade: assobiava magistralmente.

Atacando um *spartito* de Mozart, de Verdi, de Gounod, ou a cadencia das valsas de Strauss, de Metra, ou de Waldteufel, aquella assobio tinha a malleabilidade d'um rouxinol, a limpidez das notas da Patti, o crystallino da escala de Gayarre, ou do Masini. Quando, em noites de luar, Justininho passava na rua de S. João, todas as janellas se abriam para dar passagem, até aos leitos conjugaes, ás ondas sonoras, deslocadas pelo assobio.

*

Ora, como V. Ex.^a deve ter verificado, não lhe faltavam condições para inspirar *sympathia* e, certamente, vae ficar admirado, quando lhe disser, que havia quem embirrasse com elle!

Era o sr. Coronel Almeida. Chamou-lhe, por ironia, *importante* cá da terra.

Ignoro as razões, que originaram a *antipathia* de sua Ex.^a

Tambem por cá havia muita gente, que embirrava com o sr. Coronel. O Isidoro diz que elle era um homem muito fino; mas o Agostinho torce o nariz e Agostinho é homem, que se não engana, que é consultado pelas pessoas mais importantes da nossa terra, homem que sabe o que diz, e que não dá *ponto sem nó*.

Seria bom, ou mau, como quizerem. O que eu digo, é que era muito feio; mais feio ainda, do que o sr. dr. Salgado!

Devo ao sr. Coronel um grande serviço e um grande desgosto.

Conto o primeiro:

*

Eu tinha ido ouvir um sermão do Padre Capellão, em que sua Reverendissima, desviando-se, completamente, no estylo, na fórma, na sublimidade das ideas, na concepção das imagens, no arrojado da Phantasia, da vulgar Oratoria do Palmeirão e quejandos, me descreveu, d'uma fórma completamente original, intuitiva e concludente, em face da moderna Sciencia, a maneira como o animal homem appareceu n'este mundo.

Foi no Eden. Eva tinha ido aos grillos, mas estes, sahindo rebeldes á *palheira* e, como ella não conhecia ainda o outro meio *natural* de os fazer abandonar a toca, andou por montes e valles, cançou-se, e... adormeceu.

Veu então Nosso Senhor, tirou-lhe uma costella, bufou-lhe e sahiu, já prompto e acabado, o nosso primeiro Pae.

Ora, isto satisfaz completamente o meu espirito; dissipou todas as duvidas, porque é, realmente, uma das mais... respeitaveis e maravilhosas concepções dos livros sagrados.

Mas, passado pouco tempo, soube eu que, lá fóra, andavam ás turras diferentes sabios por causa de novas theorias de evolução, selecção natural, transformismo, etc., sustentadas por Darwin e Lamark e combatidas por Linneu e Cuvier.

Alvorçou-se a minha curiosidade e tratei de estudar a questão, com a attenção devida á sua importancia.

Durante muito tempo, nunca tirei o caso a limpo. Se passava por o sr. José Luiz,^[10] dizia com os meus botões: vou com Darwin; se passava por o sr. Velloso dizia: vou com Cuvier.

Assim estive muito tempo, hesitando, e sem saber se, realmente, o meu coccyx foi sempre o extremo da columna vertebral, ou se em tempos remotos, esteve ligado a algum appendice, que hoje tem um nome muito sympathico ao sr. Marquez de Vallada.

Chegou o sr. Coronel a Valença e entrou a verdade no meu espirito. Fez-se a luz! Venceu Darwin.

Indubitavelmente, inquestionavelmente, o sr. Almeida não teve a mesma origem, que teve o sr. Velloso; a não ser, que se possa admittir uma hypothese, mas com essa nada tenho, porque não entra no meu programma. É questão de portas a dentro:—que houvesse troca nas vias da expedição...

*

Agora conto o desgosto:

Já lá vão quinze annos! Minha mulher andava, com licença de V. Ex.^a, no seu estado interessante.

Uma noite, para lhe combater a insomnia, li-lhe uma historia do Egypto, em que figurava o grande Sesostris, que morreu, como se sabe, ha perto de 4:000 annos e de que existe a mumia n'um museu qualquer.

Havia, n'essa historia, mortes, egypcios de barriga furada, pharaós com as tripas de fóra, creanças desventradas, velhos postejados—uma matança de arrepiar carnes e cabellos.

O livro tinha gravuras e n'uma pagina, via-se o grande Sesostris mumificado por aquelles processos, ainda hoje ignorados, dos antigos egypcios.

Minha mulher não gostou e affligiu-se. Fechei o livro e abri a porta, para ir cumprir uma necessidade urgente.

N'isto, passa na rua o sr. Coronel, e logo que minha mulher o vê, desata a berrar:

—Ai o Sesostris! Ai o Sesostris!

Teve uma syncope e, depois, dôres violentas.

D'alli a duas horas a sr.^a Maria do Hospital aproximava-se de mim e, com aquella amabilidade, delicadeza e fino trato que, infelizmente, lhe conhecemos, dizia-me estas terriveis e significativas palavras:

—Senhor, nada de affligir, porque a *fabrica* ainda cá fica; mas esta... deu-a para fóra!

.....

Compreendi. E no auge da minha dôr, para explosão da minha cólera, só pude exclamar:

Raios partam o Sesostris!

*

Deixemos coisas tristes...

Eu fallei no Velloso...

Este Candido Velloso, com os seus olhos negros, com o seu collete branco, o seu collar decotado, a sua perna bem lançada e elegante, o seu pequenino bigode á *mosqueteiro*, e com o oiro do seu uniforme, é o terror dos Paes de familia d'esta região peninsular.

João, é Candido e candido; meigo, carinhoso, delicado, para o bello sexo. Tem a sensibilidade d'um bardo; a alma sonhadora d'um menestrel; o espirito cavalheiresco d'um paladino; a pureza immaculada d'um Abeillard; o lyrismo d'um Romeu; a altivez d'um Quichote—todos os attractivos, emfim, d'um João com Dom e ás direitas.

Cinco seculos antes, e Velloso seria um dos onze companheiros de Magriço, n'aquella cavalheiresca aventura da côrte ingleza.

Apparece em toda a parte, onde ha senhoras. Corteja, sorri, offerece os seus serviços e conta coisas, que entretêm.

A sua organização affectiva é poderosissima. Com o amôr, as contracções dos ventriculos, para a diastole e para a systole, realisam-se com uma força equivalente a 750 kilogrammetros por segundo.

O seu coração é um enorme *caravanserail*. Tem cem auriculas e cem ventriculos, com a capacidade de 64 metros cubicos cada um. Os amôres cabem lá dentro vestidos, calçados e com guarda-chuva aberto.

Cada um tem o seu quarto numerado. Ao levantar-se, Velloso, passa em revista todos os seus affectos e escolhe para o dia.

Não revela preferencias, para não originar baralhas. Ás vezes desaparece da circulação, porque os Papás valencianos e tudenses, aterrados, inquietos, vão ter com o sr. Silva Pereira e exigem-lhe a deportação do incendiario.

Lá vae para Castro Laboreiro. Quando é necessario por cá, basta pronunciar baixinho, esta palavra:—baile. No aureo tempo, em que João Morães era entusiasta pelas danças e promovia aquellas *apatuscadas reuniões-familiares*, em que a gente ía á Assemblêa, para apprender a fazer meia, ou para ajudar a dobar maçarocas e novelos ás senhoras—acontecia ás vezes o seguinte:

João Morães lembrava-se d'um baile. Só no seu cerebro se definia essa idea. Matutava sobre o caso. Fechava-se no gabinete e, concentrando todas as suas faculdades, principiava o orçamento.

Calculava e anotava:

Chá (póde ser comprado aos homens do papel, que o vendem a 800, o kilo)	\$372
Assucar (Metade do <i>pilé</i> e metade do mascavado)	\$723
Pão para fatias (Cada peça dá 20, cada <i>cornucho</i> dá 12)	1\$207
Manteiga para as tostas (Vende-a o Coisa a 200, o kilo, com ranço; póde ser misturada)	\$247
Carqueja e lumes de pau	\$015
Agua de Colonia para o <i>toilette</i> das damas (1 quartilho, de Tuy)	\$060
Pó d'arroz (e farinha)	\$030
Aluguel do <i>Panorama</i> , ao Albino	\$120
Iluminação (nas escadas póde ser de sebo)	1\$473
Contracto com 3 cavalheiros para cearem em casa	3\$900
Roscas de Tuy para os quatrocentos meninos e meninas, que costumam vir aos bailes	12\$747
Gratificação ás amas , que tomem conta dos que ainda mamem	1\$500
Piões e faniqueiras para os mais velhinhos se entreterem no salão	\$140
Musica de Ganfey para tocar á porta o hymno real, quando entrar o Representante do Rei, Nosso Senhor	6\$000
Gratificação a 4 artilheiros para, armados, guardarem os taboleiros, na passagem do corredor	2\$000
Brinde ao Aurelio para recitar uma poesia tragica: valor de	\$700
Idem ao Roldão para marcar as quadrilhas: valor de	\$720
Gratificação a 6 creados	\$300

Total 30 mil e tanto. Por cabeça—tanto. João Morães verificava. Tirava a prova dos nove. N'isto, batiam discretamente á porta. João abria e cahia-lhe o Velloso nos braços, offegante, pallido. Vinha do Castro Laboreiro a pé, a cavallo, no comboyo.

—*Sei que projectas um baile. Ahi tens a minha quota. Risca; e olha lá—oh menino—vê se arranjas isso depressa. Passam-se tão bem aquellas horas...*

Este João deve ficar na terra. Deve ser expropriado por utilidade publica. Barcellos, que se arranje lá, como quizer. O Velloso Candido é que para lá não volta. *D. Joões* temos muitos por cá; agora, candidos, ha só um, que é elle; e esses, é que se apreciam, porque não fazem mal.

Velloso Candido! Trata de te matrimoniari, filho.

Oh diabo!... E a Mé...?

*

Em Politica, Justininho foi sempre, como eu—um desgraçado. O mais que podia conseguir, (e n'isso levou-me a palma) era um convite para fazer parte das mesas eleitoraes. Pois arranjou popularidade nas aldeias. Os lavradores respeitavam-n'ó e affirmavam, que tinha *lume* no ôlho.

Em leis do Real d'agua e da Contribuição do Registro era um Salomão.

Ahi vae um exemplo:

Os guardas do fisco trouxeram-lhe, preso, um camponio, que tentára introduzir na villa, sem direitos, um garrafão com meio almude de vinho.

Perguntou o desgraçado quanto tinha a pagar e, aterrado com a multa e tantos por cento, nas barbas honradas da auctoridade, levou o garrafão á bocca e despejou-o d'um trago.

Nada se podia fazer, porque o Regulamento não previne esse caso.

Sahiu o homem, mas ao virar a primeira esquina, sentindo-se afflicto, levou as mãos á bocca e despejou o vinho.

Justininho vê isso e manda-o novamente prender. Intima-o a pagar direitos e multas correspondentes.

—Mas eu bebi o vinho, senhor!

—Bebeu, mas deixou-o ficar na villa, dentro de barreiras. Alli está, introduzido sem pagamento de direitos. Art. 1007.º do Regulamento de 6 de Maio de 1884. Pague!

—Mas eu *esgumitei-o*^[11], senhor!

—O dito Regulamento, no seu paragrapho de isenções, não lembra esse caso. Pague!

E pagou, que não houve volta a dar-lhe. Nem sete doutores o salvavam.

*

Ora aqui está, o que pude *apanhar* ao Justininho d'outros tempos. Hoje está homem sério, como eu; já nem escreve nas gazetas, o que é realmente para lastimar, porque nem a gente sabe quantos robustos meninos, por ahi nascem.

Justininho,

boas noites.

III

Carta a Sua Excellencia, o sr. Governador... de Paysandu

Senhor!

Tenho a honra de me apresentar a V. Ex.^a

Sou o Zinão.

Quarenta annos; casado, e com bom comportamento moral, civil e religioso.

Nunca tive contas com o Borralho, nem com o Assiz dos Algarves, nem com o Julinho.

Sou de muito bom genio; depois que vi as caras feias, que fazem os srs. Barros e João Monteiro, quando se zangam, abracei immediatamente as doutrinas philosophicas da eschola optimista, e digo com Leibnitz: «Tudo vae bem n'este mundo, que é o melhor possivel.»

Sou irmão da Misericordia e aprovei a admissão das irmãs de Caridade, porque em coisas de religião sou muito temente a Deus, como o sr. José Narciso. Tenho bulla, porque se a não tivesse, quero dizer, se a não pagasse, diz a Santa Madre Igreja, que era peccado comer carne.

Vou á missa e á desobriga; além d'isso, sendo amigo intimo do sr. Baptista e, como affirma o dictado, os amigos dos meus amigos, meus amigos são, tambem sou das relações intimas da Senhora do Faro, que tem tomado chá na casa d'elle, e com quem este senhor se trata por tu, jogando, nas noites de inverno, a bisca e o 31 de bocca.

Tambem sou militar, porque pertenço á terceira reserva.

Respeito a mulher do meu proximo. Sou economico; tenho chapéos ainda mais antigos, que os do sr. Polycarpo.

Como portuguez, amo a minha patria; odeio os ibericos, como o sr. João Ignacio.

Em Politica sou legitimista, como o sr. Santa Clara, porque ninguem me tira da cabeça, que estes reinos pertencem ao sr. D. Miguel e a mais ninguem.

Tenho sido, por vezes, Juiz de Paz e, se na minha terra me não guindei, ainda, ás alturas a que chegaram os srs. Joaquim, que se carteia com o Ministro do Reino, ou o sr. Illydio Dias, que com a sua Bibliotheco-mania telegrapha ao Rei, como amigo velho, quem viver verá, que talvez consiga roubar-lhes o pennacho.

Ora aqui está a minha folha corrida; e por ella já Vossa Excellencia vê, que sou homem sério e que, se não moro na rua de S. João, podia muito bem lá morar.

Excellentissimo Senhor!

Dizem-me que Vossa Excellencia está prestes a deixar-nos, para ir fulgurar na brilhante constellação dos nossos generaes; e não quero que isso succeda, sem apresentar a Vossa Excellencia a homenagem sincera do meu respeito e entusiastica veneração, porque considero Vossa Excellencia, como um dos melhores Governadores, a quem, para felicidade d'estes povos e d'estes reinos, Sua Magestade tem havido por bem confiar o *governo* d'esta Praça.

Na pleiade de homens illustres que, ha doze annos para cá, teem *governado* Valença, Vossa Excellencia destaca-se pelo seu senso, illustração, excessiva modestia e desprendimento das glorias do mundo, que tão tentadoras e offuscantes são, quando, após annos de lucta, de vigalias, de laboriosas lucubrações de espirito, de penosissimo labutar das funcções cerebraes com senos, cosenos,

raizes quadradas de *a* e ditas cubicas de *b*, chega a gente a alcandorar-se nos inaccessiveis pinaculos d'uma tão elevada posição social.

Os dois illustres antecessores, que precederam Vossa Excellencia, eram e são muito boas pessoas; mas alargavam demasiadamente a esphera das dependencias da Praça, de fôrma que faziam incluir no seu Estado-maior uma certa pessoa, clara já, talvez, á perspicacia de Vossa Excellencia—pessoa que, até alli, tinha a seu cargo o caridoso e humanitario mistér de desobrigar pessoas serias, como eu, Excellentissimo Senhor, e que, depois da chegada de Suas Excellencias, se viram na dura necessidade de, ou desviar para outra applicação a sua potencia vital, como, por exemplo, para o estudo de construcções, principiando com a rudimentar disposição das traves nos tectos, ou a curtir... as suas maguas pelas muralhas, entregando, assim, o organismo á terrivel atonia d'essa perigosa enfermidade, que a todos ataca na puberdade. (Vossa Excellencia tambem devia dar o seu contingente...)

Ora, o tal monopolio, Excellentissimo Senhor, tornou-se muito funesto á povoação. Foi, até, na epocha d'elle, e por causa d'elle, que aconteceu aquella grande desgraça ao sr. Abilio Araujo...

Eu sou muito amigo de Vossa Excellencia e Vossa Excellencia tambem é meu amigo. Sou d'aquelles que, no dia do Anno Novo, apanham o seu quinhão nas *boas festas* que Vossa Excellencia, lá das alturas, se digna dar, como os antigos senhores feudaes, á burguezada e aos paradas-velhas, cá da terra.

Depois, venero Vossa Excellencia, porque é um homem energico, que tem, como o povo diz (e realmente tem) cabellinhos na venta (com o devido respeito).

Aquella felicissima resposta, que Vossa Excellencia deu ao Padre Magalhães, quando elle foi pedir para a Semana Santa com o innocente sr. Joaquim e com o ingenuo Abbade das Gandras, foi fulminante de espirito; foi á Pombal, á Richelieu, á Pitt, á Bismarck, á Duque d'Olivares; teve a potencia explosiva d'uma bomba á

Orsini, ou d'um petardo nihilista, preparado chimicamente, com os mais poderosos elementos endothermicos.

Disse-se, por ahi, que Vossa Excellencia procedera mal; porque, se queria dar carambola ao *Noticioso*, que lhe chamára General não sei de que, não devia escolher para bola vermelha um homem que ia de preto, que tinha entrado na sua sala de visitas, onde, até a pretalhada do Bonga, que pouco sabe de hospitalidade, recebe e trata bem a gente.

Accusaram Vossa Excellencia de ter faltado, n'essa occasião, aos mais rudimentares preceitos da delicadeza e até se asseverou, fazendo justiça ao character de Vossa Excellencia, que a tal resposta foi soprada ao ouvido, por Sua Excellencia, o Senhor Vice.

Eu não sou d'essa opinião. Vossa Excellencia respondeu e respondeu muito bem. N'isto de militanças praceiras, não ha attenções, nem hospitalidades, nem sala de visitas, ha... o regulamento do Conde de Lippe! Quem o não acatar... leva a sua conta, e assim é que deve ser.

O Padre devia ficar ainda mais pequeno do que é, mas Vossa Excellencia tambem escapou de boa! Se elle tem ao lado o Sant'Anna, lá do Porto, Vossa Excellencia bem podia gritar por Sua Excellencia, o Senhor Vice...

Então o caso era serio!

*

Depois, quem não ha-de respeitar Vossa Excellencia, com a sua variadissima illustração?

Nunca me hei-de esquecer d'aquelle esplendido discurso, que Vossa Excellencia, de improviso, pronunciou na Assembleia, em 20 de janeiro de 1887, quando tomou conta da Presidencia. Sei-o de cór; e tão profunda foi a impressão, que causou no meu espirito, que até n'elle ficaram gravados os ápartes e as interrupções.

Se Vossa Excellencia dá licença, eu repito alguns periodos. Os ápartes, para falar a verdade, são ainda para mim um tanto enigmaticos, mas deve haver por ahi, quem os possa explicar a Vossa Excellencia.

Ahi vae uma tirada:^[12]

«... As prestimosas agremiações, como esta, com que as Sociedades modernas procuram deleitar e amenizar os espiritos, após as laboriosissimas horas da lucta e contrariedades da vida, nascem, crescem e desenvolvem-se, como essas enormes, vas- (o sr. capitão *Marques da Costa*:—*Vaz? É o amigo Lopo? Então apoiado!*) tas e fluorescentes ilhas do Atlantico e Pacifico, formadas pela organização rudimentar das algas marinhas e de myriadas de seres microscopicos, da familia dos polypos, classe dos coelenterados, grande grupo dos radiados, ou zoophitos. (Os srs. *Roldão, Polycarpo Monteiro, Zagallo e outros cavalheiros versados em sciencias naturaes*:—*muito bem!*)

«Da Natureza, meus senhores, deliciam-nos as suaves fragancias das flores: a modestia da violeta; a pureza immaculada do lirio; o murmurar dos bosques, os seios tumidos (o sr. *José Lopes, da Principal*:—*apoiado!*) da donzella, os alvares da madrugada e o canto das avesinhas. (Os srs. *Alberto Marques, Gaspar Durães, Justino Guerra e outros poetas e prosadores da estafada eschola romantica*:—*muito bem!*)

«Pois na vida social, as horas fugitivas, que aqui deslizam em encantador e aprazivel convivio, com os Cavalheiros de fino trato (o sr. *Verissimo de Morães*:—*apoiado!*) e com as amaveis, airosas e donairosas e gentilissimas damas d'esta formidolosa Praça (os srs. *Justino Guerra, Eugenio Martins e Soares Romeu, interessantes collaboradores do interessantissimo «Mensagem das salas*»:—*apoiado!*) ou com as encantadoras hijas da hidalga y noble Espãna (o sr. *D. Ramon*:—*Ká! Muy bien! Maunifico! Precioso. Cá! Señor Gobernador: Viva la gracia! Cá!*) bellas, como uma virgem de Murillo e castas, como a esposa de Jacob, de que me não recorda agora o nome (*diversas pessoas serias*:—*apoiado!*) quando as cingimos em suave enleio, no vertiginoso redemoinhar da valsa (o sr. *Salazar Muscoso: muitobemmuitobemmuitobem!*)^[13] ou quando as brindamos com preciosas iguarias e delicados vinhos (os srs. *C. Oliveira, Verissimo de Morães, um Cavalheiro de Tuy e outro de Monsão, que não tive a honra de conhecer*:—*apoiado!*) essas horas, repito, representam em a nossa vida social aquellas alegrias da Natureza!

«Não ter alma para sentir isto, meus senhores, como muito bem disse o nosso grande ex-historiador^[14] Alexandre Herculano, é proprio d'um ser doentio; é, como vulgarmente se diz, proprio de gente pequena. (*Protestos ruidosos dos srs. dr. Ladislau, Alvaro Garção e P. Magalhães. —O sr. dr. Pestana*:—*peço a palavra para explicações.*)

Trabalhar, pois, para esta Sociedade é uma acção de elevado patriotismo; (o sr. *José Lopes, da Principal*:—*muito bem!*) é uma acção de

larga influencia regeneradora (*protestos dos srs. Alvares d'Oliveira, P. Cunha e Agostinho*) para os nossos costumes; é um symptoma da benefica evolução progressista; (*protestos dos srs. Appollinario, Camisão e do dito sr. Agostinho*) é, emfim, como ainda ha pouco me disse, e disse muito bem, o sr. Capellão (o sr. Leopoldo Gomes:—*qual d'elles? Então Vossa Excellencia também gasta? Por isso eu estive á espera!...*) que aqui me ouve, uma missão altamente honrosa e humanitaria!

«Por isso, meus senhores, unamos os nossos esforços e como os polypos e as algas..... as algas.....»

Que Vossa Excellencia me perdõe o que vou dizer, mas... perdi o fio ao discurso e o melhor é ficar por aqui, porque, n'estas questões de Historia, não quero *metter* de minha casa.

Verba volant, scripta manent...^[15]

*

Eu atrapalho-me sempre, quando falo de Vossa Excellencia, que representa para mim o que ha de mais alto, mais nobre e augusto, nas elevadas jerarchias e coisas serias da minha terra.

Quando encontro Sua Excellencia nas ruas da vizinha cidade de Tuy, pisando com arrogancia e altivez, genuinamente portuguezas, o solo d'aquelles odiosos Filippes, seguido automaticamente, á distancia regulamentar, por alentado e escolhido artilheiro, como estabelece o regulamento de Sua Excellencia, o Senhor Conde de Lippe, eu tremo de respeito e envergonho-me de mim mesmo—pobre e mesquinho verme da terra.

Quando assisto á entrada de Sua Excellencia, solemne, magestoso, onnipotente, rutilante de oiro e pedrarias, constellado de *crachás*, faiscante de venéras,—no templo de Santa Maria, em festividade da Semana Santa, para mandar prevenir as auctoridades civis e ecclesiasticas, que superintendem no cerimonial, que está alli, para, como unico e fiel representante de Sua Magestade El-rei, n'estes burgos,^[16] depôr o osculo de respeito nos chagados pés do Senhor dos Passos, exactamente como, á mesma hora, faz o mesmo Augusto Senhor Rei, no templo da Graça—quando o vejo

aproximar vagarosamente da veneranda imagem, n'aquelle passo grave, solemne e arrastado de solas, com que os prophetas de barba de guita e cara borrada com pós de sapato, acompanham em Tuy o sagrado esquife, e o ouço depôr o respeitoso osculo, confundindo assim, em edificante e enternecedora homenagem, a magestade dos céos com a magestade da terra—quando sigo, depois, Sua Excellencia na retirada do templo, rodeado do seu luzido e brilhante Estado-Maior, essa pleiade de homens illustres, que representam o que ha de mais intelligente, nobre e indispensavel nas instituições militares do meu paiz, homens encanecidos em mil batalhas contra columnas cerradas de algarismos, cifras e cifrões de indomitas contas de feijão e batata, do rancho geral, ou dos cadernos da arrecadação dos puxa-frictores, morteiros, colubrinas, missagras, lanternetas, chapuzes, cepos, boldriés, sacres, caçoletas, falconetes, lanadas, cucharras, soquetes, munhões, sotroços, tringue-bales, tira e mette-buchas e outros tarecos velhos, que nas dependencias da Praça são do exclusivo dominio e usufructo dos ratos e aranhões, formando, no seu conjuncto, collecção superior, em inutilidade, á feira da Ladra—quando eu vejo tudo isso, meu Senhor, sinto-me mais pequeno do que um feijão fradinho; mais sumido, do que um certo parasita que Vossa Excellencia, d'essas alturas em que vive, não enxerga, mas com o qual, eu, infelizmente, estou relacionado, desde que commetti a imprudencia de (com licença de Vossa Excellencia) verter aguas, detraz das portas do Meio, onde tambem o faz a soldadesca!

Vossa Excellencia deslumbra-me; offusca-me; tem para mim as proporções d'um semi-Deus; mas quer Vossa Excellencia saber, respeitabilissimo Senhor?

Ha, por ahi, gente tão nescia, tão ignorante, tão alheia ao mechanismo d'esta complicada engrenagem das instituições sociaes, que chega a perguntar (perdõe-lhe Vossa Excellencia) para que serve o Governo da Praça, alliando, ainda, á ignorancia, a grosseria de lastimar que, do que a gente paga nas decimas, do que se rouba ao trabalho honrado e aspero do lavrador e do padeiro, se desviem 500 e tantos mil reis mensaes, obra de sete contos por anno, para ter ahi (que malcreados!) n'um rasoavel sybaritismo,

cinco ou seis servidores da patria, equiparados escandalosamente (dizem elles) em honras e proventos, ao official, que nos corpos atura, diariamente, o brutal trabalho do quartel, com enorme responsabilidade, com necessidade de instrucção e arriscado a, d'um momento para outro, receber ordem para expôr a caixa craneana á bala do trabuco assassino, que anda a monte, ou ao zagalote do bacamarte desordeiro e avinhado, nas grandes borgas eleitoraes.

Eu, até, já ouvi dizer, Excellentissimo Senhor, que se isso era por causa das procissões, das missas pela alma do Senhor D. Pedro IV, ou da recepção das musicas gallegas, o Governo podia muito bem contractar, para tal effeito, os *gigantones* de Tuy, ou os *barbacenas* da Guarda romana, porque eram de mais apparato, era outra limpeza e ficava muito mais barato.

Mas quer Vossa Excellencia saber ainda mais? Ha, até, n'esta terra de cafres, quem reponte com a posição original que Vossa Excellencia dá á sua boquilha, quando, nas ruas, se delicia com os aromas d'um bom charuto! Como se Vossa Excellencia, pelo simples facto de não ter Tosão, d'Oiro, que dá honras de principe e direitos a poder fazer a gente o que quizer, não tenha a plenissima faculdade de trazer uma coisa (a boquilha), como muito bem lhe appetecer, horisontal, ou ao dependuro, e como se esta ultima posição não fosse, realmente, a mais decente e apropriada á idade de Vossa Excellencia!

Ora diga-me Vossa Excellencia, agora que desceu commigo a estes profundos abysmos da ignorancia popular, se é, ou não, necessario applicar, de vez em quando, a estes barbaros, umas espadeiradas á Macedo, ou quatro *mimos* com o historico chicote do Bruto, digo, do Barão do Rio Zezere...

Excellentissimo Senhor!

Eu folgo de ter encontrado pretexto, para manifestar o meu respeito e veneração a Vossa Excellencia, mas, como esta já vae longa, abrevio o muito que lhe tinha a dizer e contar.

Não se incommode Vossa Excellencia com as más linguas. Nosso Senhor Jesus Christo perdoou aos que não sabiam o que faziam. As realezas da terra, meu Senhor, são representantes legitimos da realza dos céos. Affonso Henriques, quando em Ourique dava taponna na moirama, a folhas tantas, olhou para o céu e de lá fizeram-lhe um signal com a cruz, que queria dizer: *vences*. Constantino, quando se viu atrapalhado com os barbaros, olhou tambem para lá e o Padre Eterno fez-lhe o que a gente faz, quando está sentado na praia com o namoro, deante do futuro sogro e da rabujenta futura sogra e, não podendo dizer á rapariga: *amo-te, oh filha!* escreve sorrateiramente essas palavras na areia, com a ponta da bengala. Pois o Padre Eterno foi-se ás areias do céu e, com a vergastinha com que tosa a canalhada miuda dos anjos e seraphins, escreveu tambem disfarçadamente:

In hoc signo vincis.

Ainda ha mais exemplos, mas eu sou muito fraco em mnemonica.

Ora, sendo as realezas da terra representantes da realza dos céos, e sendo Vossa Excellencia representante da nossa realza, como muito e muito bem disse e declarou, ao annunciar o seu osculo nos chagados pés do Senhor dos Passos, *ergo*, por irrefutavel syllogismo, Vossa Excellencia é tambem representante n'esta terra, de Nosso Senhor Jesus Christo! Isto não falha.

Por conseguinte, Vossa Excellencia póde e deve perdoar, aos que não sabem o que dizem.

Eu não lhe aconselho isto com interesse directo, meu Senhor. Vossa Excellencia nada tem que me perdoar.

Eu adoro tanto as instituições da minha Patria, reputo tão necessarias e consentaneas, com as aspirações da epocha hodierna, as disposições dos regulamentos do sr. Conde de Lippe (que o diabo levou ha perto de 200 annos e podia, mesmo, ter levado logo ao nascer) das quaes, a mais branda e attenciosa é mandar varar por uma bala^[17] o desgraçado, que tenha o atrevimento de—utilizando-se da unica applicação d'essas muralhas e torturado com as ancias e arrancos de urgentissima necessidade

corporea, sem poder esperar um unico segundo,—baixar as calças, (permitta-me Vossa Excellencia a liberdade que vae expressa, ainda assim, em portuguez de lei, do que usava o Padre Antonio Vieira) que, se tivesse alguma importancia politica, se fosse homem de prestigio e d'estes que valem uma eleição, como os srs. Joaquim, Cardoso e seu amigo P. Cunha, Alvares d'Oliveira, Santa Clara e Agostinho que, unidos todos no mesmo partido, belliscados para a victoria do mesmo candidato, são capazes de levar á urna, não digo 6, mas, talvez, para cima de 3 votos, se fosse homem d'essas craveiras, repito, era capaz de ir a Lisboa, apresentar-me ao sr. Zé Luciano, ao Senhor Rei, se tanto fosse necessario, e reclamar energicamente, como indispensavel ao brilho das nossas instituições, ao prestigio do nosso exercito, á manutenção da nossa dignidade nacional, mais um segundo Governador, com um segundo... (não me lembro do nome... ah!) Estado Maior.

Sómente estabeleceria uma condição:—baseada no muito apreço, em que tenho os grandes homens da minha Patria; convencido da necessidade de haver aqui, na fronteira, nas barbas do hespanhol, quem dignamente possa representar o paiz—e seria: que, para fazer pár com Vossa Excellencia, não me dariam outro bis-Governador, que não fosse o grande, o saudoso, o inimitavel

Zé da Rosa!!

*

E se tal conseguisse, ai que alegria a minha, quando encontrasse Vossa Excellencia na rua de S. João, com a gravidade propria a um representante de Sua Magestade El-Rei, de braço dado ao sr. Zé da Rosa, outro representante de Sua Magestade (a Rainha, não meu Senhor?), seguidos por Sua Excellencia o Senhor Vice, com o seu chapéo de pennas de capão, e com a espada politica de Brenno, ao lado do outro Senhor Vice (quem devia ser? O sr. Roldão, por exemplo. É da arma de cavallaria...) e depois, atraz, o Senhor Baptista da Senhora do Faro com os outros Estados-Maiores; e depois ainda, atraz, muita gente, a sociedade do *Provarei*, o Fileiras,

o João de Ganfey, o Senhor Martinho, que deitava *la coca*, o Capellão (o n.º 2), todos os paradas-velhas, etc., etc.

Com que arrebatamento então, meu Senhor, eu perderia as estribeiras e, mandando para o diabo a minha seriedade de Juiz de Paz, de irmão da Misericórdia, de pae de filhos, como eu saltaria para a frente de *Vocellencias* e perdido, entusiasmado, louco, distribuindo pançadinhas e piparotes e atando nas Excellentissimas trazeiras este raboleva de ridículo,—que é a suprema essencia de toda essa grotesca mascarada, com que gargalhada homérica, ensurdecedora, colossal, lhes não bradaria:

—Oh que rica tropa fandanga!

—Quebra esquina, minhá gente!

Com o respeito devido a um Representante de Sua Magestade El-Rei, sauda *Vocellencia* o

Zinão.

IV

Uma descoberta do Dr. Charcot

Accedendo a frequentes reclamações diplomaticas do governo de Sua Magestade, o Imperador do Brazil, resolvera o Governo de Sua Magestade El-Rei de Portugal, que o primeiro fôsse auctorizado a expulsar dois cidadãos portuguezes que, segundo officialmente se asseverava, incalculavel prejuizo estavam causando ao regular movimento dos negocios commerciaes e, portanto, ao desenvolvimento material d'aquelle florescente imperio.

Não se fundamentava a necessidade da expulsão na cumplicidade em crimes politicos; attentados contra o Imperador, ou imperial familia; propaganda de ideas reaccionarias; troça ás preciosas producções poeticas de Sua Magestade; capoeirada nos chimpanzés da policia urbana, ou assuada ao Senhor Conde d'Eu.

Allegava-se, unicamente, que esses individuos, penetrando nas repartições do Estado, nos estabelecimentos commerciaes, nos grandes edificios de industria, nas escolas, nas egrejas, nos clubs, nos passeios publicos, nas chacaras e nos *xadrezes*, em qualquer parte—emfim—interrompiam as manifestações da actividade d'aquelle labôrioso povo e creanças, mulheres e homens abandonavam, immediatamente, o exercicio de qualquer mestér, fugindo espavoridos e como fustigados, por mal extranho e desconhecido.

A origem d'aquella nociva influencia, a natureza dos phenomenos que ella produzia, a complexidade dos seus effeitos, escaparam, sempre, á perspicacia dos doutos Galenos das terras do sabiá, porque as mesmas propriedades repulsivas obstavam ao demorado exame, que o caso requeria.

Annunciava, n'essa epocha, o eminente Pasteur os seus primeiros trabalhos sobre Microbiologia, que tão poderosa influencia

vieram exercer na orientação das sciencias medicas; e não faltou, no estudo investigador dos clinicos d'alem-mar, a applicação das novissimas theorias, com pacientes trabalhos de microscopio, observações por analyse e por synthese e outros processos que a Chimica medica aconselha e, até, com demoradas experiencias nas fezes em acção sobre os órgãos das cinco funcções especiaes da sensibilidade, incluindo a pituitaria e a membrana, onde se ramifica o nervo de Wrisberg.

Lembrou-se alguém de classificar aquelles phenomenos, como *suggestões motrizes* do moderno Hypnotismo; mas Charcot, Richer e Bernheim, consultados sobre o caso, oppozeram-se á diagnose, visto que elles se manifestavam sempre com a mesma intensidade, isto é, que todos os individuos soffriam equal influencia repulsiva e não se evidenciavam as differenças na sensibilidade á hypnose, que nos *sujets* estabelece, como caracteristico, a diversidade de circumstancias physiologicas e pathologicas.

Nada se podia descobrir.

Havia no organismo dos dois individuos uma propriedade repulsiva, identica á das tremelgas, ordem dos selacios, grupo dos peixes cartilaginosos; mas desconheciam-se os elementos constitutivos d'essas propriedades e elles continuavam a exercer, em toda a parte, e a toda a hora, a sua funestissima influencia.

Uma unica circumstancia se pôde descobrir, graças á perspicacia do mais reputado Esculapio da Tijuca, a quem se deve a preciosa descoberta da cataplasma de linhaça e foi: que diminuia, consideravelmente, a intensidade d'aquelles phenomenos, quando se isolavam os dois individuos, ou quando permaneciam incommunicaveis.

Utilizando-se d'esta descoberta, o Governo do Imperador, attendendo aos laços de sangue e affecto, que unem os dois paizes, resolveu exportar a praga em epocha e vapor differentes. Assim se fez, com effeito.

O governo portuguez, assustado com o flagello, que subitamente cahia no solo da Patria, reuniu immediatamente a Junta de Saude e,

por indicação d'esta, foram os dois compatriotas enviados a Pariz—onde, n'outras esphas e com outros horisontes se dilata a intelligencia humana—para lá serem submettidos á analyse dos grandes Mestres da Sciencia.

Após demorada observação e attento exame, o eminente Charcot, encontrou, emfim, a resolução do problema, que largamente foi demonstrada no *Boletim da Academia de Medicina de Pariz*, (mez de novembro de 1876) e, com prodigioso interesse, escutada por selecto auditorio, na mesma Academia, em sessão extraordinaria de 27 de dezembro, do mesmo anno.

Não tendo aqui, presente, a lucida exposição do eminente sabio, limito-me a reproduzir, e certamente d'uma maneira deficiente e incompleta—attendendo á escassez dos meus conhecimentos scientificos—a theoria, em que Charcot baseou a explicação do estranho phenomeno.

*

V. Ex.^a sabe, como a moderna Sciencia explica, na Acustica, a producção e a propagação do som.

«O som é o resultado d'um movimento vibratorio, communicado á materia ponderavel»—eis a base da theoria, hoje adoptada e conhecida por «theoria das ondulações».

Conhece, tambem, o mechanismo da voz humana. A voz provem da acção do ar nas cordas vocaes. O ar, que sahe dos pulmões, produz, n'essas cordas, vibrações, mais ou menos rapidas, que transmittindo-se ás paredes da larynge se tornam sonoras, e que, depois, a acção combinada da lingua, das maxillas e dos labios, altera modifica e articula.

Conhecido é, tambem, o mechanismo da audição. As vibrações executadas pelas cordas e transmittidas, em ondas, ao ar exterior, chegam-nos ao pavilhão do ouvido e vêm, pelo tubo auditivo, actuar na membrana do tympano. Seguem, depois, até ao ouvido medio, no ar n'elle contido, e, pela cadeia do estribo, do martello, da

bigorna e do osso lenticular, reproduzem-se, ainda, nas membranas das janellas redonda e oval, communicam-se ao liquido, que existe no ouvido interno e d'alli, pelos filetes do nervo acustico, ao cerebro. [18]

A potencia das vibrações, o deslocamento, mais ou menos violento, das ondas sonoras depende, portanto, alem d'outras circumstancias, da força com que os pulmões fornecem o ar, e da maior ou menor vibratilidade das cordas vocaes. Por isso, vêmos individuos com voz forte e penetrante, como o sr. Barros, e outros, com voz debil e sumida, como o sr. Nunes de Azevedo, que difficilmente se percebe.

Ora succedia que, por uma disposição especial dos pulmões, da larynge e das cordas vocaes, aquella força expulsiva do ar e a vibratilidade das cordas, existiam nos dois individuos em grau extraordinario e ainda desconhecido para os mais eminentes physiologistas. D'essa disposição especial resultava, tambem, que a voz, já potente e forte, obtinha, ainda, consideravel augmento de intensidade com a reflexão nas paredes da larynge, attingindo o que em Acustica se denomina *resonancia*.

Quando as vozes não encontravam obstaculo, pouco se conhecia esse augmento de intensidade, porque, então, se perdiam na atmosphaera; mas, se as ondas deslocadas por cada uma se encontravam, era tal a violencia do choque e das vibrações, d'elle provenientes, que só a poderemos comparar, nos grandes phenomenos da Natureza, á rapidez e violencia das ondas do Oceano quando, açoitadas por furioso vendaval, avançam, chocam-se, equilibram-se com medonha expansão de força, recuam para formar novo salto, até que uma perde a força resistente, e a outra vence, esmigalhando, com espantoso ruido, tudo o que se oppõe á sua passagem.

Este effeito destruidor soffriam todas as peças dosapparelhos auditivos, que o circulo da primeira projecção podia abranger.

As membranas do tympano dilatavam-se n'uma dolorosa expansibilidade; o martello batia desesperadamente na bigorna com o mesmo furor, com que Mestre Borrvalho batia a sola, quando não

era director dos Presidios civis; o estribo andava aos saltos, como anda em corcel fogoso, quando, no meio da batalha, entre o rugir da artilheria e o sibilar das balas, perde o cavalleiro e parte, desvairado e furioso.

Na trompa de Eustachio desencadeava-se um verdadeiro cyclone.

Nem as trombetas de Josaphat, n'esse terrivel dia do Juizo final, poderão egualar o infernal ruido, que supportavam osapparelhos auditivos.

Depois, para aggravar o flagello, dotára Deus os dois individuos com uma extraordinaria loquacidade, e constante verborrhea que, de dia e de noite, lhes agitavam nervosamente os labios para questionarem, discutirem, argumentarem sobre tudo e sobre todos, em portuguez, em francez, em latim, em allemão, em quantas linguas vieram de Babel.

Era sempre de funestos resultados, de dolorosas consequencias a sua presença, e por isso, homens, mulheres e creanças fugiam, prestes, ao sentil-os, interrompendo todas as manifestações da sua actividade e todo o exercicio dos seus mestéres.

Desculpavel fôra, pois, o proceder do Governo brasileiro, expulsando os nossos compatriotas.

*

Ora aqui tem V. Ex.^a, sem exaggero, sem alterações da verdade (que, por ahi, n'este assumpto, tanto tem sido alterada) subordinada a rigorosa demonstração scientifica—a razão, porque regressaram a esta terra, e se respeitam, e se evitam, a ponto de viverem separados pelas grossas muralhas da Praça, os nossos amigos:

Leopoldo Gomes
e
Abilio Lucas.

*

Evitam-se e respeitam-se—disse eu, e demonstro.

Um vive dentro, outro fóra. Um foi a Paris em 75; outro em 79. Quando um é da Camara, o outro é da Commissão do Recenseamento. Abilio é socio da Assembleia e frequenta-a; Leopoldo despede-se. Entra novamente Leopoldo; Abilio deixa de frequentar aquella casa. Leopoldo conta a historia dos relógios; Abilio sorri maliciosamente e insinua a duvida; explica Abilio o remedio, que descobrira o ilheu, para salvar a *senhora mãe*; Leopoldo mastiga em secco e pisca o olho para os circumstantes. Um faz-se agricultor e trata de terras no Arraial, em Picões, na Esplanada; o outro faz-se politico e «*provarei*». Entra o segundo na Politica activa; desvia-se o primeiro, e trata de terras em Gondomil—polo opposto. Um, gosta do *Capellão* e *fala-lhe* a miudo, como homem temente a Deus; outro, não se dá com esse *ministro do Senhor* e rosna-se, até, que tem as suas questões com elle. Um, move-se, agita-se, apparece de manhã na villa, ao meio dia em Monsão, á tarde em Gandra e sempre a pé; outro, limita o exercicio dos seus membros locomotores á loja do sr. José Lopes, ou do sr. José Seixas.

É evidente, palpavel, esta incompatibilidade, esta heterogeneidade de individualidades, que se origina na intima convicção, que elles teem da sua influencia destruidora e no accordo, ou *modus-vivendi*, que, para mutua conveniencia, secretamente estipularam, ao fixarem a residencia na terra, em que nasceram.

*

Quando, ha annos, estive em Paris, no regresso da minha viagem de estudo pelo Oriente—á Mongolia, ao Turkestan, a Nippon, a King-Ki-Tao e outros centros da Asia—onde fui recolher materiaes e elementos comparativos de civilização, com os da minha terra, para a composição d'este livro, encontrei-me, na Academia de Medicina de Paris, com o sr. Zagallo, que alli estudava, commissionado pela Excellentissima Camara d'esta villa, a organização do serviço de Hygiene publica, indicado, por aquella faculdade, á municipalidade

parisiense;—missão, essa, que Sua Excellencia, tão brilhantemente desempenhou, e que tão beneficos resultados produziu para esta povoação, como se prova com esse elegante, commodo e original *water-closet* do jardim publico.

Tive, n'essa occasião, a honra de ser recebido pelo eminente dr. Charcot.

Falando no meu paiz, alludiu o illustre clinico aos dois portuguezes, que em 74 examinára, por recommendação do Governo; e foi grande a sua admiração, quando lhe affirmei, que com elles vivia em Valença, e que, ha dez annos, permaneciam na mesma localidade, se bem que, nas condições especiaes de isolamento, que já referi.

Mas, a minha asserção tocou para Charcot as raias do inverosimil, quando, á supposição, que me apresentou, da existencia inevitavel de graves doenças e perturbações no apparelho auditivo dos meus conterraneos, sujeitos á convivencia e aos perigosos effeitos da presença e communicabilidade d'aquelles amigos, eu lhe affiancei que não eram essas enfermidades, as que mais avultavam nas estatisticas da secção de Hygiene municipal.

Charcot fazia bem em duvidar. Eu faltei á verdade, e a isso me levou a amizade, que a esses Cavalheiros me liga, e a repugnancia, que tive, em tornar odiosa, para o eminente sabio, a existencia de dois patricios, que tanto prezo, acato e... respeito.

Mas V. Ex.^a sabe o que por cá vae...

V

Perfis

Abilio

Examinando-os, apreciando-os isoladamente, reconheço os valiosos serviços que os meus amigos—Abilio e Leopoldo—teem prestado ao desenvolvimento material e intellectual da nossa terra; e não se esquiva a minha consciencia a declarar, que são uteis e, mesmo, indispensaveis, entre nós, as suas individualidades.

Abilio entrou, por um generosissimo impulso de gratidão, na Politica activa de Valença.

Accusam-n'o de violento, de precipitado, de faccioso, ou, como diz o povo, de... petroleiro. Eu classifico todo o seu proceder politico, como o de um innocente noviço, ou ingenuo collegial.

É um homem, meus senhores, que trabalhando ha seis annos em eleições, n'esta terra, independente em Politica, como se sabe, tem sustentado a creancice de seguir um só partido e respeitar uma só opinião—a dos regeneradores!!!

Ora isto, em Valença, se não indica falta de senso, revela excesso de ingenuidade e para esta ultima hypothese me inclino, porque não admitto que, para umas manifestações da mentalidade humana, haja falta de senso e isso se não dê com as outras.

Abilio é, pois, um ingenuo politico e—o que mais é—um ingenuo faccioso. Referindo-se á administração progressista, tem a eloquencia de Danton, a arrebatadora oratoria de Robespierre, a impetuosa dialectica de Cassagnac.

É violento, incisivo, caustico.

N'aquellas medonhas explosões de colera, fere, trucida, chacina, esposteja nas hordas contrarias, como S. Thiago na moirama.

Chega a rubro a temperatura da sua palavra.

«É preciso, meus senhores, mostrar ao povo os seus direitos, para que elle saiba expulsar, a chicote, das cadeiras do poder e *de tudo aquillo*, esses bandidos, sem eira nem beira, que estão delapidando os dinheiros publicos e *tudo aquillo*, que representa o trabalho honrado do povo, o suor do seu rosto, *tudo aquillo*, que ganha para o sustento dos seus e de *tudo aquillo*, que lhe pertence.

As nossas finanças vão, de cada vez, a peor, *tudo aquillo*, que representa a riqueza da nação vae parar, vae sumir-se n'esse insondavel abysmo de ladroeiras, de arranjos, de afilhados, de *metades, de tudo aquillo.*»

.....

N'este periodo de excitação, Abilio deixa-se apoderar, tanto, da sua convicção partidaria, perde, de tal fórma, a cabeça, que se esquece de tudo e de todos, concentrando todo o seu ser, toda a sua vitalidade na idea e na palavra, com que, mais rapidamente, possa inutilizar o adversario.

É assim que, ás vezes, o vemos sahir de casa, arrebatado, irado contra algum *arranjo*, que lhe foram annunciar, e entrar, precipitadamente, na sala das sessões da nossa Excellentissima Camara, com uma bota branca, outra preta; assoar-se a uma luva, suppondo-a um lenço; metter o cigarro na bocca pelo lado acceso; tirar rapé d'uma caixa de phosphoros—perfeitamente allucinado, colerico, perdido!

Originam-lhe inimigos estes arrebatamentos; mas se o Papa, como unico correspondente, cá na terra, do Padre Eterno, me enviasse o livro das informações particulares, que hão-de influir no tremendo dia de Juizo e d'onde dependerá, ou a nossa absolvição, ou a condemnação ás caldeiras de Pero Botelho, em que fazem caras tão feias aquelles bispos mitrados, que por ahi vemos nas *alminhas* dos caminhos ruraes, na folha corrida do Abilio, eu não hesitaria—desassombradamente o declaro, sem pretenções a

adulador, sem interesse occulto presente ou futuro, sem desejar provar a *Paraty*, ou tencionar pedir dinheiro emprestado—em exprimir o conceito e a consideração, que este homem me merece, sobretudo quando a lente da minha observação se desvia um pouco do campo, que lhe tracei para a critica e m'o apresenta no outro, que respeito em todos: a familia,—n'estas cinco palavras:

É um homem de bem.

E ao escrever isto, com plena consciencia e convicção, vem-me á lembrança, *não sei como, nem porque*, a constante recommendação, que o meu tutor me fazia, quando, ao partir para os estudos, me introduzia na mão, com uma generosidade vanderbiltica, coisa de dois patacos em cobre, com estas reflexões de moral preventiva:

—Ahi tens dinheiro... Tem juizo; foge dos cafés, das ruas de movimento e... das más companhias.

... das más companhias...

Para fugir d'ellas, e dos seus perigos, é que se fundou a sociedade dos *Provareis*...

Valha-me Nosso Senhor Jesus Christo!

Que tentações...

Leopoldo

Leopoldo é um homem de costumes austeros. Podia muito bem morar na rua de S. João, ao lado do sr. Joaquim.

Tem predilecção pelos estudos archeologicos e o seu nome é citado, com respeito, na Sociedade Martins Sarmento.

É homem versado em anthropologia. Possui as obras de Cuvier e de Quatrefages.

Conhece diversas linguas, mortas e *vivas*, e entusiasma-se, quando as vê manejar *com pericia*, como lhe succedeu em Paris,

com aquelles sêres pertencentes á classe dos mammiferos, ordem dos carnivoros, familia dos *canis familiaris*.^[19]

Tem ideas avançadas em materia religiosa. Sustentou, ha tempos, uma questão de philosophia racional, relativa a crenças, tendo por oppositor o sr. Tenente Silva e com tal arte se houve, que fez calar este cavalheiro!!!

É copiosamente lido em sciencias naturaes e, concedendo-se-lhe vinte e quatro horas de praso, apparece armado de ponto em branco, com quantas theorias antigas e modernas se debatem entre sabios.

Como polemista, tem um grande merecimento: não deixa falar o adversario, o que é de incontestavel vantagem para quem... padece do peito.

Acceita as theorias de Lamarck e de Darwin; crê na existencia do homem terciario e, se Carlos Ribeiro o não classifica, talvez ainda viessemos a ter o *Anthropopithecus Leopoldi*.

É homem illustrado. Foi á China, ao Japão, ao Perú, a toda a parte. Fez encavacar Pio IX, deu uma pitada a Grevy, um piparote a Crispi, bateu na pança de Gladstone, offereceu rebuçados a Bismarck.

Não vae feito com as realezas. O verdadeiro fóco, para que elle faz convergir a sua actividade intellectual, é a Sociologia, na parte repressiva da immoralidade e na que estuda a protecção aos menores.

S. Vicente de Paulo merece-lhe entranhado culto.

Tem sido, por vezes, camarista e no desempenho das importantissimas funcções d'esse elevado cargo, evidenciou, sempre, a mais extraordinaria actividade.

Todos se recordam, ainda, d'essa memoravel sessão, em que elle apresentou, defendeu e discutiu dezenove propostas! O caso foi falado nas gazetas, mas, como as edições, na nossa terra, se exgottam rapidamente, eu vou reproduzir essas propostas e repetir as considerações, com que foram acompanhadas:

*

Plena sessão camararia. Galerias concorridas. Tachygraphos a postos.

Leopoldo, de casaca e gravata branca, sobe, solemne e grave, ao estrado; faz uma delicada venia ao sr. Zagallo; deixa passar um minuto de longo silencio e severa concentração dos espiritos; ergue a fronte, agita os labios e exclama:

Senhor Presidente!

Respeitaveis collegas e senhores.

Illustrado auditorio!

Eminentes publicistas e philosophos, consultando os trabalhos recentemente publicados nas nações mais civilizadas, teem evidentemente demonstrado a enorme differença e aterradora diminuição que, de anno para anno, se nota nas estatisticas da reproducção humana.

Os excessos perniciosos da Civilização, com o cortejo de gosos corporeos e sensuaes de toda a especie, enfraquecem a raça, definham o individuo, tornando-o inapto para aquella funcção, aliás importantissima para a estabilidade das nações e para o desenvolvimento da riqueza publica.

Com effeito, senhores; que seriam os preciosos filões d'ouro da California, os jazigos, não menos preciosos, da hulha; que seriam esses uberrimos territorios da America, se não fosse o homem, para com o seu braço e a sua intelligencia arrancar da Terra tanta riqueza e tanta maravilha?

O que seria da Agricultura? O que seria do Commercio e da Industria?

Senhores!—Abrem-se, presentemente, á actividade do homem, novos campos, novos e dilatados horisontes n'essas, até hoje, mysteriosas e legendarias regiões africanas. O Brazil, a Europa do futuro, estende a sua acção civilizadora por essas enormes provincias, até hoje, despovoadas e desertas.

Braços, muitos braços: homens, muitos homens—eis o *desideratum* para este importantissimo problema do futuro.

Verdadeiramente benemerito, pois, se torna da Patria, da Civilização e da Humanidade todo aquelle que, directa ou indirectamente, contribuir

para valer áquella necessidade, aggravada, ainda, com o enorme desfalque, que as estatisticas accusam.

Como homens do seculo XIX, que possuem a completa intuição dos seus deveres sociaes, temos, até hoje, prestado bom serviço a tão sagrada causa^[20] e aos vossos sentimentos humanitarios e illustração recorro agora, pedindo attenção para as propostas que, sobre tão momentoso assumpto, vou ter a honra de apresentar^[21].

1.^a

Proponho a fundação d'um hospicio para expostos, que ponha côbro aos frequentes actos de barbaridade, que por ahi diariamente se commettem, com a exposição de creanças nos portaes e nas muralhas.

2.^a

Fica a Camara auctorizada a contractar provisoriamente, na vizinha villa de Coura, seis robustas camponezas, para exercerem as funcções de amas.

3.^a

Como actual fiscal do pelouro dos expostos, sou auctorizado a fiscalizar, os trabalhos das ditas amas e a verificar se, fiel e rigorosamente, são aptas, para todo o serviço.

4.^a

É expressamente prohibida, para manutenção da Moral no interior do mesmo Hospicio, a entrada a qualquer pessoa do sexo masculino, com excepção do vereador do pelouro—que sou eu—e isso, para o exercicio das funcções mencionadas no precedente artigo.

5.^a

Fica expressamente determinado, na acta d'esta sessão, que nunca poderão exercer as attribuições de fiscal do Hospicio, os ex.^{mos} srs. Abilio, Vieira e José Seixas, attendendo, simplesmente, a que para tal cargo se exige uma actividade inconcussa, zelo inexcedivel, o que esses Cavalheiros não poderão offerecer, porque não são livres, como eu, que estou solteiro.

6.^a

Como consequencia do artigo 4.^o, não pode haver Capellão no Hospicio, que pode ser substituido por irmãos de Caridade, para os exercicios da religião. Para a sua competencia n'esse mestér, consultará a Camara o muito digno Capellão do Hospital, o sr. Padre Melim, varão de excelsas virtudes e preclaro entendimento.

7.^a

Será limitado o numero de expostos, que o Hospicio possa recolher; mas ao Vereador do pelouro—que sou eu—é concedida a faculdade de admittir as que faça, encontrar pelos guardas nocturnos, em perigoso estado de saude.

8.^a

Como consequencia ainda do artigo 4.^o, não poderá haver medico no Hospicio e, para tratamento das creanças e das doenças, ou quaesquer, accidentes, a que podem estar sujeitas as amas, no exercicio, das suas funções activas, será contractada a Senhora Dona Maria do Hospital.

9.^a

É auctorizado o Fiscal do Hospicio—que sou eu—a, para rigorosa e permanente fiscalisação, poder passar as noites, quando o entender necessario, com as creanças e, com as amas.

10.^a

Se no fim de seis, oito ou, nove mezes, qualquer das amas apresentar symptomas de doença grave, dilatações, de tecidos, etc., cessará o contracto provisorio e o Fiscal—que sou eu—arranjará, logo, outra que a substitua.

11.^a

Em urgente caso de perigo, só o Sr. Dr. Pacheco pode ter entrada no Hospicio, attendendo a que é impotente, a maledicencia, quando d'elle se refere; e a que bem publica e notoria é a sua honestidade, como por ahi firmemente o attestam os seus *dois creados*, e todas as pessoas com quem intimamente vive, que são unanimes em apontar S. Ex.^a, como um real modelo de virtude.

12.^a

É auctorizado o Fiscal—que sou eu—a contractar, para o serviço interno, tres raparigas das suas relações e de que já conheça, praticamente, as aptidões e trabalhos.

13.^a

Fica revogada toda a legislação em contrario.

14.^a

PELOURO DE HYGIENE PUBLICA—SECÇÃO DO COMMERCIO E
INDUSTRIA

É permittida a matricula a diversas pessoas de determinado sexo, para a industria do methodico uso e regular acção de determinadas funcções da vida vegetativa.

15.^a

É expressamente prohibida a entrada na villa, a individuos extranhos e de sexo differente, que venham prejudicar, com illegal concorrencia e depreciação de valores, a industria da terra. Esta prohibição será extensiva até, ao proprio Julio Cesar, (apesar da protecção da *gente graduada*.) se elle resuscitar.

16.^a

É nomeada uma commissão, composta do fiscal do Hospicio—que sou eu—do sr. J. Narciso e do sr. Joaquim, para organizar uma tabella de preços d'aquelles trabalhos, nas diversas variedades, que tal Industria hoje possue.

17.^a

Fica expressamente determinado, que não poderão fazer parte d'esta Commissão os ex.^{mos} srs. dr. João Moraes, Alpoim, J. Soares e Albino, porque por vezes, publicamente, teem manifestado uma tendencia para elevar, demasiadamente, os valores dos productos de tal Industria, o que é nocivo para a povoação.

18.^a

É nomeado, para Inspector sanitario d'esta secção, o sr. Augusto Sampaio.

19.^a E ULTIMA

A presidencia d'esta nova instituição municipal será offerecida, como manifestação de consideração e respeito, ao Senhor Marquez de Vallada.
[\[22\]](#)

Escusado será dizer que todas as propostas foram approvadas e por unanimidade.

Albininho...

Pertencia-te agora a vez... Davas para vinte folhas; mas salvas-te d'esta.

Ha poucos mezes, ainda, corriam as lagrimas n'essas barbas brancas...

Cahiu-me uma nas costas da mão e, em casa, fiz-lhe a analyse chimica.

Deu-me: agua, albumina, chloreto de sodio; encontrei moleculas d'um outro elemento, que é a base da affinidade social:—o affecto da familia. Percebi, tambem, vestigios d'uma grande dôr.

Respeito-a...

Mas, quando os atomos d'essa lagrima se desaggregarem, por evaporação, e continuarem na Natureza o giro constante e permanente da Materia, então, se me appareces... entras na berlinda.

Não te entristeças, que este livro é para rir e, quem o escreve, é um dos teus amigos.

Vira a folha e...

vamos a outros.

VI

Coisas de Igreja

Beatas—Procissões e Romarias

Terminára a faina do dia.

O fogo que elevára a temperatura nos grandes caldeirões do Olympo, onde se manipulava a Humanidade, consumia, apenas, carvões isolados que, pouco a pouco, se transformavam em cinzas.

Os cyclopes, destacados por Vulcano para essa secção da grandiosa fabrica da Natureza, que o proprio Jupiter dirigia, raspavam, apressadamente, nos grandes extendedores, a massa, que ficara collada, e deitavam-n'a, como inutil, nos baldes do lixo e da immundicie.

Jupiter encastellava o dinheiro das ferias; fechava a escrevaninha; trocava a japona da fabrica pelo manto de arminho, e dispunha-se a sahir, tocando de passagem a sineta, para se fechar o estabelecimento.

Mas n'isto, principiou a elevar-se do caldeirão que estava proximo, cheiro activo e nauseabundo, (como o do esturro em guisado francez) que, espalhando-se na atmosphaera, seriamente incommodou a regia pituitaria.

Aproximou-se Jupiter e olhou.

No fundo do pote, já com a côr do carbonisado, estrugia o resto da massa que ficára, da que n'esse dia se tinha dosado para a preparação dos hypocritas. Pouco valor aquillo tinha, porque era da mistella mais vulgar e mais facil de preparar; mas Jupiter não perdia ensejo de incutir nos seus operarios os deveres d'uma administração rigorosa e economica.

Ordenou, pois, a dois cyclopes que trouxessem do barril do lixo algumas aparas, recommendando que preferissem as mal-cheirosas e de côr escura, que pertenciam á massa dos invejosos e dos usurarios.

Avivaram o fogo; deitaram os novos elementos no caldeirão; remexeram com o cabo d'uma vassoura, porque a ferramenta já estava guardada e limpa; e, depois de cinco minutos de ebulição, Jupiter provou a mixordia. Estava sobre o insipido.

Deitou-lhe umas pitaditas de sal e de pimenta, com que preparava os maldizentes.

Provou de novo. Estava picante de mais.

Temperou, então, com o betume dos ociosos; e deixou ferver tudo, durante outros cinco minutos.

Os cyclopes retiraram o caldeirão. Trouxeram os moldes; vazaram n'elles a massa, que se conservava no estado pastoso e esperaram.

Pouco tempo depois, Jupiter aproximou-se; arrotou, e dos moldes sahiram duas coisas, duas formas humanas, com movimento, côr e vida.

Eram duas mulheres.

Ora Jupiter não se podia demorar, porque combinára, para aquella hora, uma entrevista com Europa, e os cyclopes principiavam a murmurar, porque dera a hora e tinham as familias á espera.

Assim, mandou Jupiter abrir o postigo do Olympo, empurrou até lá as mulheres e atirou com ellas, cá para baixo, com um valente pontapé.

Por esse ether fóra, assustaram-se as creaturas; agarraram-se uma á outra afflictivamente; principiaram a rezar a *Magnificat*, a *Ladainha*, e assim foram cahir sobre o telhado d'uma igreja, aterrando o escorropicha-galhetas, que se deliciava, occultamente, com os restos do precioso sangue de Christo.

Aqui tem V. Ex.^a como chegaram as beatas ao globo terraqueo, e ahi fica a formula da sua composição molecular: aparas de hypocritas, de usurarios, de invejosos, de maldizentes e de ociosos.

Representando esses elementos pelos respectivos symbolos, poderemos estabelecer:

$$H^5 + M^4 + I^3 + O^2 + U = \text{Beatas}$$

*

Aquellas moléculas da Hypocrisia e da Ociosidade deram-lhes fácil e rápida admissão na sociedade.

Casaram; reproduziram-se; e, em pouco tempo, estava a raça extraordinariamente desenvolvida e disseminada por toda a parte, desde a cidade populosa e civilizada, até á aldeia humilde e rude.

Cá as temos e cá as aturamos... Submettendo-as agora, para as descrever, a rigorosa analyse, encontrei-lhes todas as propriedades dos primitivos elementos.

Vão á missa das sete—*uma missinha que faz muito arranjo, porque dá tempo de arranjar a casa e de se mandar, á praça, cedo.*

Rezam; inspeccionam tudo o que se faz e tudo o que entra na igreja; communicam e transmittem as novidades do soalheiro; e, entre o cochichar do *Padre Nosso*, segue uma enfiada de casos novos e de commentarios:

Padre Nosso, que estaes no céu (e o vestido novo que hontem levou a X ao jardim! É da Torrona. Ficou a dever. O Blanco é que as canta...) santificado seja o Vosso Nome (acabou o namoro da filha do Y, porque a Mãe bateu-lhe. Diz que o rapaz gosta muito de mulherinhas) venha a nós o vosso reino e seja feita (sahiu a creada da casa do W. Oh menina! Sempre ella conta coisas... Diz que tem a casa como um ôvo! Comem todos os dias prato de meio!) a vossa vontade, assim na terra, como no céu (Lá entrou o Velloso... que raio de homem! Tem mais de vinte namoros. É como o Prado! Elle é elegante, isso é! Já lhe reparaste nas pernas?) o Pão nosso de cada dia nos dae, Senhor, perdoae-nos (oh... Faltava aquelle... o Leopoldo. Tambem já podia casar... Para o que anda por ahi a fazer...) as nossas dividas, assim na terra, como (agora é o dos pombos correios... Tambem é fresco, com aquella cara de santo...)

Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus...

Como V. Ex.^a póde suppôr, a *fervorosa* oração foi cortada pelo badalo do sachrista, que tocou a Santos. Se elle não interrompe, o que teriamos nós de ouvir...

*

Este beaterio é muito casto e excessivamente pudibundo.

Na igreja de S. Estevão ha uma Virgem do Leite, que, se não é, realmente, uma preciosidade artistica, é, com certeza, a melhor tela que existe em Valença, não falando—já se vê—n'aquellas caras de malagueta e colorau, todas com a mesma fórma e feitio, que o sr. Julião exporta, mensalmente, para as salas nobres dos hospitaes minhotos, a soberano por caveira, com dez por cento de abatimento, por duzia.

Pois o beaterio scandalizou-se com a nudez dos peitos da imagem, isto é, repugnou-lhe que se visse o que na mulher representa a sua missão mais nobre, mais elevada e mais santa—a maternidade. E a instancias d'esses respeitaveis camafeus, muito castos e muito pudibundos, mas que nunca faltam á Rosinha Ferreira, quando ella representa; e mandam logo de manhã comprar bilhete, e dão pançadinhas com riso, e coram (não de pudôr) e se apimentam, e se agitam, nervosas, na cadeira, quando Lili conta as suas coisas—a instancias e reclamações d'essa gente, repito, uma auctoridade ecclesiastica, que eu agora respeito, porque já não está entre vivos, mandou, por um caiador de Arão, borrar os peitos da imagem!!!

Isto, minhas senhoras e senhores, em pleno seculo XIX, n'uma terra que tem dois jornaes, correspondentes varios de ditos, representantes de Sua Magestade El-Rei, Vigarios geraes e não geraes, Conegos Presidentes, e não Presidentes, Capellães, etc., etc.! E entre toda essa gente, que sabe ler e escrever, segundo se diz, não houve um unico homem que corresse a pontapés o cafre de Arão, reproduzindo-lhe com a biqueira da bota, ahi pelas alturas do coccyx, os borrões com que profanou a imagem!

*

O beaterio communga quinzenalmente e confessa-se duas vezes por semana, a padres velhos, surdos e rançosos.

Padres novos são o diabo!

Até os Patriarchas fazem das suas... Ainda não ha muito tempo, que os aparelhos de Morse, de Bandot, de Hugues e os telephones da Hespanha e França, não designavam outras palavras, alem de: *as botas?*

José Luciano perguntava a Vega d'Armijo: *as botas?* Vega d'Armijo perguntava a Carnot: *as botas?* Carnot reperguntava ao Luciano: *as botas?*

Em Pariz, Madrid e Lisboa não se falava n'outra coisa.

Averiguado o caso, fôra o Patriarcha das Gandricas que, em Salamanca, se enamorára perdidamente dos *ojos* negros d'uma andaluza. Gargalinho, seu companheiro, arrastava a aza á sopeira.

A andaluza dava, com certo recato, nocturnas entrevistas. Uma vez, quando o Patriarcha se inebriava com os effluvios do amor... platónico, surgiu o protector da *niña*, de *cuchilla* toledana em punho.

O Patriarcha saltou, em meias, pela janella. Gargalinho sumiu-se debaixo da cama; quando de lá o tiraram, tanto puxaram pelo pescoço, que ficou como o do P. Alexandre.

Do *Alcalde* reclamou o Patriarcha as botas; o *Alcalde* officiou ao Consul; o Consul officiou ao Ministro. Não appareceram as botas e o Patriarcha andou na Exposição, subiu á Eiffel, visitou o Carnot, com o seu inseparavel capote de forro vermelho e golla de pelle, chapéo braguez, chinelo de liga, calça dobrada em baixo, deixando ver os atilhos das ceroilas, symetricamente apartados e dispostos em cuidadosa laçada. Nos *boulevards*, quando elles passavam, diziam as mundanas:

C'est um Hottentot et son petit:... mais quel cou, mon Dieu!

*

O Soares, no principio ainda agradou, porque dizia a sua missinha de Santo Antonio a muito boa hora e era pontual; mas, depois, principiou a desleixar-se e a vir para a egreja, tarde e a más horas.

Foi o Albino, que andava sempre com elle, quem o fez peco. Principiou a dizer-lhe que estava *n'uma boa posição official*, que se devia apresentar sempre *muito limpo e lavado*, porque o conego velho nem *ceroilas usava*, apresentando-se *n'um desarranjo completo*, com a barba por fazer, amarello, *completamente deitado abaixo*, a ponto de a gente recear, ás vezes, *que fosse de bruços*; e que era bom, aos sabbados, *preparar-se e lavar-se de vespera*; levantar-se depois cedo, *lavar-se novamente muito lavado*, tomar a sua *chavenasinha de café* com a sua *colhér de prata*; e nunca *chamar a attenção* das más linguas, que estão sempre *a postos*, porque a missa sempre dava os seus *sete e vinte*, que já chegavam para uma *posição graduada*; mais isto, mais aquillo, com outros *periúdos*,—de fóрма que o rapaz gastava duas horas a lavar-se, a vestir-se, e a gente que esperasse, *só com um café bebido*!

O resultado foi perder a missa de S. Antonio, porque já não tinha freguezia.

O Magalhães será muito boa pessoa, mas... não se dá com o sr. Joaquim.

Ora o sr. Joaquim é um homem muito temente a Deus. No inverno, quando ha mais frio e fome, anda por ahi, de porta em porta, com a subscrição... da Semana Santa, para que a pobreza possa curtir... na egreja, as suas maguas e dôres.

Alem d'isso, não se poupa a despesas, quando é Juiz da Senhora da Saude, da Urgeira, e vê probabilidades de (tudo pela santa religião) fazer uma pirraça ao diabo... do João Cabral!

Um homem assim, é um philanthropo e deve andar de bem com Deus. Quem com elle não se dá, não se dá com Deus; ergo: Padre Magalhães não serve.

Depois, prega uns sermões que ninguém entende. Parece que não fala portuguez!

Nem, sequer, faz chorar a gente na Semana Santa!

Resumindo: não serve.

*

Eu falei na Semana Santa...

É o carnaval do beaterio. N'aquelles ultimos sete dias as beatas dão ar ás mantilhas, e largas á bisbilhotice, á curiosidade e... ao flato.

Quinta e sexta feira santas são em Valença, para a egreja de S. Estevão, o mesmo que domingo gordo e terça feira de entrudo são para a Assembleia.

Ha musica, serviço variado de pastilhas de chocolate, rebuçados e amendoas; confidencias, intrigas, sorrisos, trocas de cartas perfumadas, ciumes, arrufos, apertos de mão e—sobretudo—esta *cavaqueira* intima, expansiva, franca e alegre d'uma verdadeira reunião de familias.

A gente está alli, perfeitamente bem, e á sua vontade.

Com as temperaturas da egreja e das salas da Assembleia eleva-se, consideravelmente, o mercurio no thermometro dos affectos, em que o zero é—o arrufo, e os 100°—o casamento.

O Christo, já se vê, como dono da casa, lá está no alto da Cruz, recebendo sempre, com reconhecimento cordial, tão fervorosas e *animadas* manifestações de amor e respeito...

As beatas arranjam, com a Semana Santa, que contar para um mez.

Quando os escorropicha-galhetas abrem, de manhã, as portas do templo, já ellas entram apressadas e remelosas, escolhendo o melhor lugar «*onde o bruto do povo e os pobres não incommodem, onde se esteja á vontade e se veja tudo*». Levam as suas pastilhas

de chocolate para a debilidade, a caixa do rapé, o banquinho de tapete, agasalho para os pés e lenço para as lagrimas, que são da praxe, quando o Padre mostra o Santo Sudario.

Installadas assim, com todas as commodidades (tudo pelo amor de Christo, que tanto soffreu na Cruz) no seu ponto de devoção e de observação, gozam á *tripa-forra* não perdendo um olhar, um sorriso, um vestido novo, uma *tournure* mais arrebitada...

Á noite vão para casa, consideravelmente alliviadas da consciencia, mas pouco satisfeitas com o Magalhães, que falou em problemas sociaes, em pauperismo, em Philosophia da Historia, em altruismo, em protoplasma e outras coisas, que nem o sr. Joaquim entendeu, apesar de, por vezes, (certamente por delicadeza) abaixar a cabeça, como quem diz: comprehendo, approvo e... estou satisfeito.

O Palmeirão, quando conta imbecilmente pela decima vigesima vez, a tragedia do Calvario—tragedia sublime e benefica para as agruras da nossa existencia, se todos a soubessemos comprehender, mas que por ahi anda como o *libretto* estafado, nas epochas lyricas da egreja, para especulação, para immoralidades e para descrenças—esse percebe-se e agrada muito mais!

*

O beaterio tem uns Santos da sua particular estima.

Os Santos, a final, são como a gente, com quem se lida. Ha physionomias que logo inspiram sympathia e ha outras que, sem a gente saber como, nem porque, provocam embirração.

Isto é razoavel e intuitivo. Diga-me, por exemplo, V. Ex.^a quem ha-de gostar do S. Christovão, com aquella grande cara arrenegada, parecendo dizer ás gentes que, se lhe chegam a mostarda ao nariz, corre tudo com a vara, pela egreja fóra, como o Pau-real na feira de S. Bento da Porta-aberta!

Assim, quando rareiam as festas e as bolsas andam exaustas, com as frequentes subscrições da Assembleia, não havendo

possibilidade de se organizar a Semana Santa, então, promove o beaterio umas novenas á Senhora de tal.

«São umas festasinhas muito razoaveis, porque a musica é mais alegre, são de dia e sempre ha probabilidades de, terminadas as ladainhas e as encommendações, se dar, ainda, um passeio até ao Jardim. Emfim, n'uma terra, que tem poucas distracções e onde a Rosinha se não póde sustentar, tudo se aproveita.»

*

O caso da Santa alarmou vivamente os animos d'estas esgrouviadas bisbilhoteiras.

«Parece impossivel que se não abrisse a Terra, que não viesse um raio, um diabo, que castigasse aquelle pedreiro-livre, aquelle atheu do administrador!»

O malandro que trazia a imagem e a metteu na taberna da Esplanada, expondo-a ás chufas e obscenidades avinhadas dos comparsas, esperando que o contra-regra desse o signal de subir o panno, para essa asquerosa comedia, da nossa asquerosissima Politica,—o malandro que, com um sebento balandrau, de imagem e prato na mão, por ahi chatina semanalmente, *a meias*, com as crenças do povo, e não hesita em transpôr os humbraes do bordel, *pedindo para a bemdita e milagrosa Senhora de tal*, interessando assim, a religião de Christo no producto que a barregan obtem da venda, em publico, do corpo e da honra—esse icha-corvos torpe e vil, d'uma ganancia mais vil e mais torpe, do que os trinta dinheiros de Judas, que por ahi esfarrapa as poucas crenças, que ainda existem no povo—esse:

«coitadinho! Mettia dó vêl-o. Estava amarello, aterrado. Foi preciso leval-o, quasi em braços, e dar-lhe café quente, porque lhe podia dar alguma coisa»!

Ah, baratas de sacristia! Como eu desejava possuir o açoite, com que Christo expulsou os phariseus e de que côr eu vos poria as

nadegas...

*

As procissões...

Eu não conheço coisa mais estúpida, barbara e deshumana.

Felizmente, sou, n'esta opinião, apoiado pelo espirito do seculo que, pouco a pouco, vae terminando com ellas.

Qual é o fim das procissões?

Qual a sua necessidade?

São para avivar as crenças?

Que ha, por esse mundo de Christo, mais ridiculo e caricato do que Santas Cocas, bois bentos, S. Jorges de carne ou de madeira, isto é, com tarracha, ou sem ella, prophetas com barbas de crina, pendões em varas de pinheiro por descascar, gaiteiros aos pinotes, matulões de cara aparvalhada e cabello empastado com gomma de pevides de marmelo?

Que ha, por ahi, de mais barbaro e deshumano, senhoras de Valença, do que essa perigosissima exposição a que, por vaidade, condemnaes os membros ainda tenros das creanças, carregadas com adereços de pechisbeque e diamantes de vintem, peito e braços nus, tiritando e caminhando custosamente, com os pesitos entalados nos escarpes do *uniforme*, e atiradas, por essas ruas, á voracidade das bronchites e pneumonias que o frio origina, ou das febres e meningites que o calor provoca?

Dizei-me: a Christo, se é a Christo que desejaes honrar, não seria mais agradavel que essas duas libras, com que entraes em ajuste d'uma pneumonia para vossos filhos, lhes fossem entregues para, com ellas, na bemdita missão da Caridade, penetrarem n'uma d'essas barracas da Parada-velha e as deporem nas mãos tremulas e descarnadas do pobre velho que tem fome e frio aos 80 annos, illuminando-lhe assim com a luz do céu, com a luz de Deus, aquelle tenebroso occaso de soffrimento e dôr?

E quando a creança voltasse a casa, risonha e feliz, como Deus a sabe dispôr, ao fazer d'ella a mensageira do Bem, não seriam para vós mais agradaveis as lagrimas da gratidão do pobre entrevado que, como perolas, deslizassem ainda nas mãos pequeninas, do que esse immundo cartucho de papel mata-morrão com doces de farinha de milho e assucar mascavado—suprema delicia dos matulões da Urgeira—com que o boçal e estúpido Juiz da festa lhe paga o papel de comparsa?

Senhoras de Valença, que tendes filhos! Pensae n'isto...

*

A procissão, que os Paes de familia mais respeitam, é a de *Corpus-Christi*.

Quando se approxima, é inevitavel a contribuição de chapéos novos para as senhoras. É uma coisa feia, na verdade, o apparecer-se n'esse dia, consagrado a Deus, com chapéos de inverno...

Pois se o Blanco os tem tanto em conta... Já se não fala em vestidos, porque enfim, dá-se uma *volta* ao do anno passado e ainda póde escapar; mas o chapéu é da praxe.

As janellas guarnecem-se, n'esse dia, de caras bonitas. Nas ruas, vae e vem, chibante e taful, a juventude da terra; os aspirantes aduaneiros, com Velloso á frente, pimpam o oiro dos seus uniformes; barrigudos camaristas passam, atados á banda bicolor; ha muita gente do povo; colchas espaventosas, flammulas, etc., etc., e, no fim de tudo, a tropa e as descargas.

N'este anno, então, essa ultima parte esteve magestosa. Digo a verdade: manobras assim, tão complicadas e com tanta tactica, só as tenho visto em França, no campo de Chalons, e em Portugal... no largo de S. João. Consta-me, até, que para o anno cá temos officiaes dos exercitos europeus, em commissão de estudo.

Pelo menos, assim m'o asseveram Moltke, Carnot, o Czar de todas as Russias, o Schah da Persia e o Bey de Tunis. Se o affirmam por lisonja, sabendo que sou de Valença, isso é com elles.

Vae pelo preço...

*

Agora as romarias.

Diversos pensadores e philosophos consideram as romarias, como indispensaveis e necessarias, attendendo a que o povo que, durante seis dias, labuta e trabalha, necessita de descanso e distracção ao setimo, para que possa retemperar as forças.

Concordo com isso, mas não colhe o argumento na defeza d'ellas, como elemento vivificador de crenças.

Quem é que vae á Urgeira, a Ganfey, ao Faro, a Segadães, que não seja por mero divertimento, por distracção, pela novidade de um caso ruidoso e differente na pacata vida da provincia?

Quem annuncia em casa á familia a visita á Senhora da Cabeça, ou a S. Campio, que isso não signifique um dia de *borga* e de folgança?

Vejamos as coisas como são, limpando o prisma da observação e da critica, das teias de aranha, com que a rotina, o uso e a tradição lhe mancham a transparencia.

O que é a «Senhora da Cabeça»?

Um concurso legal de caceteiros.

Perguntem ao meu amigo Joaquim Queiroz, se elle de lá veiu com mais crenças, apesar dos esforços que os salta-pocinhas de Lara e de Lapella fizeram, para lh'as introduzir na massa cerebral.

Perguntem a esse amigo, imprudentemente envolvido por generosa dedicação e por nobre arrebatamento, na batalha de *Montes Claros*, se essas mulheres, que uivavam como hyenas e clamavam em furia horrenda, contra tres homens, não eram as mesmas que se espojavam pelo adro da capella, e se arrastavam de joelhos nas *cinco voltas* da promessa, com que, sentindo estoirar o bandulho nos arrancos de brutal indigestão, recorreram á fama milagreira da Santa...

Perguntem-lhe se esses matulões, que á porta do Chico Mello o cercavam, embrutecidos pelo vinho, apertando o circulo dos varapaus ferrados, com gritos de chacal e esgares sensuaes de anthropophagos, não eram os mesmos que, horas antes, carregavam, como bestas, com o andor da Santa e abalavam o solo com o poisar da pata na marcha truanesca, pelos atalhos do logarejo.

O que é S. *Campio*?

A prostituição ao ar livre, sob o manto estrellado da noite, como diria qualquer poeta; e a charlatanice, fazendo suar o Santo e... os milheiraes.

*

A pequena distancia d'esta villa ha um burgo chamado—Urgeira. É feudo do sr. Joaquim. Descendem em linha recta, os seus habitantes, d'aquelles antigos cultivadores de cebolas do Egypto.

Formam um elemento importante na Politica do nosso Hospital e prestam assaz reconhecido serviço, nas procissões da Semana Santa. Chegam em mesnadas, marcham bem, formam, com os seus balandraus, duas alas, já muito razoaveis e, além d'isso, são faceis de contentar: quaesquer tres patacos de borôa e zurrapa lhes encham as panças, depois da procissão, na sacristia da Misericordia, provocando-lhes sonoro arrôto.

No verão, rara é a noite de sabbado, em que estes pacovios não queimam algumas duzias de libras, com foguetes de lagrimas e bombas de dynamite.

Ora, no burgo ha pobreza e ha miseria; ha velhos, que gemem na cama com o frio do inverno e ha creanças esfarrapadas, que chafurdam no lamaçal dos becos; ha aleijados, que se arrastam até á villa mendigando o *chabo*.

Com esses 500, ou 600 mil réis, que annualmente se gastam em festas, podia a Junta de Parochia fundar um Hospicio para os velhos, e estabelecer uma sopa economica para os famintos.

Mas a pandega? O grande brodio da vespera da festa? A *figura* que se faz na procissão com a vara de Juiz?

*

Necessita o povo de distracções.

Verdade é, mas dêem-lh'as que o civilizem e não que o embruteçam. Festas, Romarias e Procissões são ainda vestígios d'aquelles primitivos tempos, em que era necessario inveterar pelo mysticismo, pelo apparato e sumptuosidade das manifestações, o espirito da crença.

Mas hoje, em que para o plebeu entrar no templo até á grade, onde a aristocracia aninha, se lhe exige roupa lavada e calçado decente; hoje, em que elle vae á romaria para jogar o pau, beber vinho e entregar fielmente á *Batota* a fêria da semana—acabem com tudo isso e deixem ficar a Religião nos templos, e só nos templos, d'onde nunca devera ter sahido.

E, para divertir o povo, substituam, então, esses grotescos cortejos de Santos, entre espelhos de pataco e plumas de gallo, por verdadeiras procissões civicas, onde figurem os heroes da nossa Patria, que os temos tantos e tão dignos d'essa apotheose.

Em vez de pulpitos ao ar livre, levantem-se tablados, onde se reproduzam os factos mais gloriosos das gloriosissimas epopéas que, a um paiz de tão acanhadas dimensões, deram a celebridade das grandes nacionalidades.

Organizem-se-lhe jogos, luctas, em que se adestre no exercicio das armas e possa desenvolver os musculos e a energia, de que tanto necessita para a constante lucta da existencia.

Conte-se e mostre-se ao povo o que fomos, e assim, distrahindo-o, lhe incutiremos os germen's d'esse sentimento, que é o principal impulsor dos grandes feitos e das grandes civilizações—o amor da patria.^[24]

Basta de coisas de igreja. E agora,—beaterio da minha terra!—um Padre Nosso e uma Ave-Maria por este Zinão, que já está às portas do inferno... mas esperando que entreis, para atrancar solidamente a porta e assim vos acabar com a raça!

Pater Noster...

VII

Litteraturas

(DUAS PALAVRAS)

Claro é que, tendo subordinado o programma d'este livro ao titulo de *Estudos sobre a actual sociedade valenciana*, me não posso esquivar a fazer incidir, por momentos, na minha lente de observação, os raios luminosos que os nossos *homens de lettras*, semanalmente, fazem convergir no fóco das *lamparinas* cá da terra.

N'esta epocha, em que legalmente está em uso, reconhecida e sancionada, essa nojenta e nociva convenção litteraria do *elogio-mutuo*, que tanto talento atrophia, que tanta intelligencia embriaga com os aromas d'um incenso macanjo, parvoizada é—reconheço—o meu proposito, que significa perigo eminente nas cannelas, irremediavelmente condemnadas á dentuça dos *critiqueiros*.

Limito a area da observação com as muralhas da Praça e d'ella exceptuo, ainda, algumas individualidades que, demasiado, me ferem a retina com o seu talento, e que a insignificante distancia focal da lente me não permite abranger.

*

N'esta nossa terra, a penna serve, unicamente, para estadulho de deslombar politicos, ou nas protervias e diatribes, originadas em questiunculas ridiculas e comicas, como as da *Prisão da Santa*, ou nas pacholices rimadas, com que se visa á critica galhofeira.

A penna photographa a Idéa. A Idéa póde evoluar-se, librar-se sobre todas as manifestações da actividade humana, consoante as aspirações que a orientam e as intelligencias que a esclarecem.

Póde fixar-se na Arte, na Sociedade, no Homem, etc. Entre nós, embirrou com a Política e não a larga.

Por isso, chafurda na insulsez parrana, na graça afadistada, na metaphora besuntona.

Ao *brazileiro barato*, ao *fidalgo sem pergaminhos* e a outros escarros-piadas, que por ahi fluctuam á tona da enxurrada, corresponde esse constante martellar de bordões estafados, do *gaiteiro*, do *João Bernardo*, com que ainda hoje a fedelhada sahe á estacada, empunhando a babuzeira e acenando a quem passa com outro Ideal e com outras armas: não o insulto soez á familia, mas o sorriso caustico do epigramma á individualidade social.

A Imaginação e a Phantasia vasam-se, por ahi, nos moldes d'uma linguagem mascavada, em que pullula o neologismo pretencioso, d'onde resalta a phrase de sensação dos ultimos figurinos, que o francez atira, por cima dos Pyreneus, como uma bota cambada e velha, e que o rabiscador, prestes, enfia nos pesunhos para, coxeante e rufião, seguir em truanesca marcha, campos fóra da critica e da... tolice.

Esfuzia, frequentemente, o gallicismo inutil nas espalmadas linhas; é constante a referencia ôca á lombada das recentes publicações francezas; e, n'uma epocha em que o mercieiro fala na *Sapho*, de Daudet, ri com as frescuras de Catulle, estremece com as *Blasphemias* de Richepin, salta com as pinturas realistas de Zola, entretem a familia com os Goncourt e auxilia a chylificação com Maupassant ou Coppee, a arlequinada do rabisca, não só denuncia ignorancia completa da nossa litteratura e dos recursos da nossa lingua, mas, ainda,—com a impropriedade dos termos, apanhados a dente e atacados a soquete sublinhado nos periodos—uma deploravel vaidade e tristissima inconsciencia.

Não ha orientação litteraria, nem eschola definida, nem percepção nitida da idea, nem consciencia na phrase, nem centelha de imaginação que desperte a vibratilidade da nossa alma. Ha, d'um lado, a atrophia voluntaria e criminosa, a que se condemnam faculdades intellectuaes de superior quilate, e d'outro, a ambição ridicula e chatissima de se mostrar á familia—ao papá e á mana, ao

titi e á prima, ao namoro e á sopeira—o nome em letra redonda, claro, ou nas malhas transparentes d'um pseudonymo, que o sorrisinho immodesto descobre ao primeiro e desejado ensejo.

*

Poderá alguém suppôr com estas minhas reflexões, tão discordantes na fórma, das hosannas, que por ahi se entoam, impostas pela nojenta convenção do *elogio mutuo*, que nego merecimentos, ou repudio aptidões intellectuaes?

Tal não succede.

De quando em quando, aqui e acolá, mesmo n'esses a quem a vaidade e o pedantismo desnorteiam, descubro e reconheço os vestigios d'uma expontaneidade de phrase, evidente; d'um colorido de expressão, notavel; d'uma receptividade emocional, definida; d'uma accommodação visual para a analyse, apreciavel;—propriedades que, vigorizadas pelo trabalho, orientadas pelo estudo persistente nos bons modelos e impulsionadas para um Ideal, podiam educar-lhes o espirito e eleval-os, porventura, á consideração que ambicionam e que crimosamente lhes attribuem.

O que eu desconheço é:—o trabalho; o que eu censuro é:—a inercia; o que eu repudio e calco aos pés, é essa perfida e nojentissima convenção, que faz do *cinco reis de gente* um Adamastor, do balbuciante bebé um polemista, do Rosalino Candido, um Ramalho Ortigão, ou, como elles diriam, de Prudhomme, um Pierre Veron, ou Albert Wolff.

A penna exprime a Idea. A Idea parte do cerebro. O cerebro significa a Intelligencia, a Alma, isto é, o conjuncto da sensações e sentimentos, que na sua phenomenalidade, separam o Homem do bruto.

A faculdade de sentir e a expressão nitida e clara, pela penna e pela palavra, de todos os phenomenos da natureza psychica, são o que o homem tem de mais nobre.

Triste é, portanto que, na critica d'um facto, na discussão d'uma idea, no desforço d'uma aggressão, eu vá encontrar aptidões intellectuaes com elementos tão apreciaveis, na choldra da Politica, ou descendo, ainda, tanto e tanto, que se não pejam com a pasquinada a carvão nos logares, onde o carrejão usualmente se encosta, para... ensalitrar as paredes.

*

E no grupo dos que a inercia atrophia, dos que deviam libertar-se para outras esphas mais luminosas e mais puras, porque já possuem na Imaginação e na Phantasia a vigorosa organização do condor, vejo eu um homem—que sabe burilar preciosamente a idea, que filigrana artisticamente a palavra—debater-se, na triste condição de bonifrate, movimentado pelas guitas dos especuladores, transformando o cerebro, d'onde arranca chispas d'um verdadeiro talento, na bola ensebada e porca dos jogos malabares que os politiqueiros por ahi exhibem, visando á esportula dos magnates.

E como se não fosse profanação bastante, o manchar a penna nos bispotes, em que essa megéra—a Politica—diariamente evacua, ainda ha pouco manchou tambem os labios d'onde, palpitante, quente, phantasiosa e bella, lhe resalta a palavra, na dentuça cariada e porca d'um salta-pocinhas eleitoral agargalado!

Suprema humilhação do talento!

Pudesse eu agarrar-te pela golla do casaco e, applicando-te em certa parte do corpo duas palmadas, fazer actuar no teu espirito, incisiva e caustica, a affectuosa indignação, com que d'aqui te brado:

Livra-te d'esse chiqueiro, *homem de Deus!*^[25]

VIII

Quimtilinarias^[26]

Diz algures Macaulay:

«É nas grandes crises politicas, nas grandes agitações populares, que se denunciam os grandes homens e se manifestam os grandes genios.»

Cá temos a confirmação d'esse periodo do eminente historiador inglez.

Ruge, infrene, a colera do povo por causa do *mandado*: e no meio d'essa espantosa effervescencia da nossa politica, ergue-se aos céos da posteridade, dardejando raios mortiferos de oratoria epistolar, um homem, até hoje ignorado na republica das lettras: Quim Fonseca!

Tenho lido muita epistola e muita carta; li as epistolas de S. Paulo aos corinthios; as de Horacio e Cicero; as de Racine e Pascal; as de M.^{me} de Sevigné e de Girardin; as do Rosalino e Jayme José; mas, coisa tão puxada de rhetorica, tão desembolada de logica, tão *frecheira*, de estylo—é que ainda não pude encontrar nas litteraturas passadas e presentes, desde a sanskrita, até á dos papuas, ou á das gentes do Molembo-Kuango!

Sempre desconfiei que, no cerebro d'este Fonseca, vascolejava algo de extraordinario e de superior. Quando, por ahi, aventavam deformidades psychicas, amesquinhantes do intellecto, affirmava eu sempre:

Fonseca tem lume no olho! O futuro o dirá.

Ahi estão as suas sessenta epistolas engranzadas nas gazetas da terra, confirmando, plenamente, os meus presentimentos.

*

Estudei durante muito tempo o Quim Fonseca, auscultando as minucias da sua existencia social e as subteis ramificações da sua politica.

Considero-o como um dos vultos mais importantes da minha terra, porque é o fulcro *diamantino*, onde se apoia a alavanca civilizadora (?) do Progresso. Impõe-se, portanto, á minha observação e ao meu respeito.

Consumi annos n'esse estudo, sem poder formular uma classificação exacta e rigorosa.

Mas, um dia, descobri que Fonseca usava... suspensorios!

Ora, os suspensorios teem para mim uma grande significação; considero-os como elemento precioso e infallivel na investigação do character individual—elemento mais precioso e mais infallivel, do que as protuberancias do craneo, na theoria de Gall; os traços physionomicos na de Lavater, ou o volume do cerebro na de Broca. Após minuciosas analyses e confrontações, cheguei á conclusão, de que os suspensorios pódem significar: reflexão, sobriedade, economia, previdencia, sensatez, paz do espirito, pureza de costumes, existencia de virtudes civicas.

Homem que usa suspensorios, sabe de cór quanto produz, livre do imposto de rendimento, o capital de doze moedas d'ouro a tres e meio por cento; sabe em que lua se cortam as madeiras; sabe em que epocha convém semear a couve penca, o rábano, a nabiça e as pevides de marmelo; sabe em que mez se capam os gatos; sabe salgar um porco, dispôr os presuntos no fumeiro, encher um chouriço; sabe *coisas* de emphyteuta, de fóros, de aguas de rega, de bacellos, de alporcas e de bens de mão-morta; sabe aparar um callo e applicar um crystel; conhece remedios para o gôgo e para as bichas; conhece as propriedades do sebo de Hollanda; sabe—emfim—de tudo um boccadinho, porque é encyclopedico em Sciencias caseiras e perito em questões de vida pratica.

E V. Ex.^a, que conhece o Fonseca, diga-me, agora, se as aptidões do seu intellecto não estão ahi, nitidamente inventariadas.

*

Eu venero as commendas.

Quando, em Quinta-feira santa, na vizita ás casas do Senhor, encontro o sr. V. de Moraes, deslumbrando a gente com a sua casaca e com as scintillações da Gran-cruz gallega, onde o sol poente arranca chispas—tiro humildemente o meu chapéo e curvo-me submisso.

Venero a banda bicolor, diagonalando a obesa pança d'um senador; venero a vara d'um juiz de irmandade.

Reconheço tambem, a importancia social dos titulos honorificos.

Um Visconde foi, é, e será, sempre, um homem de massa mais afinada do que qualquer Zinão; um homem estremado entre a peonagem; um homem de sangue *cruzadico*, de alta sabença, de apurado senso. Ahi está o sr. V. da Torre, que, ainda de molleirinha e a fazer *tem-tem*, escrevia os *Preconceitos*, para... *despreconceituar* a heraldica dos viscondados.

Venero e respeito tudo isso, repito, porque, emfim, Deus que resolveu distinguir na sociedade umas certas pessoas, com titulos e com penduricalhos, lá se entende e lá tem as suas razões...

Mas cá no fôro intimo, nada provoca, mais fortemente, a minha consideração, como umas alças, uns suspensorios, d'aquelles de tres cores, como a bandeira franceza—com as suas fivelas doiradas, as suas prezilhas de coiro unidas, symetricamente, aos quatro botões alinhados pelo buraquinho do umbigo.

*

Este meu culto ás alças já me originou grave desgosto na familia.

Minha filha mais velha, D. Fagundes, namoriscava o filho do nosso procurador em Monsão. Ha cinco annos entra o mocinho na sala de visitas e, deante da rapariga, balbucia trémulo de commoção:

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

O Senhor passou bem?

Eu vinha pedir a mão de sua filha D. Fagundes d'Atouguia. Tenho 25 annos; sou camarista na minha terra; as minhas propriedades rendem 40 carros e 60 pipas; tenho doze contos nominaes em inscrições; vinte obrigações das Aguas de Melgaço e de S. Pedro, cinco acções do piano da Assembleia e dez do Theatro Valenciano...

—Perdão, interrompi eu; e enquanto ás ultimas, pagou todas as prestações?

—Não, senhor; assignei, mas só paguei a primeira prestação de 10 p. c.

(O homem convem-me, disse com os meus botões, já vejo que é *agostinhado*.)

—Serve-me para genro; mas, um esclarecimento apenas, que é o mais importante: o meu amigo usa suspensorios?

—Ora essa! exclama o joven, acaso é isso importante no meu futuro marital? Pois a minha barriga é que tem de *crescer*...

—Basta, senhor! Visto que ridiculariza uma coisa tão seria,—nada feito! Queira bater a outra porta.

E Fagundes ficou solteira...

Ora ella está longe de ser uma belleza e, ás vezes, tem *telha*; mas para Monsão servia e, servia, até, muito bem.

*

Recebi hontem á noite um telegramma de Bismarck, pedindo informações urgentes ácerca das sessenta cartas. Como sou

correspondente da *Gazeta da Allemanha*, tratei de averiguar o caso inspirador d'aquellas Catili—digo—Quimtilinarias.

Eis o que descobri:

Na ultima reunião dos *quarenta-maiores*, o Fonseca, subitamente atacado de violenta verborrhea, poz em pratos limpos a historia do *mandado*, segredada ao bichinho do ouvido por um *amphibio*.

Os senadores ficaram aterrados e os municipes bateram palmas, porque tinham farejado escandalo.

Fonseca exaltou-se, berrou, vociferou; e, por vezes, para o acalmar no furor do seu zelo pelos interesses do Municipio, teve um prestimoso amigo de lhe molhar a palavra, com agua da Fonte de S. Sebastião, que é a mais fresquinha^[27].

A final serenou e retirou-se satisfeito.

Jantou e soube-lhe bem; mesmo muito bem. Com o entusiasmo *entrou* de mais n'um arrozito de *berberichos*.

Retirou-se para o seu escriptorio.

Os *berberichos* principiaram, porém, a *repontar* com elle, provocando-lhe, em certo aparelho, uns beliscões diabolicos.

Lembrou-se de ir convidar o Leopoldo a dar um passeio nas muralhas; mas, por outro lado, a rigidez e a austeridade dos seus habitos aconselhavam-n'o a ir ter com o Capellão, certamente para se desobrigar dos peccados do dia.

Mas, n'isto, no lusco-fusco da sua somnolencia, viu apparecer e avançar o vertice d'um angulo de 25°, angulo que foi alargando, alargando, sustentando sempre, um dos seus lados, em parallelismo com os olhos do Fonseca.

Linhas irregulares, verticalmente dispostas, desenharam, depois, uma cabeça collada a esse grande appendice angular; novas linhas configuraram um corpo, como appendice d'aquelle primitivo appendice.

Appareceu um nariz com perninhas!

Em seguida, surgiu uma coisa redonda, muito arrebitada e rechonchuda, que foi, também, crescendo, crescendo...

Rebolava-se uma pança que, avançando, exclamou:—*Oh Quim! Tu falaste bem; mas foi e Zé, quem te deu o papel!*

Approxima-se o nariz, aos saltinhos, e diz também, roçando pelo respeitavel dito, do Fonseca:

—*Sim! O Zé deu-te o papel! Foi o Zé! Foi o Zé! Foi o Zé!*

—*Ah, Morãeses do diabo! Bofé, que mentis! A mim, gentes de Verdoejo e de Taião!*

E arremessando para longe as lubricas tentações, o chale-manta e o barretinho bordado com a sua borlinha toda repenicada, a dar-a-dar,—foi-se á escrevaninha e principiou a escrever uma carta; depois, outra; depois, outra;—total sessenta cartas!

No intellecto do Fonseca deu-se, então, aquelle phenomeno da scissiparidade por segmentação.

Cidadãos pacatos e sisudos, pouco versados na mechanica epistolar e affeitos á bolorenta erudição do:

«*Muito estimarei que ao receber estas mal esboçadas regras, esteja gozando perfeita saude, em companhia de quem mais deseja, pois a minha, graças a Deus, ao fazer d'esta, é boa...»*

sahiram-se com puxadas de estylo de rachar tudo, graças á communicabilidade galvanica do intellecto fonsecoide, saturado de rhetorica e prenhe de syllogismos irrefutaveis.

*

Mas vem cá—oh Fonseca—O que é, afinal, que pretendes dizer na *tua*, com essas sessenta epistolas?

Que diabo te disse o *Noticioso*, que tão violentamente arrepiou a tua espinha, como se te communicasse a irritabilidade nervosa do galvanismo?

Offendeste-te por elle affirmar, que na sessão dos *quarenta-maiores*, o teu esplendido discurso não foi improvisado e que houve, até, quem te desse o *ponto*?

Mas—oh filho—suppões, acaso, que no intimo da alma dos nossos conterraneos não existe, profundamente radicada, a absoluta confiança nos teus dotes oratorios, embora se reconheça, sem desdoiro, que não és, precisamente, o que se póde chamar um Pico de Mirandola?

Então não está ahi, bem pronunciado, no teu luzidio craneo, o extraordinario desenvolvimento da terceira circumvolução cerebral, em que Broca localizou a eloquencia e a arte oratoria?

Olha, Quim, um conselho de amigo:

As tuas sessenta epistolas,—embora, verdadeiramente, se não saiba, ainda, para que as escreveste e para que incomodaste tanto cidadão pacato, tanto cerebro, tanta caneta, tanto bico e tanto papel de chupeta—estão boas; isso estão. Mas ouve, filho, a respeito de litteratices, de cartas—isto é—de escripturas e de lettras, manda-n'os algumas, mas d'essas que tens com hypothecas e com fiadores.

As que para ahi estás a publicar, guarda-as, para quando não tiveres quem te *chegue o papel*...

Não maces mais a gente, que tem de aturar bissemanalmente o *Noticioso*, diariamente o Marilio^[28] e—aos domingos,

o João de Ganfey.

IX

Politiquices^[29]

Anda coisa no ar...

A horas mortas, nas sombras da noite, quando as venerandas paternidades desatam pachorrentamente os nastos das ceroilas e extendem as delgadas tibias entre a alvura dos lençoes, deliciando-se com a voluptuosa sensação do linho—quando os technicaphilas experimentam a potencia dinamica do coice e a rigidez do craneo contra os muros e bancos de praça, e as sopeiras, sedentas de luxuria e amor, abrem sorrateiramente a janella para sentimentaes gargarejos com almiscarados artilheiros—quando o beateiro resmunga entre bocejos, n'este meio cá—meio lá, da somnolencia, o ultimo *Paternoster*, e dois amigos meus, dos respeitaveis e probos, depois do nocturno repasto, se entregam, extramuros, a indigestos estudos de anatomia... *patriotica*—n'essas horas da noite, repito, nota-se nas ruas de Valença um movimento desusado, extraordinario e inquietador para quem de perto conhece, como nós, a indole pacifica e a habitual obediencia dos nossos conterraneos ao toque militar das oito e meia.

Cruzam-se vultos mysteriosos e sombrios, murmurando rapidamente palavras convencionaes; a frouxa luz dos candieiros projecta nas calçadas a sombra de longos *capindós*, de amplos *libertés* com que, indubitalmente, conspiradores sinistros, caras patibulares e alvellicas, se disfarçam e acobertam.

Denuncia-se, emfim, a effervescencia d'uma agitação occulta, surda, quiçá perigosa e violentissima, que prepara para breve, na historia d'este brioso povo, acontecimentos extraordinarios e imprevistos, que hão-de suscitar aos pósteros um ponto de exclamação tão elevado, tão grande e tão alto, como o sr. professor de Verdoejo, como o nariz do sr. dr. Ladislau, ou como um chapéo

siamez que, ha um bom quarto de seculo, eu por ahi vejo, nos dias festivos do anno, luzidio e repontante, contra o ether dos céos.

Mercê da perspicacia e actividade do zeloso Commissario das Policias, o sr. Sampaio, está já conhecida a causa de tal agitação; e á amizade, com que esse cavalheiro me distingue, devo eu a possibilidade de aqui a communicar aos meus conterraneos, para tranquillidade das damas nervosas, das donzellas chloroticas e hystericas, que se tenham inquietado com o que acabo de denunciar.

Trata-se d'uma conspiração politica.

Preparam-se traças; urdem-se planos; consultam-se esphinges; interrogam-se oraculos; assediam-se as potestades eleitoraes; arietam-se as opiniões renitentes; hypnotisam-se os refractarios á conversão desejada, e tudo com a intenção sinistra e machiavelica de attentar, nas proximas eleições, contra a soberania e omnipotencia do senhor feudal d'este burgo, de quem tudo-lo-manda, o muito alto, poderoso, e excellentissimo Senhor Administrador do Concelho!!

Quem diria, senhores, o que no ultimo quartel do seculo teriamos de presenciar n'esta nossa terra tradicionalmente fiel ás instituições, cégamente obediente aos poderes constituídos, amante do seu Rei e de toda a sua Excellentissima familia (como se diz em Monsão)—n'esta terra onde, depois que os legendarios 7:500 bravos implantaram e regaram com o seu sangue o systema constitucional, inaugurando essas grotescas bambochatas, chamadas eleições, nunca os nossos antepassados tiveram a ousadia de contestar a opinião, as ideas do Senhor Administrador, embora ellas fossem tão extraordinarias e tão estramboticas como o dizer-se agora—por exemplo—que o sr. José Narciso não acceita a legitimidade dos direitos do Senhor D. Miguel de Bragança; que o Senhor Velloso, com o seu bigode negro e a alvura immaculada do seu collete branco, não é, para as damas, o mais esbelto e airoso joven, que terras de Portugal téem exportado para a nossa galeria aduaneira, ou ainda, que o Senhor Agostinho não significa na politica um caudilho poderoso, um sectario fiel, seguro e intransigente do

partido progressista—regenerador—constituente—reformista
esquerdista—republicano—socialista.

Mas, perguntarão Vossas Excellencias, não faz Valença parte d'um circulo? Não téem os seus habitantes, como os d'outras terras, semelhantemente illustres—Fornos de Algodres, Terras de Bouro, Cannas de Senhorim—direitos e regalias que a Carta Constitucional da Monarchia concede para a amplissima e plenissima liberdade da opinião, em materia de eleições?

Verdade é.

Temos os mesmos direitos e á custa do mesmo preço...

Pagamos religiosamente as nossas decimas, as nossas congruas, sem contestações, nem aggravos, desprezando, até, com generosa e espartana altivez os quebrados, os dois, tres e quatro reis—uma ninharia—que o Senhor Recebedor, escravo dos dictames da sua consciencia, á força nos quer devolver.

Mas, eu recorro á Historia, a que Thierry chama «espelho da verdade» e Michelet «guia do futuro» para affirmar e provar, *urbi et orbi*, a inflexivel immutabilidade das opiniões politicas da nossa terra, recordando factos que, fiel e genuinamente, exprimem e caracterisam a superior orientação, que aqui existe sobre os direitos do cidadão—factos que não architecto com materiaes da Phanthasia, nem illumino nas penumbras dos tempos remotos, porque são rigorosamente exactos e coevos da geração que passa.

Approximava-se, ha annos, o dia em que o povo soberano, forte nos seus direitos, em troca do liberrimo voto a uma tarraçada de vinho, ou a indigestão de *calhos* na cantina eleitoral de Mestre Pedro era chamado a influir nos destinos da Patria e a metter a sua colherada n'essa sordida e nojenta palangãna, chamada *urna*, onde com putridas exhalações, referve e azeda a mixordia das ambições estultas, das vaidades irritantes, das pressões odiosas, das promessas fementidas, e em que os ambiciosos e especuladores—os Pausanias e Wilsons de todos os tempos—se refocillam e afocinham, disputando, á dentada, o appetecido osso do *arranjo*...

Nos campanarios sertanejos agitava-se o badalo chamando o servo da gleba que, de roupa domingueira e quinzena nova, se dispunha a, mais uma vez, com boçal inconsciencia, conspurcar o direito do voto—uma das mais bellas conquistas da liberdade na sua sangrenta evolução atravez de seculos de lucta, producto abençoado da laboriosissima reacção que n'essa enorme retorta, a França, na inferioridade do sudra, na degradação de ilota, nas algemas do escravo, na dependencia humilhante do servo—como elementos componentes—provocaram os raios chimicos da formosissima luz d'essa bemdita, mil vezes bemdita, alvorada de noventa e...

Mas, perdão.

Que diabo estou eu a escrever? *Ridendo...* Eis o meu programma.

Ao largo, pois, logares communs de estafada Historia!

Pensamentos tristes, arredae! Acoitae-vos e multiplicaee-vos no cerebro do Padre Capellão para, nos sermões de sexta-feira santa, com que, tão auspiciosamente, inaugurou a sua eloquencia n'esta terra, nos descrever mais uma vez, com a voz embargada pelo sentimento, o martyrio da MÃE, as afflicções da MÃE a dôr da dita MÃE.

Continuemos, pois, a rir, senhores, um riso bom, sonóro, vibrante e desafojado, que o riso é das poucas coisas que ainda escapam á rede tributaria, e representa, n'este arido deserto da vida, a frescura vivificante e consoladora do oasis.

Ha annos, ia eu dizendo, em vesperas de eleição, teve um vizionario estranho a ingenuidade de tentar combater o sr. Administrador do Concelho, arrepiando-lhe a submissão dos eleitores, em determinadas freguezias.

O caso engatinhou ás culminancias do desafôro; alcandorou-se nos topes do escandalo!

Apimentaram-se os animos; esturraram-se os genios; apopleticaram-se os mais sisudos e conspicuos habitantes da rua de S. João—esses santos varões, que são na nossa terra os genuinos representantes dos ricos-homens e infanções dos tempos

medievaes, sobrios de costumes, austeros no porte, d'um puritanismo feroz; tementes a Deus, ao diabo, ao abbade e ao sr. Joaquim Apollinario.

Reuniram-se, em conclave mysterioso, os mais valentes e poderosos homens d'armas do partido governamental—o unico, n'estes reinos, legalmente constituido.

Mensageiros esbaforidos chegavam, tressuando, de toda a parte com informações sobre os manejos do inimigo e, praça aberta á discussão, depois de grave ponderação e demorada concentração dos espiritos, sahiu d'aquellas venerandas cabeças o plano de combate que, para efficaz execução, para infallivel resultado, urgia communicar immediatamente, sem demoras, nem hesitações, a um rico-homem de Coura.

—Ora, n'aquella epocha, se bem que já estivesse iniciado o caminho das grandes descobertas geographicas e scientificas, que constituem a epopeia gloriosa da humanidade, e se conhecessem já, a America, a Africa, o phonographo, os camarões, o xarope do dr. Gibert e o sabão do sr. Moutinho; existindo já Pasteur, Jenner, João da Gaiteira, Edison, os srs. Zé da Rosa e Roldão; se bem que a Sciencia, em todos os seus ramos, estivesse consideravelmente aperfeiçoada, como por exemplo, a Jurisprudencia em que, no Direito penal, Lombroso, Garofalo, Aubry, attenuavam a responsabilidade criminal, combatendo essas brutaes penas da forca, da guilhotina, do pôtro, e substituindo-as, quando o crime tinha as revoltantes particularidades de Pantin, de Fuencarral, ou de White-Chapel, por uma audição, mais ou menos demorada, do drama do sr. C. Barros, ou d'um discurso do sr. Presidente da Camara—n'essa epocha, repito, ainda o sr. Miguel Dantas não tinha inventado Coura, a preciosa povoação, que tanto deu que matutar aos srs. Fontes e Bismarck, nos procellosos dias da revolução de Bico.

A Mesologia estava, ainda, no estado rudimentar e não tinha definido e aproveitado a extraordinaria influencia procreadora do clima, que n'aquellas uberrimas paragens, melhor do que a Physiologia de Debay, do que qualquer intervenção abbacial, ou

leopoldica, mantem nas robustas camponezas uma fecundidade tal que, annullando por completo as theorias de Fourier, na resolução do importante problema do pauperismo, estabelece para a pittoresca povoação a reputação invejavel e, sobremodo honrosa, de fabrica permanente de amas para bebés.

Coura, emfim, meus senhores, a indispensavel Coura, estava ainda no casulo das sociedades modernas, na pevide das povoações minhotas, no caroço dos baluartes eleitoraes e não podia, portanto, alli influir a civilização como agora, em que o luxo das edificações principia a abandonar o colmo na cobertura das casas, substituindo-o por umas coisas vermelhas e arqueadas chamadas telhas, e em que ha Correio e Telegrapho, com um movimento tão extraordinario e assombroso, que a gente guinda-se aos mastaréos da popularidade, trepa aos carrapitos de um semi-deus, escarrancha-se na celebridade do proprio Boulanger se, n'um só dia, recebe da familia duas cartas e um telegramma!!

Mas... era necessario lá mandar um proprio, unico recurso d'aquelles felizes tempos, em que estavamos livres da Companhia real, e podiamos, sem despeza de testamento, nem afflicções de quem está nas garras da Morte, tentar qualquer viagem.

E tal era a urgencia, a imprescindibilidade da communicação, que o portador devia ir a cavallo!

Ora, esta urgencia, formulada na intervenção do rocinante e lançada á discussão na maior effervescencia do furôr opposicionista, despertou no espirito dos mais sensatos e perspicazes ricos-homens e abbades um subito resfriamento de enthusiasmo.

Perceberam o quer que fosse de sombrio e tetrico, que baixou a zero a ebullição tumultuosa da sua dedicação partidaria.

Como o Mane, Thecel, Phares, que entupiu Balthazar, ou a sombra de Banco que engasgou Macbeth, ou a estatua do Commendador, que foi para o D. Juan, de Molière, o que o vulto do capitão Teixeira de Moraes foi em noite procellosa de inverno, nas cercanias do solar da Balagota, para o Sr. Sampaio^[30] a lembrança

do cavallo aterrou os mais ousados d'aquelles ricos-homens, que representavam, no seu conjuncto, feudos e rendas superiores a muitas centenas de mil cruzados.

Empallideceram, subitamente, as faces até alli purpurinas e rubras de excitação; baixaram-se, evitando-se, os olhos, até alli coruscantes de furôr; cerraram-se os labios, como se uma pressão de muitas atmospheras actuasse brutalmente sobre as maxillas. Os mais ousados coçavam nervosamente a região occipital...

É que ao longe, lá muito ao longe, na sombra do magro rocinante, percebiam elles, já, as formas indecisas e vagas do burriqueiro, reclamando, com humilde postura—vergado o corpo n'aquelle respeitoso angulo de 65° com que o nosso homem, o supracitado Sr. Sampaio fala, cheio de blandicias e ternuras, ao Sr. Dr. Brito—o meio pinto da tabella para uma viagem a Coura.

Meio pinto, senhores!

Menos do que o Sr. Seixas ganhava n'uma caixa de amendoas, *quando mostrava a factura*; coisa de dois conselhos do Dr. João Cabral; meia dose florindica, pagando á Rotschild; o lucro do sr. Fontoura n'uma tisana de treze vintens.

Meio pinto, senhores!

.....

Rapida foi a dissolução do conclave. Pretextos futeis, encapotados com razões imprevistas, fizeram debandar, como corvos açotados pelo furacão, os graves maioraes da politica concelhia.

Foi o mensageiro a Coura, e durante muito tempo, nas altas e transcendentales concepções philosophicas, em que o animalejo constantemente se absorvia—(indecifráveis para nós, os mortaes, como a opinião politica do Sr. Vigario Geral, ou como a origem do subito rejuvenescimento do nosso muito querido Sr. Sampaio ao ler nos jornaes a palavra *Cordão*)—entrou a influir grave ponderação sobre o alcance dos decretos da Providencia, que se apraz em confiar de um misero sendeiro a salvação d'um partido, como do nada, do pó, do humus empapado da chuva, que demorou Grouchy,

forjou o camartello possante, que em Waterloo esmigalhou o pedestal d'esse feroz açoite da Humanidade, chamado Napoleão.

.....

Creio inutil dizer que, depois da eleição, para a gamella do burriqueiro havia mais um commensal... um cão!^[31]

*

Prosigamos n'este escabroso trilha da Historia em que, para fiel e rigorosa exposição dos factos, temos de executar os milagres do equilibrio de Blondin, ou de Leonne Doré, entre os exaggeros dos informadores apaixonados e as erroneas reflexões de commentadores pouco escrupulosos.

Serve-nos de maromba a consciencia e oxalá ella nos guie até ao fim d'esta penosa caminhada, atravez da original e curiosissima politica da nossa terra^[32].

*

Indubitavelmente, o dia 22 de Novembro de 1879 é um dos mais memoraveis para os habitantes d'esta antiga e mui nobre povoação.

Essa data deve estar indelevelmente gravada no livro d'oiro dos grandes acontecimentos historicos; insculpida, a traços diamantinos, na epopea das grandes solemnidades de Valença, ao lado das procissões de S. Sebastião e *Corpus Christi*, grotescas mascaradas, com que no Minho se avivam as descrenças, digo, as crenças, a ociosidade, a pasmaceira, o ar marcial e aguerrido das tropas, os namoros, as bambinelas dos armadores e as transacções do commercio, na sua importantissima secção de: birimbaus, peixe frito e... limonada de cavallinho.

Foi um dia festivo, solemne; d'aquelles em que o caiado das casas nos parece mais branco; a porcaria das ruas menos escandalosa; a atmosphaera mais diaphana; o verde das campinas

mais vivo; a abobada celeste mais limpida; o aroma das flôres mais penetrante; a cara dos amigos mais risonha—um d'estes dias, em que a gente se sente mais feliz, com menos dinheiro e mais tentações, e em que as fibras do coração que movem o badalo do entusiasmo, bruscamente se agitam, como se ouvissemos o hymno da Carta, um discurso do sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, ou como se os canhões da Coroadá, os sinos de Santo Estevão, a bandeira real desfraldada aos quatro ventos, celebrassem festivamente o anniversario da Restauração!

Acotovelava-se nas ruas uma multidão expansiva, ruidosa, com a alegria a pinotear na mioleira; com todos os macaquinhos do sr. Palhares, em borga infernal no sotão; expondo por ahi, escandalosamente, a habitual gravidade, de saia arregaçada e peitos descobertos, em desenfreado e lascivo minuete com as posições officiaes.

Para exprimir tudo, emfim, havia no intimo de cada um, tanta satisfação e tanta alegria, como hoje sentiria o sr. Joaquim se recebesse auctorisação do Ministro do Reino para obsequiar o dr. Cabral com todas as trombetas de Josaphat, sopradas por innumeras legiões d'aquelles anjos e seraphins de bochechinha gorda e purpurina, que por ahi vemos em S. Estevão,—embora, para esse justissimo desforço de cidadão offendido nos seus direitos, de Juiz da Senhora da Saude, affectado nas suas crenças, tivesse de arredar, das suas arcas de nababo, com arrebatado impulso de perdulario entusiasmo, coisa de doze vintens—captivos a troco!

N'esse dia, meus senhores, era restituído o batalhão de caçadores 7 a Valença, chyprado ao berço da monarchia, á terra dos condes, dos conegos, das cruces e dos cutileiros, por Sua Excellencia, o sr. Ministro da Guerra.

Nada faltou no programma das recepções festivas: coroas de loiros; discursos do sr. Presidente da Camara; mensagens de congratulação; odes e alexandrinos do vate Aurelio Victor Hugo; bailes; regabofe nos presidios; bodo aos pobres; arcos de triumpho forrados a gazetas; musica, foguetes e luminarias.

O enthusiasmo estonteava os cerebros; alcoolizava os espiritos; absinhava os animos.

O sr. Francisco Durães, homem sério, pacato e já na escala para camarista, deitava foguetes na muralha, como qualquer *careca* sertanejo em arraial da festeira Urgeira.

Um camarista illustre luctava duas horas, para enfiar no par de luvas, que por engano lhe tinham vendido para a mesma mão—o dedo *mata-parasitas* na casa do *mindinho*.

O sr. Abilio, nos paroxysmos de um enorme enthusiasmo, apparecia de gravata branca, casaca, no pé direito uma bota de polimento, no esquerdo um chinelo de liga, representando a Associação Artistica!

E no meio de todo este contentamento, nas expansões de todo este delirio, um unico nome soava, tangido constantemente pelo enthusiasmo popular, nas praças, nas ruas, nas lojas, nos clubs,—nome que parecia ser o fóco convergente para todas aquellas ruidosas manifestações, nome que n'esse dia tinha mais prestigio que o da Senhora do Faro, nome aureolado, nome querido de—Elyseu de Serpa!

Victoriava-se	Elyseu de Serpa
Discursava-se sobre	Elyseu de Serpa
Telegraphava-se a	Elyseu de Serpa
Rezava-se a	Elyseu de Serpa

e Clero, Nobreza e Povo, fraternizando, hobreando, felicitando-se, davam largas á plenitude da sua gratidão a Elyseu de Serpa.

Jurava-se aos deuses, pela nossa consciencia, assim dardos de Jupiter nos partissem, se durante a nossa existencia, embora ella attingisse a longevidade de um Mathusalem, que viveu, segundo diz a Biblia, 900 annos (o que eu acredito) outro homem se sentasse nas cadeiras de S. Bento com o nosso mandato, porque Valença tinha contrahido com elle uma divida sagrada, immorredoirá, imperecível, immensa, de profunda, eterna e vivissima gratidão.

E se alguém, mais pratico em coisas do mundo se atrevesse a revelar pouca confiança na estabilidade d'aquelles fervorosos protestos, recordando que já lá vae o tempo dos Eros, dos Scevolas, dos Martins de Freitas, dos Egas, etc.,—oh Christos de Villar!—corria grave risco de ser lançado aos fossos, empalado no pau da bandeira, ou esquartejado pelo primeiro magarefe, que por ahi apparecesse, em ociosa disponibilidade.

Pois, meus senhores, ahi vae a Moral do conto mais um tento para a marca preta e um documento para a nossa historia politica. Poucos mezes depois, mettia o sr. dr. Lopes o seu nariz na Administração do Concelho e aquelle grande vulto (não o do nariz) absorvia, completamente, todos os enthusiasmos que descrevi!

A urna entrou mais uma vez no templo, para servir de leito nas sensuaes orgias do voto com a immoralidade e o sr. Elyseu de Serpa, o mesmo, em carne e osso, a que me referi—obtinha em todas as assembleas eleitoraes do nosso concelho:—cinco votos!

Ora, um povo que denuncia tão vehemente firmeza de convicções e de sentimentos, está—digam lá o que disserem—reservado para grandes destinos.

Abençoado torrão este, da Patria minha!

*

Com os argumentos irrefutaveis, que os factos nos fornecem, estudamos até aqui a politica de Valença nas suas esphas mais elevadas, isto é, na villa e entre as camadas illustradas; e, indubitavelmente, não existe no nosso espirito outro sentimento, que não seja o baseado em tristissimo desalento...

Vejamos agora, em breves palavras, antes das considerações geraes, o que o povo imagina e sabe de toda esta engrenagem que lhe rouba os filhos, dinheiro e... os votos.

Ha annos, Ramos Paz, que aqui dignamente exerceu as funções de Sub-Inspector de Instrucção, presidia a uma conferencia pedagogica nos Paços do Concelho. Extranhando as theorias

apresentadas por um professor, sob a intervenção da auctoridade administrativa na legislação municipal, relativa ao professorado, perguntou alizando aquellas grandes barbas á D. João de Castro:

—Então quem nomeia os professores?

—O Sr. Administrador—respondeu o homem.

—Ora essa! Então as Camaras?

—As Camaras são também nomeadas pelo sr. Administrador—confirmou ainda, com a má interpretação que dera á pergunta.

Meditemos, senhores.

De feito; na ignorancia d'aquelle pedagogo havia uma grande verdade, que nós, rigorosamente, não podemos refutar.

Luiz XI disse uma vez ao Parlamento, levantando o chicote:

—*L'état c'est moi!*

Rodrigues Sampaio, não ha ainda muito tempo, que bradava ao paiz:

«O unico poder que entre nós existe é o Rei!»

Nós poderemos plagiar Luiz XI, Rodrigues Sampaio e o pedagogo, asseverando:

N'este concelho de Valença ha só uma força, uma vontade, um poder:—o Senhor Administrador^[33]—quer o represente a taciturnidade esphingica do sr. Dr. Lopes, ou a gulliverica estatura do sr. Dr. Ladislau, ou a inoffensiva bandido-mania do sr. Dr. Malheiro, ou a feroz iconoclastia do sr. Dr. Cabral, ou... a paz d'alma e de corpo do sr. Dr. Brandão-Malheiro-Lopes da Cunha-Cabral!

Abençoado torrão este, da Patria minha!

*

Historiamos até aqui. Philosophemos agora, porque a Historia sem a Philosophia pouco vale e não póde servir, como disse Michelet, para guia do futuro.

É evidente que não temos organização pulmonar, que desafogadamente possa funcionar na atmosphera das nossas liberdades civis.

É evidente que, seja qual fôr o proceder da auctoridade administrativa, só ella pôde, quer e manda; e que, no campo a que hoje Vossas Excellencias são chamados—as eleições—, ella exerce para qualquer opposição o mesmo terrifico effeito que, em dilatado feijoal, produz para os pardaes e pardocas, o espantalho armado com dous rabos de vassoira em cruz, cartola velha no vertice e casacão enfiado nos braços, com as mangas pendentes e á mercê do vento.

E, evidenciado isto, para que precisamos nós de deputados, seja qual fôr a chancellia que tragam? Que temos nós com o que vae por esse paiz, com o nariz do sr. Beirão, com a marreca do sr. Hintze, com a somnolencia do sr. Henrique de Macedo, ou com os chouriços do sr. José Luciano?

Que necessidade temos nós de fazer perder a gravidade aos Ministros, pondo-os aos saltinhos de contentes, quando o sr. Zagallo, com os seus Mentores e correligionarios lhes officiam, annunciando que... deliberaram apoiar a marcha do Governo—ou que diabo lucramos com a mudança de ceroilas, a que os obrigamos, enviando uma representação dos tres mil negociantes da terra^[34] contra a Companhia vinicola, communicando, pelo telegrapho, que estão fechadas as quitandas de Valença e que vate Aurelio Victor Hugo fala ás massas, em imponente e assaz concorrida reunião politica?

Senhores! Por Deus, simplifiquemos tudo isto; todas estas inuteis formalidades, que são proprias para terras civilizadas. Fazem perder tempo, e tempo é dinheiro, como diz o bretão.

Qual é, em ultima analyse, o regimen em que vivemos? O feudal.

Adaptemo-nos, pois, ao que elle nos estabelece e concede. Ahi vae um alvitre:

Sabem Vossas Excellencias o que eram as antigas *behetrias* da epocha medieva: povoações que tinham o direito de escolher o

senhor, que viviam independentes e de portas cerradas, até, aos senhores estranhos. Aqui estava um modelo, mas lá vae outro, talvez preferivel.

Na vertente meridional dos Pyreneus ha uma amostra de estados autonomos—a republica de Andorra.

Tem approximadamente, sem escandalosa differença, a população d'este Concelho. Tem legislação civil, militar e religiosa. Tem Governo civil e militar; Alfandega, Repartições de Fazenda; Camara; Junta de Parochia; o seu Cordão sanitario de quando em quando; lazareto com respectivas rações; reforma de matrizes; irmandades e confrarias; isto é, nicho para todos os pretendentes.

Ora aqui está o que nos serve. É uma organização baratinha e fica em casa.

Proclamemos hoje mesmo a nossa independencia! Behetriemo-nos! Andorriemo-nos! Entregue-se o poder a um só homem, que se denomine Rei, Imperador, Presidente, Syndico, Regulo, Papa, Bispo, Soba ou Cabinda!

Precisamos, verdade é, d'uma auctoridade, para regular as nossas questões e moderar as nossas exigencias.

É necessario que, quando alguém se lembrar de dizer, que as aguas da fonte de S. Sebastião pertencem á Camara, haja quem garanta as reclamações justissimas com que o sr. Joaquim prova á evidencia que são suas, muito suas, embora não se recorde da gaveta onde conserva as provas, o que póde succeder a toda a gente; quando a vizinhança do sr. C. Dias, incluindo a Excellentissima Camara, continue a esticar a guita dos limites das suas propriedades, avançando sobre a que aquelle bom e innocente amigo possue no Caes, haja quem faça respeitar os seus direitos e impedir, que nas terras da Saibreira se não possa continuar a observar o extraordinario effeito da dilatabilidade da Materia sob a acção dos raios solares, phenomeno alli tão evidente e precioso para o estudo das revoluções geologicas do globo; quando o sr. Agostinho se lembrar de mandar vir do estrangeiro casas feitas para os seus terrenos, haja quem lhe apresente esse doirado codigo, que

é o palladio das nossas liberdades civis—o regulamento do Senhor Conde de Lippe dado ás gentes em 1700 e tantos.

É preciso, emfim, um braço e uma cabeça.

E quem devemos escolher?

Quando me lembro que estou n'uma terra que não quiz o legado do Conde de Ferreira; n'uma terra em que, se a gente tiver um nariz, como os dos srs. Cunha ou Ladislau, e se collocar em noite de eclypse, sobre o telhado da sua casa, para espreitar a lua, ou escutar a harmonia das espheras, vem logo o estalão do Conde de Lippe verificar, se dos cabellinhos da venta á soleira da porta existe, realmente, maior distancia de que 4 metros, 5 decímetros e 6 millímetros e meio do regulamento;—eu, meus senhores, para o poder supremo da nova organização politica que proponho, só me lembro de dois homens, que tenho a honra de apresentar á vossa apreciação e para os quaes, desde já, peço o vosso suffragio, porque estou plenamente convencido de que hão-de satisfazer ás exigencias e aos deveres da actividade, firmeza de convicções e orientação politica, que a vossa orientação politica, a vossa firmeza de convicções e a vossa actividade lhes impoem.

Eil-os:

O Fileiras,
ou o
Cachimbo dos melros.

Em 20 de outubro de 1889.

Dia da eleição de deputados.

X

Violetas

As imagens até aqui reflectidas no foco da minha lente ficam delevelmente estereotypadas n'essas paginas, porque é indeciso o traço, debil o colorido, irregular o contorno e imperfeitissimo o relevo.

Falta ahi a luz indispensavel á nitida percepção de todas as minucias das individualidades sociaes, que a minha critica envolve, porque não é dado a espiritos vulgares o emittil-a.

Encontro na expressão escripta as difficuldades características d'essa lesão cerebral, que os physiologists incluem na classe das *aphasias motoras*, sob o nome de *agraphia*; e, se até aqui deplorei as consequencias d'essa lesão, que se oppõe á reproducção fiel das minhas impressões sobre a sociedade em que vivo, sincero é o meu pesar, reconhecendo-me incapaz de avivar a imagem d'um vulto, que já desapareceu sob a loisa dos tumulos, mas que deixou luminoso rasto de bondade e de honradez nas sombrias atmospheras onde, implacavel e feroz, se trava a eterna lucta pela existencia.

*

Schopenhauer filia-se n'essa eschola philosophica, que poderemos denominar *pessimista*, em que sarcasticamente se dissecam as fibras do coração humano, negando-se-lhe sentimentos affectivos e a possibilidade de alimentar aspirações puras e nobres.

Na fria analyse, que o philosopho allemão nos apresenta do homem na sociedade e na familia, resaltam os exaggeros d'um espirito sombrio, em que poderosamente influiram a acção morbida

de temperamento e a acção do *meio*: mas ha tambem nas suas paginas grandes verdades que nós, dissipada a má impressão originada na rudeza da phrase, intimamente não podemos refutar.

«O nosso mundo civilizado não passa de uma grande mascarada. Encontram-se n'elle cavalleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, philosophos, que mais sei eu? Mas não são o que representam ser; são simples mascaras, debaixo das quaes se occultam, a maior parte das vezes, especuladores de dinheiro.

Um toma, assim, a mascara da justiça para melhor ferir o seu semelhante; outro, com o mesmo fim, escolheu a mascara do bem publico e do patriotismo; um terceiro a da religião, da fé immaculada.

Para toda a especie de fins secretos, mais de um se occultou sob a mascara da philosophia, como tambem sob a da philanthropia. Ha tambem mascaras vulgares, sem character especial, como os dominós nos bailes, e que se encontram por toda a parte; estes representam a rigida honestidade; a polidez; a sympathia sincera e a amizade fingida.»

.....

*

Ora, observando a nossa actual sociedade, n'esta epocha de egoismo, de ambições, de illegalidades, com que por ahi se conspurcam e desprestigiam as mais nobres instituições,—n'esta epocha de Wilsons, de Hersents, de bonds e de processos *da fava*—poderemos, com intima convicção, acoimar de exaggeradas essas linhas do pensador allemão?

A consideração social chatina-se vilmente nas Bolsas, onde se expõe á venda com as inscripções de tres por cento. Os titulos do governo teem, como *bonus*, uma certa maquia de respeito publico; por consequencia, o valor d'este está na razão directa da quantidade total, que cada um possue dos outros.

Quem tiver duzentos contos, póde ser um larapio e um canalha; mas, com certeza, é um homem de consideração.

*

Antonio da Silva, aquelle carpinteirito da Esplanada, ganhava dezoito vintens por dia; sustentava mulher e tres filhos.

Adoeceu: contrahiou dividas no mercieiro, na botica e na padaria; deixou de pagar ao senhorio; pôz no *prego*, a pataco por corôa ao mez, o relógio de prata, os brincos da mulher, os cobertores do inverno e a ferramenta.

Esteve dois mezes de cama.

Voltou fraco e abatido para o trabalho. Tentou desempenhar-se. Fazia serões. Não poudo pagar uma divida.

Os credores perseguiram-no.

As mulheres e os filhos não tinham roupa; tiritavam e... choravam.

Um crédor requereu a penhora; levaram-lhe a cama.

Na alma d'aquelle homem havia um inferno porque era honrado—o pateta!—e era doido pela familia.

Um dia, collou a massa encephalica nas paredes da latrina com a balla do revolver.

—Um criminoso—disse o abbade.

—Um caloteiro—disseram os do pataco por mez.

—Um pobre diabo—responsaram as almas piedosas.

—Um pateta de menos—resmungou a sociedade.

A Santa Madre Igreja, toda Caridade e Amôr, recusou-lhe o latim da padralhada—esse latim tão sonoro, tão vibrante, tão repenicado, quando responsa o negreiro e o ladrão de gravata, que deixaram quarenta moedas, para missas de pinto a duzia.

Foi enterrado no fosso, ao lado d'uma pileca do Guilherme; como responso, teve uma enfiada de pragas dos coveiros, porque estava realmente muito frio e ainda não tinham *matado o bicho*.

—*Oh estupor—disse o Coruja—podias arrebentar a pinha no verão. Não tinhas agora tanto frio!*

.....

À mesma hora, Henrique de tal, Conde de Burnay, mandava *photographar* os bonds do sr. Hersent e mais de trezentas carruagens com fidalgos, bispos, padres, conegos e escorropichagalhetas varios, acompanharam até aos Prazeres o cadaver d'um beneficiado na *falcatrua hersentica*, portuguez abrazilizado, que mantinha relações illicitas com a irmã—o que era publico e notorio na freguezia, alli para os lados de Penafiel—e que, n'uma terrifica visualidade do inferno, apartára trezentos mil reis, adquiridos n'esse infamissimo trafico de carne humana, para missas cantadas e por cantar.

Viremos folha...

*

—Mas, Senhor Zinão,—diz Vossa Excellencia—isso é velho, é sedição, é estafado e massador...

—Esta jeremiada veia a lume, meu Senhor, porque no meio da *reles pataqueirice* da nossa actual sociedade onde pullulam os lagos, os Tartufos, os Pausanias, os Wilsons, os Tamandarés—toda essa corja de falsarios, de perjuros e de traidores, que Dante implacavelmente esfarrapa e esphacela com as torturas do nono circulo—a gente póde soltar uma exclamação de surpresa tão ruidosa e tão violenta, como aquella trombetada de Rolando na batalha de Roncesvalles, quando encontra um homem, caminhando sempre, sem tergiversar, no caminho da Honra e da Dignidade.

Consagro estas linhas á memoria d'um valenciano, que não deixou fortuna nem filhos governadores civis, ou deputados, que

possam premiar esta homenagem com um naco do orçamento, como é da praxe pedir e conceder.

Não me conhece a familia que elle deixou; e não é, portanto, o vil interesse, ou a lisonja porca, ou a torpissima adulação, que actua na minha penna, obrigando-a a vergar-se, a perder a inflexibilidade com que, até aqui, tem fustigado muita importancia ridicula e chata.

Ninguém, no concelho de Valença, até hoje adquiriu maior estima e maior consideração do que esse homem.

Ninguém, como elle, poderia, mais proveitosamente, especular com o affectuoso prestigio, que o seu nome alcançou por essas freguezias.

Era, porém, nobilissimo o seu character para que lhe permittisse manchar o nome n'esse bordel de pantomineiros e de histriões que por ahi especulam com a ignorancia do aldeão, fazendo do voto degrau para chegarem á mesa do orçamento e poderem roer as codeas babadas, que os Gargantuas politicos abandonam, ou lamber os productos do vomito, que a orgia e a indigestão provocam.

*

Esse homem morreu pobre; não é vergonha dizel-o; mas levem o aldeão acolá, ao cemiterio, mostrem-lhe todos esses mausoleus de marmore e de granito, e perguntem-lhe qual é o nome que, ainda hoje, mais affectuosamente vibra na sua alma rude, mas sincera.

Dizem que as mulheres de Sparta, fazendo ajoelhar os filhos sobre o tumulto dos grandes heroes, alli lhes referiam os feitos gloriosos que insculpiram os seus nomes no livro d'ouro da Patria.

Era assim que ellas preparavam a vigorosa musculatura dos futuros cidadãos da grande republica.

Como ellas, *valencianos dignos*, quando a razão dos vossos filhos estiver preparada para receber os germens, que mais tarde devem fructificar na Honradez, apontae-lhes para essa pagina que, por

escrupuloso respeito e por entusiastica veneração, separo das outras, onde escouceiam ridiculos.

*

Zinão descobre-se, perante o nome que alli vêdes.

XI

Os Quadros da Collegiada

A Arte nasceu d'esta nobilissima aspiração do espirito humano para, na investigação do Bello, dar á Materia a fórmula das suas idéas e das suas crenças.

O desenvolvimento intellectual de um povo e a sua influencia na obra da Civilização, podem estudar-se nos diversos productos, em que se reproduziu o genio dos seus artistas.

Aos *dolmens* e *menhires*, aos toscos instrumentos das edades paleolithica e neolithica succedem essas colossaes construcções das margens do Nilo, as pyramides, os templos, as esphinges; os bronzes, as loiças e esmaltes, já de notavel perfeição, dos antigos egypcios.

Surge, depois, o povo helleno com a sua admiravel architectura; com as formosissimas e inimitaveis estatuas de Phidias e de Lysippo; com a Venus de Milo e o Apollo de Belveder; com as formosas telas de Zeuxis e de Parrhasio; com todas as maravilhas, emfim, d'essa assombrosa civilização tão alta e tão brilhante, que ainda depois de passados vinte seculos, quando no horisonte despontavam os primeiros clarões da ridentissima alvorada—a Renascença—era ainda d'ella que, para geniaes concepções, recebiam inspiração e luz esses divinos artistas, que se chamaram Vinci, Raphael, Ticiano, Carrachio e Miguel Angelo.

Com a Renascença accelerou-se a marcha evolutiva da Civilização; e o espirito do homem, depois de enriquecer as sciencias com preciosas descobertas, de desenvolver as industrias com novas e utilissimas applicações, crystallisa-se em fulgidas creações onde, com toda a nitidez de contornos, com toda a opulência de colorido, com toda a fidelidade de cambiantes e com

todos os esbatidos do iris se reproduzem as mais extraordinarias maravilhas da formosissima Mãe—a Natureza.

A Historia da Arte é a Historia da Civilização; é a Historia do Homem no seu *meio*, nas suas crenças, nas manifestações da sua intelligencia, nas aspirações da sua alma, na grandeza dos seus affectos.

Estudando o Homem, estuda-se a Nação e a influencia que ella exerceu nas outras sociedades constituidas.

São, pois, d'uma benemerencia incontestavel os esforços e os auxilios com que n'um paiz se tenta colleccionar, agrupar, reunir todos os elementos que possam reconstruir a sua historia artistica; e como essa empreza, de larga magnitude e importancia, só é cabalmente desempenhada pelo Estado, dever é do cidadão illustrado cooperar, quanto possivel, no desenvolvimento das instituições que possam mostrar aos extranhos o que o genio nacional produziu e creou.

Com uma vergonhosa teimosia e deploravel inconsciencia, a esse dever se nega a actual Junta de Parochia de Valença, recusando-se a entregar ao delegado do Governo os quadros e a cadeira, que pertenceram á extincta collegiada de S. Estevão.

*

Senhores da Junta,
ou antes

Senhores Agostinho e Sampaio:^[35]

conversemos.

Vossas Senhorias, n'essa manifestação volitiva, (saberão Vossas Senhorias que *volitiva* significa: emanada da vontade) n'essa tenaz opposição as ordens do Governo, devem estribar-se n'uma razão, n'um argumento, n'uma conclusão qualquer. Mas eu—com franqueza—como conheço perfeitamente, por dentro e por fóra, (deixem-me assim dizer) o que Vossas Senhorias valem em materia de zelo pelas instituições, que estão dependentes das suas luminosas e peregrinas deliberações,—eu, que me recordo muito bem que Vossas Senhorias, que hoje energicamente bradam aos céos contra a reclamação do Governo, são exactissimamente os mesmos que, ha quatro ou cinco annos, deixavam estragar esses mesmos quadros e essa mesma cadeira, consentindo que um *Terrinha* as borrarasse com verniz de portão, depois de borrar, tambem, os peitos da Virgem do leite,—eu que me recordo ainda, que foram tambem Vossas Senhorias os *engenheiros* n'aquella boçal mutilação da fachada de Santa Maria, parvoamente *restaurada* ha annos,—eu, emfim, que (sem offensa) avalio a capacidade intellectual dos seus, aliás preciosos cerebros, como insufficiente para conter umas tristes cellulasitas, onde se aniche um errante atomo de intuição artística; porque, afinal de contas, estas coisas de Arte não são precisamente o mesmo que coisas de bombas, ou de receitas eventuaes e decimas de juros,—eu, repito, não posso explicar satisfactoriamente ao meu espirito a causa do proceder de Vossas Senhorias.

Por zelo nos interesses da Junta não é—com toda a certeza—que Vossas Senhorias se revoltam contra o Governo. Isso é coisa

averiguada, conhecida, evidente, que não admite réplicas e a que não convém, mesmo, contestações.

Recearão Vossas Senhorias que esses objectos, passando para as mãos do Estado, se *extraviem*, ou *percam*?

Repillo, como absurda, a hypothese, porque só com tristissimo desalento veria dois funcionarios publicos suspeitarem de *larapio* o Governo que lhes paga.

O que é, pois, que actua nos seus cerebros?

Não o sabem, mas sei-o eu.

O que obriga Vossas Senhorias a esse tristissimo papel é isto:—o rheumatismo, o barretinho de seda preto, o cano das botas, os suspensorios, o alçapão das calças, a caixa do rapé, o pingó, a caspa; é essa maldicta enfermidade epidemica, peor do que a actual *influenza*, porque não ha profilaticos que a debellem, e que se origina nas exalações mephiticas e deleterias dos fossos e das muralhas que teem musgo, ratos, corujas, toupeiras, morcegos e silvados coevos do mammuth; é essa coisa que sendo incorporea, invisivel, imponderavel, tem a rigidez bastante para encravar a roda do Progresso; que sendo inerte e fria, tem a temperatura sufficiente para caldear os embolos da Civilização; é—finalmente—a rotina!

Vossas Senhorias, com essa teimosia, recordam-me (salvo o devido respeito) aquella conhecida anedocta do gallego:

Alonso Perez y Perez ouvira dizer na sua terra que em Portugal se ganhava muito dinheiro, mas que era necessario pedir, exigir e reclamar sempre mais do que se recebesse por qualquer serviço.

Perez y Perez entregou a mulher ao diabo, digo, ao Abbade e atravessou a fronteira, dilatando os póros de todo o corpanzil para, como ventosas de tentaculos cephalopodes, absorverem quantas *pesetas* e *perras chicas* fosse possivel.

Caminhando por essas estradas fóra, ao terceiro dia, veio o cansaço; vergava-se-lhe o corpo, dobravam-se-lhe os joelhos, incharam-lhe os pés, pesava-lhe a cabeça: prostrado e doente, abeirou-se da valeta e cahiu succumbido, recordando com saudade

as veigas da sua terra, a familia, a vacca e os bezerros, a missa do domingo, o recorte das montanhas, as columnas de fumo que, ao toque das Trindades, se evolavam no esbatido azul dos céos, o balido das ovelhas, o piar das avesinhas, todas essas coisas—emfim—saturadas d'um sentimentalismo feroz e piegas, que tão violentamente agitavam a alma do Justininho, quando elle concebia aquelles preciosos folhetins do *Noticioso*.

N'isto, passa na estrada um almocreve com a sua enfiada de machos e, vendo o gallego n'aquelle misero estado, convida-o carinhosamente a escarranchar-se n'um dos animaes.

—*E quanto xe me dá?*

—pergunta o bruto.

*

Vossas Senhorias, n'esta estrada do Progreso, são (salvo o devido respeito) uns verdadeiros Alonsos.

Como portuguezes, que põem luminarias á janella no 1.º de dezembro e no anniversario da Carta, devem amar a sua patria; como funcionarios publicos devem interessar-se no engrandecimento d'ella; como homens do seculo XIX, que usufruem todas as vantagens e liberdades que tanto sangue custaram, n'essa sangrenta lucta do despotismo e das trevas contra a luz, devem contribuir para que aos seus filhos seja entregue intacto, pelo menos, o inestimavel patrimonio da Civilização, que herdaram dos seus Papás.

Ora, uns homens que por esse mundo de Christo, consagram toda a sua existencia no estudo dos meios, que podem elevar e engrandecer os povos, reconheceram a enorme utilidade das collecções artisticas, das bibliothecas, dos museus, de todas as instituições, onde se enthesoiram os productos do espirito humano na sua marcha evolutiva atravez dos seculos.

Esses homens dizem a Vossas Senhorias:

Pretendemos reconstruir a historia da Arte portugueza, reunindo e dispondo convenientemente, chronologicamente e por distincção de escholas, n'uma boa sala com ar e com luz, essas telas, que Vossas Senhorias por ahi inconscientemente dependuram em paredes humidas, e imbecilmente inutilizam, mandando, de quando em quando, envernizar, a brocha, pelos *Terrinhas*.

O Estado toma conta d'isso que lhe pertence; e, quando Vossas Senhorias tiverem uns amigos hespanhoes, francezes, inglezes, turcos ou moiros, que lhes perguntem, fazendo obra pelos mais aperfeiçoados diccionarios geographicos estrangeiros, se Portugal é provincia hespanhola, ou ingleza—podem leval-os ao Museu nacional, onde lhes provarão que somos livres, que temos Historia mais brilhante que a d'elles, que temos Arte, que temos Civilização, que temos alma nacional que já se expandiu pelo mundo inteiro com o genio dos grandes heroes e dos grandes artistas.

Dirão mais a Vossas Senhorias:

Se tiverem filhos que necessitem de estudar a Pintura, ou as Artes decorativas, ahi ficam á disposição d'elles todos esses productos que permaneciam dispersos, ignorados e inuteis pelas egrejas sertanejas. Ahi encontrarão, tambem, para o estudo comparativo, exemplares da eschola hespanhola, com as telas de Velasquez, de Murillo e de Ribera; ahi está a eschola flamenga com Rubens; a hollandeza com Rembrandt; a italiana com Raphael, Ticiano, Tintoreto, Miguel Angelo; podem entrar, ver, estudar minuciosamente, copiar—nada pagam.

E, apesar de todas estas incalculaveis vantagens, exclamam Vossas Senhorias:

—e quanto xe nos dão?

Vossas Senhorias teem ido, por vezes, a Lisboa.

Lembro-me, até, que muito antes que Succo fosse conhecido com os seus jejuns, já a gente por cá admirava as especialissimas propriedades da membrana mucosa do estomago do sr. Sampaio, que não segrega sómente succo gastrico, mas, tambem, succos nutritivos, como se evidenciou n'aquella viagem, em que Sua Senhoria, tendo sahido da Balagota com o cabazinho repleto de pastelinhos de bacalhau e de girimu, pitos assados, rabanadas e cornuchos, com elle intacto, depois d'uma ausencia de oito dias, na Balagota entrou.

Vossas Senhorias teem ido, por vezes, repito, a Lisboa. Conhecem tudo o que existe na capital.

Extasiaram-se perante a pujança granular do regio corcel no Terreiro do Paço; viram subir o balão que indica o meio-dia; ouviram o carrilhão de Mafra; estiveram no curro de S. Bento; admiraram o leão da Estrella e os macaquinhos do Jardim Zoologico; visitaram a esquadra ingleza no Tejo; sopesaram a *Paulo Cordeiro*; saudaram o Senhor Rei e a Senhora Rainha; viram as mulas do paço e o bicho municipal; conheceram o Rosa Araujo e o marquez de Vallada; foram a todos os theatros; mas o que—com certeza—não viram foi o Museu Nacional, e isso porque... não tiveram tempo.

Teem ido a Lisboa, por vezes; assistiram aos festejos das bodas e dos baptisados reaes, aos da chegada dos reis de tal e tal; foram, até, engrossar a pasmaceira indigena na recepção do Principe de Galles, d'esse exemplar com encadernação de luxo de John Bull—o eterno larapio das nossas colonias, o traiçoeiro Johnston dos makololos, o perfido Wellington de 1828, o astucioso Canning, o desleal alliado da nossa Politica, o insolente comedor dos nossos dinheiros, a quem todo o bom portuguez devia, respeitando as conveniencias da hospitalidade, voltar, com despreso, as costas; mas quando n'aquella capital se realisou a Exposição de Arte ornamental, que foi como o livro aberto onde se descreveu a riquissima epopea das nossas glorias artisticas, então... ficaram na Balagota e na rua Direita porque... não valia a pena!

.....

*

Aqui tem Vossa Excellencia, sr. Macedo, os homens que se negam a entregar-lhe os quadros e a cadeira de S. Estevão.

Segreda-se por ahi que muita coisa, reclamada pelo Governo, desaparece antes de entrar no Museu Nacional. Pena é que o Governo não denuncie os roubos, que tem encontrado quando procede ao arrolamento dos bens pertencentes ás collegiadas e congregações religiosas extinctas.

A teimosia da Junta é mais um caso porco, para engrançar no rosario das vergonhas de Valença, onde já brilham a recusa da Eschola Conde Ferreira, a eleição do sr. Serpa... do Batalhão, a Prisão da Santa, a Questão da Musica e essas curiosissimas eleições...

Mas Vossa Excellencia, sr. Macedo, resolve facilmente todas as duvidas; como ellas, em ultima analyse querem dizer:

Quanto xe nos dão?

Digne-se Vossa Excellencia mandar ao sr. Agostinho meia duzia de trutas leopoldicas, de S. Mamede, e obtenha Vossa Excellencia do Governo de Sua Magestade, que ao sr. Sampaio seja concedido o diploma do unico cargo rendoso, que lhe falta: o de

sineiro de S. Estevão.

XII

O Senhor Deputado

Mais uma vez manifestou o Circulo eleitoral n.º 3 a sua opinião politica e, pela acção liberrima e independente do suffragio popular, tem hoje uma cadeira em S. Bento, o sr. dr. Queiroz Ribeiro.

Nos campos do partido opposicionista lavra o descontentamento com a decisão dos eleitores; nos arraiaes, em que tremula a bandeira progressista, erguem-se os clamores da victoria e entoam-se hosannas ao novo representante do povo.

Os regeneradores negam a competencia de Sua Excellencia para tão elevado cargo, fundamentando a insufficiencia na pouca idade e escassa madureza para os negocios publicos; alguns, até, os do respeitabilissimo grupo da rua de S. João, exprimem e synthetizam todo o valor e força dos seus argumentos em tres palavras:—até faz versos!

Os progressistas exaltam a aptidão intellectual do seu correligionario; affirmam que é um rapaz que deve *dar alguma coisa*; servem-se do proprio argumento dos adversarios—os versos—, impondo-o á consideração dos eleitores; citam os seus conhecimentos sobre Direito penal, o seu entusiasmo pela *nova* eschola italiana, etc., etc., e rematam por asseverar que a escolha foi felicissima.

Ora eu, meus senhores, sou tambem eleitor e recenseado na freguezia de S. Maria dos Anjos; não estou filiado em partido militante da actual politica, porque sou, como os srs. José Narciso e Santa Clara: legitimista, genuinamente legitimista, por convicção e por tradição. Acceitar, n'estas condições, a faculdade do voto equivaleria a approvar e reconhecer, tacitamente, a legalidade dos poderes que nos regem e, procedendo assim, faltaria ás minhas convicções e ao respeito que tenho e devo ao meu Rei, a Sua

Magestade Fidelissima o Senhor Dom Miguel de Bragança, que Deus guarde.

Estou, portanto, n'um campo perfeitamente neutral e insuspeito, ao abrigo do tumultuar das paixões partidarias, n'uma região serena de paz e livre reflexão e posso, n'estas circumstancias, dar a minha opinião sobre a escolha dos eleitores, depois da rigorosa apreciação que fiz dos argumentos apresentados pelos dois partidos.

Vou ter a honra de a apresentar a Vossas Excellencias.

Na futura Camara electiva devem reunir-se cento e tantos deputados. N'esse numero entram estrellas de primeira grandeza na constellação brilhantissima da nossa politica. Ha talentos de raça; espiritos privilegiados, que honram e ennobrecem o paiz; ha oradores fluentissimos como os srs. Oliveira Mattos e Visconde da Torre; ha polemistas de irresistivel logica de argumentação, como os srs. Ferreira d'Almeida; ha celebridades em todos os ramos das sciencias e da publica administração.

Pois, meus senhores, com verdade lhes digo, que é a seguinte a minha convicção:—entre todos esses homens, entre todas as individualidades aptas no nosso paiz para as funcções da representação popular, ninguem—absolutamente ninguem—nos poderia satisfazer tanto, comprehender as nossas ideias, adaptar-se melhor á nossa politica, interpretando-a e assimilando-a nas suas aspirações—como Sua Excellencia o sr. Dr. Queiroz Ribeiro.

—Ora essa! (ouço eu bradar aos meus amigos, os srs. Joaquim e Abilio, os mais fogosos caudilhos da politica regeneradora), fará o favor de provar.

A isso vou, meus senhores, e com argumentos leaes, solidos, porque os sustento com a irrefutavel demonstração, que vou estabelecer dentro do campo positivo das sciencias abstractas: a logica e a mathematica.

Vejamos, meus senhores, o que é a Politica em Valença? O que foi, o que é, d'onde vem e para onde vae? Como se poderá e deverá classificar n'uma terra em que, se a gente vae á estação do caminho de ferro assistir á recepção do sr. Marianno de Carvalho,

ou do sr. Barjona, ou do sr. Lopo Vaz, ou do sr. José Dias Ferreira, ou do sr. Rodrigues de Freitas, ou do sr. Consiglieri Pedroso, vê sempre na gare—além dos *engajadores* dos hotéis e do sr. Capellão^[36]—as mesmas caras, as mesmas casacas e as mesmas cartolas, que, depois, vão acompanhar Suas Excellencias até Cerveira, com ruidosas e entusiasticas demonstrações de adesão e fidelidade partidarias?

O que poderemos julgar da Politica d'um concelho em que a padralhada, com o seu rebanho de carneiros votantes, vae, submissa, para onde a toca a aguilhada da Administração, sem consciencia, nem orientação, nem ideal politico?

N'uma terra, em que os mais importantes caudilhos teem, na opinião, a variabilidade constante do catavento de Santo Estevão e em que ha potestades eleitoraes que, vistas de Coura, são regeneradoras, vistas de Valença são progressistas e não são barjonaceas e republicanas, porque ninguem as examinou ainda de Gandra ou de S. Pedro da Torre?

Estudemos os chefes, senhores, que devem representar as tradições, a opinião, a respeitabilidade dos partidos. Temos d'um lado—o progressista—o Sr. Dr. Ladislau; temos do outro—o regenerador—o Sr. Dr. Pestana.^[37]

O Sr. Dr. Ladislau sahiu, approximadamente ha seis annos, dos bancos da Universidade e filiou-se, franca e desassombradamente, no partido do sr. José Dias Ferreira; hoje obedece ao sr. José Luciano, isto é, duas opiniões diversas, oppostas, heterogeneas, como as que separaram e dividiram os guelfos dos gibelinos, os armagnacs dos borguinhões, os jacobinos dos girondinos, os da rosa branca dos da rosa vermelha, os malhados dos realistas.

Ora, consultando os trabalhos estatisticos dos mais eminentes socialistas, sobre a longevidade da vida humana, observamos que a media actual é de sessenta annos. (Deus n'este caso a prolongue e livre o Sr. Doutor de dyspepsias hermogenicas, que tão prejudiciaes são á juventude...)

Se quizermos, pois, avaliar rigorosamente a capacidade opinativa de Sua Excellencia, nada mais teremos do que estabelecer uma proporção, admittindo a hypothese mais favoravel—que em egual espaço de tempo não augmentará a volubilidade. Representando, pois, por *a* os seis annos decorridos e os trinta que a Sua Excellencia faltam, por *op* as opiniões conhecidas e por *x* as desconhecidas, teremos:

$$6 a : 2 op :: 30 a : x.$$

Operando, encontramos:

$$x = 10 op.$$

Reunindo as opiniões conhecidas, temos

$$x = 12$$

quer dizer: teremos de pedir, por emprestimo, alguns partidos á Hespanha, porque cá não os ha para tanta opinião; e, aos sessenta annos, o Sr. Dr. Ladislau attingirá um grau de *saturação* partidaria muito superior á que hoje possui o Sr. Agostinho, que é a coisa mais perfeita e acabada em Politica, que terras de Valença teem produzido.

Agora, o sr. dr. Pestana...

Eu desejava fazer identica demonstração com referencia a Sua Excellencia, e tenho, para isso, elementos e factores ordenados; mas são d'uma tal complexidade e obrigam a operações algebricas tão complicadas, que me abstenho de aqui as reproduzir, limitando-mo a dar conhecimento a Vossa Excellencia do resultado obtido.

Para o sr. dr. Ladislau tivemos: $x = 10$.

Com o Sr. Dr. Pestana chegamos a: $x = \infty$ isto é, $x =$ infinito. E como o infinito existe muito para lá dos limites, a que a intelligencia humana póde levar a analyse, está prejudicado o raciocinio.

Temos, pois, n'estas condições, os dois chefes politicos da nossa terra e ha vinte e cinco annos, em que aqui resido, os sub-chefes, as potestades, os abbades e as patrulhas seguem exactamente o mesmo systema.

Os que hontem eram regeneradores, são hoje progressistas, serão amanhã barjonaceos e no dia seguinte socialistas. No mundo politico somos cosmopolitas, e Valença é para o paiz, o que a casa do Sr. Agostinho é para Valença—um perfeito *caravanserail*!

Synthetisando, eu repito a pergunta, que deu logar a estas considerações, com que desejo fundamentar a minha demonstração:

Como se deve classificar a nossa Politica?

Politica voluvel, incolôr, de... contradança!

Repito:

de *contradança*.

Ora aqui está, justamente, o ponto de reunião entre ella e a individualidade do nosso deputado. Aqui está, onde uma e outra se coadunam, se consubstanciam, se identificam.

Em Politica somos dançarinos. Pois para representar dançarinos e para comprehender as suas aspirações, como o Justino Soares, ou os srs. Roldão e dr. João Cabral se não habilitam a um circulo, claro é que se devia escolher um estranho, versado e perito nos segredos da arte de Terpsichore. E, para satisfazer cabalmente a estas condições (creio que os srs. Joaquim e Abilio se não atreverão a refutar esta minha proposição) ninguém—absolutamente ninguém—se encontraria mais habilitado, do que o nosso actual representante.

Isto não é uma asserção gratuita. A vizinha villa de Cerveira a confirmará, quando se torne necessario.

Porque é que o sr. Visconde da Torre não *provou bem*, como deputado? Porque nunca poderia representar dignamente Valença, com o seu volumoso abdomen, com a abundancia do seu tecido adiposo, com o pouco desempenho dos seus movimentos, com a pouca elegancia (perdoe Sua Excellencia) da sua *linha*. Dançava pouco e mal. Era, mesmo, detestavel a sua posição quando, pela complicadissima tactica das danças, era obrigado a fazer um *en avant*. Não tinha *ropia* nem *salero*, nem *entrain*.

Mas o nosso actual representante...

Que saudosas recordações não originarão estes periodos ás tricanas e sopeiras de Villa Nova—a chiquita!

Que dulcissimas reminiscencias não entristecerão, por momentos, aquelles formosissimos rostos da terra das solhas!

Que pranto amargo e copioso não verterá a estas horas o bom e fiel Maldonado, socio commandita nos bailes do sopeirame!

A Meca, a terna e legendaria Meca, com que acerbo pungir, não enxugará das mimosas e assetinadas faces as perolas crystallinas, como as do rocio matutino, que a lembrança de Sua Excellencia, a cada momento lhe faz brotar das glandulas lacrimaes!

Redomoinhar vertiginoso das valsas; suave enleio de pequeninas cinturas; exalações dulcissimas; doces fragancias de solha e azeite, bacalhau e alho, das formosas tricanas; noites de amor e de phantasia em que vós, encantadoras filhas da—*Chiquita*—vos deliciaveis com os *papos d'anjo* de Caminha e as *roscas* da Galliza; noites inolvidaveis de luar, em que os vossos castos seios se alvoroçavam com desconhecidas sensações, quando Sua Excellencia, sob as janellas, acompanhado ao violão pelo fiel Maldonado e pela artistica cohorte dos Figaros, soltava ás brisas, com voz maguada e terna, as melancholicas trovas do:

Gondoleiro, a noite é bella!

Recordações saudosas, miragens gratas e fugitivas... adeus!

Tudo se sumiu na voragem da urna eleitoral!

*

Eleitores do concelho de Valença!

Nos annaes da benemerita Sociedade Artistica, *Harmonia e Recreio Cerveirense*, registra-se, como um periodo aureo de engrandecimento e prosperidade, a epocha em que o nosso Deputado honrou, frequentando, os salões da Associação.

A arte de Terpsichore obteve consideravel impulso e desenvolvimento. Á voz auctorizada de Sua Excellencia, transformaram-se os *Lanceiros*, floreou-se a *Franceza* e surgiu, vaporosa e louçã, a moderna valsa *a dous tempos*. Abandonaram-se marcas velhas e rançosas, substituiudo-se por elegantes *couronnes de dames* e graciosos *moulinets de chevaliers*.

Foi, pois, profundamente civilizadora a influencia que Sua Excellencia exerceu nas classes medianamente abastadas:—sopeiras e tricanas—, porque lhes incutiu os germens d'uma larga intuição artistica e senso esthetico, já com as brilhantes manifestações da arte de Terpsichore, já com mimosas producções musicaes, com que Sua Excellencia as deliciava, acompanhado pelo fiel Maldonado e—em occasiões solemnes—pela brilhantissima cohorte dos Figaros cerveirenses.

Quem, pois, se atreverá a dizer, quem ousará ahi, dos arraiaes da opposição, affirmar que não foi acertada e felicissima a escolha?

Concluo a demonstração, srs. Lucas e Abilio. Pódem Vossas Excellencias refutal-a?

Eleitores do concelho de Valença! Damas e cavalheiros do Club e da Assembleia! Ditas e ditos do Gremio artistico; tricanagem, technicaphilas e paradas-velhas dos bailes do Theatro, eu—Zinão—vos felicito!

E vós, vizionarios, descrentes, que por ahi apregoaes a incompetencia do sr. Deputado, em breve,—eu vol-o affirmo—se dissiparão as vossas duvidas e os vossos applausos hão-de juntar-se, fervorosos e delirantes ás acclamações enthusiasticas da grei progressista quando, no proximo carnaval, assistirdes, nos bailes do Theatro, á verdadeira consagração, á apotheose do nosso Deputado, vendo-o, como *par marcante*, offuscar a fama, até hoje immaculada, dos srs. Trincheiras e Zé do Caes, gritando ás *multidões*, radiante e enthusiasmado, em francez adoptado nos nossos tricanés:

An ivant! Chevaliers dão as mãos e *les Dames* ó miliú.

*

Ah Esteves! Ah Caetano!

Que futuro brilhante e glorioso não está reservado para os vossos violões!

Emquanto a nós:

vá de redrò, Senhor Doutor!

XIII

Carta ao Zé Senso

TERRAS DA PARVALHEIRA

Burgo de Paysandu. Terça-feira,
17 de Dezembro de 1887.

Meu Zé.

Recebeu-se, hontem á noite, o 2.º fasciculo dos *Sinapismos*.

Não sei ainda como te conte o que se passou. Ha onze horas que estou de cama, a caldos de gallinha e copinhos de geleia.

O Dr. Pacheco só me deixa chuchar uma azinha de pito, de seis em seis horas, tal é o estado de fraqueza e abatimento em que me deixaram as violentas commoções, que hontem agitaram este pobre corpo.

Vou coordenar as ideas para te descrever o caso mais extraordinario, que fastos de Valença podem mencionar ás gerações vindoiras.

Tu sabes o que é o indigena sem illustração: corpo amanhado com borras de nababo, betume de Prudhomme, com leucocytos de Tartufo e cellulas philosophicas de Sganarello; alma ingenua, pura, immaculada, feita de arminho, gesso cré, grude de sapateiro e saliva de Zé Povo; no todo, uma mescla de tanso, de rufião e de sacripanta.

Sabendo isto, certamente não te admirarás do que vaes lêr.

Quando hontem á noite, já em ceroilas, punha o barretinho de dormir, ouvi na rua um enorme barulho: tropel desusado, gritos, rodar de carretas, patadas de mula, tiros, etc.

Como estava em fralda, disse ao Zéca que fosse á janella vêr o que era, e na minha mente surgiu a idea de que teriamos uma invasão ingleza por causa dos makololos.

—*São os mokololos? perguntei ao menino.*

—*Não sei, Papá. São muitos homens que passam correndo; uns com espadas, outros com chuços, outros com chicotes, rewolvers, punhaes, facalhões e espetos, gritando:*

mata! mata!

Vão todos com o sim-senhor á mostra e levam nas nadegas duas manchas vermelhas, como ficam nas pernas, quando o Papá me deita sinapismos. Atraz d’elles vem um diabo vestido de amarello, que traz na mão esquerda umas disciplinas de coiro, com que os fustiga, e na direita um ferro em braza.

*

Calcei á pressa as piugas e approximei-me da janella para presenciar tão inesperado acontecimento. Com o ruido que fiz, abrindo-a, a multidão parou subitamente. Todas as cabeças se ergueram, todos os punhos se levantaram, fechados com crispações nervosas; abriram-se mil boccas, onde rangiam sinistramente os dentes; insultaram-me; chamaram-me *porco* e *chulo*; berravam que me haviam de matar, de *escuchinar*, de virar de dentro para fóra, de arrancar as barbas, as orelhas e mais *isto* e mais *aquillo*.

Reparei que aquella medonha e terrivel multidão se dividia em tres grupos distinctos.

O primeiro era composto de maltrapilhos com feitio afadistado, que uma collareja porca e abandalhada, a quem ouvi chamar D. Politica, segurava pelos cabrestos. Zurzia n’elles, com uma aguilhada de ponta d’ouro, El-Rei buffo, D. Milhão.

O segundo era formado por *patetinhas*, d’estes infelizes, que nos hospitaes de alienados são conhecidos por *doidos mansos*.

Guinchavam, mostravam papelinhos, davam saltinhos, faziam esgares burlescos, descobrindo os dentes sujos. Tinha conta n'elles, dando-lhes, de quando em quando, um pontapé, outra mulher em desalinho e que parecia soffrer de grande myopia. Conheci D. Idiotice.

No terceiro, então, misturaram-se fedelhos e cães; d'estes *tótós* pequeninos de pello branco e encaracolado, muito nojentos e muito libidinosos, que mostram sempre a linguinha quando veem as amas, que trazem os focinhos molhados com um liquido que lembra, pelo cheiro, a cal e o peixe da Noruega, e que por ahi chamam, *fraldiqueiros*. Ladravam, davam ao rabinho, levantavam-se sobre as patinhas de traz, agitando para cima e para baixo a linguinha, d'onde escorria um fio de baba mal cheirante.

Aquella multidão saturava a atmospha de aromas insupportaveis; distinguam-se os do bafio, do arrote dyspeptico; este cheiro particular do azebre, do mofo, da catinga, de pé gallego, de coisas lippicas e rançosas, que tresandam a raposinho e a chulé.

No ruido ensurdecador de tanto grito e de tanta explosão de colera, apenas se percebiam estas palavras:

Mata! Mata o Zinão!

*

O meu cerebro illuminou-se, então, com aquelles vividos clarões das grandes angustias; pinoteavam-me na imaginação, em infernal dança macabra, todas as vibrações das grandes dôres; vergalhadas cyclicas açoitavam-me as ideias; a alma rebentava-me com explosões terriveis, minada pela robulite do terror; o coração desfibrava-se esphacelado pelas garras do susto; as cellulas nervosas achatavam-se sob a prensa hydraulica do pavor; o cordão espinal estoirava, esticado pelas furias da raiva; as saliencias do corpo sumiam-se arietadas pela allucinação; na trompa de Eustachio trovejavam as maldições; na retina faiscavam punhaes de odio; na pituitaria abriam chagas os atomos do rancôr; as cordas vocaes rebentavam com a tensão da ira; as papillas da derme eram

esmagadas pelos martellões da colera; diabos vestidos de vermelho arrancavam-me os cabellos; harpias esgrouviadas furavam-me a cornea; satanazes com rabo reviravam-me as unhas; demonios acephalos rasgavam-me a bocca; morcegos sinistros esfarrapavam-me as carnes; lebreus hydrophobos roiam-me as cannelas; corujas esfomeadas espicaçavam-me as orelhas; chacaes lazarentos mordiam-me as nadegas; corcodilos e jacarandés trituravam-me os ossos.

*

E no meio de toda essa *coisa* phantastica, apocalyptica, satanica, horripilante, onde havia carcavões, fragoas, tenazes, forcas, venenos de Borgias, estyletes ervados, lanças quichotescas, navalhas de ponta e mola, balas de papel, espadas de pau, caçoletas e obuzes, explosões sulfuradas, bofes de leão, tricornios de gazeta, furores de Ugolino, ciumes de Othello, terrores de Machbet, perfidias de Iago, risos de Voltaire, astucias de Loyola, sarcasmos de Erasmo, pançadas de capoeira, chulipas de fadista, rugidos de Adamastor, pedradas de garoto, cobras e lagartos, viscosidades de lesmas, virus de serpente, commissões de *quinzes* e de *paysanducos*, protestos, duellos, policias correccionaes, boquilhas, aguas sebastianicas, beliscões kilometricos, musas hystericas, zoilos epilepticos...

—quando contemplava aquelle horroroso quadro em que, as tintas de Miguel Angelo, o pincel de Rembrandt e a phantasia de Hans Mackart, pintavam a sede de Tantalos, a insaciabilidade de Gargantua, a podridão de Imperia, o odio de D. Bibas, o servilismo do eunucho e o calcanhar d'Achilles,

—entre aquelle côro infernal de uivar de feras, clamar de moiros, ulular de caraibas, guinchar de idiotas, urrar de quadrupedes, pinchar de macacos, zunir de vespas, silvar de cascaveis, ladrar de *bulldogs*, d'onde apenas se destacava:

Mata! Mata o Zinão!

—senti alguém ao meu lado.

O tal diabo vermelho pinchára da rua para a janella; extendia-me o braço e dizia:

—*Oh Coisa! dá cá um cigarro. Casca n'elles, que ainda bolem!*

e desapertando a carcela das calças, voltou-se para a turba e...

esguichou-a.

Já sabes, Zé amigo, quem elle era:

O Ridiculo.

XIV

A Questão da Musica

(LEITURA PARA HOMENS)

Ha poucos annos, alli pelo Maio, quando a Primavera floresce os campos e a Natureza parece despertar, com novo vigor, da somnolencia invernã, Dona Politica sentiu pular o sangue nas veias, reclamando folia e brodio.

Teve uns arrebrques erotikos de matrona insensivel á influencia lunar e amancebou-se, clandestinamente, com o Conde de Lippe e com o Senhor Administrador.

Noitadas com um, barrigadas de camarões com outro, lá se arranjou de tal fórma que, d'essas relações, resultou um producto hybrido:—**A Questão da Musica.**

Parto acabado, os amantes disputaram a paternidade do aborto:

—É meu!

—É teu!

—Parece-se commigo!

—Não se parece comtigo!

Zangaram-se e ficaram de mal.

Nunca mais se puderam vêr.

A desavergonhada, ora sorri para um, ora para outro; acirrando, assim, pela sua inconstancia e bandalhice acadellada, o odio dos dois rivaes.

O *mostrengo* (sahiu femea) veiu ao mundo com todos os defeitos dos Papás e da Mamã: vaidosa, ridicula, traiçoeira, caprichosa e porca.

Ao nascer, embirrou que não queria Musica. Papás e Mamã teem-lhe feito a vontade. Qualquer dia, embirra que quer Musica; teremos, então, de soffrer e pagar as furias dos paus-tesos, até hoje refreadas.

O que por ahi não irá!

*

A *Comedia da Santa*, ou antes, a **Comedia da Musica**, absorveu e absorve toda a actividade dos nossos politicos—dos homens que se apresentam á consideração do povo, allegando serviços e pedindo votos.

E em que diabo hão de pensar esses santos varões, se o Concelho voga em mar de rosas, com vento fresco e bons timoneiros?

Examinemos, de relance, as instituições da nossa terra:

Camara Municipal

Praça de toiros com serviço permanente. Empreuario: o Senhor Administrador. Intelligentes: o Senhor Joaquim (por procuração), ou João Cabral.

N'este anno, as corridas promettem. O *primeiro espada*, Senhor Abilio, foi occultamente a Madrid adestrar-se com Lagartijo e com Frascuelo. O gado, do lavrador Ladislau, é manso. Tem fraca *pinta* e pouco *pé*. A casa está passada para as primeiras corridas semanaes. Ha toiros para curiosos.

*

Agora, duas tiradas a serio:

A administração do nosso Municipio anda como V. Ex.^a sabe, querido leitor, em bolandas e ao deus-dará. Muito lhe poderia dizer a

tal respeito; mas esta gente séria da terra, tanto me tem soprado aos ouvidos com aquella preventiva phrase de:

Nem todas as verdades se dizem

que, *por emquanto*, ainda me resolvo a conservar na minha carteira os curiosos apontamentos que d'estas coisas de Valença, cuidadosamente tenho colligido. Prosigamos.

—Approvou-se ultimamente um novo traçado de estradas para o districto; todos os concelhos foram contemplados, menos o de Valença. Pelos modos, lá nas secretarias das Obras publicas ainda se não descobriu, ao certo, se isto pertence a Portugal, se á Galliza. A Camara podia elucidar este caso e requerer, ou instar por concessões a que tem direito. Os politicos, porém, teem mais em que pensar... Ainda se não decidiu a **Questão da Musica**.

—Alli, na Esplanada, amontoam-se, sem ordem nem regularidade, as novas construcções. Ora, apesar da opposição dos paysanducos, a futura povoação de Valença ha de extender-se por esses campos fóra, e esta latrina acastellada com muralhas, poternas e tenalhas, passará a ter o merecimento historico das ruinas de Lapella, hoje excellentes para ninhos de morcegos, luras de toupeira e tocas de grillos.

Portanto, a qualquer cerebro medianamente esclarecido parecerá urgente e indispensavel o levantamento d'uma planta, que desde já disponha, com regularidade, as arterias da futura povoação.

Não se pensa em tal, nem é preciso. Temos a lei das expropriações. A ordem é rica, os frades são poucos e os imbecis são muitos. Ha mais em que pensar. Temos a **Questão da Musica**.

—No centro da villa, ao lado da Ex.^{ma} Camara, existe uma commua, que chamam: Eschola municipal.

Quando quizerdes avaliar a civilização d'este povo, que se ri de vós—oh gentes de Monsão e de Coura!—vinde cá, embebei o lenço em agua de Colonia e entrae alli, na Eschola, onde sem ar, sem luz, sem condições hygienicas de qualquer natureza, se atrophiam diariamente dezenas de creanças.

Os rapazes, cá na terra, sahem da barriga das mães, já com a caneta atraz da orelha para escreverem á familia; não precisamos, portanto, de subsidios do Conde de Ferreira, nem de utensilios escolares.

Corre tudo muito bem. Só falta uma coisa: um pelourinho, alli ao pé da *Sexta*, com os nomes dos philanthropos que responderam aos testamenteiros do Conde:

—*Dispensamos o subsidio; não temos terreno para a escola; está tudo occupado com cacos de guerra e com o Assento dos militares!*

—Diz-se que é util o saber lêr e, n'esta crença, auxilia-se em toda a parte a instrucção do povo, fiscalizando-se o serviço das escolas, animando-se as creanças e estimulando-se os professores.

O pelouro da instrucção (?) no concelho de Valença é um mytho, uma coisa nominal e hypothetica.

Regateiam, por ahi, miseravelmente, os dois patacos de expediente; e na Escola, como verdadeira commua, não ha mobilia, não ha um mappa, não ha uma esphera, uma loisa, um dictionario. A Camara não gasta dinheiro n'essas ridicularias; gasta-o, mas com outras applicações, que fazem parte dos meus apontamentos particulares...

De quando em quando o bandalho da Politica entra tambem nas Escolas; e d'essa visita, nascem as perseguições torpissimas e ineptas contra homens que, politicamente podem ter todos os defeitos, mas que para o exercicio do cargo que exercem, possuem incontestavel aptidão.

—Construiram-se, no largo principal da terra, os Paços do Concelho. O edificio ficou uma gaiola de grillos, com uma unica porta, para elles não fugirem, quando lhes appetecer a serradela.

As divisões interiores são d'uma disposição perfeitamente apatetada. Com as dependencias do Tribunal, repetiu-se aquelle caso dos *moinhos de Coura*. Lá, só pensaram na agua, quando os

moinhos estavam promptos; cá, só depois do Tribunal concluído, é que surgiu na mente dos illustres senadores a necessidade *provavel* d'uma sala para jurados.

Mas o defeito remediou-se e bem.

Fez-se uma especie de espigueiro, um sotão, como os que a gente tem para estender as batatas por causa do grelo e para lá se manda o Jury. Está alli muito bem, livre de correntes d'ar, e com grande vantagem para os curiosos da terra: muito antes que se pronuncie a sentença, já se póde saber, pela janella das escadas, se o réo vae para a rua, ou para o *cavallinho de pau*.

Não ha dinheiro que pague esta commodidade.

—Na Coroadá, admiram os forasteiros a desconjunctada architectura d'uns cortelhos, onde, em nauseabunda promiscuidade, se aconchegam de noite: mulheres, porcos, creanças, bacorinhos, gatos com tinha e cadellas com sarna.

Em terra menos civilizada, já o *senado* teria estudado o meio de, por uma operação financeira possível de realizar, sem graves encargos, transformar esses focos de immundicie em habitações economicas, mas hygienicas.

Mas, então, V. Ex.^a não viu na Exposição de Paris, entre tantas maravilhas da Arte, as primitivas construcções dos differentes povos? Pois cá, em Valença, não precisamos de arranjar artificialmente essa exposição. Alli estão os *cortelhos* da Parada velha, immundos, doentios, nojentos,—como nota característica do nosso Progresso moral e material.

—A gente das cidades tem a mania da Civilização. Abre mercados, rasga ruas espaçosas, aformoseia praças, alinha os edificios e varre as ruas.

Com o pretexto da hygiene e da limpeza faz dinheiro até do esterco.

—Misérias humanas!—dizem os nossos camaristas. Nas ruas de Valença, o que cai, deixa-se ficar. Podem-nos chamar imundos, mas ao menos, não somos dos futres que vendem carros de lixo.

Cá, a gente é assim...

—O concelho precisa de estradas que unam as freguezias e facilitem as comunicações. A estrada de A para B foi considerada, como a mais urgente, pela importancia (politica, já se vê) de B.

Principiou-se a estrada: terraplenagens, aterros, desaterros, etc.

A folhas tantas, desabou a caranguejola ministerial e o que era politicamente positivo em B passou para negativo. Suspendeu-se a construção da estrada.

Chegou o inverno: lamas, enxurradas, desmoronamentos. O que estava feito inutilizou-se, mas não importa: a ordem é rica, os frades são poucos e os imbecis são muitos. Ha mais em que pensar: a **Questão da Musica**.

Junta de Parochia

Instituição composta de differentes membros, sob a direcção do Senhor Sampaio e patrocínio do Senhor Agostinho. Nada mais, creio eu, é preciso dizer.

Essa instituição, que n'outras terras presta valiosos serviços á Beneficencia e á Instrucção, jaz ahi na mais abjecta inutilidade.

A manifestação mais evidente da sua actividade, deu-a na importantissima *Questão da Porta*, com o Senhor Baptista.

A Junta não tem meios; é pobre, vive da graça de Deus. Tem os telhados da Igreja desmantelados; não póde gastar um real em adornos, ou reparos, no interior do templo. Conserva, nos adros, as ossadas dos nossos antepassados—n'esses adros que a gente pisa, onde os cães levantam as pernas e dão muitas voltas, fingindo que se sentam; onde, á noite se baixam as calças e se praticam mil obscenidades. Alli, debaixo d'aquella terra e d'aquella pedra estão os craneos dos nossos parentes, craneos que já tiveram carne, olhos, bocca, labios que acarinharam os nossos paes; estão alli os restos dos braços que aconchegaram ao peito, em noites de amargura e de afflictiva ancia, a cabeça dos nossos avós, quando a febre lhes amortecia os olhos e escaldava as faces.

O respeito aos mortos e o espirito da Religião impõem a urgente exhumação d'essas ossadas e a sua mudança para o cemiterio.

Não póde ser. Não ha dinheiro; a Junta é pobrissima e tem despesas mais urgentes e indispensaveis, como as que se fizeram com a *Questão da Porta*. Pois não era um escandalo? Ainda que se empenhasse a Cruz de prata! Mas não foi preciso; para isso, para a Justiça, ainda a pobre Junta teve as trinta libras, que a questão levou...

Deus, Nosso Senhor, se lembre, para desconto dos meus peccados, da repugnancia com que nego licença á penna, para reproduzir as ideas que, n'este momento, tumultuam no meu cerebro...

*

—Ascencio José dos Santos deixou á Junta de Parochia de Valença estas e aquellas propriedades, com o encargo seguinte: instituição d'um lausperenne mensal com tantos padres e tantas luzes, etc.

Com o rendimento d'essas propriedades pagaria a Junta as despesas do lausperenne, applicando o restante ao desenvolvimento da Instrucção do Concelho.

A Junta acceitou o legado, vendeu as propriedades e converteu o producto em inscripções que rendem, annualmente, *cento e dez mil reis*.

A despesa total dos lausperennes, pagando-se generosamente, é de *doze libras*, ou *cincoenta e quatro mil reis annuaes*, restando, por consequencia, um saldo importante.

A Junta de Parochia acceitou, como disse, o legado; mas os mezes passam e ninguem ouve falar dos lausperennes, porque não se fazem. O Senhor Sampaio, apesar de ser um homem muito temente a Deus, não quer gastar dinheiro com padres.

Dispõe do que é seu e faz muito bem.

Estas coisas consideram-se, cá na terra, como admissiveis e legaes. Uns chamam-lhes descuidos, outros desleixos, etc. Eu pouco sei de sciencias juridicas; mas confrontando este facto com outros, que por ahi vejo punir na cadeia, não ha quem me tire da cabeça, que o *descuido* da Junta entra na classe d'aquelles *descuidos*, que a Lei chama: roubos.

Pura e simplesmente **um roubo**; ao culto, á Lei, ás crenças d'um morto, á Moralidade, á fé dos contractos, ás disposições d'um

testamento, que em toda a parte se cumprem fiel e rigorosamente.

E já que o vendaval do Tempo levou os ultimos sons d'essas fervorosas manifestações de Sentimento, que á beira do tumulto d'um homem que caíu fulminado defendendo os interesses de Valença, inspirou tanto necrologio bombastico e tanto discurso farfalhudo—já que em homenagem á memoria do homem que amou, como ninguem, esta terra, porque tinha na alma a rigida austeridade d'um character impolluto e sacrificava os haveres, como sacrificou a vida, sem pedir á Politica o salario dos seus serviços—se não ergueu ainda, ahi, uma voz para reclamar da Justiça o cumprimento rigoroso das disposições a que se obrigou a Junta de Parochia, seja-me permittido alterar, por momentos, a feição humoristica d'estes artigos para, com verdadeira indignação, dizer ás auctoridades que, n'esta terra, vigiam pelo cumprimento da Lei:

A Junta de Parochia **rouba**, mensalmente, ao culto os lausperennes instituidos no legado de Ascencio José dos Santos.

Esses lausperennes representam *cento e dez mil reis annuaes*, que são desviados para applicação illegal e ignorada.

Ha, ou não ha obrigação de cumprir as disposições dos legados?

Ha, ou não ha Lei que peça responsabilidades aos auctores d'estes *desvios*?

.....

—Prosigamos, porque a rabeca desafina.

Santa Casa da Misericordia

É uma Santa Casa de Politica.

As eleições disputam-se (tudo por philanthropia) como as da Camara, ou do deputado. Impera sempre n'ellas, para suprema

humilhação dos valencianos, a massa bruta da Urgeira, porque ha o cuidado de conservar alli a maioria dos *irmãos*.

Quem escreve estas linhas já teve, por duas vezes, a honra de ser convidado para *irmão* da Santa Casa. *Por acaso*, aconteceu sempre isso em vespervas de eleições. Mero *acaso*.

Na ultima lucta eleitoral entrou uma fornada de 60 ou 70 *irmãos*. Offereciam-se os diplomas com todas as despezas pagas, e depois da eleição houve regabofe de castanhas e vinho branco. O moderno *carneiro com batatas* ainda não estava inventado.

Foi uma eleição renhida, tenazmente disputada; e, com ropias de parva politiquice, dotou-se a terra com mais uma loja de... barbeiro!

Deus me livre de duvidar, por um momento, dos sentimentos caritativos dos especuladores, quero dizer, dos protectores da Santa Casa.

Mas (pergunta-me um diabo que tenho aqui, ao pé de mim, e que desconfia de tudo), porque será que em todo o anno ninguem se lembra do Hospital para lhe augmentar os rendimentos, ou para alargar a sua acção benefica?

Porque será que esse zelo se não manifesta agora, auxiliando os Provedores nos trabalhos da utilissima instituição que o legado Cruz fundou—o Asylo?

Porque vos não reunis agora em activa propaganda,—oh cafila de pantomineiros!—angariando no Concelho donativos em dinheiro e em materiaes que habilitem a Santa Casa a, quanto antes, poder levantar esse edificio tão util para os infelizes?

—Parece-me (diz o tal diabo) que se a Santa Casa, em vez de ter um capital de **cento e tantos contos**, em inscripções, escripturas com hypothecas, e **fiadores** com **paes**, **manos** e **cunhados**, tivesse apenas algumas de X, ninguem lhe disputaria as eleições.

Que diz V. Ex.^a a isto, interrogando a sua consciencia?

Teremos n'este caso Philantropia, Politica, ou... abandalhado Arranjo?

Em coisas da Santa Casa, *por emquanto*, vem só isto á luz do dia.

Ora aqui tem V. Ex.^a um rapido e superficial exame sobre as principaes instituições da nossa terra.

A Politica, a Hypocrisia e a Rotina imperam soberanamente em tudo que póde ser util em Valença. Por isso, quando a gente bate á porta de muitos filhos d'esta terra, que lá fóra, pela sua posição e pela sua fortuna podiam auxiliar novas instituições, só ouve queixas, reclamações e justos resentimentos.

O grande homem da nossa terra seria um velhaco qualquer que em eleição renhida pudesse *empalmar* o João de Gaiteira, ou o Abbade de Cerdal.

Se alguém conseguisse isso, á noite, na taberna do Pedro, teria uma apotheose de *calhos* e de chouriço com ovos, de rachar tudo.

*

—Mas, oh sr. Zinão, dirá V. Ex.^a, então não ha por ahi homens que tenham interesses no Concelho e que lucrem com o seu desenvolvimento?

—Oh, meu senhor! V. Ex.^a sabe quem verdadeiramente mexe os pausinhos da nossa Politica? São os pyrotechnicos da *Questão da Santa*. São dois homens que teem tantos interesses no Concelho como eu, que por duas *perras chicas* offereço a V. Ex.^a as minhas propriedades. São os que armam as *baralhas*.

Não teem um palmo de terra que os interesse no desenvolvimento da Agricultura; não teem uma capoeira nas freguezias, que lhes faça sentir a necessidade de estradas; não teem relações directas ou indirectas com o Commercio, nem com a Industria. Entre elles e as instituições civis ha um abysmo. Nunca fizeram parte d'uma corporação que tratasse do desenvolvimento do Concelho. De administração municipal sabem tanto, como eu sei quem V. Ex.^a é.

Influencia pessoal: como são dois, levam dois votos. Tem Política de sapa. Ensaíam as comédias, põem os actores na rua, mas quando veem fogo nas barbas da vizinhança mettem-se em casa e fecham as portas.

Posso francamente asseverar a V. Ex.^a que esses homens inspiram na povoação mais antipathias do que affectos. Elles que digam a V. Ex.^a se não teem a consciencia d'isso... Aos que lhes fazem a côrte oiço ás vezes cada arcada, em surdina...

Um quer por força pôr o pé nas muralhas para trepar á tina, onde se tingem as meias. O outro surgiu ahi na tripode das sibyllas sem a gente saber *como* nem *porque*; dizem que vê as coisas muito ao longe. Ás vezes adivinha, mas se dá a *palavra d'honra*... é tolíce certa.

Ora, como na terra dos cegos e dos dorminhocos quem tem um olho é rei, os homens por cá vão arranjando a sua vida muito honradamente e livres de vergonhas do mundo.

*

Esses dois maioraes representam os dois partidos; porque nós, meu senhor, nominalmente, tambem temos dois partidos, como as terras grandes. A gente é sempre a mesma.

V. Ex.^a recorda-se do que succedeu ha quinze dias, em S. Pedro, com os comparsas d'aquelle *Auto* dos Moiros e Christãos?

O Zé da Cancellia, o Chico da Aguilhada e o Tóne do Pernicas, no primeiro domingo *faziam* de judeus. N'aquella scena em que, por ordem do Bento Cambádas, que era o Herodes, matam os innocentes, o publico e especialmente o mulhero, *escamou-se* com elles, mandou-os *p'ro raio que os parta* e correu-os a *soque*.

No outro domingo nenhum d'elles quiz *fazer* de judeu e para que a *peça* se representasse, metteu-se o Senhor Abbade no caso. Os que eram christãos passaram para judeus e vice-versa.

Cá, nas farças da nossa Política, succede o mesmo. Quem faz de Abbade é o Senhor Administrador.

Ora aqui está, meu senhor, a razão porque o Concelho ganhou o titulo de *burgo podre* e a razão porque a gente, quando vae offerecer o circulo a pessoas serias, como succedeu ha mezes, é posta no ôlho da rua pelo creado da casa.

*

Voltemos á **Questão da Musica** e encaremol-a pelo seu verdadeiro aspecto—o comico.

Esta celeberrima questão, decomposta nos seus factores, baseia-se n'uma simples formalidade, n'uma pueril e ridicula cerimonia: a licença do Conde de Lippe, a licença do Administrador, ou uma e outra concedidas ao mesmo tempo.

É um caso comico, como o do Hyssope.

Examinemos:

A Musica é a applicação artistica do som; influe poderosamente em a nossa natureza psychica, quer a agite com as sonatas de Beethoven, em que o Sentimento nos apparece burilado e subtil, como uma cinzeladura de Cellini, quer tumultue nas estranhas innovações de Wagner, em que a Harmonia, á primeira audição, nos fere de imprevista e áspera.

Decomposta nos seus elementos, a Musica reduz-se a simples vibrações, transmittidas pelas ondas sonoras. No caso presente, visto que na **Questão da Musica** se trata d'um grupo de labregos, que selvaticamente mortificam os nossosapparelhosauditivos, essas vibrações que, pela instrumentação, se transformam na Harmonia, partem do organismo humano.

Examinando o organismo humano, verificamos que os elementos essenciaes á potenciação d'essas vibrações podem, igualmente, ser fornecidos pelas duas extremidades do canal digestivo e modulados, ou regulados, pela articulação da maxilla inferior, ou pela elasticidade muscular do esphincter.

A composição molecular d'esses elementos será pois: oxygenio, azote, acido carbonico e vapor de agua (caso *a*), ou: hydrogenios carbonado e sulfurado e acido carbonico (caso *b*).

A sua acção vibratil chama-se vulgarmente sôpro, ou bufo; e n'esta ultima designação, que é a mais geral, para distincção dos dois casos *a* e *b* relativos á composição molecular, costuma o povo usar do genero masculino no primeiro caso, e do feminino no segundo.

Assim, por uma rigorosa analyse, de deducção em deducção, chegamos ao seguinte resultado: que a essencia (caso *b*), o valor, a importancia d'essa celebre questão, que fez perigar a paz das nações e que, por ahi, inspirou tanta facecia e tanto remoque de *fino espirito*—é um simples caso de sôpro, é um reles caso de bufo (*b*).

E continuando a empregar o methodo deductivo, visto que esse caso foi o producto d'uma laboriosissima gestação politica, com muita vigilia, muita tactica e muito estudo, por isso que foi cuidadosamente preparada pelos dois partidos contendores—visto que elle symbolisa e exprime os valimentos intellectuaes e politicos dos chefes e maioraes—afoitamente podemos dizer, synthetizando: tudo isso e todos elles não valem um bufo! (*b*)

Politiquemos:

*

Os dois partidos prepararam com longa antecipaçaõ, no remanso dos gabinetes, esse estupendo acontecimento.

Mediram-se as forças, calcularam-se os accidentes, preveniram-se as hypotheses, estudou-se cuidadosamente o terreno, escolheu-

se a hora e inventou-se o pretexto. A malandragem de Ganfey foi assoldada para deitar fogo ao rastilho.

Na vespera de rebentar a bomba, descobriram-se os jogos e todos ficaram logrados. Um dos chefes recebia ordem para ficar às ordens do outro; este, esbarrava a cabeça na estupidez do Zé Povo e nos barrancos que a sua ineptia cavára.

Cá a gente (já se vê) n'essas alturas, arrebitava a pança com o brodio, a vêr os toiros de palanque; e, como elles ainda escabeceiam no curro, vae-lhes mettendo a sua farpa muito honradamente.

Depois da explosão da *coisa*, principiou a desembestar-se por ahi a mais sordida mistela de pilherias apanascadas, que tiveram echo no districto, como se o ridiculo de tudo isso não fosse bastante para nos fustigar o rosto e alvoroçar o sangue.

A partida perdeu-se. Quem a pagou (e foi carita) chorou sete dias e sete noites. Os pyrotechnicos metteram-se em copas. É da praxe: nas barracas do *Pim-pam-pum*, quem ageita os bonecos não paga entrada. Entra pela prenda...

*

Farpeemos...

Depois d'essa dejecção politica, os campos conservam-se armados, medindo-se os adversarios com rancor. No meio d'elles, lá está o sôpro, o bufo (caso *b*)—eterno pômo de discordia.

Progressistas teimam em obstar que a gente em occasião de festa, possa, á noite, dar a sua gaitada por essas ruas e muralhas.

Regeneradores, pela penna auctorizada do Senhor Joaquim, como Juiz da Senhora da Saude, invectivam o Ministerio, reclamando a livre expansão do bufo (*b*).

E agora, que estamos em maré de syndicatos, n'esta carencia de bufo (*b*) muito dinheiro podiam ganhar alguns senhores cá da terra e aquelle barqueiro de Vigo...

Ha coisas que, guardadas, engarrafadas, servem para ocasiões de falta e dão muito dinheiro...

*

O certo é que não se obtem licença para Musica dentro de Valença; ou porque seja negada por mero capricho do Senhor Administrador, ou porque a recuse o Lippes.

Porque nós—louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo—somos cidadãos tão portuguezes, como os de Coura; pagamos decima, como os de Coura; damos votos, como os de Coura; fazemos filhos para o exercito, como os de Coura, mas não temos as liberdades civis, que teem os de Coura.

Pelos modos, ainda nos corre nas veias algum resto d'aquelle bulhento sangue dos nossos antepassados, os soldados de Viriato, que, segundo diz o Senhor Joseph Avelino, tanto assarapantaram o mundo com os seus feitos; e o Governo, em vez de uma auctoridade administrativa, manda-nos duas!

—Quer V. Ex.^a dar a sua gaitada? Precisa de dar o seu *bufo*?

Tem de ir pedir ao Administrador e á Praça; e antes de transitar por essas ruas tem de bufar, voltado para a casa do Governo. Se offerece as primicias do *bufo* á Camara, ou á Administração, a Praça amua e ha baralha, como succedeu com a *fanfurrilha* gallega.

—Tem V. Ex.^a fogo em casa?

Acodem, logo, da Praça e da Administração:

—Mando eu.

—Não mandas tu.

—Apago eu.

—Apaga tu.

Levanta-se questão; tudo grita, tudo berra, e V. Ex.^a, para se livrar de prejuizos, o que tem a pedir ao seu Anjo da Guarda é que o deixem ficar sósinho com o fogo, que é mais socegadinho e pacato.

—Ha *banzé* no theatro, ou na rua? Lá os temos em disputa.

De fórma que, se um dia, V. Ex.^a por esquecimento, por descuido, larga o seu bufo (*b*) na cara d'uma das auctoridades, e sem a devida licença, leva pancada dos dois.

É preso. Chega um paysanduco e agarra V. Ex.^a pelo braço direito. Vem o Balagota e agarra-o pelo esquerdo.

—Venha para a Praça!

—Venha para a Administração!

Puxa um; estica o outro.

V. Ex.^a atrapalha-se, reclama, gesticula, bufa... (*b*)

Se o faz na cara do paysanduco, mais pancada leva. Se mimoseia o Balagota, este põe-se ainda mais amarello do que é, e apita.

Santo nome de Maria! O que ha-de a gente fazer?

Sem musica, sem *bufo* não se póde passar. Fossem-no lá prohibir ao Senhor A. Seixas! Estoirava... de raiva.

Dentro de casa, felizmente, ainda V. Ex.^a póde mandar tocar a Musica e dar o seu *bufo*; mas eu estou a vêr isto de tal fórma que, d'aqui a pouco, se V. Ex.^a, em qualquer sitio, na sala de visitas, na cama—por exemplo—lhe appetitece bufar, tem logo, ao seu lado, um paysanduco e o Balagota, procurando, investigando, cheirando, esmiuçando, por cima e por baixo da cama, levantando, até, a roupa para metterem os narizes (imagine V. Ex.^a a sua desgraça se, para essa operação, lhe apparece o nariz do Dr. Ladislau...) e berrando depois, irados:

—*Aqui deu-se um bufo!*

E V. Ex.^a terá de pedir perdão, confessar o crime, ou desculpar-se humildemente, dizendo:

—*Não dei, não, senhor! E se dei... não foi por querer...*

Ora a nossa desgraça!

Oh gentes do Kalakana! que dizeis a isto?

*

Esta interrupção dos tubos... musicaes—claro é—vem a acabar; e com a mesma imbecilidade, com que actualmente os progressistas impedem a livre circulação do *bufo*, os regeneradores, subindo ao poder, hão-de metter cá dentro, quanto nedio folle por ahi haja, previamente reforçado com alimentos explosivos.

E n'esse dia anti-pituitario, em que tenho de encontrar: uns, de vexados, em casa ou fugindo de corrida ao apupo; outros, de pança tesa e cara alegre, abraçando-se por essas ruas—e todos, supinamente idiotas e essencialmente ridiculos—cá me tendes, oh *bufos* e *anti-bufos*!, para vos estralejar nas ventas a mais sonora gargalhada, que gentes de Valença teem ouvido!

E tenho tambem uma idea...

Emfim, vocês merecem recompensa, pelo entusiasmo com que teem tratado d'essa questão, de grande valor e importancia para a terra. Mastigae já em secco e ouvi lá marotinhos: (mas caluda, por emquanto):

Nos *cómes-e-bébes* dos philarmonicos hei de misturar umas gottasinhas d'um certo elemento drastico

—Oleo de Croton Tiglium—por exemplo, para que elles, nas ruidosas e puxadas explosões dos seus *bufos*, vos possam dar tambem—oh progressistas e regeneradores do pataco!—algo mais de...

...solido!

Toca a aguçar a dentuça, Politiqueiros de meia-tigela!

XV

As Muralhas

Em que condições vivemos?

Com pejo hesito em denuncial-as.

Vivemos acorrentados ao estúpido regulamento, dado ás gentes, ha perto de seculo e meio, pelo Conde de Lippe.

Vivemos como os forçados e os grilhetas—cercados de muralhas.

O que significam, hoje, as muralhas?

O retrocesso, o dominio brutal da pedra; isto é, Pasteur, Edison, Comte, Jenner, Spencer, Hugo, Castelar, Capello, Ivens, Herculano, Pestalozzi, Broca, Kossuth, Humboldt, Chevreul, Wurtz, Lesseps, Eiffel, arremessados para a barbarie dos tempos primitivos, para a idade paleolithica, em que o homem usava cuecas, cozinhava de cocoras, contava pelos dedos e pescava trutas á unha, porque desconhecia, ainda, a engenhosa disposição do anzol e a grande vantagem da minhoca.

Significam os combates dos barbaros; a bruteza dos despotas; as luctas fraticidas; o assassinato legal; a ambição copulada pela força; a lucta braço a braço, arca por arca, alma a alma; a feroz e brutal sensualidade do vencedor, que sorve dos labios do vencido o ultimo alento; o escabujar do moribundo nas vascas de cruissima agonia...

Significam as pontes levadiças, o embate de duas ondas humanas que se chocam, se enroscam, se atropelam, se mordem e se agitam por fim, convulsivamente, n'um montão disforme de farrapos, de carnes ensanguentadas, onde rouquejam as maldições, os estertores, até que as rodas da carreta, ou as patas ferradas d'uma mula acabem de esmagar, de confundir e triturar.

Significam o assedio, o bombardeamento, o incendio, a fome, as mil privações e sobresaltos; a viuvez, a orphandade, o lucto—a morte; isto é: quatro pás de terra sobre um corpo amado, que jaz hirtó e nú, ahi para qualquer canto, sobre o monturo, proximo á *Sexta*; as canções roucas e truanescas dos coveiros do Hamlet; o uivar sinistro da canzoada lazarenta, que escancara as mandibulas, esgaravatando a terra para esfarrapar as carnes; o crocitar lugubre dos corvos, que revolteiam no azul dos céos, espreitando lauto e succulento festim no rebordo ensanguentado das feridas...

Significam a agonia lenta, afflictiva; o velar-se da vista nas sombras da Morte e, n'esse debil bruxolear do espirito, a visão meiga e então dolorosa da familia, da infancia, dos affectos que nos ligaram á vida sem que, collados os labios, confundidos os alentos, n'um derradeiro olhar e n'um derradeiro beijo, se possa desprender a alma entre almas que nos amaram.

*

Com que veneração e respeito eu conservaria uma das tuas cans, benemerito Pasteur, apostolo bemdito do Bem, e com que tremendo pontapé eu te esmigalharia o busto, se aqui o tivesse, feroz Napoleão, negro chacal da Morte, para quem são poucos todos os horrores e tormentos, que a genial e portentosa imaginação de Dante phantasiou nos seus nove circulos!

*

Felizmente, toda esta sentina de granito que os espiritos bellicos e phantasistas denominam *formidolosa Praça*, nunca teve um real de importancia, na historia militar do nosso paiz.

Isto foi sempre o que hoje é—uma *feira da ladra* de tarecos velhos e de cacada guerreira.

Quando em 1809, Soult atravessou a fronteira, o aspecto d'esta carcassa não o atrasou um minuto na marcha. Passou ao largo, sorriu, atirou cá dentro meia duzia de obuzes e continuou em paz o

seu caminho. Palpitou-lhe que não valia a pena subir a Gaviarra, porque não tinhamos custodias d'ouro para roubar, nem preciosidades artisticas; n'essa epocha não existia o muzeu do sr. Sampaio, nem se falava na mystica collecção do Albininho.

Em 34, Napier, a cavallo n'um burro pôdre, veio de Caminha a Valença, seguido por um pelotão de marujos inglezes. Sem estribos, com a volta das meias cahidas sobre os sapatos, rindo com bom humor, berrou alli da Esplanada: «*Ao governador de Valença! Senhor: tenho uma esquadra em Caminha e se vos não entregaes, mandarei buscar cem peças de artilheria, cercarei a praça e a vossa guarnição será passada á espada.*»^[38]

D'alli a um quarto de hora, Napier estava cá dentro.

Depois d'isso, os grandes successos militares da nossa terra limitam-se a breves assedios, nas luctas civis de 37 e 47. Houve muito susto, muito fanico nos dois sexos, alguma granada para espalhar tristezas, e assim se arranjou um simulacrosito pacato e economico d'um cerco em regra, como o que soffreu, ha 19 annos, Strasburgo—(senhoras e senhores, que ainda fallaes com pavor de 37 e 47)—em que aquella desgraçada cidade teve constantemente, vomitando a morte e a ruina para dentro dos seus muros, umas 170 boccas de fogo—ninharia que devia fazer um poucochito de barulho...

Mas apesar d'isso, de nada valeram os ultimos assedios; eu—com franqueza—sinto-me muito mais feliz do que os srs. Manoel Antonio de Barros, José e João Seixas, Santa Clara e outros que assistiram a essas tristes scenas das nossas dissensões politicas; e sinto-me mais feliz, porque, emfim, não me destinou Deus para empresas guerreiras e contento-me em conhecer os effeitos e propriedades da polvora nas bichinhas de rabear do S. João, ou nos devaneios pyrotechnicos da palerma Urgeira, sem offensa para o sr. Chiquinho Veiga.

Mas vejamos qual é a necessidade de conservar essas odiosas reliquias dos tempos barbaros e qual a razão que se oppõe, a que nos seja permittido o que já conseguiram outras terras da fronteira, como Caminha, Cerveira, Monsão e Melgaço—o arrasamento de tão brutaes construcções.

Será a posição estrategica?

Condições excepcionalmente favoraveis na opposição a uma invasão estrangeira?

O inexpugnavel d'aquella posição?

Cartas na mesa, teias d'aranha limpas e jogo franco, senhores da alta militança, lá das Secretarias da Guerra.

Toda esta coisa, com as suas muralhas, baluartes, fortes, contra-fortes, revelins, fossos, falsas bragas, casamatas, cortinas, tenalhas, poternas, escarpas, contra-escarpas, banquetas, meias-luas, taludes, pontes levadiças, abobadas, etc., etc., que constituem na sua complicada relação a arte de Vauban, toda esta coisa, repito—não vale um pataco sebento do sebentissimo D. João VI!

E tanto não vale um pataco, que apesar do apregoado valor estrategico augmentar com a Ponte internacional e de os engenheiros militares terem lembrado, quando se construiu a linha ferrea, certas obras que garantissem as condições da defeza, prejudicada com os aterros e desaterros—até á data nada se fez, nem se fará, se Deus Nosso Senhor quizer.

E tanto não vale um pataco, que se eu tiver em Lisboa um bom *trunfo* politico para empenho: se eu fôr, por exemplo, um João da Gaiteria, elevado politicamente em potencia votante, ao quadrado ou ao cubo, obterei, não só licença para construir nos arrabaldes da Praça, como, tambem, limite de altura superior ao que eu desejar, embora a isso se opponham todos os paysanducos e todos os regulamentos do sabio conde de Lippes.

Ora, de duas, uma: é ou não é importante o valor estrategico da Praça?

Não é. Dil-o a sua historia; dil-o a historia das ultimas campanhas europeas e encarrega-se de nol-o dizer o Governo de S. Magestade, quando o apertam com a tarracha do voto.

Será parvoçada suppor que, no caso d'uma invasão, o inimigo se deteria por um momento com as momices e os esgares d'esta desdentada carcassa.

Perguntem a Strasburgo, a Verdun, a Bitche, a Toul, a Soissons, a Metz, a Schelestadt, para que lhes serviram as vantagens do terreno e as prevenções de Vauban.

E sendo nullo o apregoado valor estrategico, que outra causa fundamenta a estúpida prohibição que se oppõe á construcção de novos edificios, ao desenvolvimento de povoação, tornando odiosa a missão d'esse official que, com um curso de engenharia e com a elevada orientação scientifica, que hoje se obtem nas Escolas superiores, ahi está de sentinella ao regulamento senil que tresanda a raposinho, a catinga, e de que a rotina, o egoismo, e por vezes a velhacaria fazem instrumento de valimento e, até, de vinganças pessoas?^[39]

Attende-se á probabilidade d'um cerco, d'um acampamento, e á necessidade de inutilizar, rapidamente, ao inimigo quaesquer pontos de abrigo?

Mas, oh Molkes pataqueiros! Então prohibis que em minha casa possa elevar meio palmo ao cano da latrina, impedis que no meu quintal levante uma barraca para guardar as melancias e os nabos, e deixaes ahi cavar, a dezenas de metros da praça, esse desaterro, onde se abriga uma divisão com as respectivas familias, se tanto fôr necessario?

Impedis que lá fóra, na minha horta, levante um pau com o gallo, para catavento, ou equilibre quatro taboas, que um cão, alçando a perna no exercicio de certa funcção, faz cahir, e mandaes construir essa outra fortaleza de granito—a estação do caminho de ferro?

Admittindo, mesmo, que o inimigo se estabelecesse para cá da fronteira, que seria de Valença se no Faro, no Marco, ou em qualquer outra eminencia, elle assestasse quatro canhões Krupp,

Bange, Amstrong ou Fraser, que arremessam projecteis com menos peso do que as vossas cabeças—verdade é, porque não teem tanto municio—a 12 e 16 kilometros de distancia?

Para que nos asphyxiaes, pois, com estas montanhas de pedra, militarões lá das altas repartições da Lysbia, estrategicos de meia tigela, que por ahi inficionaes de rheumatismo, de gotta, de rapozinho e de pingo simontado o que póde haver de proveitoso e util nas instituições militares da nossa Patria?

*

As muralhas para nada mais servem do que para attestar aos extranhos que—portas a dentro—o Progresso deixou de actuar.

Servem, como pittorescamente disseram, ha mezes, uns lisboetas que ousaram entrar cá dentro: para impedir que a porcaria e... manchem a beleza dos arrabaldes; servem para balde do lixo, das immundicies, e para os habitantes da villa satisfazerem, prompta e commodamente, um determinado numero de necessidades, tanto em funcções de reproducção, como em funcções de nutrição.

Servem para a gente se desfazer das ninhadas de gatos, que a *Malteza* arranja em janeiro com as suas serenatas ao luar; servem para uma entrevista baratinha e recatada com pudibunda sopeirinha; servem para manter certas artes e officios; servem para fornecer o Hospital militar de bronchites, tysicas, pneumonias e doenças assizicas, que essas desgraçadas sentinellas arranjam em larga copia nas frigidissimas noites de inverno, quando o nordeste, que corta e açoita, as apanha amarradas com a trela da disciplina á carreta d'uma peça rachada, vigiando que o gallego não escale as muralhas e a leve para berloque da cadeia.

E servem, mais, para sustentar essa coisa caduca, ridicula, inutil, offenbachicamente intitulada o

Governo da Praça!

*

—Governo da Praça!

Raciocinemos logicamente.

Qual é a idea implicita n'este titulo?

Commando, direcção na defeza da dita Praça.

O que exigem estas funcções?

Conhecimentos estrategicos e noções de todos os ramos da moderna Sciencia militar, alliados ao senso, ao valor, á prudencia, ao prestigio e á energia.

A quem tem sido confiado tão importante cargo?

Ao Zé da Rosa...

Ora, meus senhores, com franqueza; eu aposto *aquillo* de que se faziam as barretinas, quando não eram da pelle d'urso, se—declarada a Praça em estado de sitio e confiado o commando supremo com a direcção de tudo ao Senhor Zé da Rosa—a cavallo n'um cabo de vassoura, com um espeto de assar cabritos, com tres *malzabetes*, dois *paus-reaes* e um *fileiras*, não tomar Valença e não levar a toque de caixa na minha frente até ás Bornetas, o Senhor Governador e todo o seu Excellentissimo Estado-maior!

E para isto, para conservar a esta latrina uns apparatus bellicos de opereta, estou eu arriscado, por um descuido, por uma descarga electrica, a dar o meu passeio aereo até aos reinos da Lua, com a conservação estúpida de milhares de kilos de polvora, que uma noite podem ter a phantasia de condemnar a minha humilde pessoa áquellas maravilhosas viagens de Julio Verne.

Ora, além do perigo, imagine V. Ex.^a a que enormes responsabilidades, a que enormes complicações diplomaticas, a que enormes indemnisações o nosso Governo se arrisca, conservando por cá essa materia explosiva, que dava para tanta *bichinha de rabear* e para tanto *caganitão*, se lhe quizesse dar applicação differente da que ella hoje felizmente tem: estoirar fragas e rasgar montanhas para facilitar o avanço da locomotiva.

Imagine V. Ex.^a que em noite estrellada de agosto, Don Benito Naveas e sua Ex.^{ma} Familia tomam socegradamente o *té*, na sua *habitacion* de Tuy.

Don Benito, fiel ao partido legitimista encarece mais uma vez a bondade e os merecimentos de D. Carlos, commentando tranquillamente entre saboreadas fumaças d'um *pitilho* e goles de *té*, as noticias que, sobre o Pretendente, em o numero de *miercoles*, apresenta *La Integridad*, luminosa gazeta assotaina da inventora dos *malzabetes*.

«*Con seguridad, Don Carlos és muy bueno hombre; una gran cabeza; el unico rey que debia gobernar la Espana; es un hombre de religion, y que tal... y que sei yo...*»

Subito, ouve-se um estampido medonho. A casa abala-se nos seus alicerces; as paredes oscillam; as traves gemem; as loiças tocam nos aparadores e saltam em furiosa dança macabra. Ouve-se um *crac* medonho, fende-se o tecto e apparece em cima da mesa *del comedor*... quem?—o Senhor Abel Seixas, em pello e em cabello, tal qual estava na cama, sem chinó, pança sumida e olhinhos espavoridos!

V. Ex.^a ri-se? Pois o caso não é para isso. Se chegam uma isca de fogo ao paiol, a qualquer de nós póde succeder o mesmo.

E diga-me V. Ex.^a quanto teria o nosso Governo de pagar a Don Benito pela perturbação do seu socego e—o que é muito peor—pela alimentação d'esse insondavel abysmo—a barriga do snr. Seixas—emquanto este cavalheiro, arrancado bruscamente do seu leito e atirado por esses ares em escandalosa nudez, se recusasse, pudicamente, a ostentar pelas *calles* de Tuy, no regresso á Patria, as linhas bambaleantes das suas formas esculpturaes.

Matutae sobre o caso, homens da Governança!

XVI

A Manifestação de 14 de Janeiro^[40]

(PROTESTO)

Para cá dos limites que tracei á critica dos acontecimentos, por qualquer aspecto evidentes e impressionaveis na chronica politica d'esta terra, disponho hoje, serenamente, os apontamentos colligidos sobre a manifestação de 14 do corrente, para os sujeitar á analyse recta e imparcial, isenta de considerações pessoaes ou collectivas, sem tergiversações de ameaças ou de lisonjas, a que subordinei o programma dos *Sinapismos*.

Á frente d'essa manifestação eu vi homens a quem dedico verdadeira amizade; que respeito nos actos da sua vida particular; que me honram com as suas relações, porque se impõem á consideração de Valença pelo seu character digno e pela sua honradez inconcussa.

Esses homens organizaram uma manifestação popular, que annunciaram como patriotica e que outros classificaram como politica. Inspirada no amor da Patria, ou na paixão partidaria, essa manifestação, evidenciada nas ruas e nas praças, discutida na Imprensa como expressão dos sentimentos d'uma parte da população, perdeu o character, para mim respeitavel, d'um acto isolado da vida particular e adquiriu a importancia d'um facto social, publico e, portanto, sob o dominio da critica.

Abstraio, pois, do meu espirito as relações que me unem a essas individualidades, e nos periodos que vou ordenar para a composição d'este artigo, declaro, outra vez ainda, que aprecio a manifestação promovida por um grupo anonymo de cidadãos e não por um grupo de individuos, d'esta ou d'aquella classe, d'aquella ou d'esta côr politica.

A violencia da phrase com que tenha de censurar qualquer aspecto d'essa manifestação, que me pareça menos digno, não irá, pois, desvirtuar a sinceridade de relações, mais ou menos affectuosas; nem poderá, tambem, ser reputada como indício de adhesão a opiniões já manifestadas por quem, em identicas apreciações, se deixa desorientar pelas paixões partidarias que levam a applaudir toda a ineptia d'um grupo em que se está filiado, e a estigmatizar qualquer idea, muitas vezes util e proveitosa, suggerida pelos contrarios.

Esta é a missão do critico e praza a Deus que a consciencia nunca me accuse de escrever o contrario do que ella, á luz da imparcialidade e d'um livre criterio, dicta á minha penna.

Nos periodos d'este artigo abandono a feição humoristica dos restantes. Tenho de me referir á crise dolorosa por que actualmente passa a alma da nacionalidade a que me orgulho de pertencer; e n'essa referencia, quando a humilhação nos ruboriza as faces e a recordação das passadas grandezas nos amargura e entristece, o sorriso seria uma villania e a gargalhada seria uma infamia.

*

A força inicial dos acontecimentos de 14 do corrente não se póde attribuir á expansão d'um sentimento patriotico, provocada pela recente affronta de Lord Salisbury; na agitação do grupo que promoveu a manifestação não vibrou a alma da Patria: tumultuou o espirito d'um partido.

Mas de qualquer character, patriotico ou politico, essa manifestação, nas condições em que se realizou, envolvendo a bandeira nacional e a responsabilidade d'uma povoação, não merece classificação diversa da que se póde exprimir com estas palavras:

foi **aviltante** para Valença.

Os homens que a promoveram não teem direito á consideração e, muito menos, ao applauso dos seus conterraneos, porque não são

patriotas sinceros, nem politicos dignos. São escravos inconscientes da politica sertaneja, d'essa degradante aberração de principios sãos, de crenças firmes, de convicções honestas, que desorienta, humilha e arrasta pela lama da indignidade, caracteres respeitaveis e talentos privilegiados.

Envolveu-se n'essa *manifestação* a responsabilidade de Valença.

Pois, em nome dos brios d'um povo que é portuguez, em nome d'uma terra que amo, e que se faz respeitar no paiz pela auctoridade intellectual dos filhos que a representam nos mais elevados cargos sociaes—eu **protesto** contra o labeu infamante, com que o grupo organizador da manifestação de 14 do corrente aviltou a nobilissima attitude da Patria na desaffronta d'um insulto e na defeza de direitos conquistados pelo sangue d'esses heroicos luctadores que,—transpondo novos oceanos e descobrindo novas constellações, arrostando os ignotos perigos do *Mar Tenebroso* que a phantasia popular envolvera na nebulosa dos mythos, luctando contra a aspereza de inhospitos climas e contra as rudes vicissitudes da guerra,—ás mais remotas regiões, ás mais distantes e mysteriosas paragens, levaram o nome portuguez, desfraldando a bandeira, onde não se lia, como nas dos modernos exploradores inglezes: **Infamia e Oppressão**, mas:

Liberdade. Civilisação. Progresso.

—Impulsionou-nos, dizem, o amor da Patria.

Discutamos, então, a manifestação, sob esse aspecto.

*

Lord Salisbury, representante d'um povo egoista, perfido e covarde, cuja Historia tem a gangrena da infamia, as pustulas da devassidão e o excremento das villanias, fustigou com o chicote do seu *ultimatum* as faces de todo o homem que se honra com o nome de *portuguez*.

A grosseria avinhada do insulto, a brutalidade do attentado contra todos os direitos estabelecidos, a ferocidade do egoismo, a covardia da imposição d'uma besta superior em força, a dolosa argumentação abonatoria do *ultimatum* e—sobretudo—a consciencia da nossa fraqueza e da nossa impotencia para a defeza energica de direitos indiscutíveis,—afistularam dolorosamente o coração da Patria e, de norte a sul, de oriente a poente, da cidade ao burgo, homens de todas as classes, de todas as condições e partidos, sentindo despertar, redivivo e forte, o espirito da nacionalidade e o orgulho d'outras eras gloriosas, ergueram-se, gritando: **Infamia!**—e occultaram o rosto, para que n'elle ninguem visse o rubor da vergonha e o vasquejar do desalento.

A Imprensa, o Exercito, a Academia, a Magistratura, o Commercio, a Industria, os Municipios, as Sociedades recreativas, as Agremiações de classes, o banqueiro e o artista, o pobre e o rico, —arreatados, galvanizados pela mesma chispa de acrisolado patriotismo—disputaram primazia de nobreza nos seus protestos.

Mas no rosto de todos esses homens, na eloquencia dos seus discursos, no ardor das suas invectivas e no esgrimir da sua argumentação, eu vi sempre, evidentes, sinceros, expontaneos e fervorosos, os impulsos de nobilissimos sentimentos.

Resaltava-lhes dos labios a indignação e, a espaços, no avincado da fronte e no amortecido do olhar, eu descubri o anciar d'uma grande dôr e o revolutear infernal do insulto humilhante, que não se póde vingar.

Um cortejo grotesco, esfarrapado, ululante, recrutado na Parada-velha e avolumado por essa massa anonyma e inconsciente de povo, babugem na onda de todas as manifestações e comparsa indispensavel em todas as farças que tresandem a borga e a quartilhos de vinho, precedia o grupo promotor da *manifestação patriótica* valenciana.

Lá na frente, um homem de cabellos brancos, agitando a bandeira da Patria.

No conjunto, uma arruaça carnavalesca, uma desordenada *fantochada*, scintillante de archotes, tocos de sebo e phosphoros de espera-gallego; ruidosa de gaiteros e caixas de rufo, latas de petroleo, assobios de barro, arrotos, berros asselvajados, graçolas de bordel, acclamações roucas e avinhadas.

Nos olhos, nas faces, na voz, no gesto dos promotores da *manifestação patriótica*, uma alegria evidente, saltitante, irreprimivel, estoirando nas expansões ensurdecedoras d'um jubilo guindado aos pinos do delirio, pelo sopro bestial d'uma pandorga de encarvoados hottentotes, já celebres na *Questão da Santa*.

Abraços, fremitos de contentamento, chapéos no ar, demonstrações de affecto, apotheoses jogralescas, guizalhadas de truão, vivas a Deus, ao Rei, ao Regedor da Parochia, ao Exercito, ás Artes, ao pendão das quinas, a Serpa, aos abbades, ao João da Gaiteira.

Á frente, um homem de cabellos brancos agitando a bandeira nacional.

Dominando a turba, no frontão dos Paços do Concelho, o escudo da Patria: a honra portugueza aviltada, as tradições gloriosas d'um gloriosissimo passado, a epopea das Indias, a harpa eolia dos *Lusiadas* vibrando, soluçante, com os derradeiros alentos do Infante

navegador, de Vasco da Gama, de Alvares Cabral, de Affonso de Albuquerque, de Gonçalves Zarco, de Tristão Vaz, de Gonçalo Cabral, de Diogo Cam, de Bartholomeu Dias, de Fernão de Magalhães, de Godinho de Eredia, de Affonso de Souza, de D. João de Castro;—a fulgentissima constellação das nossas conquistas: Ceuta, Arzilla, Cabo Verde, Açores, Madeira, o Brazil, a Guiné, Mombaça, Quiloa, Mascate, Ormuz, Diu, Calecut, Goa, Malaca, Cananor, Ceylão—empallidecendo com os clarões avermelhados da archotada.

E quando o nojento e sinistro abutre inglez, sulcando a escuridão da noite, poisava no frontão municipal e perante a *illustre, benemerita e patriotica* Commissão manchava, abrindo um pouco as pernas, o escudo da Patria, com o excremento e com o vomito—quando em todas as povoações de Portugal se erguia, energico, o brado da desaffronta e, dolente, o gemido da humilhação—das varandas d'uma casa que pertence ao Estado e que representa, entre nós, a instituição mais nobre, porque é a fiel depositaria das nossas glorias e dos nossos direitos—essas tres palavras ôcas, golfadas, em comica explosão de inconcebivel calinice, sobre os ervaçaes de Paysandu:

Viva Valença... **restaurada!**

.....

Fumemos um cigarro para espalhar tristezas.....

*

Continuemos.

Á frente, sempre á frente, rindo, e chorando lagrimas de pathetica sensibilidade, um homem de cabellos brancos, agitando a bandeira da Patria.

E ao longe, mais ao longe, para lá do Minho, essa nação cavalheiresca, como nenhuma, quando offendem os seus brios: a patria do Cid, de Cortés, de Pizarro e de Balboa; povo altivo que diz

aos seus reis, em Aragão: *nós, que valem tanto como vós*; que impõe a Carlos I pela bocca de Padilla, heroico chefe dos *cumuneros*, o código das suas liberdades; que ainda, ha pouco, se convulsionava fremente e ameaçador perante a reclamação *ingleza* do Chanceller de ferro—povo rico de generosos enthusiasmos e entusiasta de generosas ideas, nosso irmão de raça e companheiro nosso nas aventurosas emprezas d'alem mar—essa nobilissima Hespanha, escutando, absorta e commovida, os ruidos da bacchanal, o tumultuar da arruaça, o cornetear dos hymnos e a vozeria da magna caterva.

E quando esse povo, pela bocca da sua Academia, do seu Exercito, da sua Marinha, das suas Sociedades de Geographia, nos enviava calorosos brados de affecto e nos insufflava alento e coragem—a *illustrada, benemerita e patriotica* Commissão promotora da *manifestação* erguia aos ares saudações á Hespanha e desfilava perante o representante d'aquella nação, em marcha fandanga, ao compasso esbodegado do hymno da Restauração!

Á nota burlesca, a nota grosseira.

*

Quem hoje possui vagas noções de Historia patria, no mechanismo da sua evolução politica, reconhece, com verdadeiro desalento, quanto tem sido errado o plano das nossas alianças.

Desprezaram-se as affinidades da raça, a continuidade do solo, a homogeneidade das aspirações, a reciprocidade dos interesses, a equal fertilidade do clima, a riqueza dos productos, todas essas especialissimas condições de independencia e de defeza que, aproveitadas para beneficio commum em estreita alliança de dois povos—garantidas a liberdade e a autonomia das instituições politicas de cada um—podiam tornar a Peninsula uma facha de terreno inexpugnável e inaccessível ás ambições de qualquer despota.

Com o rapido exame d'um mappa, a Natureza nos indica as vantagens d'essa alliança com a Hespanha.

As truanescas manifestações do *Primeiro de Dezembro* invariavelmente ajoujadas a uma oratoria desenxabida e bolorenta, cinzelada a largos traços pelo escopro da Rotina, mirabolante de imagens sedições colhidas nos marneis paludosos d'um sentimentalismo piegas em materia de patriotismo—acirrando odios contra quem respeita a nossa autonomia, acata os nossos direitos e liberdades, e partilha, com equal dedicação, o nectar das nossas alegrias nas grandes consagrações civicas e o fel das nossas amarguras n'estes tristes dias de decadencia—devem banir-se para sempre em terras, como esta, que merecem cotação intellectual superior á de Paio Pires.

Os sessenta annos do captiveiro chocalham constantemente nos cerebros dos gafados patriotas, para despertarem no povo o espirito da sua nacionalidade e a altivez da sua autonomia. Mas esse periodo sumiu-se nas brumas do Passado e pela heroicidade dos quarenta immortaes—o que é muito discutivel—ou por circumstancias occasionaes e propicias á nossa emancipação, ha duzentos e cincoenta annos que somos livres e independentes, entre as demais nações da Europa.

Transmittimos aos nossos filhos esse odio á Hespanha; sobre os bancos das praças, golfamos, em façanhuda oratoria, rancorosas recordações dos Filippes, das luctas da Independencia, das agruras do captiveiro, do despotismo de Olivares; e, entretanto, entra-nos John Bull em casa, empalma-nos as mais ricas colonias, impõe-nos esses vergonhosos tratados de 1642, 1661, 1703 (Metwen), 1810, 1842, 1878 e esse celebre tratado de Lourenço Marques, em que os dois actuaes partidos da nossa politica teem graves responsabilidades, um porque o redigiu, outro porque o approvou, embora modificado.

A Hespanha subjuguou-nos por 60 annos. A Inglaterra subjuga-nos ha perto de tres seculos, dispondo da nossa Politica e absorvendo lentamente todos os elementos da nossa riqueza e da nossa vitalidade. Com a Hespanha não queremos relações, porque todos

os nossos affectos são para a Inglaterra, que nos acorrenta a alianças, onde ha perfidias e traições, e nos socorre, quando lhe convém—com exercitos de bandidos que devastam e roubam este desgraçado paiz com sofreguidão superior á do inimigo, que nos forçou a pedir socorro.

A Hespanha festeja e acolhe bizarramente os nossos exploradores. A Inglaterra sorri desdenhosamente, orgulhosa de Stanley, o feroz Attila dos sertões africanos. E quando nos vê abatidos, impotentes e pobres, insulta-nos pelas boccas do poltrão Bright, do troca-tintas eleitoral Salisbury e por essa horda de bandalhos, redactores do *Times* e do *Standart*, assalariados para abafarem as asquerosas applicações dos *Telegraph's boys*.

Todavia, quando Sua Alteza o Principe de Galles vem a Lisboa gastam-se centenas de contos com a sua recepção, e quando a *graciosa* Magestade, (que graça!) Mamã do dito Principe, solemnisa o jubileu, os representantes do povo portuguez curvam-se, reverentes, em respeitosos salamaleques, aos *graciosos* pés da *graciosa* Imperatriz das Indias!

E no *Primeiro de Dezembro*, já se vê, grossa pancadaria de gaiteiros e um nunca acabar de foguetes com tres respostas.

O hymno da Restauração desperta antigos rancores e origina odios, que a Hespanha não merece. Mandar tocar esse hymno, aqui, na fronteira, exactamente na occasião em que aquella nação estremece com o insulto que o inglez nos vibrou, não denota, sómente, grosseria, denota ignorancia.

Temos, pois, já outra nota:—a da ignorancia; e como burlesca, grosseira, e ignorante, repetimos:

a manifestação de 14 do corrente foi **aviltante** para Valença,

porque aviltou a bandeira da Patria que, á frente, um homem de cabellos brancos agitava.

Examinemos agora, respeitosamente, este homem.

*

Descubro-me perante elle.

Tem 74 annos.

É um espirito embalado pelas doiradas crenças da velhice, que se assemelham ás ingenuas convicções da mocidade.

Tem enthusiasmos pueris e cultos idolatrados.

Influe a mais rigida honestidade nos actos da sua vida particular.

É um homem antigo, como diz o povo; e n'esta epocha de decadencia, em que na alma da nação existem, narcotizados pela mais criminosa indifferença e pelo mais repugnante egoismo, todos os sentimentos nobres e todas as crenças sans—este homem continúa caminhando impassivel para o occaso da vida, com os olhos fitos n'um Ideal de Honestidade e de Convicções—especie de mytho, com que, apontando para o Passado, tentamos hoje inocular no espirito dos nossos filhos o virus preservativo contra a Descrença e contra o Scepticismo.

Este homem conserva ainda, immarcessivel, a pureza de todos os cultos e de todas as tradições que seus Paes lhe legaram.

Crê na infallibilidade do Papa, na moralidade dos partidos, na sinceridade das convicções, na respeitabilidade dos conselheiros, na seriedade d'um *marmanjo* sertanejo qualquer, que, sentado no confessionario, descança, hoje, das fadigas que lhe vergam as pernas, depois das arruaças politicas d'hontem.

Atraz das procissões sente-se feliz e orgulhoso com o seu *habito*, marchando, altivo, ao lado do pantomimeiro, que em troca d'uma tranquiберна eleitoral chegará a ser commendador de Malta, ou Marquez, em dez vidas, de Paysandú, ou Chão das Pipas.

É fanaticamente liberal; quando, n'um dos artigos d'este livro, por inoffensivo trocadilho, lhe chamei *miguelista*, teve explosões de colera e arrancos de indignação.

Chamam-lhe: o *liberal de 34*.

Soffreu com as luctas d'essa epocha e com as seguintes.

Foi perseguido; andou a monte, passou fome e foi preso.

Respeita as instituições vigentes. Não admite manchas na vida politica de D. Pedro IV, o seu legitimo Rei. Desculpa as fragilidades d'esse sebento poltrão, D. João VI. Odeia os republicanos e ajudaria a enforcar um iberico.

Por consequencia, na sua alma existe, profundamente enraizado, o amor da Patria; não o amor originado no funcionalismo da barriga, mas o que parte do coração, o que é verdadeiro, intransigente e expotaneo.

Pois este homem foi ignobilmente explorado para o scenario da *manifestação patriotica* e, acorrentado pela Politica, exposto por essas ruas ao mais degradante ridiculo.

Dedilharam as cordas do seu sincero patriotismo; falaram-lhe na Patria offendida; mostraram-lhe a bandeira. Abraçou-se a ella, nervoso, soluçando, humedecendo-a com lagrimas.

Empurraram-no para a rua.

Quando na minha frente passou o grotesco cortejo, eu já não vi o velho respeitavel, nem o homem liberal. Vi um macaco vestido de azul e branco, com a corôa real na cabeça, pinchando e bailando ao som dos hymnos esmoidos pelo realejo da philarmonica africana.

De quando em quando, o realejo cessava de tocar.

Um patriota discursava á turba; outro extendia o prato e pedia a esmola dos *vivas*.

O macaco ria, ou chorava.

—*Viva a Reliquia!*—exclamavam á frente do cortejo.

—*Viva o Relicas!*—berravam os paradas-velhas.

Do liberal de 34 a Politica acerdalada fizera aquillo: uma coisa ridicula, comica, irrisoria, tristemente deploravel, porque tinha cabellos brancos. Essa *coisa* já não era a Reliquia dos homens liberaes de 34; era uma *Reliquia* falsificada, de contrabando, como

seria o rabo do meu gato, exposto em Santo Estevão á veneração das beatas, como uma trança de cabelo de Santa Margarida de Cortona.

Á porta do Sr. Palhares, a cabeça branca d'esse velho recebia picaresca consagração, n'esta phantasiosa e alcoolica imagem:

—*Viva a Rosa de 74 annos, estramplantada para o nosso Jardim!*

E a caterva parada-velha repetia:

Viva a Rosa Relicas!

Do homem liberal ficou para Valença a: **Rosa Relicas.**

*

Este homem, lendo o que escrevo deve considerar-se offendido pela rudeza da ironia.

Oxalá que a caterva dos falsos amigos, que o guindaram para o andor do Ridiculo, o respeitassem como eu o respeito e venerassem, como eu venero, a sinceridade das suas crenças!

Homem de 34!

Escuta:

A minha idade é muito inferior a metade dos teus annos. Entrei no periodo activo da vida, quando já estavam suffocadas as agitações politicas a que assististe. Não tenho relações intimas contigo, mas respeito-te, porque és dos homens que trabalharam e soffreram para eu gosar as liberdades d'esta epocha. Não tenho a experiencia da vida que tu tens, mas peço-te que attendas ao que te vou dizer, porque conheço, melhor do que tu, os individuos que nos rodeiam, a natureza dos seus sentimentos e a sinceridade das suas crenças.

Quando a minha razão principiou a funcionar, já por ahí lavrava, intensa, a immoralidade, e os homens, pela irrefutavel logica dos factos, encarregaram-se de inutilizar no meu espirito as illusões que tu ainda conservas, porque vives um pouco arredado d'elles.

Escuta, pois!

Quem, como tu, soffreu as deploraveis consequencias das nossas dissensões politicas e provou o fel d'essa malfadada epocha, em que dois partidos, irmãos no sangue, se perseguiram com encarniçado odio, a tiro, a faca, a cacete e a machado,—quem, como tu, avaliou os dolorosos transe e as indescriptiveis angustias que infernaram a alma das familias e dilaceraram os affectos d'uma povoação, constantemente sobresaltada com a incerteza nas vidas e com a noticia das mortes,—quem conheceu os horrores da fome, as tristezas do exilio, os negrumes do futuro,—quem viu o corpo d'um portuguez baloiçar-se, sinistramente, na forca infamante, e viu as costas d'um homem esfarrapadas pela chibata do corneta,—quem teve amigos que foram assassinados a machado em Extremoz, arrastados, semi-vivos, pelas ruas do Porto, espingardeados nas linhas e no reducto dos Mortos, garrotados em Lisboa, fusilados em Vizeu,—quem viu cabeças, gottejando sangue, espetadas em mastros e ouviu falar das ferocidades do Telles-Jordão e do seu *menino*, bestiaes cerberos de S. Julião,—quem escutou por todo esse paiz o choro afflictivo das viúvas, o soluçar das creanças e o estertor dos moribundos entre as ruinas da Patria, ennegrecidas pela fumarada do incendio e avermelhadas pelo sangue fraticida,

homem de 34!

quem viu e ouviu tudo isso, nunca deve contribuir com a sua presença e com o seu applauso para acirrar o odio dos partidos, ou para estimular em terras pequenas, como Valença, essas divergencias de opiniões que, levadas pela allucinação á infamia das vinganças e ao rancor das represalias, podem preparar, no futuro, nova serie de horrores, como os que tu viste e como os que tu soffreste.

Esses cabellos brancos nunca se devem prender ao Passado para trazerem á terra em que vives e onde tens os teus affectos de familia, o bacamarte assassino e o facho incendiario, em que se podem transformar esses archotes do teu sequito de paradas-velhas. Devem prender-se ao Passado, mas para de lá arrancarem com o vigor da experiencia: o conselho, o ensinamento, a reflexão, que podem suffocar o ardor das paixões e prevenir os excessos da allucinação.

Tens umas convicções partidarias; acceitas um *credo* politico. Respeito essas convicções e a doutrina d'esse *credo*, porque ao teu partido deve a Patria valiosos serviços na honrosissima cruzada do seu engrandecimento, d'onde emanam a paz e as liberdades que hoje fruimos.

Sustenta as tuas idéas politicas, mas descreve, sempre, aos homens de todos os partidos o que foram as luctas e as agitações de 30 a 51.

Tu és honesto, crente, sincero e bom. Não manches a respeitabilidade das tuas cans n'essas abandalhadas orgias, onde vês como principaes heroes, *exigindo musica e borgia*, ministros d'uma religião de paz, de tolerancia e amor, afeitos ás esturdias sertanejas e acerdaladas d'uma politica de barriga, de arroz de forno, e de chouriço com ovos.

Talvez que n'essas horas de esturdia algum pobre velho agonizasse, pedindo, em vão, o amparo de Christo...

Como patriota, modera esses enthusiasmos, que tão violentamente agitam a tua alma.

Crês, acaso, na intensidade d'esta explosão de colera que Lord Salisbury provocou?

Verás como, dentro de dois mezes, não resta uma faula de todo este incendio. Temos á porta novas eleições; o vinho das *borgas* se encarregará de apagar as labaredas.

Crês na efficacia dos meios, até hoje apresentados para a nossa defeza e para a nossa desaffronta?

Será mais um triste couraçado para, em frente de Belem, chorar as nossas passadas grandezas.

Acreditas na persistencia da lucta commercial?

Dentro d'um anno, a chita e a lona virão outra vez de Manchester, porque lá, custa cada peça menos 2 *shillings* e 6 *pence* do que n'outra parte. Em mil peças, essa diferença produz cerca de seiscentos mil reis que, a juro de 6 por cento, rendem oito libras annuaes. Ora, essa diferença, bom homem, não se póde perder. Esta coisa de patriotismo é bonita, fica bem a todos; inspira discursos, que põem a gente a dançar na corda bamba do enthusiasmo, mas... alli, o meu visinho vende o metro da lona a sete menos cinco, e a que eu tenho custou sete vintens em algures. Nós—eu, tu, os teus amigos e os meus—vamos a quem vende mais barato. Precisamos de economizar, porque está tudo, como sabes, pela hora da Morte.

Pensa bem e reconhecerás que, hoje, a Patria não merece essas lagrimas, com que humedeceste a sua bandeira.

Vês este enthusiasmo na subscrição nacional?

Lembras-te do que houve na subscrição do Baquet?

Pois ninguem se lembra das victimas e ninguem conhece a applicação que teve o dinheiro que demos.

Alegra-se a tua alma com este furor contra o inglez?

Tens visto a excitação que se levanta por esse paiz, quando algum *sotaina* arrebatá, do seio da familia para a clausura do Recolhimento, qualquer herdeira endinheirada?

Comicios—representações—protestos—morras ao Jesuita!—abaixo a reacção!—o diabo!

Quinze dias depois, já ninguem fala em tal. A rhetorica entra novamente na gaveta das coisas ricas e asseadas. Depois... Quartel general em Abrantes.

N'esta propaganda anti-ingleza só encontras enthusiasmo sincero nas manifestações da mocidade e na indignação dos velhos—duas

epochas da vida, que se assemelham, como sabes.

Esses que te envolveram na *manifestação patriótica* gastaram, com a esturdia e com as ultimas eleições, cerca de trezentos mil reis. Vae saber quanto elles dão para o couraçado e para os torpedeiros.

Andaram contigo em charola e adoraram-te, de joelhos e mãos postas, como uma Reliquia dos homens liberaes.

Ataram os seus enthusiasmos aos teus cabellos brancos e elevaram, aos céos da popularidade, o balão flammejante dos patriotismos. Curvam-se arrebatados, extasiados, sensibilizados, perante as venerandas Reliquias dos homens liberaes; mas—ouve lá—pergunta-lhes se alguma vez se lembraram d'esse pobre velho de cem annos, que desembarcou no Mindello, que teve a *Torre Espada* e que para ahi viveu cego, decrepito e idiotado, com tristes patacos, emquanto que muito...

—Bom homem! Dá cá outro cigarro...

*

Resumindo, meu velho, aconselho-te a que moderes esses teus enthusiasmos patrioticos, porque excluindo, como disse, as manifestações dos novos que ainda não roçaram as azas pela immoralidade d'estes tempos, todas essas celeumas e gritarias não valem—crê—uma das tuas lagrimas. Isto, emquanto a patriotismo. Ora, ácerca da Politica e dos homens que por cá dirigem os partidos, quando elles te agarrarem nas pernas para o andor da *fantochada*, faze-lhes como eu fiz aos paysanducos, que me quizeram matar por causa da carta ao *Restaurador*:

esguicha-os.

Olha que, politicamente falando, entre FONSECAS, VICES & ABBADES, ou MORAES, AGOSTINHOS & CUNHAS

venha o diabo e escolha.

*

Agora, dá-me a bandeira e grita commigo a esses *patriotas*, que te querem levar para as freguezias:

Abaixo as mascaras!

Vae socegado para tua casa, e deixa-me com elles, porque lhes quero dizer, ainda, duas coisas, antes que saiam da Coroadá.

Já podemos rir, respeitabilissima Commissão *patriotica*:

Arrancadas as mascaras, *vocellencias* ficaram o que realmente são: não patriotas, mas politicos de gaiteiro.

Disse eu, no principio d'este artigo, que a *manifestação*, quer tivesse o character politico, quer o patriotico, aviltára Valença. Demonstrei a asserção relativa á segunda das classificações e vou evidenciar a indignidade da primeira.

Estes *banzés* de musicas, foguetes, vivas, archotadas, cómes-e-bebes, brindes etc., etc., podem fazer effeito entre abbades sertanejos, dos que não sabem verdadeiramente quaes são as leis de equilibrio que obrigam a gente a andar com as mãos no ar, sendo a cabeça mais pesada do que os pés.

Esses regabofes trescalam, sempre, essencias do alho, do carneiro assado, do esturro das batatas, da vinhaça, do vomito—essencias que denunciam o suborno, a pressão, a compra de voto, a immoralidade, a inconsciencia e o servilismo.

Os partidos compõem-se de homens, que nos actos da sua vida social, como nos actos da sua vida particular, acertam e erram.

Por estes e por aquelles accidentes sobem ao poder e sahem d'elle. Uns e outros decretam leis inuteis, uteis e prejudiciaes,

porque infallivel dizem que só é o Papa e, ainda assim, ha muita gente que embica com essa infallibilidade.

O partido progressista, como o partido regenerador, tem tradições honrosas e tem manchas; o partido regenerador, como o partido progressista tem no seu seio homens dignos, que honram o paiz.

Quem póde, em momentos de reflexão serena, deixar de prestar homenagem de gratidão e de respeito á memoria d'esse homem, que dedicou toda a sua existencia ao engrandecimento da Patria e que, apesar de ter palacios em Londres, morreu pobre e legou dividas:—Fontes Pereira de Mello?

Quem póde recusar-se a honrar o nome de Anselmo Braamcamp, o cidadão prestante, o character nobilissimo, a quem o paiz tanto deve?

Os defeitos da Politica portugueza, desde 32: os arranjos, as ambições, o desperdicio dos dinheiros publicos, o desamparo das instituições proveitosas, o abandono da Agricultura, da Industria, das Colonias, são communs, e d'elles teem eguaes responsabilidades todos os partidos.

Esses defeitos vem de cima e vão para cima. Apparecem nas imposições eleitoraes, na recommendação governamental dos candidatos, na necessidade das maiorias etc.; e nascem alli, nas pretensões do Sr. Abbade, que precisa de livrar os mancebos X e Y do recrutamento, nas exigencias do magnate Fulano, que pretende uma estrada para a quinta etc.

De cima vem as imposições; de baixo vão as exigencias. Ora, n'esta permutação de generos, por conta propria, ou á commissão, ganham sempre os de baixo e os de cima; e, sendo assim, claro é que deve haver um terceiro para os prejuízos:—ha o Paiz.

Isto é coisa velha e sabida.

Vocellencias terão a ingenuidade de suppôr que haja alguém, n'este anno de Christo, que repute sinceras, emanadas d'uma profunda convicção politica, essas ruidosas manifestações?

Na *fantochada* de 14 o que se evidenciou foi isto: a explosão partidária de quem estava *por baixo*, a pirraça aos Moraeses, o nectar das abandalhadas vinganças, os mancebos livres do recrutamento, a provocação da *beíça* e outros elementos que a ignorância gera.

Quando *vocellencias* passavam, a gente,—emfim, por delicadeza: Maria vae com as outras—sorria e cortejava; mas cá dentro, no escaninho da nossa razão, onde, á noite, guardamos a gravata e o Senso commum, appareciam logo, nitidas e causticas, estas palavras:

Que sucia de pataratas!

*

Quando cahiu o partido regenerador, os progressistas promoveram igual *borga* por essas ruas; quando, ha mezes, se realisaram as eleições, P. Alexandre atordoou os ouvidos da humanidade com bombas de dynamite.

Toda a gente se riu das *gaitadas* especiaes que tiveram os Srs. Agostinho, Dr. Ladislau e outros senhores evidentemente progressistas. No coice da procissão, lá iam os nossos paradas-velhas, muito lepidos e repontantes, nariz no ar, chinela rota e fralda de fóra.

Toda a gente se riu dos foguetes do Alexandre e, até, no cerebro de alguém, fuzilaram, como relampagos, vividos clarões de suspeitas exquisitas...

Vocellencias aepinaram o caso, como eu aepinei, porque, emfim, Valença não é o mesmo que Urgeira, Cerdal ou Gandra (salvo o devido respeito a Montes Claros e ao Patriarcha).

Passam os annos, e quando eu suppunha que na mioleira de *vocellencias* existia algo differente do que se suspeitou no cerebro alexandrino, saltam *vocellencias* para a rua, transformando Valença no Pandemonium de Milton!

Esses espectaculos são frequentes nos grandes centros. Organizam-se os cortejos nos bairros immundos, onde o *real d'agua* obtem maior rendimento; onde o Rosa Araujo gasta seis contos na compra de votos; onde o Sentieiro e o Cagaçal conservam fechada e vigiada, durante os tres dias anteriores á eleição, a turba ignara dos cidadãos (?) votantes.

Quando a onda da escoria se alastra pelas ruas centraes, ninguem que possue senso, deixa de encarar com verdadeira repugnancia a babugem do servilismo e da estupidez.

Quem promoveu e planeou essa arruaça de 14? A Politica *pataqueira* que nas provincias provoca odios de familias, instiga resentimentos, prejudica interesses, origina represalias, prepara transferencias, requer perseguições judiciais—emquanto que os candidatos protegidos e combatidos riem á mesa do Matta, commentando, em tom faceto, as parvas pretensões dos parvos magnates do circulo.

Foi essa *coisa* amanhada com a Ignorancia e com a Velhacaria que, ha annos, aqui inaugurou o regime das perseguições e das represalias—regime que ao carrejão d'hontem, hoje feito *trunfo*—concede a faculdade de exigir a transferencia d'um Juiz, se tal idea surgir nas torvas especulações da sua gafada orientação politica.

Ha pouco tempo, censuravamos com phrases de verdadeira e justissima indignação, a transferencia d'um funcionario publico, que lucta com difficuldades para sustentar numerosa familia. Lá foi o desgraçado para *cascos de rolhas*.

Existe, ainda, em nosso espirito o nojo que inspirou esse *processo de nullidade* tentado contra a nomeação d'um professor, por uma corporação tão zelosa pela instrucção popular, que conserva fechada **ha cinco mezes** a unica escola que temos para o sexo feminino!

Tudo isso se classificou como indigno, como torpe, como vil.

Mudam as situações; mudam as cabeças e cá temos as represalias—essas infamissimas represalias—annunciando, pela bocca dos bigorrilhas politiqueiros, novas transferencias e novas villanias para *saldo de contas*!

Os homens da actual Politica andam açodados em mysteriosas (?) combinações; escoam-se nas sombras da noite, pelos becos e travessas que conduzem ao centro (!?!); segredam, cochicham, mostram cartas e telegrammas; sorriem, piscam os olhos, ostentando parvoamente á luz do dia as multiplices transformações d'esse implacavel Ridiculo que os envolve, quando a gente se lembra que são os mesmos homens do sr. Serpa e que todos elles, de pernas para o ar, não deitam uma duzia de votos!

Em todo esse afan, em todas essas mysteriosas combinações, em todo esse serzir de esfarrapados planos, imagina V. Ex.^a, querido leitor, que se tratou alguma vez de melhorar as condições materiaes do concelho, de ampliar as suas instituições, ou reorganizar a sua administração? Nem uma palavra a tal respeito!

Estudam-se, combinam-se, discutem-se *unicamente* os meios de obter as transferencias de Fulanos e de Cicranos, como medida *inadiavel e urgentissima*. Nas horas vagas d'essas nojentas lucubrações, raspam-se as picheis e lavam-se as gamellas para a proxima bambochata eleitoral.

Ah Saltamontes e Grices dos dois partidos! Muito dinheiro podia ganhar quem vos apresentasse no Colyseu!

A Physiologia demonstra a hereditariedade dos defeitos organicos. A Politica d'esta terra é nojenta e a *manifestação* de 14, como producto d'essa Politica, apresentou-se com todos os vicios da origem.

Portanto, concluo, repetindo: essa *manifestação*, como patriotica ou como politica,

foi **aviltante** para Valença.

*

Nota final:

O principal heroe da *rusga* foi um abbade. Chapéo de fadista, casaco de pelles, nariz de furão, ponta de cigarro na orelha—razoavel exemplar d'esse typo muito vulgar pelo Alto Minho:—o *capador de porcos*.

Resolvo rifal-o. Bilhetes a pataco, que desde já estão á venda no *estabelecimento* do compadre Pedro.

Lembro a V. Ex.^a, querido leitor, que é tempo de semear as ervilhas e convém

afugentar os pardaes.

Valença 20-1-90.

XVII

A Sociedade dos Provareis

(FRAGMENTO DA HISTORIA GREGA)

Como actualmente predomina nos espiritos illustrados uma tendencia absoluta para a analyse e para a investigação, parece-me que não serão aqui mal cabidas as seguintes linhas, que esclarecem, com os informes de um historiador classico, o periodo, indubitavelmente mais interessante e curioso, da civilização grega—o seculo de Pericles.

Na Litteratura e nas Artes estuda-se tenazmente o Passado, arrancando-se das trevas da tradição e das brumas da lenda, as producções maravilhosas dos grandes genios e os elementos constitutivos das grandes sociedades.

Recompõe-se a organização social da velha India; analysam-se os factores principaes d'essa assombrosa civilização hellenica e os do immenso poderio da antiga e soberba Roma; acompanham-se os Carthaginezes e os Phenicios nas suas audaciosas correrias; reproduzem-se as maravilhas da Arte arabe e investigam-se pacientemente as Sciencias, n'esse glorioso periodo dos Omniadas, que tão brilhantes vestigios deixaram da sua dominação na Peninsula iberica.

Assim, tudo o que actualmente póde representar para o homem illustrado, uma reliquia dos povos e das civilizações antigas—um livro, um pergaminho, um papyro, uma inscripção cuneiforme, um hieroglypho, uma lasca de silex, um fragmento de bronze, o dente d'um mastodonte, o coccyx d'um almoravide, o vomer d'um Ramsés, a tibia d'um khalifa—tem o mesmo valor, n'este culto pela Tradição, n'esta religião do Passado, que para o beaterio póde ter um ossinho de S. Francisco, um cabellinho da venta de S. Pancracio, ou uma unha das onze mil Virgens, que ainda hoje, nos

grandes estabelecimentos commerciaes de reliquias sagradas e preventivas contra bexigas, massadores e outras coisas más, obtem elevado preço, apesar da enorme edição que se espalhou no mercado:—duzentos mil exemplares!

Nas Academias, nas Sociedades de Geographia, de Anthropologia, de Geologia, de Linguistica, de Numismatica, e congeneres, fundadas em todas as capitaes e centros civilizados, já com o auxilio dos governos, já pela iniciativa particular, organiza-se e apresenta-se ao exame do publico uma verdadeira exposição retrospectiva da actividade e da intelligencia do homem, desde as primeiras manifestações da sua vitalidade no globo terraqueo, até aos nossos dias.

Claro é que Valença não podia ficar indifferente a esta nova orientação dos espiritos cultos; e até, primeiro que n'outras terras, aqui rapidamente se desenvolveu o gosto pelas antiguidades, o culto ás coisas passadas, que o povo, na sua linguagem rude, pittorescamente classifica como: *mania* de cacos velhos.

Ha por ahi muitas collecções e muitos colleccionadores:

*

Teias de aranha, microbios, tarecos velhos e empregos, collecciona o sr. Sampaio. O sr. Agostinho, partidos politicos e casacophones; chinós, ovos de passarada e instrumentos de vento, o sr. Abel Seixas; o sr. Zagallo, caixas de phosphoros, officios de despedida ao Senado e santinhos; sermões gallegos e patacaria de D. João VI, a Assembleia; o Club, homens pacatos da rua de S. João; commendas e pergaminhos, o sr. Verissimo de Moraes; o sr. Leopoldo, machados de bronze, volumes do *Almocreve das petas* e coisas das edades paleolithica e neolithica; o sr. Palhares collecciona moleques, macaquinhos empalhados e uma raça maldicta de papagaios, que o diabo inventou, para estoirar a membrana do tympano á desgraçada humanidade.

O Albininho collecciona tudo e é um colleccionador precioso, porque commenta; preparando, assim, inexgotavel thesoiro para as

investigações historicas dos posteros.

Conserva cuidadosamente ordenadas por dia, mez, anno e seculo, atadas com fitinha de seda verde, azul, ou branca, conforme o signatario, todas as cartas que tem recebido, desde que traduz lettra redonda. Cada missiva mostra, no verso, uma nota explicativa:

14 de Outubro de 1876 (e seis)

Fulano de tal.

Valença do Minho.

(Pede-me sete e vinte emprestados. Desculpei-me, porque anda n'um *desarranjo completo e, qualquer dia, vae de bruços.*)

5 de Fevereiro de 1869 (e nove)

F. ou C. de tal.^[41]

(Pede dez tostões—Ficam-me agora a doze e cinco... Preciso de me desferrar.)

4 de Maio de 1875 (e cinco)

Officio da Camara, convidando para a procissão de Corpus-Christi.

(Agradei tão *graduada* prova de *consideração official*. Estes, não são como os da missa do Rei. Compareci, vestindo pela trigesima sexta vez a minha casaca n.º 3. Chapeo alto n.º 7, do Roxo—Lisboa—(3\$570 com correio). Sapatos de polimento n.º 4 (5.ª prateleira, 2.ª estante, á direita). Gravata do Blanco (12 reales e uma perra chica; setim creme, com pintas de prata). Luvas n.º 207, do Baron.

Offereceram-me um logar graduado, ao lado do sr. Joaquim.)

*

Eu tambem tenho a mania de colleccionador. É uma coisa que não fica mal; é da Moda e até dá um certo tom distincto.

Collecciono alfarrabios, cartas de arrhas, cartapacios, papyros, foraes—toda essa papelada, que por ahi apparece furada pela traça, encarquilhada pelo tempo e com a côr que teriam os rostos d'aquelles esforçados campeões da Guia, quando batiam em retirada, acossados pelo gentio gallego.

Esta mania fez com que, ha mezes, descobrisse uma verdadeira preciosidade, no bazar de antiguidades do sr. Maia.

Imaginem V. Ex.^{as} o meu contentamento quando alli encontrei, entre taboadas e cartilhas, rolhas e torneiras, piões de *faniqueira grande* e ditos para *nicas*—um volume authenticico, genuino, verdadeiro, do grande e immortal Plutarcho!

Tremi de commoção e de respeito com tão veneranda reliquia!

Li-o, reli-o e quasi treslia com elle.

Referia-se ao seculo do glorioso Pericles, áquelle aureo periodo da civilização de Athenas e, entre as suas paginas, fui encontrar—gratissima surpresa!—os elementos que, com verdadeiro afan, ha muito tempo procurava, para estabelecer as bases da historia d'essa mysteriosa agremiação a que Pericles presidia, e que tão poderosamente influuiu no engrandecimento do povo hellenico:—a *Sociedade dos Provareis*.

Conhecendo o interesse que em Valença teem despertado os estudos, que outros auctores apresentaram, sobre esta curiosa parte da Historia antiga, offereço tambem o meu modesto subsidio, vertendo para a nossa lingua alguns periodos de Plutarcho, visto que por ahi são escassamente conhecidos os caracteres gregos.

Para os menos versados na Historia hellenica acompanharei a traducção com notas explicativas.

Fala Plutarcho:

Os Provareis

«N'essa epocha (465 A. de C.) era Pericles o chefe do partido popular, que se intitulára o partido regenerador dos costumes,

perversos durante a supremacia de Cimon Narigangorum e dos aristocratas, chamados progressistas.

Pericles era homem de complexão robusta, largo arcaboço, avantajado de estatura; perspicaz, de razão escorreita, assaz prudente, sobrio de costumes e de variadíssima erudição, graças á influencia de Zenão d'Elea, que fôra seu preceptor.

Apesar de não ser archonte, ou stratego^[42], porque apenas tinha as honras de polemarcho, impoz-se rapidamente á consideração do Archontado, ao respeito do Areopago e ás boas graças do Eponymo Lourdes Domina.

A agudeza do seu espirito, o vasto alcance das suas ideas, a subtileza da sua estrategia e a finura da sua diplomacia, alcançaram-lhe logo no começo da sua interferencia no Governo... da cidade, o epitheto de Olympico, ou Oraculus, com que o povo geralmente o nomeava.

Rodeara-se Pericles de homens illustres e poderosos, que a seu talante dirigia, para combater o grupo, ainda predominante na politica, dos partidarios de Cimon Narigangorum e do seu parente Thucydides Attila—grupo que constituia o principal elemento do partido dos eupatridas, ou progressistas, e que, por todos os meios, tentava condemnar ao ostracismo^[43] e desluzir, com protervias e calumnias, o valente caudilho dos contrarios.

Apesar do seu engenho e do seu valor, nem sempre lhe foi favoravel a sorte das armas. Nas luctas com esses inimigos, graves desgostos soffreu, que profunda e dolorosamente abalaram o seu espirito e o seu esforçado animo. Ainda hoje a Historia nos menciona a derrota de Deputarium, no ultimo dia da segunda decada do decimo mez, e o desbarate da Camária, no terceiro dia—da primeira decada, do mez undecimo^[44], do mesmo anno da olympiada tal—em que as tropas de Pericles abandonaram armas e bagagens, deante do grande Narigangorum II, ex-rei da Administracónia e do seu parente Thucydides Attila, bojudo stratego e chefe dos *registricos*, povo contribuinte dos suburbios de Athenas, que usava das celebres *camisas de onze váras*^[45] e que, por essa

circumstancia, era tratado com toda a *consideração official*, pela gente *graduada*.

Tivera, tambem, de valer-se de toda a sua diplomacia e arte para empalmar o pennacho, (que nos strategos do partido era distinctivo de commando) ao archonte Judex Candidatus, homem de pequena estatura, mas de respeitavel influencia, emquanto Pericles lhe não surriprou, por occultos meios, o apoio e a correligionariedade do poderoso Joannus Zabumborum, sabio de reputado merito e de grande consideração popular.

Quando Pericles principiou a exercer a sua direcção politica, libertava-se Athenas, vagarosamente, da inercia em que até alli se conservara, e apurava, pouco a pouco, os seus usos e costumes; mas homens de tão superior talento, como elle, raras pessoas encontravam, na cidade, com quem podessem conviver intimamente.

Escasseava a illustração; o povo não tinha consciencia dos seus direitos politicos. Entre os prytamos^[46] da cidade e, mesmo, entre os sacerdotes de Zeus suscitavam-se, a miudo, questões violentas; em que do argumento se passava á aggressão, recorrendo-se a todas as armas, incluindo as do *apparelho roedor*.

Dava-se pouca consideração ás auctoridades encarregadas do Governo da... cidade; censuravam-se as gratificações, que lhes eram arbitradas em occasiões de perigo, como guerras e *epidemias*; reduziam-se *as vias*... do accesso aos grandes strategos; preparava-se, occultamente, a *transferencia*... ao ostracismo para os leaes conselheiros; increpava-se officialmente, escandalosamente, a *admissão* nas dependencias do Governo... da cidade aos adeptos do partido popular, e nem o proprio Pericles escapava á maledicencia da turba porque, surdamente, o povo, e até, a maior parte dos seus adeptos e cortezaões o accusavam de ambicioso, invejando-lhe os redditos, discutindo-lhe a rapidez e legalidade do accesso... á chefia do partido, amesquinhando a sua illustração e refutando a sua competencia na vasta Sciencia da letra redonda.

Muitos dos homens illustres, que o rodeavam, soffreram as consequencias d'essa contumaz opposição e implacavel vindicta.

Phidias Cambronneia^[47] Negoptius foi retirado do Governo... da cidade; Anaxagoras Mata Marianus foi deportado.

Abstinha-se, pois, Pericles de apparecer em publico e entretinha escassas relações, já porque a nobreza da sua jerarchia o distanciava dos thetas^[48] e da plebe, já porque o intimo conhecimento do seu merito e da sua importancia lhe aquilatavam de mesquinhos e ridiculos os demais proceres do Estado.

Foi perante esta necessidade de se isolar, e para reforçar os elementos de resistencia aos rudes ataques dos seus inimigos, que elle fundou a Sociedade, que mais tarde o povo denominou: os *Provareis*.

Com esse grupo de fieis adeptos praticava, então, largas horas em passeio, conferenciando demoradamente; e quando o povo folgava nos jogos olympicos, ou pythicos, se acotovellava no Odeon para ouvir as maravilhosas producções de Eschylo e de Sophocles, ou nos jardins publicos para se deliciar com os harmoniosos sons das magadias, cytharas, lyras e flautas, que compunham as orquestras d'aquelles tempos, não era raro o vêr-se ao longe, no *cabeço d'um oiteiro*, o grupo magestoso dos *Provareis*, que solemnes, graves, com movimentos vagarosos e isochronos, rodeavam o grande Pericles, ouvindo-o divagar philosophicamente sobre a miseria das coisas humanas, sobre a leviandade das gentes e sobre a ignorancia da ignorante humanidade!

No tocante a competencia, Pericles Oraculus reunia todos os dotes necessarios a um completo homem de Estado. Provera-o a Natureza de extraordinaria actividade e de genio inventivo para todos os ramos da publica administração.

Era copiosamente versado nas leis de Lycurgo, de Solon, de Pisistrato e de Lippes, tendo particular predilecção por este ultimo legislador, cujos regulamentos, que a plebe classificava de estupidos, a todo o transe defendia, como indispensaveis á conservação da cidade e dos... seus redditos^[49].

Possuia, já, noções muito positivas sobre a futura Sciencia da Economia politica. Considerando a Agricultura como fonte principal

da riqueza d'um paiz, tomara a si o desenvovel-a, dedicando-lhe particular attenção e cuidado.

Por isso, quando com o grupo de fieis partidarios divagava pelos arrabaldes de Athenas, vizitava a miudo os grandes eupatridas^[50] e, para obter noções perfectas sobre a producção dos terrenos, influencia atmospherica e outras condições modificadoras, inspeccionava cuidadosamente as colheitas, examinava os fructos e provava... *as aguas*.

O povo, sempre rude e sempre ignorante, d'essas *provas* a que aquelles homens illustres frequentemente se entregavam (mormente nas tardes do verão) para interesse da Patria e da Agricultura que nada é, como se sabe, sem abundantes mananciaes que refresquem o solo e possam alimentar a planta—originou o titulo de *Sociedade dos Provareis*, com que, d'alli em diante, designava o grupo de Pericles e seus adeptos, quando lá ao longe, entre os atalhos das aldeias, via uma serie de pontos negros caminhando vagarosamente, ora para o norte, ora para o sul, como previamente o indicara a provavel condescendencia ou a natural liberalidade dos eupatridas amigos e partidarios.

Pericles era tambem escriptor emerito e actor de talento. A fama das suas producções chega, ainda, até nós.

Todos conhecem a *Prisão da Santa*, a *Licença Zagallica Muzical* e a *Batalha dos Cooperativos*—comedias de fino enredo, astucioso desenlace e primorosa concepção.

Nas horas de descanso que lhe permittia a faina da administração politica, ensaiava Pericles os seus adeptos *Provareis* que depois, em conjuncção propria e solemne, apresentava em publico, dirigindo-os mui circumspectamente por detraz da cortina e colhendo applausos em barda.

A comedia que obteve mais exito foi a *Prisão da Santa*. Fundava-se n'uma antiga lenda mencionada no Rig-Veda, dos hindus. Era o caso da prisão de Brahma, ao entrar n'uma velha fortaleza, contra as disposições do codigo de Manu, e levada depois pelos kshatrias^[51] ao carcere, onde jaziam os infimos sudras^[52].

Este pueril e comico incidente, baseado n'uma simples questão de *bufo*, ou sopro, forneceu a Pericles recursos para ruidosamente explorar a estupidez das massas e o fanatismo do povo, que estrebuchava com arrancos de colera, quando via o feroz Attila.

Como já n'essa epocha eu trabalhava para reunir materiaes, com que podesse encetar os projectados estudos sobre a Historia da minha Patria, grandes eram os desejos que nutria de poder assistir a alguma das reuniões d'aquelles homens illustres onde, indubitavelmente, com a lucidez de tão poderosos cerebros se deviam discutir os destinos e a Politica da confederação athenico-cerveirensis.

Pude enfim conseguil-o, subornando os dmoes^[53] do sacerdote Pinus Abbates que, mediante vinte talentos^[54], consentiram em me occultar na adega d'uma propriedade, a doze stadios^[55] ao sul de Athenas onde, como sitio retirado e fresco, de preferencia se reuniam os *Provareis*.

Alli os ouvi; alli tive, a meio passo de distancia, todos esses homens illustres, que tão poderosamente tinham contribuido para o engrandecimento de Athenas e para a sua hegemonia na confederação.

Era uma tarde calmosa; reunidos no escuro subterraneo, os *Provareis* mais uma vez estudaram as *aguas* com abundantes e saboreadas libações. Por largo tempo ouvi um craquejar de maxillas e um glugluar de pharynges, indicios terriveis d'essas assombrosas devastações, que depois inspiravam aos servos e dmoes do Abbates estas dolorosas palavras:

—*É impossivel que nas altas horas da noite, quando a pallida Phebe desce a visitar Endymion, Hades, o deus infernal, não mande a estas paragens uma praga de gafanhotos! Que prejuizo soffreram as nossas colheitas, grande Zeus!*

Concluidas as *provas*, ergueu Pericles a fronte; poz o pennacho de pennas de capão, insignia de polemarcho; afivelou a catana e as

esporas; limpou os galões brancos e, trepando a um escabello, annunciou com ar solemne o thema da sua conferencia:

UM PROBLEMA POLITICO DA FUTURA ERA DE CHRISTO, SECULO XIX

Amigos e Provareis^[56].

É commettimento facil para espiritos medianamente esclarecidos a resolução de problemas na Politica contemporanea. Estudando os elementos ethnologicos, a influencia das civilizações estranhas, as aspirações collectivas e as relações indestructiveis da Historia nos cyclos que as suas leis estabelecem, podemos fatalmente traçar a orientação a que os povos teem de obedecer.

Abandonarei esse campo já explorado pelo vulgo e pelos espiritos d'uma illustração comesinha. Asphyxia o meu intellecto nos acanhados horisontes do Presente. Anceia o meu espirito pelas luminosas regiões do Futuro, na lidima aspiração d'uma visualidade perscrutadora do destino dos povos e da evolução das sociedades.

Rasgar as trevas do porvir, prever as luctas e as contrariedades, guiar a incauta Humanidade nas tortuosas sendas a que o Destino a condemna, leval-a pela mão á beira dos abysmos para lhe bradar carinhosamente: *não vás além!*—é a missão que a Divindade traçou ao Genio, a isto de superior, de maravilhoso, de prophetico, que me distingue do vulgo, que me aparta da plebe, e que dá á minha individualidade, no meio d'este constante marulhar das paixões e da ignorancia humanas, a previdente luz do fanal que, entre escolhos e baixios, guia o amargurado nauta nas cerradas trevas de noite caliginosa.

Transpondo um periodo de dois mil e quatrocentos annos no futuro da Humanidade, eu vou annunciar os perigos amontoados no horizonte dos povos que no seculo XIX d'uma nova era hão de occupar as ignotas regiões, que um grande mar banha e onde os phenicios já estabeleceram dominio e poderio.

Phantasiae, amigos, que viveis commigo n'uma peninsula que, por occulta, o phenicio denominou Spania, e que me ouvis discreteando com os homens politicos d'esse futuro seculo:

Aconselho a alliança das raças latinas. O horisonte da Europa annuncia borrasca.

Ha negrumes para o Norte. Não receeis o teutonico; temei o slavo! Haja outro Metternich para esse inimigo commum.

Bismarck é um imbecil. Com a sua germanisação fez-se testamenteiro de Frederico, o Grande. Crispi é um visionario. Salisbury um bebedo. Sagasta uma nullidade. Zé Luciano um comparsa.

Na Politica internacional o melhor systema é o de Machiavel. Tenho-me dado bem com elle e não quero outro.

Quando, na conferencia de Berlim, me pediram conselho, disse e repeti: vocês reparem no russo!

N'essas regiões do Norte a maré sobe e, qualquer dia, rompem-se os diques.

Teremos novas invasões. É a lei fatal da Historia: sangue novo para corpo velho.

Acautelem-se, porém, com o processo da inoculação; o russo é feroz.

Latinos, teutonicos, toca a reunir!

Bismarck, deixe essas coisas d'Africa; você tem um certo fio para isto de Politica, mas ainda está um pouco ingenuo. Apareça lá por casa, ás noites, com o seu rapaz, com o Herbert. Jogaremos a bisca de tres e terei occasião de lhes dar umas noções politico-sociaes mais amplas.

Emin Pacha cahiu na ratoeira de Stanley. Já quebrou a cabeça com uma tremenda borracheira. É o resultado das más companhias. Sofre as consequencias da indifferença com que ouviu as minhas recommendações.

Recebi hoje carta do general Deodoro. Eu tinha vaticinado a transformação politica do Brazil. No organismo monarchico apodreceu mais aquelle membro. Cortem até ao osso para que o mal não avance.

Isto por cá, vae mal. D. Carlos escreveu-me. O rapaz anda atrapalhado. A Mãe telegraphou pedindo-me para lhes ir valer. Não estou para os aturar.

Preferiram o Barjona para a missão de Londres. Antes de partir procurou-me e conferenciamos. É dos nossos e deve-se proteger.

A característica evidente d'esta assombrosa phase da evolução social.

.....

Subito ruido interrompeu o discurso do grande homem. A porta da adega abriu-se com estrepito. Assustados, os *Provareis* rodearam Pericles, como as avesinhas implumes rodeiam os paes, quando no azul dos céos paira, ou zigzagueia o milhafre.

No limiar apparecera, offegante e rubro, um paysanduco, que pronunciou estas palavras de magico effeito:

—Oh filhos! Venho de Tuy. A Noya «matou» hoje, e sempre tem uma «agua», que é mesmo de chupeta! Póde «cortar-se» á faca.

—Á Noya! Á Noya!

exclamaram os *Provareis*; e em desordenada carreira, a grandes pernadas, desapareceram ao longe, furando a linha circular do horizonte.

Que mysteriosa influencia seria a d'aquella Noya?

.....

XVIII

Uma recita de curiosos

(FRAGMENTO)

.....

Passou-se ao segundo acto.

O panno subiu, e á luz da ribalta appareceu o Nascimento.

Nascimento—diga-se a verdade—não é precisamente um Brazão.

Tenho assistido, por vezes, aos trabalhos d'este actor. Brazão ri, chora, soluça, tem arrancos de colera, tem na voz a doçura d'uma supplica, a suavidade d'uma prece, a meiguice d'um carinho, o vigor d'uma maldicção, o rugido d'uma ameaça.

A melancholia da saudade, as expansões do amor, as torturas do remorso, as angustias do ciume resaltam nitidas, vibrantes, envolvendo-nos a alma—comprimindo-a, dilatando-a—com o fluido subtil de uma verdadeira interpretação artistica.

Por *doze vintens*, eu tenho visto o Nascimento fulgurando na gloriosa constellação—grande Ursa dos nossos céos artisticos—de que fazem parte: Sampaio, Guilherme, Aurelio, Romano, Machado, Ernesto.

Com franqueza:—sem querer irritar a indisposição que no espirito do Nascimento violentamente se denunciou contra o Zinão, sem querer amesquinhar o culto idolatrado que elle nutre pela Arte dramatica, ou apoucar as suas aptidões—direi em homenagem á Verdade: Nascimento é um barbaro!

É um barbaro quando pisa o palco, porque não tem naturalidade, nem expressão, nem relevo.

Apresenta-se em todas as scenas com o mesmo fato amarello, de tecido africano, que o Isidoro lhe empresta; tem para todas as surpresas o mesmo **oh!**; para todas as dores o mesmo: **ai Jesus!**; para todas as saudações o mesmo: **ora viva!**; para todos os cumprimentos o mesmo: **Comoestá? Passoubem? Bemmuítoobrigado.**

Os pés soldam-se-lhe ao pavimento: as peças das articulações unificam-se, como se as membranas synoviales segregassem chumbo derretido; os musculos tomam a rigidez do aço, permanecendo hirtos, inteiriços, refractarios ao imperio da vontade e á malleabilidade dos sentimentos.

Não tem flexibilidade nos movimentos, nem elasticidade nas formas que as diversas situações exigem, porque uma barreira de frieza e de immobildade—quicá composto de espessas cellulas philosophicas (?)—se oppõe á intima e immediata transmissão dos phenomenos psychicos aos órgãos e ramificações do systema nervoso.

Predominam em todas as modulações da sua voz aquellas notas seccas, asperas, do: **Carregar! Alto!**

Denuncia-se em todas as posições a rigidez d'aquella linha d'uma convexidade opisthotonica, que a *Ordenança* militar traça para o **Perfilar!**

E assim, Nascimento, como *Boticario* da *Morgadinha*, como *carcereiro* de 1640, ou como *Mano Gaspar* do *Mano Aniceto*—é sempre o mesmo Nascimento: gordinho, obeso, rechonchudo, espartilhado, vestido de *mabella* africana.

Todavia, estudando as minuciosidades dos seus trabalhos dramaticos, analysando a mechanica dos seus movimentos, comparando a dynamica dos sentimentos que elle tenta exprimir com as manifestações da sua vitalidade no convivio diario e com os actos exteriores da sua existencia social, eu chego á seguinte conclusão que poderá ser considerada como paradoxal: Nascimento, no desempenho dos seus *papeis*, na interpretação d'um character, na reproducção d'um *typo*, consome mais Sentimento

do que o Brazão. O seu trabalho psychico é superior ao d'aquelle artista; na sua alma as situações definem-se, as individualidades esclarecem-se, as faculdades actuam. Nascimento pensa, sente e quer, como *Boticario* de Val d'Amores; mas o que não possui é esse colorido, ou—por assim dizer—essa moldura artistica que dá relevo ás interpretações e vida aos personagens.

E como a sensibilidade affectiva é um requisito indispensavel ao actor, e talvez o mais essencial, porque é ella que o guia nos reconditos escaninhos da alma de Hamlet, Nascimento, que possui essa faculdade em superior grau, tem direito a ser considerado a par de Brazão, dos Rosas, e até, ao lado de Lekain, de Kean, de Rossi, de Irving, de Kronsweig.

Vou demonstrar a existencia d'essa sensibilidade apuradissima no *Boticario da Morgadinha*.

Nascimento tem um santuario:—a sua officina.

Alli passa as noites e os dias, com a blusa de operario,—aplainando madeiras, envernizando quadros, esquadrandu molduras, curando a *telha* dos relógios, deitando *gatos* em terrinas quebradas, endireitando a *espinhela* a leques, brocando pulseiras, parafusando engrenagens, limando metaes, furando boquilhas, cinzelando coronhas, soldando *rabos* de colheres, aguçando pinos, collando cacos, cosendo botões, deitando *pingos* em panellas, enfiando agulhas, inventando flores exóticas de *couvelórinton*, preparando pilhas, misturando ácidos, bases, metaes, metalloides, oxydos, protoxydos, bioxydos, azotatos, azotitos, chloratos, chloretos, chloritos, etc., etc.

Nas horas de descanso que as suas occupações lhe permitem, sente-se feliz com as multiplices e encyclopedicas applicações da sua actividade e do seu engenho; consome, pacientemente, sessenta e quatro horas com o encaixe d'uma insignificante peça de metal para a sua locomovel microscopica; aplaina e replaina o *empeno* d'uma taboa para a sua mobilia; gasta uma noite, duas

noites, trez noites com o estudo analytico da reacção d'um acido sobre uma base.

Com a applicação d'uma lei chimica, no desenvolvimento d'uma formula mechanica, na adaptação d'uma propriedade physica, Nascimento concentra todo o seu ser, toda a sua actividade mental, abandonando as distracções, os prazeres, e esquecendo-se até, das horas das refeições.

No seu cerebro amontoam-se os projectos, chocam-se as theorias, amalgamam-se as applicações.

Tem o arrojo de Lesseps, a tenacidade de Edison, a phantasia de Eiffel.

A sua alma, o seu corpo, os seus órgãos, os seus musculos, estão alli:—no torno, na serra, no serrote, no brocador, no pichel da colla, no arame dos *gatos*.

O seu engenho tem o quer que seja de epileptico: ataca trinta empresas ao mesmo tempo: mobílias, machinas photographicas, installações electricas, bobinas, telegraphos, telephones, phonographos, campainhas de alarme, etc., etc.

Vencidas as difficuldades, contornadas, cortadas e limadas as peças, nova explosão de inadiaveis projectos interrompe a conclusão dos antecedentes; e assim, Nascimento, fazendo tudo, nada faz, porque a epilepsia do engenho dá ás suas obras a incommensurabilidade do Infinito: todas tiveram principio e nenhuma tem fim.

Como se pode explicar, pois, que, annunciada uma recita de *Santo Antonio*, ou da *Morgadinha*, este homem abandone immediatamente o seu *meio*, o seu sanctuario e entusiasticamente se venha offerecer para desempenhar o *papel* de *Mano Gaspar*, ou de *Boticario*?

Pela extrema sensibilidade das suas faculdades affectivas.

Nascimento lê o drama, a comedia, ou a scena *comica*; a sua alma vibrou, agitou-se com o character d'este ou d'aquelle personagem; identificou-se com os sentimentos do *galan*, ou do

comico; e, possuido de irresistivel enthusiasmo, abandona a officina, troca o *alicate* ou o *saca-trapos* pelo caderno almaço e lá vae para as muralhas metter na cabeça, em giros constantes—para traz, para deante—os periodos do *papel*.

Este enthusiasmo, em qualquer de nós—no Albino, por exemplo, que já representou de mulher, nos paysanducos, eximios na Comedia—seria uma coisa vulgar, insignificante; mas no Nascimento que nós conhecemos e que eu examinei na officina, revela uma enorme tensão de faculdades affectivas.

Os trabalhos do Brazão são correctos e são artisticos; mas este actor adquiriu já a *physiologia* dos sentimentos; os seus musculos contraem-se, por assim dizer, inconscientemente, independentes do imperio da vontade, como nas acções reflexas. Mostra no rosto a agitação d'um mar de paixões, quando na alma tem a tranquillidade d'um lago.

Alem d'isso, Brazão tem o scenario de D. Maria; tem o Keil, a luva do Baron; o talhe elegante, o perfil distincto, a perna flexivel, o bigode loiro, o monoculo—todas essas pequenas coisas que emmolduram e aristocratizam o actor.

Nascimento tem o desbotado scenario do nosso theatro, ainda saturado de irritantes aromas dos *meios com cebolada* que, ha annos, o meu amigo S. Lima arremessava ás fauces de toda a tribu *pica-calcantes*; tem a roupa de *mabella*; a rigidez linear da *Ordenança* conturbando a flexibilidade dos movimentos; a *reacção dos acidos* paralysando a acção dos nervos centrifugos; o *ordinario marche*! pruindo compassadamente na sola dos pés e na barriga das pernas...

*

Examinado pelo prisma da Arte, Nascimento actor é—repito—um barbaro. Mas analysado pelo prisma do Sentimento revela-nos uma organização especialissima, que seria a gloria de nossos palcos e da nossa terra, se um defeito organico a não prejudicasse.

Nascimento ouve uma valsa de Metra, uma symphonia de Berlioz; ouve Rubinstein e Sarasate, a Patti e a Nilsson. Permanece mudo, quedo, insensivel.

Tem nas mãos uma flôr mimosa: uma *Captain Christi* ou *Bertha Mackart*; uma *Alba imbricata* ou *Countess of Derby*; a violeta, o lirio, a sensitiva. Os dedos afastam-se e a bella flôr cae abandonada, cerrando as petalas...

—*Não gosto de muzica; não gosto de flores*—diz o Nascimento.

Poderemos acreditar na sinceridade d'estas palavras pronunciadas pelo homem, em quem os insipidos gracejos do *Mano Aniceto* exercem tal influencia e inspiram tal enthusiasmo que, arrancando-o da sua Thebaida, da sua officina, o expõem, vestido de amarello, á extatica contemplação dos *loiceiros*?

Não! Nascimento é accessivel á vibratilidade das commoções; os seus nervos sensitivos communicam ás cellulas cerebraes toda a intensidade dos enthusiasmos, mas o tal defeito organico—um enfraquecimento dos nervos centrifugos—oppõe-se á transmissão da força necessaria para a mechanica muscular e para a movimentação das situações dramaticas.

*

Terminou o segundo acto. Tenho de estudar os outros *curiosos* da Companhia; mas ao despedir-me de ti, Nascimento, permite um conselho: abandona o theatro. Trata d'esse enfraquecimento do tecido nervoso.

Com seis mezes de cuidadoso regimen, póde ser que um dia, na apothese das nossas glorias theatraes, como já annuncio:

Sampaio—o Jeremias da Balagota...

possa tambem dizer:

Nascimento—o Irving valenciano.....

NOTA

Nascimento amigo:

Este artigo já estava escripto, quando soube das tuas manifestações *anti-zínoicas*. Tem paciencia.

Quod scripsi, scripsi. Não vale zangar, porque o *sinapismo* que te offereço é proprio para senhoras; nem queima, nem faz bolha.

Teu constante admirador

Zinão.

XIX

Transferencias

(1886-1890)

CODIGO PENAL, artigo 432.º «Roubo:—**subtracção de coisa alheia...**»

CODIGO CIVIL, artigo 2167.º: «direito de propriedade:—**faculdade que o homem tem de aplicar á conservação da sua existencia e ao melhoramento da sua condição tudo quanto para esse fim legitimamente adquiriu e de que, portanto, póde dispor livremente.**»

A lei garante-nos a propriedade dos bens que herdamos, dos bens que adquirimos, dos trabalhos litterarios que produzimos, dos inventos que lançamos aos mercados, das concessões que obtivemos.

O que é hoje um curso, uma formatura?

Uma propriedade que se adquiriu em troca de valioso capital; que se grangeia, que se cultiva, que se aperfeiçoa, para que ella nos forneça os recursos necessarios ás despesas da vida.

Quando a razão principia a funcionar, levam-nos ás regiões da Sciencia, e dizem-nos: ahi tendes esses hectares de terreno, estão asperos, incultos, bravios; ha por ahi cardos, abrolhos, silvados. Trabalhae, limpae, nivelae, lavrae, semeae e colhei. Ahi ficam dois contos para despesas de grangeio.

No fim de dez ou doze annos temos o terreno apto para a cultura. Exgottamos uma boa parte do vigor da mocidade. O cerebro-arado

não abriu sulcos só na terra; abriu-os também na frente do trabalhador.

Com os fructos da primeira colheita obtemos uma collocação em qualquer das instituições do Estado; chamam-nos: Delegado, Conservador, Official do Exercito, Medico municipal, Professor, etc., etc.

Se no meio da improba tarefa o desanimo nos assalta, se a força de contrariedades imprevistas inutiliza os nossos esforços, e não podemos cultivar até ao fim todo o terreno que nos limitaram, contentamo-nos com uma pequena leira, esperando que mais tarde, pela persistencia no trabalho, a poderemos augmentar e desenvolver. Ficamos, então, aspirantes da Alfandega, escripturarios da Fazenda, amanuenses das Camaras, etc.

O Estado dá-nos umas tantas libras por mez e exige-nos: honestidade, seis horas de trabalho diario, *direitos de mercê*, habilitações litterarias. É um simples contracto commutativo, com todas as garantias de segurança, porque uma das *partes* é o Governo, fiscal da Lei.

No decorrer da vida, circumstancias de natureza varia, sympathias pessoaes, assimilação de doutrinas, identidade de aspirações, enfeudam-nos a um Ideal, filiam-nos em um partido, aproximam-nos de um homem.

Temos a Carta constitucional, a epopéa dos *sete mil e quinhentos*, os Codigos eleitoraes,—respiramos n'uma atmosphaera serena de tolerancia; é legal e correcto o nosso proceder na vida publica e nada temos, portanto, que recear com a manifestação liberrima das nossas opiniões politicas.

Succede, porém, que um marau qualquer, sufficientemente villão para rojar sem escrupulo, pela lama do servilismo, a sua dignidade de cidadão e para extender a consciencia, como um capacho de crina, nas soleiras das alfurjas onde pernoitam os politiqueiros,—por estes e por aquelles motivos embica com as nossas opiniões, incommoda-se com a nossa influencia e resolve em conciliabulo

secreto da velhacaria com o rancor—promover a nossa transferencia para os Algarves, ou para as ilhas de Bijagóz.

Assobia á matilha dos rafeiros eleitoraes, promette um osso aos abbades, mostra uma codea aos fraldiqueiros e apresenta-se, com a cainçalha atrelada, ao deputado do circulo.

Ao espirito dos deputados—homens geralmente illustrados—repugna sempre a cumplicidade em taes infamias; mas perante a dentuça afilada dos rafeiros que ameaçam esfarrapar-lhe a candidatura nas proximas eleições, a dignidade hesita, vacilla e cede por fim.

D'alli a oito dias, o *Diario do Governo* annuncia a nossa transferencia para o regimento n.º tantos, para a Comarca tal dos Algarves, ou para a repartição de Fazenda X da Beira.

*

Sou casado, tenho tres filhos e sustento uma irman viuva. A transferencia obriga-me á venda da mobilia, das loiças, dos *tarecos*; e a urgencia d'essa venda deprecia consideravelmente o valor dos objectos.

Primeiro prejuizo.

As condições economicas de minha existencia são perturbadas pelos encargos d'um emprestimo de duzentos mil reis, que tenho de contrahir para as despesas da viagem, da nova installação, e que um nababo qualquer me empresta ao juro de seis por cento, depois de eu satisfazer umas pueris formalidades, umas cerimoniosas ninharias que a praxe recommenda—como são as assignaturas de dois bons fiadores e respectivas consortes, e a escriptura de *hypotheca* sobre boas propriedades, livres e allodiaes.

Cumprido isto, recebo o dinheiro, e com elle, um titulo de eterno feudo e dependencia moral, tanto para mim como para meu filhos, ainda que, decorridos seis mezes depois de registada a *transacção*, eu me desfaça do credor, devolvendo capital e juros com muitos apertos de mão e phrases de eterno reconhecimento^[57].

Parto para a minha nova collocação; despesas de caminho de ferro, transporte de bahus, carros, carroças, nova aquisição de moveis, de *tarecos*, etc., etc.; os duzentos mil reis desaparecem.

Voltemos á lei:

CODIGO PENAL, artigo 421.º: «Aquelle que commetter o crime de furto, subtrahindo fraudulentamente uma coisa que lhe não pertença, será condemnado:

- 1.º A prisão até seis mezes e multa até um mez, se o valor da coisa furtada não exceder a 10\$000 reis.**
- 2.º A prisão até um anno e multa até dois mezes, se exceder a esta quantia, e não fôr superior a 40\$000 reis.**
- 3.º A prisão correccional até dois annos e multa até seis mezes, se exceder a 40\$000, e não fôr superior a 100\$000 reis.**
- 4.º A prisão maior cellular de dois a oito annos, ou, em alternativa, a degredo temporario com multa até um anno, em ambos os casos, se exceder a 100\$000 reis.**

Associemos as idéas.

V. Ex.^a tem aquella quinta em algures. Uma noite, penetram n'ella tres ratoneiros, arrombam o espigueiro e levam cinco alqueires de milho. Os cães ladram, um creado grita, o regedor acode, os ratoneiros fogem, os *cabos* encontram-nos e a Borralho abre e fecha a cadeia.

—*Como foi? como não foi?*

—*Senhor! Tinhamos fome...*

—*São uns desgraçados,*—diz o advogado de defeza.

—*É preciso garantir o direito de propriedade*,—exclama o sr. Dr. Delegado.

—*Trinta dias de cadeia*—conclue o sr. Dr. Juiz.

D'essa mesma quinta, vendeu V. Ex.^a para Monsão vinte pipas de vinho a quatro moedas. Vae receber o seu dinheiro—oitenta moedas—e regressa a Valença, á noite.

Ao passar na *Tomada de Barros*, um homem com chapeo largo põe-se á frente dos cavallos e, de bacamarte em punho, diz ao cocheiro: *Faça alto!*

Outro *barbaças* enfia pelo buraco da portinhola o cano d'um revolver e diz: *Venha p'ra cá o bago!*

Apparecem mais tres vultos embuçados e V. Ex.^a ouve aquelle *crac* secco e sinistro de tres bacamartes que se armam.

V. Ex.^a puxa do *Bull-dog*, ou *Abbadie*; o cocheiro aponta um revolver enferrujado, ouve-se uma detonação, depois outra; um grito, um rugido, uma praga. V. Ex.^a salta do carro, desfecha outra vez, avança, recua, tropeça no corpo d'um *barbaças* que escabuja, perde o equilibrio e cae.

Quando tenta levantar-se, jogam-lhe uma paulada valente, que lhe fractura o craneo.

Não sabe do mais que se passou. D'alli a quinze dias principia V. Ex.^a a coordenar umas ideas vagas que em rapidos momentos lucidos surgem no seu cerebro. Sente-se excessivamente fraco; reconhece que está na cama; leva com difficuldade as mãos á cabeça, apalpa, e encontra um turbante de pannos humidos e ensanguentados.

Balbucia uma pergunta. Recommendam-lhe silencio, que não faça esforços de memoria.

—*Muito socego e muito juizo*, diz o Esculapio.

Tres dias depois, o cerebro associa as idéas.

—*Como foi isto?*—pergunta V. Ex.^a á esposa.

—*Foi d'esta e d'aquella forma.*

—*E os homens?*

—*Um morreu; tres estão presos.*

—*E o dinheiro?*

—*Roubaram-t'o com o relógio.*

Epilogo

Está ou não provado? etc., etc.

dez annos de degredo.

Ao ratoneiro que, talvez para matar a fome, levou cinco alqueires de milho, deu a lei—trinta dias de cadeia. Ao *barbaças* que arriscando a vida, de peito descoberto, roubou o relógio e as oitenta moedas, disse o Código penal: dez annos de degredo.

Ora, o milho e o dinheiro pertenciam a V. Ex.^a por indiscutivel direito de propriedade. A falta do primeiro originou um desequilibrio insignificante nas suas finanças, que foram gravemente perturbadas pela subtracção do segundo. V. Ex.^a teve de limitar as suas despesas diarias e não pôde, n'aquelle anno, mandar seu filho para Coimbra, ou para o Collegio militar, porque faltaram os meios e não quiz contrahir empréstimos.

A lei, garantindo a propriedade do cidadão puniu severamente os individuos que prejudicaram V. Ex.^a

Neminem laede—era a formula de Kant na sua theoria sobre a Philosophia do Direito.

Lesaram V. Ex.^a e a lei puniu.

*

Comparemos os factos:

As vinte moedas representam o rendimento da quinta *tal*, em algures, que a V. Ex.^a pertence por um titulo de aquisição ou posse, legalmente reconhecido.

Os duzentos mil reis que V. Ex.^a gasta com as despesas da sua transferencia e os juros ou encargos de doze mil reis annuaes, serão retirados do rendimento da propriedade que V. Ex.^a comprou ao Estado com os dois contos da formatura, ou com os *direitos de mercê* e com o seu trabalho diario—compra de que possui o devido titulo que é um diploma, a *patente*, etc.

Associadas as idéas, comparados os factos, consideremos agora o *barbaças* e o marau *transferidor*.

Que differença póde haver entre o primeiro, que na *Tomada de Barros* reclamou, de bacamarte em punho, as vinte moedas, e o segundo que, desfechando o bacamarte da *transferencia*, a V. Ex.^a origina um prejuizo de duzentos mil reis?

De qualquer d'esses factos não resultou o mesmo desequilibrio nos elementos economicos da sua existencia?

Não significam elles o mesmo attentado contra direitos legalmente reconhecidos?

Não houve n'elles a mesma responsabilidade, a mesma *premeditação*, a mesma consciencia da illegalidade?

Eu de mim annuncio que só reconheço uma differença entre o João Brandão, o Papa-Assucar ou Zé do Telhado e *quem quer que* fosse que promoveu a transferencia do sr. Camisão, e *quem quer que* seja que promove as transferencias que, á puridade, por ahi se annunciam.

Essa differença é a seguinte:

João Brandão, Zé do Telhado e Papa-Assucar, na classe dos ladrões são ladrões honrados e dignos. Apresentam-se na estrada, de peito descoberto, fronte erguida, expondo a vida e arriscando a liberdade.

Os *transferidores* de cá são ladrões acanalhados, ratoneiros de feira, fadistas de café de *lépes*, traiçoeiros, covardes que se disfarçam com grandes capotes e se cozem ás paredes nas sombras da noite para, em qualquer encruzilhada, combinarem os meios de, impunemente, anavaltharem o funcionario publico.

Se eu souber que no pinhal de Ganfey se acoita uma malta de larapios, e se tiver necessidade de lá passar á noite, a prudencia aconselha-me a levar um bom cacete, para quebrar o braço a um e pôr em fuga os outros.

Ora, dos *transferidores* é que eu não me posso livrar tão facilmente. Só saem quando os lampeões se apagam; só transitam por viellas, mysteriosos, impalpaveis, sumidos. Se, por acaso, d'algum suspeito e lhe arranco o capote para conhecer as feições, encontro uma cara conhecida que ainda ha trez horas me saudava e me sorria.

D'aqui a tres dias, silva a navalha nos ares.

*

No periodo de 1886 a 1890 instituiu-se n'esta villa o regime das *transferencias* que legaliza essas infamias, estabelecendo nos differentes partidos politicos a necessidade das represalias summarias, como as disposições do codigo de Lynch.

É preciso fazer sangue, para que os campos se definam—disse-me, ha annos, um Machiavel indigena. Apertei o casaco e segurei o relógio. É que na estrada da Velhacaria, a Politica da minha terra avizinha-se já do pinhal da Azambuja em que hoje vivemos.

Para esta classe de scelerados—os *transferidores*—o Direito romano, as Ordenações e os Codigos nada estabelecem. Mas o Direito positivo funda-se no Direito natural e este tira os seus

principios da consciencia humana, em face das leis da Razão e da Moral.

O legislador dá sempre ao magistrado a faculdade de ampliar, segundo os dictames da consciencia, ou de alterar, segundo os usos da terra, as disposições que estabeleceu para a repressão do facto criminoso e para a defeza de direitos adquiridos.

Em nossa consciencia, pela illegalidade das causas e pela importancia dos effeitos, o caso das *quarenta moedas* e o dos *duzentos mil reis* teem a mesma classificação: um roubo.

Quem rouba é ladrão; e para nivelar a condição criminosa e as responsabilidades do *barbaças* e do *marau transferidor*, igualmente perigosos na sociedade em que vivemos, apresento o seguinte additamento ao Codigo penal:

Artigo tantos:

Todo o homem de bem tem a liberdade de correr a pontapé pelas ruas de Valença, o sevandija que, directa ou indirectamente, influa em qualquer transferencia.

§ unico:

Fica revogada toda a legislação em contrario.

10-2-90.

Zinão.

XX

A questão inglesa

(NOTAS SOLTAS)

Alem-mar scintilla na escuridão a iris do abutre.

O leopardo rugiu, saltou, e cravou as garras ensanguentadas no velho Portugal.

Este enorme gigante que teve no encephalo, como cellulas, os craneos de Camões, de Gama e de Cabral; que teve por apophyses as columnas de Hercules, os rochedos do Bojador, do Boa-Esperança, do Razalgate e do Comorim; por articulações Angola, Moçambique, Mascate, Ormuz, Diu, Calicut, Malacca; por veias os filões preciosos de Sofala, de Minas e Cyaté, do Pegu e de Narsinga; por arterias o Tejo e o Zaire, o Quanza e o Limpopo, o Zambeze e o Mandovi, o Ganges e o Amazonas; por cabellos os cedros seculares do Novo Mundo; por musculos os braços de mil heroes; por thorax a amplidão de todos os céos; por limite visual a linha de todos os horisontes; por fronteira o circulo de todos os quadrantes; por dominio a vastidão de todos os mares; por fanal a luz de todas as constellações—esse colosso que teve por servos o Çamorim e os rajahs da India, por thesoiro os abysmos aquaticos de Borneo e de Ceylão; por sonhos os mythos do Preste-Joham; por pesadelos as tragedias de Alcacer-Kibir e de Tanger; e que pela rigidez do seu braço, pela heroicidade do seu valor, conseguiu a crystallização de todas as chimeras e a realidade de todas as phantasias—eil-o ahi, prostrado, corroído pelo fanatismo religioso que ha quatro seculos lhe ulcerou os membros, enfraquecido pelos caprichos de monarchas perdularios, aviltado pela phthiriasse de cortezãos servis, cancerado pela ambição insaciavel dos aulicos traiçoeiros, decrepito, pobre, agonisante... mas não morto!

Não! Não está morta a Patria! Ha n'ella quatro milhões de cellulas; e se muitas são inertes ou inuteis, covardes ou egoistas, existe nas restantes força viva sufficiente para transmittir á musculatura do heroe decrepito a energia das grandes crises e o arrojo dos antigos feitos.

*

N'essa cloaca—a côrte ingleza—escoante de todas as sargetas, deposito de todas as fezes, sumidoiro de todas as immundicies que podem existir na alma humana, as ambições e a perfidia actuaram como acidos d'uma pilha sobre o metal—oiro—dos nossos terrenos da Mashona.

Como reophoro transmissor d'essa electricidade cupida, partiu de Londres—polo negativo—o *ultimatum* de Salisbury e tocou no coração da Patria.

Immediatamente, outra electricidade se desenvolveu com os elementos positivos da Justiça e do Direito n'essa enorme pilha—a alma portugueza—que já actuou em todo o Universo com a intensidade das mais arrojadas empresas e com a força dos mais generosos heroismos.

E então, ao contacto d'esse novo fluido, de que n'um bello impulso de ardente entusiasmo a Academia foi conductor, todos os membros do decrepito colosso se agitaram convulsivamente. Ergueu-se o heroe, d'um arranco, e magestoso de altivez, fremente de indignação—d'ahi, do promontorio de Sagres, d'onde avassallára o Mundo, arremessou para lá da Mancha o escarro do desprezo, unico desforço que a dignidade permite ás affrontas d'um villão.

Cartel de desafio não se manda a representantes de *lords*. Bright era *quaker*; Crawford, provavelmente, é castrado; condições diversas, mas eguaes na intenção—livrar decentemente as regiões trazeiras da bota d'um portuguez.

*

A excitação da colera e a allucinação do perigo teem por vezes prejudicado a imponencia da nossa attitude perante essa malta de esbodegados borrachões, paus-de-virar tripas encasacados, feitos de esperma de lupanar e de muco leucorrheico, que constituem na sua abjecta individualidade de *lords* a canalha servil da côrte ingleza.

Morra a Inglaterra! bradamos.

Não! Não se levantam gritos de exterminio contra uma nação inteira. Entre quarenta milhões de habitantes ha, tambem, opprimidos e oppressores.

A podridão e a villania condensam-se nas altas esphas do *high-life*, nos palacios da City, nos corredores de Windsor Castle, no *royal box* de Covent Garden, no Pelican Club, no Devonshire Club, no Turf-Club, onde impera, infrene, El-Rei Deboche.

Cá em baixo, labuta e moireja um povo trabalhador e geme um mundo de parias. Nos bairros immundos de Londres, no West-End, no White-Chapel, dormem ao ralento, esfarrapados e nús, centenares de velhos e de creanças.

Agonizando pelas esquinas e escabujando nos monturos, morrem annualmente, **de fome**, tres a quatro mil pessoas.

Das camadas que trabalham sahiram Shakspeare, Milton, Jenner, Newton, Davy, Graham, Bacon, Locke, Hume, Priestley, Adam Smith, Stephenson, Wollaston, Boyle, Shaftesbury, Harvey, Stuart Mill, Spencer.

Esses homens alguma coisa fizeram em prol da humanidade e da civilização, e não é justo, portanto, que á sua memoria e ao seu nome lancemos o escarro do insulto e o estigma da maldicção.

Odio aos lords! deve ser o nosso grito, porque são elles, e só elles, os nossos espoliadores.

Odio a essa aristocracia abandalhada que estrangula a Irlanda—mancha vergonhosa da civilização europea e que os magarefes da City por vezes transformam em sangrento açougue.

Odio a esses lacaios de libré que nas sessões da Lords' House vemos erectos, empertigados, orgulhosos, e á noite se curvam sobre os tapetes do *brothel*—bestiaes, apopleticos, rubros, babados, *falling on one's jaws*^[58] entre saias almiscaradas e amarellas com o liquido da menorrhéa.

N'esse asqueroso quadro de infamias que em 85 a *Pall Mall Gazette* desvendou á imprensa europea ha, como actores, *lords*, só *lords*—os mesmos canalhas de Cleveland-Street que, ha mezes, uns áltos *personagens* da côrte protegiam, suffocando a peso de oiro a publicidade das suas novas torpezas. São elles e só elles que fixaram o preço de 15 a 20 libras para as *fresh-girls*—*virgo intacta*—de 13 a 14 annos, que hoje são as 50:000 prostitutas—*black army* dos *trottoirs* londrinos.

São elles que para a lucta contra essas desgraçadas creanças, attrahidas infamemente aos subterraneos de West-End, inventaram a *black-draught* do narcotico.

São elles que para obterem o oiro necessario ás phantasias d'uma sensualidade bestial, constituiram a *Slaughter-House* contra os desgraçados filhos da Irlanda; que reunidos em *Royal Companies* ordenaram essas medonhas carnificinas de Pendjab e dos cipayos; e que agora, trocando em casa de Salisbury as fardas bordadas pela jaqueta de *pick-pocket*, *chypram* do mappa africano o oiro da Mashona.

Esses asquerosos Tartufos, occultando cynicamente nas casacas de *congressistas* philanthropicos e humanitarios a sua cupidez e insaciavel ambição, propozeram, ha tempos, a Portugal e ao sultão de Zanzibar um bloqueio na costa oriental, de Inhambane a Pembe, que impedisse—diziam—a importação de armas aos arabes do interior, eternos traficantes de carne humana.

O nosso governo accedeu; o bloqueio estabeleceu-se; e poucos dias depois, o governador do Cabo enviava occultamente a Lobengula, feroz chefe dos Matabelles, com quem os arabes se entendem, 1:000 espingardas Martini-Henry com 300:000 cartuchos!

Odio, pois, aos *lords*!

Organize-se contra elles uma nova cruzada de extermínio, e que todo o portuguez tenha o direito de os correr a tiro, como a animal feroz, quando no solo honrado da Patria poisarem as suas enormes patas de tres toesas.

São elles e só elles que nos roubam. Ahi vae a *historia do caso Chire-Nyassa*.

Lord Fife, duque do dito Fife, é genro de Sua Alteza Real o Principe de Walles; casou com a princeza Luiza, uma neta da *graciosa* rainha e imperatriz Victoria.

Lord Fife é um pobresinho de Christo; das suas propriedades de Scotland e de outros bens de fortuna tem um rendimento aproximado a dois contos por dia, e como a sua *Ex.^{ma} Consorte* é de igual pobreza, com mais umas achegas, dotação, etc., nas telhas d'aquelle desgraçado casal caem umas quarenta libras por cada hora de cada dia.

Mas succede que lá, como cá, estas coisas de nobreza custam muito dinheiro, porque é preciso sustentar a respeitabilidade da posição official, como diz o Albino, quando *entra nas idéas e no coração* da gente para dispôr os *petardos* das suas transcendentis, nebulosas e philosophicas reflexões sociaes.

Como o povo inglez embicou, ha tempos, com o augmento da dotação da *Royal Family*, lord Fife, para ganhar o seu pataco, fez-se agiota, socio commandita da firma commercial *Samuel Scott and C.^o* e director da *British South Africa Company*, a quem uma *Royal Charter* concedeu, ultimamente, 400:000 milhas de terreno africano com aquella liberalidade conhecida: *do pão do nosso compadre grossa fatia ao afilhado*.

Mas as libertinagens de West-End, do Cleveland-Street, os serviços dos rapazinhos do telegrapho, as orgias de *champagne*, os *boat-matches* do Naval Club, absorvem todos os rendimentos de lord Fife e segundo consta, ha poucos mezes, as finanças de His Lordship estavam por assim dizer: *tem-te, não caias*^[59].

A concessão feita a Lord Fife, a Lord Abercorn, a Lord Gifford (cá estão os *lords*), organizadores da *African Company*, era tão importante que em Londres, o *Times* e o *Standard*, fazendo reclamo, annunciavam-na como: *Empresa colossal*. Todavia, as acções conservavam-se na *baixa* e Lord Fife, nominalmente um dos maiores accionistas, não arranjava com aquelle negocio para pagar um *little boy*.

Surgiu então uma idéa salvadora. Os nossos terrenos na Mashona eram, ha muito tempo, indicados como preciosos para explorações auríferas. Salisbury levou *rasca na assadura*; contractou-se o patife Johnston, compraram-se por baixo preço todas as acções da *South Company* e no dia seguinte rebentou o *ultimatum*. Em vinte e quatro horas, cada acção obteve um premio de setenta libras. Cinco mil acções—trezentas e cincoenta mil libras.

God save the Queen! e vamos ás *fresh-girls!*

Odio pois aos lords! E como em Valença as manifestações patrioticas ficaram no *projecto* d'um telegramma a Serpa Pinto, porque se repetiu, talvez, aquelle caso da subscrição para o *bucephalo*^[60], eu proponho o seguinte:

Que se mande a Lisboa uma commissão para escolher e contractar nas viellas da Baixa duas duzias de *ladies* matrafonas, das mais abandalhadas e nojentas.

A mesma commissão contractará, tambem, dez ou doze grumetes da marinha real ingleza. Esses grumetes serão vestidos, da cinta para cima, com o uniforme dos boletineiros telegraphicos; da cinta para baixo, uma parra.

Matrafonas e grumetes, com seis barris de *cachaça* de 90°, serão envolvidos por uma forte rede de arame, á qual se atará um solido cabo de algumas milhas.

A gente vae depois alli, a Calais, põe um pé em Douvres e atira com a *isca* para o Tamisa.

Fica um de nós a ter conta no cabo. Póde ser—por exemplo—o Fernando que é o mais entendido em coisas de pesca, como o prova annualmente na Rapozeira com os seus *botirões*. O Braga também póde servir, porque tem habilidade para descobrir peixes.

O Fernando, pois, senta-se em qualquer rochedo, fuma o seu cigarro, espalha as tristezas com o *Noticioso*, ou com as *latinhas* do Cruz, e quando sentir que a corda estica, signal de que o peixe *pica*, puxa vagarosamente para terra.

A meio cabo, levanta-se e vem descendo pela costa da Mancha: Dieppe, Havre, Cherbourg; Brest, S. Nazaire, Bordeaux; contorna o Golpho, Bayonne, Santander; dobra o Ortegal, Corunha, Vigo, Guardia; entra no Minho e vem subindo pela margem direita até ao *Pau-do-fio*.

A gente põe-se cá de cima, das muralhas, e recebe o cabo. Chamam-se os paysanducos e toca a puxar.

Fóra da agua a *isca*, veremos logo, agarrados a ella, todos os *lords* da *City*: Lord Fife, Lord Foife, Lord Fufe, Lord Craft, Lord Creft, etc.

O *lord* é animal amphibio, organização de batrachio; resiste bem debaixo d'agua, como se sabe.

Paysanducos continuam a puxar e vae tudo para o largo de S. João.

Os *lords* devem apparecer esbodegados, cambaleantes, tropegos.

Vem o *Parádas* com o *bolo municipal* e divide-o pelos borrachões.

Duas horas depois, o Gamellas traz a carroça do lixo, carrega, e despeja na *Sexta*.

Extincta, assim, a raça vil, a *City* fica deserta; e como a Hygiene recommenda a collocação das fossas longe das habitações, faremos do *fashionable* bairro uma sentina para uso diario.

Ao norte: Para damas.

Ao sul: Para homens.

Para fazer a limpeza e fornecer papeis, ficarão:

Mr. Jacob Bright
e
Mr. Oswald Crawford.

2-3-90.

XXI

A manifestação dos artistas

Em 28 de janeiro, a Direcção da Assembléa Recreativa promoveu uma manifestação patriótica, préviamente annunciada nos jornaes da terra com a minuciosidade espaventosa d'um programma de S. *Telmo* ou *da Agonia*.

Não é meu intento censurar essa manifestação; mas, pelo simples facto de ella ter sido promovida por um grupo de artistas e de homens do trabalho não devo excluirl-a do campo critico, onde com estes artigos analyso os factos mais importantes na chronica valenciana.

A meu vêr, essa manifestação teve uma origem que a absolve plenamente d'uns pequenos ridiculos que a amesquinham. Originou-a um impulso de sincero patriotismo, e basta isso para escudar os promotores d'ella contra a rudeza da phrase com que verberei a *fantochada* de 14.

Se essa manifestação offerece alguns lados censuraveis, se teve peripecias irrisorias, se não me inspira hoje phrases de caloroso applauso e de sincera adhesão, os seus promotores devem-no, exclusivamente, ás impressões que nos seus espiritos deixou a grande *rusga* de 14. Aproveitaram parte do programma: musica, cortejo, vivas arruaceiros, procissões *intra* e *extra*-muros, etc., abandonando deploravelmente os meios que a Razão aconselha para, em occasiões identicas, se dar a qualquer manifestação um character significativo de energia, de sensatez e—sobretudo—de utilidade.

Não me rio perante as bandeiras que n'esse cortejo distinguiram a Arte, do Commercio, como estulta e imbecilmente o fizeram alguns dos *illustres patriotas*, comparsas na ignobil farça dos abbades. Essas bandeiras significam o trabalho honrado, o homem que labuta

e moireja dia e noite no sustento da familia, e que nunca serviu de lacaio a qualquer magnate eleitoral para, á custa do Estado, coçar por ahi, nas esquinas, os seus setenta kilos de ociosidade; significam o artista que contribue efficazmente para a riqueza da nação; o commerciante que concorre com uma boa parte dos seus interesses para as despesas das nossas mais uteis instituições e não o eunucho indifferente a todos os impulsos da Civilização e que, arrastando uma existencia ignobil, como a da lapa eternamente presa ao rochedo, na valla commum dos inuteis desaparece, sem ter conhecido outra energia e outras sensações além das que obteve, comendo, bebendo e dormindo.

Passe, pois, o cortejo, porque perante elle, eu, descobrindo-me, exclamarei tambem:

Viva a patria!

*

A Musica da *Santa* veio outra vez espancar os ares com as notas festivas dos hymnos, bufadas para os céos da Patria com a furia d'uma orchestra de Cafres.

É crença arraigada no espirito do povo que não póde haver solemnidade sem gaiteiro.

Era preciso, disseram-me, estimular, avivar o espirito da nacionalidade.

Este argumento defensor dos *paus-tesos* recorda-me as funcções luctuosas das antigas carpideiras, nas casas minhotas.

Morria o fidalgo.

Expunha-se o cadaver na sala nobre.

As mulheres e as creanças acocoravam-se sobre os tapetes.

Em volta do caixão perfilavam-se, tristes, sombrias e sinistras, seis mulheres recrutadas no auditorio dos Missionarios, entre as mais hystericas e lacrimosas, quando algum dos energumenos descrevia os horrores do caldeirão de Pero Botelho, o rechinar das carnes e os forcados rubros de trezentos milheiros de diabos que pinchavam sobre as cabeças chamuscadas dos condemnados.

Vinham os amigos da familia apresentar as suas condolencias.

As carpideiras irrompiam n'um chorar convulso, com todos os sons da gamma afflictiva, com todas as notas ascendentes e descendentes d'uma suprema dôr: suspiros, gemidos, gritos, berros —berros, gritos, gemidos, suspiros.

Os sentimentos quando se manifestam com violencia exercem uma forte acção de communicabilidade a que nem todos são refractarios. Vêmos lagrimas nos olhos d'uma viuva, ouvimos o casquinar de sonoras gargalhadas e o cerebro, recebendo as impressões d'essas lagrimas e d'esses risos, reproduz em nossa

face os sentimentos que os motivaram: rimos quando os outros riem e choramos quando os outros choram^[61].

Assim, na scena das carpideiras, ellas, a familia, as visitas, os creados, disputavam primazia em intensidade de sentimentos.

Terminada a cerimonia, os amigos compunham no rosto os traços d'uma grande dôr; distribuiam pela familia arrojados abraços e violentos apertos de mão, exprimindo entre soluços os desejos de se tornarem uteis: *se fôr preciso qualquer coisa—estamos ás ordens—mandar com franqueza—adeus—é ordem do mundo—resignação—adeus...*

Fechada a porta, fechavam-se tambem, com ella, as valvulas das glandulas lacrimaes; e carpideiras e doridos corriam á vasta cozinha, onde pantagruelicamente atafulhavam o bandulho com grossas postas de bacalhau cozido, abundantemente regadas por successivos cangirões de bom e espumante verdasco.

Batiam, de novo, á porta; tudo voltava á sala.

O morto lá estava; amarello, hirto, de mãos ceraceas cruzadas sobre o peito, muito esticado dentro da sua *roupa preta* perolada de *agua benta*, exhalando fragancias de *vinagre aromatico*, de nariz para o ar, onde as moscas esgaravatavam com as patitas, na doida e frenetica sensualidade das cocegas que ellas tanto appetecem, e que o finado, dias antes, tão pertinazmente lhes recusára.

Então, a sensibilidade das carpideiras explodia pelo canal digestivo em sonoros arrotos.

E n'essa sessão solemne que constituiu a segunda parte do programma—uma verdadeira visita de pezames pela frieza da sala, pelo tremulo discursar dos primeiros oradores, pela hesitação dos *mestres de cerimonia* e pela presença da bandeira nacional que significava os restos mortaes dos nossos brios e das nossas glorias, tambem se ouviu—permitti que o diga, honrados artistas—um rasoavel arroto:—aquella polka final.

Durante o trajecto do cortejo, a *Musica* tocou, por vezes, hymnos varios. Excluistes o da Restauração, que só os eunuchos da Rotina hoje podem admittir nas suas manifestações simontadas. Devieis dispensar tambem os outros: o da Carta e o do Rei.

O primeiro lembra a libertação da tyrannia, a emancipação dos direitos do cidadão, a queda do absolutismo, o inicio d'uma nova era de Progresso intellectual que devia esmigalhar as algemas de instituições odiosas e impulsionar-nos na bemdita estrada da Civilização, livres das trevas e dos espinhos que amarguraram os dias dos nossos antepassados.

Recorda, pois, um facto—a outorga da Carta—que trouxe jubilos, alegrias; e não é em horas de tristeza e de desalento que n'elle devemos procurar lenitivo.

O segundo solemnizou a coroação d'um monarcha—uma festa nacional em que houve bailes, recepções, salvas reaes, paradas, espectaculos de gala.

Pelo anterior argumento devia ser excluido.

O *ultimatum* inglez é, apenas, a primeira bala do assedio que essa côrte de debochados planeou contra o nosso dominio d'alem-mar.

A espoliação de Bolama que elles tentaram em 38; a de Goa, Damão e Diu em 39; a das ilhas de Lourenço Marques em 62; a redacção da *Royal Charter* que ultimamente concedeu a Lord Fife os terrenos a oeste de Moçambique; a necessidade que elles teem de possuir, na costa africana oriental, um bom porto que dê expansão ao desenvolvimento das colonias estabelecidas no interior á sombra de perfidos protectorados; as recentes ameaças sobre as ilhas da Madeira e sobre Lourenço Marques—revelam claramente o plano da usurpação violenta de que mais tarde ou mais cedo, com pretexto ou sem elle, Portugal será victima.

Os nossos terrenos africanos, se pouco teem produzido até hoje pelo abandono a que os condemnamos, podem ser no futuro elemento valiosissimo de riqueza e de prosperidade; e na tristissima

situação em que as nossas finanças se encontram, com o enorme desequilíbrio que annualmente se denuncia entre a receita e a despesa, quando os encargos da divida absorvem, já, metade dos rendimentos, importantissimo é o problema colonial, porque a solução d'elle póde evitar funestissimas perturbações, póde evitar a ruina da Nação, e mais do que isso—a perda da sua independencia!

E disse-me agora, honrados artistas e commerciantes:

Se no dia trinta e um de dezembro, quando fechaes o vosso balanço annual, reconheceis que o *passivo* excede o *activo*—quando perante esse *deficit* encaraes, com olhar vacillante, o futuro, onde vêdes sombras e não auroras—se no anno seguinte uma nova especulação, uma nova industria vos proporcionar meios com que possaes capitalizar uns centos de mil reis collocados depois, á *ordem*, no Roriz,—se um dia o *Primeiro de Janeiro* vos annunciar a quebra d'aquelle banqueiro e, com ella, a perda do vosso capital, a destruição completa dos elementos com que esperaveis viver com abastança no futuro—acaso a vossa alma se póde regosijar com o Hymno do Rei ou com o da Carta?

Pois as situações são as mesmas.

Vós e a Patria tendes annualmente um enorme passivo.

O capital que estava no Roriz—o vosso futuro—é o dominio d'alem-mar—o futuro da Patria.

A noticia da fallencia é a noticia do *ultimatum*, com esta differença apenas: uma originou-se na adversidade dos negocios, outra na ambição d'um *lord*.

Vós sois a Patria; viveis n'ella; sois a alma e o braço d'ella.

A Patria é tudo isso que vos rodeia: familia e amigos, affectos e carinhos; é tudo o que ha de bom, de generoso, de nobre e feliz na vossa existencia; é a limpidez d'este formosissimo céu peninsular, a risonha paisagem do nosso Minho, a irradiação das nossas alvoradas, o oiro dos nossos crepusculos, o matizado dos nossos campos; é essa dulcissima melancholia que ao *toque das trindades* inunda a nossa alma com a toada longinqua das canções populares, é o nobre orgulho que em vossos olhos brilha quando escutaes a

epopéa das nossas gloriosas façanhas; é essa formosa cabeça de velho que vos sorri, é a esposa carinhosa que vela a vossa doença, é a creança—esse pequenino sêr feito com raios de alvoradas e crystallizações de sorrisos—a quem chamaes filho^[62].

Quem offender a Patria—offende-vos.

Quem a roubar—rouba-vos.

Quem toca o hymno da Carta quando ella soffre, toca-vos o hymno do rei quando, com a fallencia do Roriz, reconheceis perdidas e inutilizadas as esperanças do vosso futuro.

*

Despedi, pois, os gaiteiros, amigos.

Não lhes faltará que fazer.

Ahi estão os paysanducos esperando a *borga* das eleições. Lá estão os de Monsão que d'elles necessitam para as farças publicas do entrudo, em que figuram makololos e Serpa Pinto.

Uns e outros: paysanducos, makololos e santascocas provam á evidencia, pela sua immobildade mental, que, realmente, não havia razão para os sabios repellirem com tanto ardor as theorias de Darwin.

Nos cerebros de todos elles, existem irrefutaveis vestigios de hereditariedade chimpanzéca.

Distingui-vos d'elles!

*

Á sympathia que me inspira a vossa Assembléa deveis estes periodos, onde podereis encontrar phrase aspera de sinceridade, mas não phrase humilhante de ironia.

Não vos offendaes, pois, por eu declarar que estou intimamente convencido de que nenhum de vós conhece exactamente o valor, a

extensão, a situação geographica, os limites dos terrenos que a canalha dos *lords* nos pretende roubar; como sinceramente creio que a mesma ignorancia existe no espirito da maior parte dos patriotas que promoveram a grande *rusga* de 14 e que por ahi, ainda hoje, erguem as mãos ao céu, falando de *roubos*, de *direitos indiscutíveis*, etc., etc.

Tirae-me do grupo promotor da *fantochada* umas tres ou quatro cabeças, e demonios me levem se as restantes vos disserem para que lado fica a Africa, se fica perto ou longe de Taião e se lá vivem homens civilizados como nós, se paysanducos, se orangotangos.

Em vós, tudo desculpa essa ignorancia. Sois homens do trabalho. Quando o dia nasce, principiaes a lucta pela vida; quando o sol se esconde, procuraes no repouso, vigor para a tarefa de amanhã. Não podeis, portanto, dispensar o tempo necessario ao estudo d'estas questões que a Historia, a Geographia, o Direito internacional, etc., esclarecem.

Essa ignorancia existe, ainda mais profunda nas camadas populares inferiores á vossa.

Berraes, pois, que vos roubam sem conhecerdes, quanto, o que, e onde.

Consultaes a consciencia e dizei-me se isto assim não succede, e se não consideraes censuravel que um homem nas ruas grite contra um ladrão, ignorando os direitos que tem de o fazer e só porque ouviu as exclamações dos outros.

*

Reconhecereis, portanto, que podia condemnar a vossa manifestação de 28, mas se acreditaes na sinceridade d'essa sympathia que eu vos affirmei nutrir pela *Assembléa Recreativa*, se a opinião d'um homem que se ri dos que, n'outras espheras *mais illustradas*, fazem das luvas—uma coisa que o meu cocheiro usa—distinctivo irrefutavel *de sentimentos dignos e cavalheirescos* (!)

permitti que em poucas palavras vos indique a fôrma como eu entendo que vós devieis ter organizado a manifestação.

Nada de musicas; nada de procissões pelas ruas!

Um de vós pediria o theatro. Tres ou quatro iriam em commissão convidar qualquer dos officiaes do Regimento—que os tendes ahi illustrados e competentissimos—para uma conferencia sobre a questão do Chire-Nyassa, em que vos expozesse claramente, perante um mappa, a situação dos nossos dominios e a legalidade dos nossos direitos.

Para essa conferencia abririeis as portas ao povo, a esse eterno ignorante sempre explorado, porque o não educam; e se os vossos recursos podessem contribuir para uma verdadeira e util obra de patriotismo, a esse mesmo official pedirieis que vos escrevesse um pequeno volume onde, em linguagem chan, clara, perfeitamente intuitiva e ao alcance de todas as intelligencias, se desenrolasse a historia do nosso Passado e a historia d'essa vergonhosa alliança com a corte dos *lords*.

Distribuirieis depois, oito centos ou mil exemplares d'essa publicação pelas freguezias do concelho, pelas escholas, pelas ruas.

E então, amigos, com os brados de cólera e com as exclamações de desalento que a miragem das nossas gloriosas conquistas provocaria, poderieis compôr um hymno—um verdadeiro hymno nacional, magestoso, triumphante, imponente de enthusiasmos, arrebatador de generosos sentimentos, palpitante de sincero, energico e irresistivel Patriotismo!

Poderieis então gritar:

Viva a Patria!

que eu, sobre a cabeça d'esses paysanducos que se riram de vós, responderia com toda a energia de minha alma:

Honra á Assembléa Recreativa!



XXII

Carta a S. Ex.^a, o Sr. Administrador

Ex.^{mo} Sr.

De caso pensado reservei para esta data, em que concluo a publicação que tanto tem agitado o espirito dos seus excellentissimos administrados, a manifestação dos sentimentos que agitaram a minha alma n'essa hora solemne, em que V. Ex.^a foi chamado ás graves deliberações da Administração concelhia.

E de caso pensado o fiz, Ex.^{mo} Sr., porque necessitava que o tempo, os factos, me fornecessem elementos com que, ao collocar a individualidade de V. Ex.^a n'esta curiosa galeria de celebridades valencianas, pudesse fazer ao publico um pequeno discurso apologetico com phrases e linguagem differentes ás d'essas escalrichadas apotheoses das luminarias da terra, prenhes de *estimados cavalheiros*, de *integerrimos magistrados*, de *robustos meninos* e outras minhocas que o *Noticioso* inventa para enfeitar o anzol d'uma assignatura annual.

Hoje, porém, Ex.^{mo} Sr., que tres mezes se sumiram nas voragens do Tempo depois d'essa augusta solemnidade da *posse*, d'esse acto d'uma respeitabilidade indiscutivel em que a imponencia das nossas instituições civis actua sobre o espirito com a pressão de cem atmospheras—hoje, em que a individualidade administrativa de V. Ex.^a, evidentemente se destaca entre as auctoridades da minha terra, marchando a passo d'anjo no coice das procissões, ao lado de Sua Excellencia o Senhor Governador Pericles I e um pouco á frente do seu subordinado o Snr. Joaquim, muito digno e conspicuo Substituto—digne-se V. Ex.^a permittir que eu lhe dedique estas linhas, onde vou synthetisar a opinião que no meu espirito existe ácerca do Senhor Administrador.

*

Percorrendo a historia dos gloriosos feitos dos antepassados de V. Ex.^a n'essa cadeira administrativa—meditando sobre as diversas aptidões e faculdades que nas sombras do Preterito, ainda hoje illuminam os vultos dos prestantes e muito dignos cidadãos que eu por ahi vi atados á banda bicolor,—comparando os feitos immorredoiros que enaltecem os annaes da Administração valenciana—desde a *borralhada* da Santa até ao exterminio da Rua Verde, desde a prisão d'aquelle feroz e sanguinario Troppman na *tomada de Barros* até ás fornadas eleitoraes da Misericordia,—com os actos de V. Ex.^a, eu, Ex.^{mo} Sr.—com franqueza—não posso exprimir o conceito que de V. Ex.^a formo com palavras differentes d'estas:

V. Ex.^a é o *refugo* dos administradores!

*

E d'estas palavras escriptas com a rude sinceridade que até aqui arrepia a linguagem dos meus escriptos, acaso poderá V. Ex.^a deduzir intenção desdoirante das suas aptidões intellectuaes, dos seus conhecimentos juridicos, das suas faculdades administrativas?

Se tal succede, erra o seu excellentissimo criterio.

V. Ex.^a é o *refugo* dos administradores, porque tem uma carta de bacharel, porque sahiu ha poucos annos da Universidade com uma educação politico-scientifica imperfeita, rachitica, insufficiente para as funcções do elevadissimo cargo de que está investido.

V. Ex.^a está saturado de ordenações, de codigos, de paragraphos unicos, de disposições transitorias, de *subsídios*, de cartas de lei, de alvarás; conhece os trabalhos e as theorias de Bentham, de Krause, de Kant, de Grotius, de Blackstone, de Calvo, etc., etc., mas ignora absolutamente e precisamente o que é mais essencial a um Administrador, mercê da insufficiencia dos programmas officiaes e

da falsa orientação que na Universidade preside á incubação d'um bacharel.

A educação social do individuo deve adaptar-se ás condições e exigencias do cargo a que se destina. Um medico aprende a curar feridas; um militar a fazel-as; um escrivão de fazenda a tirar camisas; um boticario a preparar tisanas; um paysanduco a contar cucharras; um *espírito-santo* a inspirar tolices; um Zinão a reforçar sinapismos.

Para lá da esphera profissional que a sua educação lhe circumscreve, o individuo torna-se um ser inutil, prejudicial, incommodo.

É o que succede com V. Ex.^a

V. Ex.^a cursou todas as cadeiras exigidas no programma official d'um bacharelado: direito romano, dito penal, dito commercial, dito civil, dito internacional. Sahiu habilitado para tudo: para defender, accusar, aconselhar, chicanar, fazer do direito torto e do que é torto direito, em questões de aguas de rega, de fóros, de fallencias, de peculatos.

Para o que não sahiu habilitado é para Administrador do concelho.

Tem V. Ex.^a culpa d'isso?

Não. Tem-na quem organizou os programmas para a faculdade de Direito.

*

Na minha humilde opinião, ao curso de Direito devia accrescentar-se mais um anno, para trabalhos praticos na cadeira de *Politica legal*.

N'esse anno, os futuros bachareis teriam de resolver, praticamente, entre outros, os seguintes problemas:

1.º

Empalmar uma eleição

No meio da sala seria collocada a urna. Alguns alumnos representariam a opposição. Com os restantes constituia-se a mesa: presidente, secretrios, escrutinadores, olheiros, capatazes, abbades e caceteiros.

O examinando teria de satisfazer ás seguintes provas, sem que a opposição percebesse a fraude.

a) Introduzir rapidamente na urna um maço de listas governamentaes.

b) Riscar os nomes dos eleitores reconhecidamente opposicionistas.

c) Incluir na *chamada* e fazer substituir por *mirones* todos os mortos da freguezia.

d) Inutilizar imperceptivelmente com borrões de tinta as listas dos contrarios.

e) Entornar um tinteiro na urna, quando a eleição se considerar perdida.

f) *Armar* uma *baralha* na egreja; derrubar mezas, cadeiras, quebrar cabeças aos eleitores; dar, até, pancada nos santos e fugir afinal com a urna.

g) *Empalmar* uma acta. (Para esta prova o examinando poderia consultar os tratados especiaes que, sobre tal assumpto, tem escripto o Ex.^{mo} Sr. Dr. M. Thomaz.

2.º

Uma fala aos lavradores

Antes da eleição (modelo a):

Olé amigo! Toque. Dê cá um abraço.—Esta é a sua filha? Está uma fiôr; tem juízo, rapariga!—Sabe que arranjei um subsidio para as obras da torre? Custou, mas arranjou-se.—Você não tem um filho no recrutamento? Recebi hoje carta de Vianna em que me dizem que vae ser isento.—Aquella é a tal propriedade em que esses ladrões lhe lançaram quatro pintos? Eu amanhã arranjo isso na Fazenda; o mais que deve pagar é um pinto.—Pegue lá um cigarro. Com franqueza; fume á vontade, que é brandinho. Não tem lume? Metta á bocca... Prompto!—É verdade: já me esquecia. Você é dos nossos; amanhã é a eleição. Homens honrados são do nosso lado. Já cá o tenho na cabeceira do rol—Diabo! tenho o seu nome na ponta da lingua...—Zé da Portella, exactamente. Aqui tem uma lista. Mande para o diabo a outra canalha.—Adeus. Ás ordens sempre, sempre, para o que quizer.—Dé cá outro abraço que é de amigo. Adeus.

Depois da eleição (modelo b):

—V. Ex.^a dá licença?

—Entre!!

—Louvado seja nosso...

—Que quer!?!

—Eu sou o Zé da Portella, aquelle...

—Venha logo, venha logo; tenho mais que fazer.

3.º

Organizar rapidamente o orçamento d'uma «borga» eleitoral, dada a capacidade cubica das barrigas dos abbades e a permeabilidade alcoolica dos tecidos intestinaes.

A resolução d'este problema requer os seguintes conhecimentos:

- a) Saber o preço dos carneiros, dos *calhos*, do vinho, das batatas, das resteadas d'alhos, do pimentão, etc.
- b) Saber applicar o ammoniaco no caso provavel d'uma borracheira.
- c) Saber receitar um purgante e manejar uma seringa na delicada operação do crystal.
- d) Saber ouvir de confissão qualquer bruto que estoire repentinamente com a indigestão.

4.º

Redigir uma informação favoravel á imposição de qualquer transferencia, embora ella vá lançar na miseria a familia d'um funcionario honesto.

Modelo:

Esta transferencia torna-se necessaria e até indispensavel á boa solução dos nossos negocios. O homem é regenerador. Diz por ahi o diabo do Marianno. Alem d'isso, embirra com o A. Ora este A. segura o O., que vale os seus cincoenta votos. Com o A. não podemos contar, porque é dos amphibios e vae para quem mais der. Por aqui já se rosna na transferencia e todos berram que é uma infamia. O homem tem oito filhos. Que isso não influa no animo de V. Ex.^a. Quanto mais distante fôr a sua collocação melhor, porque mais desafogados ficamos. Espero solução rapida. Resposta telegraphica. A victoria depende d'esta transferencia.

5.º

Conclusões varias sobre a elasticidade do Direito

administrativo

a) F. (governamental) *tem uma burra. Só paga decima quando fôr da opposição.*

b) F. (gov.) *tem um rendimento collectavel de reis 100\$000. Reduz-se a 50\$000.*

c) F. (oposição) *é professor e politico contrario. Retiradas as gratificações sob qualquer pretexto.*

d) F. (gov.) *requer uma policia correccional contra X. Pedra nos autos.*

e) F. (op.) *é filho unico e amparo da familia. Intimado para em tres horas se apresentar á inspecção.*

f) F. (gov.) *é forte como um toiro e robusto como um Hercules. Entra ámanhã na inspecção. Isento por tisico.*

g) F. (gov.) *é gallego e intrujão. Na gazeta do partido illustre correligionario e probo cidadão.*

h) F. (op.) *é homem de bem; eu tambem o creio... apesar de que dizem por ahi (eu não acredito) que é ladrão e salteador de estrada.*

6.º

Dirigir nos campos da politiquice, com a aguilhada da administração, o rebanho dos camaristas.

Este problema exige dois mezes de tirocinio com os boieiros do Alemtejo, para se apprender a deitar o laço e a reunir á manada qualquer boi tresmalhado.

Ora diga-me V. Ex.^a: n'estes tres mezes em que tem empregado a sua actividade nas coisas da nossa administração não encontrou ainda em equação, sobre a sua mesa de trabalho, todos esses problemas?

E resolveu-os?

Não os resolveu, porque a sua consciencia e a sua dignidade esperam, ainda, as provas de elasticidade e de resistencia que necessitam para a tensão das patifarias politicas.

V. Ex.^a tem feito um pessimo logar.

Nem come os *calhos* dos abbades, nem é paysanduco, nem é *provarei*, nem deita foguetes.

Se não fosse a luminosa e providencial influencia do seu Ex.^{mo} Substituto, homem de assaz provado engenho e competencia em assumptos de Direito administrativo e ilhas adjacentes, V. Ex.^a envergonhava a terra, o partido e os amigos, a cujo numero eu tenho a honra de pertencer.

V. Ex.^a não tem *feitio* para Administrador.

Em tantos de tal (ainda V. Ex.^a não tinha na gaveta, ao lado das piugas, a banda azul e branca) entraram no seu escriptorio os cidadãos Zé Pita, Tóne do Logar e Manel Cancellia.

Este Manel trazia uma questão com o sogro por causa das aguas da rega.

Disse da sua justiça.

V. Ex.^a ouviu, pensou e aconselhou.

Zé Pita, cidadão que tem as suas fumaças de doutor *lareiro*, metteu a colherada no caso, muito lepido e escoreito com umas objecções ao douto conselho de V. Ex.^a

V. Ex.^a ouviu, pensou e refutou: *artigo tantos, paragrapho tal*, etc.

Vae n'isto—o Tóne do Logar, *home* de representação e de lettras gordas na freguezia, chegou-se tambem *ao rego* da discussão, e metteu o bedelho, descobrindo ainda outra hypothese.

V. Ex.^a ouviu, pensou e concluiu.

Ficára o caso liquidado entre os quatro doutores, digo, entre V. Ex.^a e os tres cidadãos.

—*Quanto é?* perguntou Manel.

—*Dezoito vintens!* respondeu V. Ex.^a

Ficou estarecido o homem. Nunca imaginára pagar um conselho por mais de tres patacos, muito especialmente agora que o João Moraes os annunciava a *quatro menos cinco*, para quem se avençasse ao mez.

—*Sôr Doutor... talvez seja engano de Vóssoria, mas foi só um conselho...*

—*Foram tres e não um!* respondeu V. Ex.^a com aquella cara muito arrenegada que ás vezes tanto assusta a gente.

—*Tres, meu senhor?*

—*Você não falou?*

—*E depois não falou outro?*

—*E não falou depois outro? Tres vezes seis, dezoito.*

Justissima era a reclamação.

Nem os sete sabios da Grecia poderiam contestar a legalidade e a exactidão d'aquella operação arithmetica.

Este simples facto revela a rispida e austera execução que V. Ex.^a dá aos sacratissimos principios da Justiça e da Equidade e revela, tambem, a incompetencia de V. Ex.^a para um logar onde, tendo tres, oito, dez ou vinte consultas diarias, nada poderá reclamar, quando venham recommendadas por o sr. Joaquim, ou por outro qualquer confrade politico que se lembre de fazer favores e de adquirir

popularidade, á custa dos dois contos que V. Ex.^a gastou na formatura.

Para estas coisas de Politica é preciso vêr muito ao longe, ter vista de caçador, e V. Ex.^a mesmo como caçador, é um desastrado.

Nunca me hei-de esquecer d'aquella surriada que lhe fizeram os rapazes de Arão, quando V. Ex.^a lá appareceu com todo o seu arsenal de guerra.

Um dia, o Rocha e o Leitão suggeriram no cerebro de V. Ex.^a as glorias de Nemrod.

Depois de jantar, sahia V. Ex.^a com todos os petrechos de caça, inoffensivamente mortiferos. Uma solida *escopeta* de carregar pela culatra; á cinta, um grandecissimo facalhão para escuchinar javalis; no bolso direito, uma enorme navalha de furar lobos; a tiracollo, d'um lado a cartucheira com trezentas cargas de polvora e bala; do outro lado, o canudo de cortiça com vinte e sete furões e furoas; no bolso direito do collete, um revolver de oito tiros; no esquerdo, um *box* de quebrar dentes a cães e vinte exemplares do *Noticioso* para *necessidades urgentes*; nos pés, aquellas grossas botas de sete solas impermeaveis, até, no Rio Minho; aos hombros, o capindó de borracha, gêmeo do outro com que o Albino attrae a chuva por essas ruas, em dias claros e formosissimos de Primavera; atraz de V. Ex.^a, ladrando, farejando, saltando vallados e alçando as pernas, seguia a terrivel matilha, recrutada na Parada-velha: podengos de todas as raças e feitios, para coelho, para perdiz, para lobo: o *Nilo*, a *Fuinha*, o *Gigante*,—tó, *Nero!*—volta, *Farrusca!*

Assim disposto e precavido, seguia V. Ex.^a por essas aldéas fazendo tremer o solo, os ceos, a terra, os mares, com o aspecto apavorador da sua ferocidade venatoria.

N'isto,—alli ao pé de Arão, um triste pintasilgo risca no ar uma curva e vae poisar no arvoredado proximo.

A matilha *amarrou*.

V. Ex.^a toma ar, carrega a escopeta, aponta... toma outra vez ar... desfecha e olha.

O passarito soltára uma gargalhada de escarneo e batera as azas, voando...

Quando passou sobre a cabeça de V. Ex.^a, lá do azul dos ceos cahiu uma coisa sobre o seu excellentissimo nariz.

A qual coisa, molle, pastosa, de côr cinzenta e com o feitio retorcido d'um S fez exclamar a um rapazinho que, de *carrapuço* vermelho e mãos nos bolsos, a distancia presenciava o caso:

—*Oh que grande caçador de minhocas!*

E campos fóra de Politica, Ex.^{mo} Sr., quando encontro V. Ex.^a armado de ponto em branco com a escopeta da Administração, cartucheira presa á banda azul e branca, matilha de abbades e rafeiros,—quando verifico que V. Ex.^a nem tem animo para disparar o bacamarte d'uma transferencia, nem sabe empalmar uma urna, nem falsificar uma acta, nem dirigir uma borga de *calhos*, nem descascar uma batata, nem deitar um foguete com ropia, nem tocar n'um gaitero, nem mentir com cara seria, nem perseguir os professores, nem desgraçar uma familia, nem deshonar um funcionario, nem amesquinhar um merito, eu, Ex.^{mo} Sr., n'esta occasião em que V. Ex.^a por ahi anda atrapalhado com a escopeta de dois canos que nas mãos lhe metteram, para dar o primeiro tiro contra a opposição—não posso reprimir estas palavras com que, conceituando politicamente V. Ex.^a, parodio o rapazito d'Arão:

—Oh que grande Administrador das *duzias*!

Aos pés de V. Ex.^a, curva-se respeitosamente o

Zinão.

XXIII

Compadres e Comadres

Decididamente, não se póde ser rapaz solteiro em Valença.

Segundo reza a minha cartilha, os inimigos do homem são tres: mundo, diabo e carne.

Cá na terra, os inimigos dos rapazes são tambem de tres especies: aguas de Christello, bailes e comadres.

Todos estes inimigos teem procedencia diversa: um nasce na Assembléa, outro fóra de Portas, outro na Coroadá.

Todos teem um caminho:—o namoro.

Todos teem um fim:—o casamento.

Epilogo igual para todos:—o *conjugo* vos do Magalhães e a Sr.^a Dona Maria do Hospital.

Berra-se por ahi contra os jesuitas, contra os abusos dos regeneradores, contra as tyrannias do João Cabral, contra tudo que póde affectar o livre exercicio dos nossos direitos e das nossas regalias.

Ninguem se lembra de requerer uma querela contra as *comadres* da Coroadá, que ha dezenas de annos implacavelmente lançam ao pescoço dos nossos mais airosos jovens as gargalheiras do casamento e a colleira de *paterfamilias*.

Em bella manhã de Abril entra um raio de sol na alcova; acaricia-nos o rosto; faz-nos cocegas no bigode e diz-nos baixinho ao ouvido: *São seis horas; levanta-te, calaceiro! Lá fóra cantam as aves, exalam aromas as flores; está tão bonita a campina... tão risonhos estão os prados... tão diaphana a atmosphaera e tão azul o azul dos ceos... Vem commigo. És livre; não precisas de ajudar a lavar os pequenos. Vamos,—veste-te, que eu espero cá fóra.*

Vinte minutos depois, respiramos por esses campos o ether das madrugadas. A nossa alma inebria-se; sentimo-nos alegres, bons, fortes e felizes, porque somos livres. Desejavamos possuir umas botas de *sete leguas*, como as d'aquelles contos da infancia; trepar a todos os oiteiros, subir a todas as collinas, saltar por todas as planicies.

Phantasiavamos azas como as da cotovia que se libra nos ares, cantando hymnos de jubilo, de liberdade, de amor.

Horas depois regressamos a casa. Á entrada, a sopeira entrega-nos mysteriosamente uma caixinha dos collarinhos, ou dos pós da gomme, cuidadosamente atada com fita de seda azul.

Abrimos:

Dentro, muito secio e garrido, um palmito; ao lado, teso e perfilado, um cartão de visita:

Fulana de tal.

Desde aquelle momento, o *bacillo virgula* do matrimonio inficiona o nosso organismo. Perdemos a vontade de comer, damos ais, suspiramos á lua, fazemos versos, cantamos o *choradinho* e principiamos a cuidar nas roupas brancas.

Se não mudamos immediatamente de terra, unico remedio efficaz, estamos perdidos.

Que me conste, até hoje, dos atacados pela fatal molestia só resiste um—o Velloso. Se escapa até aos quarenta, vae para o museu do Inglez.

Perde-se em a noite dos tempos a origem d'essa funesta cerimonia:—*a eleição dos compadres*.

Sei que dubia é, ainda, a tradição que a localiza na Coroadá; porquanto, auctores varios e jurisconsultos sisudos estabelecem no centro da villa a instituição de tão perfidas solemnidades.

As pandectas da Assembléa, os folios da Collegiada, os annaes da Ex.^{ma} Camara nada informam a tal respeito. Em vão os consulto em frequentes e longas vigílias.

Esta prioridade de direitos na organização do escrutinio annual tem por vezes suscitado controversias violentas e disputas acaloradas entre os pacíficos habitantes da rua de S. João e os da Coroadá; e se não fôra a sisudez, prudencia, diplomacia e tino politico dos conspicuos inquilinos do Santo Precursor, certamente já teríamos a lamentar successos graves e não pouco deploraveis acontecimentos.

No emtanto, a malquerença entre os dois povos existe e existe evidente.

Na rua de S. João, um habitante da Coroadá nunca foi um cidadão da villa:—foi, e é um *pelludo* da aldéa; e a esta offensa responde a Coroadá affirmando a superioridade dos seus costumes e dos seus habitos, allegando, com assaz persuasiva logica, que não tem lá, nem precisa, de Borrallhos ou de Egyptos.

A origem de tão lastimaveis dissensões está na eleição das *comadres*.

A epocha d'esta cerimonia não foi, como alguém poderá imaginar, fixada ao acaso. Fixou-se traiçoeiramente para o domingo de Ramos.

Domingo de Ramos quer dizer: Semana santa e Paschoa—isto é —*soirées* na egreja e na Assembléa e—mais ainda—chavenas de

chá sem assucar preparadas pelo Cruz com agua do Christello.

Aos olhos incautos isto nada significa, mas significa muito para o espirito do observador, porque lhe mostra em caminho perfeitamente livre e desembaraçado, juncado de rosas e saturado de aromas,—a comadre e o compadre amarrados um ao outro com as fitas de seda do palmito e da caixa das amendoas. Vão alegres, risonhos, chilreando, sorrindo, despenhar-se no abysmo sombrio do matrimonio, onde o Magalhães, com uma saia de mulher aos hombros, attencioso e mitrado, lhes desfecha quatro tretas de latim.

O palmito aproxima o compadre da comadre: *agradeço a V. Ex.^a—dou-lhe os meus sentimentos, porque foi infeliz na sorte—merecia compadre melhor, e tal, etc.*,—diz elle.

—Oh sr. Fulano! Por quem é!... fui até a mais feliz.—Cá espero as amendoas.—Olhe que é uma vergonha se as não dá.—Quero vêr, eu quero vêr como se porta—diz ella.

Ao despedir, um cumprimento demorado, um sorriso, um olhar... e compadre e comadre trocam mentalmente, na visão doirada do futuro, o grau do parentesco.

Magalhães surge ao longe, entre nuvens côr de rosa.

A sr.^a Dona Maria do Hospital pisca graciosamente o magano olho esquerdo...

Na quarta-feira santa, entra um rapazito no portal; bate as palmas *—sou eu!—faz favor?*—e entrega uma perfumada caixinha, toda alegre e catita, oiro e setim azul, recheada de amendoas e confeitos.

No fundo espreguiça-se sorrateiramente uma carta.

Rubôr ás faces, noventa pulsações por minuto, leitura tremula, arfar de seios, um suspiro, dois suspiros.

Lê-se, relê-se e torna-se a relêr a carta.

Trabalha o ferro de frisar com mais cuidado, estuda-se uma prega mais graciosa para a mantilha, flor ao peito para o que der e vier, e —entra a *comadre* na igreja.

Quando abre o livro das orações, já não atina com o *Padre-Nosso* nem com a *Ave-Maria*. Com os olhos da imaginação, só vê e lê os caracteres seguintes:

Minha senhora.

Vel-a e amal-a, foi obra d'um momento. Quiz a fagueira sorte escolher-me para compadre de Vocellencia. Bemdita seja ella que me aproximou de quem, ha muito tempo, é o enlevo dos meus olhos, a alegria da minha alma, a ventura do meu coração. Tomo a ousadia de offerecer a Vocellencia as amendoas «inclusas». Desculpará Vocellencia. Na minha terra fazem-nas muito bem feitas. Doces d'ovos e amendoas são as especialidades. Se o Papá e a Mamã gostarem, eu mando vir mais. É bom comer poucas, porque são muito indigestas e fazem dôres de barriga. Serei correspondido n'este meu amor? Oh ceos! Quanto anhelosabel-o! De Vocellencia

até á morte

V.

Durante as *licções*, n'aquelles intervallos em que o Albino canta o seu *macarronico*, o Padre Alexandre gargareja o melhor e o mais brunido do seu latim e os outros padrecas se revezam, previamente annunciados pelo rapaz sacrista que, de saiote vermelho, vae apagando, um a um, os treze tocos da girandola—compadre e comadre libram as suas almas pelas naves d'um mystico arroubo, ebrios de felicidade, de esperanças risonhas, e dulcificados fartamente com amendoas de Tuy e rebuçados de avenca.

Á noite, na visita ás casas do Senhor, o compadre acompanha a comadre. Atraz, cochicham o futuro sogro e a futura sogra. As beatas, ao longe, segredam mais um casamento... Compadre e comadre já se tratam por tu. Fica combinado o *gargarejo*.

—*Amo-te—boas noites—até amanhã.*

Domingo de Paschoa.

Baile na Assembléa.

A *comadre*, quando alguém a pede para dançar *de roda*, está sempre comprometida. Só dança com o *compadre*.

Compadre escolhe os melhores doces para a *comadre*; rodeia de atenções a Mamã da dita *comadre*; entretém o cavaco com o Papá da dita *comadre*; é *vis-à-vis* do Mano da dita *comadre*.

As amigas da *comadre*, quando o *compadre* está em pé, arranjam-lhe logo um lugar ao pé da *comadre*.

—*Comadrinha vae, compadrinho vem.*

No fim da noite, entram já na conversa as roupas de linho, de panno cru, as caçarolas, as panellas.

Lá ao longe, muito ao longe, sempre em nuvens côr de rosa, a fugitiva miragem d'um cavalheiro, irrepreensivelmente encasacado, gravata e luvas brancas,—curvado em graciosa mesura perante o Papá e a Mamã.

Um pedido—um *sim*, *Papá!*—uma lagrima da Mamã—um *ai!* e um fanico.

Dois mezes depois, Padre Magalhães dá o nó; e o mesmo raio do sol, que em Abril nos despertava, penetra indiscretamente na alcova nupcial e segreda-nos ao ouvido:

forte lôrpa!

Annos passados, quando compadre e comadre teem quatro filhas casadoiras, são elles que reclamam a eleição.

Cada *palmito* que sai de casa é um anzol.

Para o Velloso—oh Paes de familia!—só a coca ou o botirão.

Gentis senhoras da Coroada!

Por piedade! Acabae com este tributo mais violento e mais horrivel do que o tributo de sete mancebos e sete donzellas que, outr'ora, Athenas pagava a Creta.

Por piedade, senhoras!

Arrebataes, annualmente, lá para cima, a melhoria dos mancebos, a nata da mocidade, a fina essencia da juventude, que depois abandonaes a essas ruas—obesos, gordurosos, crivados de callos, *paterfamilias* de *cache-nez*, lenço tabaqueiro e barretinho d'algodão.

D'aqui a pouco não ha um rapaz solteiro em Valença; e como as estatisticas demonstram que, para cada mancebo casadoiro ha, entre nós, vinte damas em disponibilidade, attentae que não é risonho o vosso futuro, porque está provado á evidencia, que os rapazes de fóra sabem escapar á magia dos vossos palmitos.

Vêde o Velloso, o Leopoldo, o Gomes da Artilheria, o Prado, o dr. Brandão.

Transijamos, pois, gentis damas:

Nós estamos promptos a enviar annualmente para a Coroada, quarenta arrobas de amendoas e quarenta dictas de reбуçados dos melhores e dos mais ricos que tenham o Có-Có, e o Telmo Parada.

Outrosim nos compromettemos ao pagamento d'um tributo annual de tres mancebos casadoiros, que vos serão entregues no domingo de Ramos, ao meio dia, em frente das *Alminhas*, com os respectivos bahus de roupa branca: camisas, ceroilas, piugas, barretinhos de dormir, pannos da barba.

Para o pagamento d'este tributo organizaremos um gremio, como o dos negociantes, na distribuição da decima.

Os tres desgraçados serão indicados pela sorte. Irão esses para as negras penas do matrimonio, mas, ao menos, os restantes poderão em todo o anno andar satisfeitos, alegres, livres de melancholias e de... *palmitos*.

Sou casado tres vezes, senhoras! O Magalhães que o diga...

E tanto ás defunctas consortes, como á companheira actual, quem me prendeu foi a vossa eleição.

Por isso, quando agora vejo um palmito é o mesmo que vêr o diabo.

Em nome da mocidade, protesto contra a

eleição das comadres!

XXIV

Ultimas palavras

Na vida social, uma povoação possui a complexidade do organismo d'um individuo. Pode estudar-se physiologicamente e psychologicamente.

Tem sentimentos, expansões, dôres, coleras, alegrias; tem órgãos, musculos, enfermidades e lesões; periodos de vigor, de engrandecimento e de decadencia.

Athenas foi a alma da civilização hellenica; Sparta teve a musculatura dos fortes na hegemonia das cidades gregas; Roma cingiu o mundo com os seus braços de ferro; na gloria dos seus triumphos e das suas conquistas teve a vertigem da sensualidade e do prazer; libertinou-se, effeminou-se e apodreceu na enxurrada das sargetas.

Paris ri; e Londres, embrutecida com o *gin*, com as *fresh-girls* e com os deboches de Cleveland-Street, offerece o nojento bandulho ao facalhão de Jack, ou escouceia no *match-box* do Pelican Club, em que dois homens se esborracham a sôco, com grande gaudio d'isso que é a quinta essencia da pelintrice, do egoismo, da ambição, do orgulho, da *pataqueirice* réles da viella e que nas altas espheras do *High-life*, em *Leicester Square*, no *Regent's Park* ou no *Covent Garden* se intitula pomposamente—um *lord*!

Appliquemos aqui, aquella conhecida theoria de Broca sobre a relação entre o volume cerebral e a intelligencia.

O volume do cerebro pode, segundo o eminente sabio, indicar maior ou menor desenvolvimento intellectual.

Ora, o que é o cerebro?

É a parte pensante do organismo.

N'este individuo social—uma povoação—onde o devemos procurar?

Na sua parte illustrada; nos filhos que se distinguem pelas manifestações da sua actividade mental, e, assim, poderemos dizer que o numero d'elles está para a consideração e importancia intellectual do individuo—povoação—como o volume do cerebro está para o individuo—homem.—Tanto maior, quanto mais illustrada, tanto menor quanto menos culta.

E admittido isto, desassombradamente podemos affirmar que nenhuma outra povoação do paiz, com equal numero de habitantes —nas cathedras do Ensino superior, nas elevadas posições do Exercito, nos altos cargos da Magistratura, na Classe medica, na Advocacia, no Commercio e frequentando ainda os cursos superiores—tenha numero equal, que não superior, de filhos, e tão, que não mais, distinctos.

Mas, honrosa como é esta superioridade tambem ignobil e infamante é a indolencia a que nos entregamos, com que abandonamos os nossos direitos politicos, com que ficamos de bocca aberta e mãos nos bolsos, na triste impassibilidade do fackir, assistindo, impotentes como um eunucho, a essa activa evolução que impulsa as mais insignificantes povoações, transformando-as com os benesses das modernas instituições e levando-lhes as arterias á hematose dos grandes centros civilizados.

O titulo de *burgo podre*, com que realmente este concelho é mencionado em Lisboa, deve ser para nós mais degradante do que a marca a fogo do grilheta e do forçado.

Tempo é de nos libertarmos d'essa tristissima condição de barregan, em eterna dependencia de qualquer tia, velhaca e rufiona que á nossa custa encha a pança e o *pé de meia*.

Na choldra da prostituição politica do nosso paiz ha circulos que necessitam de caricias e de namoro; ha circulos fieis, ainda que rarissimos; ha-os de pernas abertas para quem mais der, e ha-os

pataqueiros destinados a desvirgar os meninos lisboetas, ou a entregar o corpo ao primeiro pandego, que lá de Bijagóz ou de Paio Pires, se lembre de passar por elles, fazendo caminho para ir ajudar a embolar os toiros no curro de S. Bento.

Esta é a nossa triste condição.

Ha seis ou oito annos que n'este *burgo podre* se manifestaram uns debeis symptomas de vigorização politica. Regosijei.

Pareceu-me que ainda poderia ver Valença como as outras terras; á mesa do orçamento, com o seu logar marcado e o seu talher, e não como então estava: debaixo do banco, apanhando de quando em quando o osso esfolado e o pontapé do *gajo* que a levava pela trela do voto.

Vans esperanças! Antes o Passado. Appareceu effectivamente a Politica, mas esfomeada, esqueletica, larvada, com manhas de gato lambareiro e caricias de cadella aluada.

Anichou-se por ahi, comendo á *tripa-forra* e passando o tempo ao sol, de barriga para o ar e carcela desapertada.

Tem dichotes de histrião e insultos de fadista. É insupportavelmente porca: onde toca deixa baba; onde poisa deixa excremento. Quando fala não deita perdigotos, deita escarros; quando escreve não o faz com tinta, mas com pus.

Se graceja causa nauseas, se chora provoca o pontapé.

Examinada physiologicamente encontramos-lhe deficiencia de órgãos. É impotente e a impotencia organica reflecte-se na alma, porque não tem enthusiasmos, nem aspirações, nem... vergonha.

Conjuga só um verbo:—comer; só conhece um pronome:—nós.

Muda de patrão de tres em tres annos. Pouco se importa com isso. Se elle a trata mal, agacha-se, servil e humilde; se a trata bem, esfarrapa-lhe uma cannella ou levanta a perna e... molha-o.

Um ataque de epilepsia politica agita actualmente os magnates eleitoraes.

Está no chôco novo deputado...

Indigitam-se dois filhos da terra como candidatos.

A rua de S. João torce o nariz...

Esta rua de S. João representa os mesmos *chimpanzés* que, em tempos, rejeitaram o sr. dr. Illidio Ayres para facultativo do Hospital e o sr. dr. José Vieira para medico da Camara.

Para que V. Ex.^a conheça bem a gente que o rodeia, sr. dr. Pestana, aconselho-o a que peça pormenores ácerca das discussões que o seu nome provocou nos *centros*.

Arrufos, grêves, amuos, etc.

Diz V. Ex.^a que o Zinão é *politico e má-lingua*.

Contra a primeira accusação protesto respeitosamente, e rogo a V. Ex.^a que faça melhor conceito do meu character.

Emquanto á segunda, direi a V. Ex.^a que tem mais a recear da *boa-lingua* e da *fidelidade* dos seus *pseudo-partidarios*, do que da critica zinoica.

Eu defendi sempre a candidatura d'um filho da terra, emquanto que os seus *amigos*... Informe-se, informe-se V. Ex.^a, porque talvez isso lhe seja proveitoso.

Os trabalhos eleitoraes teem peripecias engraçadissimas que davam para novo volume de *Sinapismos*.

Abstenho-me, porém, de explorar esse inexgotavel filão de ridiculos, existente na massa cerebral—grude de sapateiro e pura secreção de rins—dos nossos politiqueiros.

Tenho na minha frente dois filhos de Valença. Não sei, nem quero saber qual d'elles tem mais probabilidades de vencer.

Oxalá que todas as difficuldades desapareçam; que todas as indisposições terminem, que todos os esforços se reunam e que esta terra possa, finalmente, ter em S. Bento um representante util e proveitoso, como deve ser qualquer dos seus filhos.

Seja qual fôr o vencedor e a opinião politica que perfilhe, eu saúdo n'elle o valenciano que recebe o mandato dos seus patricios, e oxalá que a eleição de 30 de março de 1890 seja o inicio d'uma politica digna, purificada de trampolinices, de arruaças, de *borralhadas da Santa*,—independente de histriões e de tartufos, que até á data teem manchado a consideração d'esta terra com o infamissimo labéo de

burgo podre!

Eis o que para Valença deseja o *má-lingua* do

Zinão.

NOTAS

[1] Este artigo foi publicado, quando a Junta de Saude inventou o Microbio de 1889.

[2] Este *digo* não é consequencia d'uma simples abstracção do meu espirito. Originou-se no tratamento, ha dias applicado no posto de desinfecção do Caes, onde os viandantes eram considerados parreiras phyloxeradas e polvilhados com enxofre... a folle de sopro.

É economico e não faz bem nem mal.

Antes pelo contrario...

[3] Isto é francez e do mais decente.

[4] Com esta classificação é que foi ás nuvens o sr. dr. Pacheco. Nunca o vi tão zangado, a não ser quando aquelle barqueiro de Vigo lhe respondeu á lettra...

[5] Salvo seja.

[6] Para partos era o melhor clinico que cá havia. As senhoras viam-lhe a barriga e... suppunham logo simultaneidade de soffrimento.

[7] Justininho.—Desculpa se foi tolíce. Faz como o sr. Illydio Dias:—declaração nos jornaes. Eu cá não me zango.

[8] A metrificação é livre, como a setta no ar.

N'estas coisas de versos, sigo a opinião do Capitão-mór da *Morgadinha*: o papel é para se escrever e não para se estragar com versos de quatro syllabas.

[9] O que arde cura, diz o *Pimpão* e confirma a sagrada Escriptura.

[10] Podemos fallar á vontade, que isto é grego para o sr. Joaquim...

[11] Do natural.

[12] Cópia do natural. Recommendo aos leitores que tomem um bocado d'ar; especialmente aos que soffrem d'asthma.

[13] Orthographia sonica.

[14] Historico.

[15] Um bocado de latim, no meio d'estas coisas, faz sempre bom effeito, porque dá á gente um tom de sabio. Se foi asneira Vossa Excellencia desculpará... Do que me ficou do Conego Vaz, foi o melhor que pude arranjar. Vossa Excellencia tem cara de quem sabe muito latim.

[16] Historico. Anno de Nosso Senhor Jesus Christo 1886.

[17] Para vergonha nossa, direi que tão bello regulamento é o que ainda vigora n'esta terra. Em leis civilisadas, ou Valença, ou as terras do Kalakana...

[18] Esmiuço, aqui, materia conhecida, para boa comprehensão d'alguns, menos versados em Sciencias naturaes. Em questões de tanta magnitude, toda a clareza é pouca.

[19] Nem tudo se póde dizer claramente. Ha sempre quem dê mau sentido ás coisas...

[20] A camara, n'essa occasião, era composta dos srs. Zagallo, Vieira, José Seixas, J. Lopes, Albino, J. Narciso e do orador.

[21] Peço attenção para a redacção das propostas.

[22] Ao verificar a impressão d'estas propostas vejo, com desgosto, que os typographos espalharam por ahi, sem nexo nem intenção, bastantes pontos, compromettedores para a candidez e honestidade de costumes d'alguns Cavalheiros. Ahi fica a declaração para os salvar da intenção criminosa.

São coisas que succedem...

[23] Sinto que as acanhadas dimensões d'este volume me não permitiam incluir um artigo, que esbocei, ácerca da origem do Patriarcha. Tem por titulo: *Aventuras do Patriarcha dos Gandricos e do seu amigo Gargalinho, em Paris da França*. É um estudo realista. Faço, porém, obra para dois tostões...

[24] Não vá este artigo fundamentar suspeitas, ácerca das crenças do auctor. Zinão respeita a Religião e perfilha o que ella tem de sensato; mas só a admite no Templo—depois de varrido de hypocritas, de traficantes, de escorropicha-galhetas e de icha-corvos—com um Evangelho e um Sacerdocio: a Caridade.

[25] Depois do que expuz, acerca do *elogio-mutuo*, n'estas paginas, onde manuseio ridiculos, poderá alguém attribuir-me intenções provocadoras da tal *convenção*, com a referencia que ahi faço a um homem, que, entre nós destramente maneja a penna.

Declaro que, n'estas e n'outras referencias, digo o que penso e o que sinto; sem pretenções a adulator, independente de preconceitos, de considerações pessoas e das imposições dogmaticas com que, por ahi, se celebra e incensa muita *coisa* vulgar e ôca.

Não preparo o exito dos *Sinapismos* com a offerta de exemplares ás redacções, ou aos amigos, que as frequentam, com aquelles galanteadores e irresistiveis offerecimentos de: *ao distinctissimo escriptor, ao precioso estylista, etc.*, com que se arma ao reclamo,—porque d'este não necessito.

Não viso á honra de ser considerado entre os litteratos, e por isso occulto o meu nome; não escrevo por especulação, e por isso offereço aos pobres qualquer producto do meu trabalho.

Dos defeitos da obra, que são muitos, salvo-me com este desinteresse e com esta independencia de opinião.

Não me dotou Deus com *feitio* para incensar vulgaridades pretenciosas, nem tambem com orgulho e vaidade para repudiar, ou amesquinhar meritos.

Entre a Critica e a minha individualidade está essa mascara:—Zinão. Se aquella me fôr hostil, respeit-a-hei no que tiver de sensato; se me fôr favoravel, francamente, não lh'o agradecerei, porque não peço elogios.

Que este livro proporcione a quem o ler alguns minutos de distracção; que essa distracção valha *uns tostões* e que d'esses tostões possa apartar *uns cobres*, que mitiguem alguma dôr—eis o que ambiciono d'este ignorado laboratorio, onde preparo os *Sinapismos*.

[26] Não posso ficar calado perante um tão extraordinario acontecimento, como esse que o sr. Joaquim debate na imprensa, com as suas sessenta epistolas. Altero, pois, a ordem dos capitulos, que já estavam no prelo, para não perder a oportunidade d'estas linhas coordenadas á pressa, entre as espiraes azuladas de dois *Princezas*, de seis ao vintem.

[27]

Isto sem pimenta não tem graça.
Foi só uma pitadinha...

[28] Este *Marilio dos bosques* já deu sorte com os *Sinapismos*.
D'estes é que eu queria mais...

Uma pergunta: se Cuvier agora trabalhasse na sua
zooclassificação, onde incluiria o Marilio?

Oh Marilio!—tu respondeste com um peccado ao entregador
dos *Sinapismos*...

Approxima-te.

Vira-te para cá...
Agora para lá
Põe-te de *banda*...
.....
..... olha! Vae-te embora.

[29] Já publicado.

[30] Cumpre-me declarar, para respeitabilidade das instituições
de segurança publica da nossa terra, que o sr. Sampaio não
exercia, n'aquella epocha, as funções de Commissario das
Policias.

[31] Consta-me que este cão foi depois resgatado pelo sr. dr.
Pestana. Sua ex.^a está aqui e pôde dizel-o...

[32] São indigestos estes periodos. Talvez, até, que Vossa
Excellencia, approximando a pituitaria, sinta os vestigios do mau
halito, que essa casquilha matrona, D. Politica, exhalava, quando
a auscultei para conhecer as causas da atonia que a consome.

No entanto, queira Vossa Excellencia lêr. Talvez que, com
estes sinapismos, a creatura melhore e lhe suba a côr ao rosto,
indicio de... saude.

Se Vossa Excellencia tal perceber, pôde haver cura.

Eu (aqui á puridade) duvido.

[33] Vejam-se os acontecimentos politicos de 21 de Outubro e
3 de Novembro e todos os outros d'esta especie.

[34] No tocante a corpo commercial ou Valença, ou...
Manchester.

[35] Especializo estes cavalheiros porque são os mais
calorosos n'esta questão.

[36] Agua vae...

[37] Classificando politicamente estes dois cavalheiros, declaro, para facilidade das futuras investigações historicas, que me refiro ao momento actual, e que faço obra pelo que ouço dizer e não pelas suas consciencias, que são inacessiveis.

[38] *Portugal contemporaneo*, do sr. Oliveira Martins.

[39] Alludo á infamissima vingança que, ha annos, se perpetrrou na habitação d'um cidadão, alli para os lados da Ponte.

[40] Estava a publicação n'estas alturas, quando em Valença se resolveu a *Questão da Musica*, nas condições que eu previ.

A *rusga* foi, porém, tão desenfreada e, sobretudo, d'uma tal inoportunidade que não merece *sinapismo*: merece ventosa.

[41] Estes F. ou C. são—já se vê—epicenos.

[42] *Stratego*—posto militar, com honras de general. O *Archontado* era um dos poderes do Estado. Tinha nove membros; o terceiro, que commandava o exercito, chamava-se *Polemarcho*, mas, além d'este, havia os polemarchos inferiores, que tinham o posto inferior aos *strategos*.

Areopago era um tribunal civil, que eu aqui compararei—por exemplo—á nossa Excellentissima Camara.

Intitulava-se o *Senado do Areopago*.

Eponymo—era o mais graduado dos *archontes* e, portanto, o chefe do partido, digo, do Estado.

[43] *Ostracismo*—era a condemnação ao exilio... equivalente ás actuaes transferencias.

[44] Aproximadamente 20 de Outubro e 3 de Novembro, pela nossa divisão do anno.

[45] Estas camisas só eram usadas pelos fanaticos religiosos, porque arrancavam o coiro e... o cabelo.

[46] *Prytamos*—cidadãos poderosos.

[47] Este nome é derivado d'um verbo: *cambronnear*, que teve uma leve referencia em Waterloo. Vem do sanscrito e conjuga-se: eu cambronneio, tu cambronneias, etc. Indica uma função organica.

[48] Os *thetas* constituíam a classe mais inferior dos cidadãos athenienses.

[49] Não pude comprehender no texto se aquelle possessivo *seus* se refere á cidade, se a Pericles.

[50] *Eupatridas*—Proprietarios.

[51] Kshatrias:—guerreiros da antiga India.

[52] Sudras:—escravos.

[53] Dmoes:—escravos para o serviço domestico.

[54] Talentos:—moeda grega de valor variavel.

[55] Coisa de tres kilometros...

[56] Recordo aos meus leitores que este Pericles foi o iniciador, por suggestão, da escola prudhommica.

[57] Segundo as theorias recentemente apresentadas por philanthropicos e honradissimos Cresus, o dever dinheiro é *coisa* pouco escoreita de dignidade. A honradez não gasta da mesma tinta com que se acceita uma lettra. Um titulo de divida—documento d'uma transacção—é assim como a *marca a fogo* que nas ancas do potro indica o nome do creador. O potro vende-se, recebe-se o dinheiro, mas o creador quando o encontra diz sempre: *aquelle é dos meus*.

[58] Por decencia vejo-me obrigado a *inglezar* esta e outras phrases. Saiba, porém, o leitor que todas ellas, significando as mais abjectas phantasias de Lord Deboche, foram publicadas nas columnas da *Pall Mall Gazette*, em quatro numeros de julho de 1885.

[59] Só para bebedeiras não chegam cinco libras diarias a qualquer d'esses animaes. O duque de Edimburgo, por exemplo, exgotta ao jantar quatro garrafas de champagne e dois litros de cognac.

[60] Pag. 155.

[61] Direi, de passagem, que isto nem sempre succede. Notam-se, ás vezes, umas anomalias, uns desvios da força nervosa que partindo do cerebro, vae actuar n'outros musculos, produzindo manifestações de sentimentos oppostos aos que nos impressionaram.

Por exemplo:

Quando vamos ao theatro e ouvimos o sr. Sampaio *jeremiando* o seu papel n'aquelle plangente e lugubre rhythmô d'uma *licção* de *quarta-feira de trevas* e vemos que elle tenta reproduzir com o

rosto, com o gesto, com os olhos, as amarguras da sua alma atribulada por esta ou por aquella situação dramatica—nós não choramos; rimos e rimos a valer, com tanto mais furor, quanto mais afflictiva é a attitude do sr. Balagota.

Outro exemplo:

Quando o sr. Joaquim, depois de ler os *Sinapismos*, solta umas casquinadas de riso tirante a verdadeiro e lhe ouvimos dizer que sim, que o Zinão tem muita graça e desde que elle, Zinão, anda na rua, elle, sr. Joaquim, põe mais uma tranca na porta, a gente—em vez de rebolar no chão aos tombos com riso provocado por tão espirituosa facecia—fica muito séria, e até sente o quer que seja que instinctivamente vae enfiando em cada mão o dedo *mata-parasitas* entre o *fura-bolos* e o *maior-de-todos*, n'aquella posição com que o meu amigo M. Silva se previne cautelosamente contra os numerosos *amigos* que no dia da Cruz—uma vez por anno, felizmente—lhe vão festejar a garrafeira.

Spencer explica isto na sua *Physiologie du rire*:

La decharge de la force nerveuse peut se tourner en excitation pour d'autres nerfs qui n'ont pas de relation directe avec les membres et, ainsi, amener d'autres sentiments et idées.

A individualidade do sr. Sampaio no convívio diario, por quaesquer razões desperta o riso; e a individualidade do sr. Joaquim, pela sua auctoridade *vice-administrativa* e mais predicaos ingenitos provoca a seriedade e o tal cruzamento dos dedos.

Convivendo diariamente com estes cavalheiros, as impressões que elles nos causam vão, por assim dizer, armazenar-se em nosso cerebro, condensando-se e augmentando de intensidade em força nervosa.

Quando, pelas facecias, ou pelas jeremiadas, elles nos communicam uma impressão mais forte, ha uma expansão brusca e violenta de força nervosa *armazenada*, que vae actuar em nervos e musculos correspondentes a sentimentos diversos.

[62] Oh padre capellão: que rica *tirada* para um juramento de bandeiras...

Só falta: *é a terra que cobre os ossos de nossos avós!*

Indice

	Paginas
Duas palavras	5
Aos pobres de Valença	9
I — O microbio	13
II — Passe-Calles	23
III — Carta a Sua Ex. ^a o Sr. Governador de Paysandu	63
IV — Uma descoberta do dr. Charcot	79
V — Perfis	91
VI — Coisas de egreja	105
VII — Litteraturas	127
VIII — Quimtilinarias	135
IX — Politiquices	145
X — Violetas	169
XI — Os quadros da Collegiada	177
XII — O senhor deputado	189
XIII — Carta ao Zé Senso	201
XIV — A Questão da Musica	209
XV — As muralhas	235
XVI — A manifestação de 14 de janeiro	247
XVII — A Sociedade dos Provareis	279
XVIII — Uma recita de curiosos	299
XIX — Transferencias	309
XX — A questão ingleza	321
XXI — A manifestação dos artistas	333
XXII — Carta a Sua Ex. ^a o Sr. Administrador	347
XXIII — Compadres e comadres	363
XXIV — Ultimas palavras	375

Emendas

PAG.	LINH.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
54	24	d'uma fórma	d'um modo
112	22	origem	viagem
127	16	eminente	imminente
162	10 e 16	Luiz xi	Luiz xiv
177	11	paeonlithica	paleolithica
180	12	as borrasse	os borrasse
205	22	corcodilo	crocodilo
239	5	nada valeram	nada valerem
318	25	anavalharem	anavalhar

A perspicacia e benignidade do leitor confiamos outras irregularidades que n'essas paginas possa encontrar.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK SINAPISMOS

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.